

CAVERNA DO DRAGÃO

O REINO



D 4 M O N 3

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Caverna do Dragão

"O REINO"

Uma fanfiction de
D 4 M O N 3

2ª. Edição
Agosto – 2011

Copyright © 2011 D4mon3

2ª. Edição, 1ª. Digital Revisada

EDITOR RESPONSÁVEL: Uziel de Jesus

REVISÃO: Sálvio Furbino Elias

CAPA: Melissa Roncete

DIAGRAMAÇÃO: Daiane Benedet de Jesus

ILUSTRAÇÕES: Alysson Estevam

DIREÇÃO DE ARTE: Cibebe Signorini

www.cavernadodragao.com.br

Todos os direitos reservados pelo autor.
É proibida a reprodução parcial ou total
sem a permissão escrita do autor.

"Releitura implica em produzir aquilo que se entendeu da obra, sem preocupações com semelhanças. É o sentimento se aliando à observação na produção de um trabalho."

Heleny Galati

"Fanfic é a abreviação do termo em inglês **fan fiction**, ou seja, "ficção criada por fãs". Trata-se de contos ou romances escritos por terceiros, não fazendo parte do enredo oficial do livro, filme, animes ou história em quadrinhos a que faz referência."

Agradecimentos

A Ernest Gary Gygax, Dave Arneson e Mark Evanier por terem presenteado o mundo com essa maravilhosa história que foi o meu ponto de partida.

A Michael Reaves pela imensurável contribuição ao melhor desenho que já existiu, sem falar a tentativa de contar o final.

A turma da quinta-feira, pelo desafio proposto de escrever novamente essa história.

A Aline e Cibele, pois sem vocês o livro não sairia. Obrigado de coração.

Sumário

[PREFÁCIO](#)

[1. PRÓLOGO](#)

[2. A CAVERNA DO DRAGÃO](#)

[3. DENTRO DA CAVERNA DO DRAGÃO](#)

4. O REINO

5. A CISÃO

6. DIANA

7. OS GRONKS

8. MUDANÇA DE ARES

9. Mr. TREVOR

10. LINHA DO TEMPO

11. PRESTO

12. A MEDICINA NO REINO

13. O GLADIADOR

14. ERIC

-

-

-

-

15. SALVAÇÃO

16. O ESPIÃO

17. SEPARAÇÃO E SUPERAÇÃO

18. SHEILA

19. TÃO PERTO E TÃO LONGE

20. RECOMEÇO

21. A ARMADILHA PERFEITA

22. HANK

23. QUEM REALMENTE É LETIZIA?

24. RECONCILIAÇÃO

25. OUTRO RODEIO

26. O MECÂNICO

27. BOBBY

28. DECISÕES DIFÍCEIS

POST SCRIPTUM

PREFÁCIO

Na minha vida eu pedi poucas coisas de coração para Deus. Mas sempre pedi ao Todo-Poderoso que não me deixasse morrer, sem ver meu time ser campeão mundial, assistir os shows do Poison e Pink Floyd, ir numa exposição de Guerra nas Estrelas, ver a trilogia do Senhor dos Anéis (esse pedido foi feito no anúncio que Peter

Jackson ainda faria o filme) e ver o final da Caverna do Dragão. Como podem ver a lista não é pequena.

De todos os pedidos só dois não foram realizados, ver meu time campeão do mundo é uma questão de tempo. Os dirigentes estão trabalhando para isso, e espero que nos próximos “dez ou vinte anos” aconteça. Mas um que acabei me conformando que não seria realizado era ver o final da Caverna do Dragão.

Esse desenho mágico que me fazia sair correndo da aula para chegar em casa a tempo de assisti-lo, vive na minha mente até os dias de hoje. Os seus protagonistas me cativaram, eu via no Vingador um vilão perfeito e a mitologia do Reino era simplesmente cativante.

E como milhares de fãs eu sofria por não haver um final para essa saga fabulosa. Era totalmente injusto com os que sofriam diariamente com Hank, Sheila, Presto, Diana, Bobby e Eric. Ver os seis amigos chegarem às vezes tão perto e não conseguir seu objetivo maior me torturava, mas a cada manhã as esperanças renovavam-se com um novo episódio.

Até que chegou a notícia que não produziram mais o desenho. Eu me senti traído, não cheguei a entrar em depressão, mas fiquei muito triste e por mais de vinte anos estive na agonia de saber como deveria ser o final desta história. Por mais de vinte anos tive que me contentar em assistir as reprises do grupo de garotos que caiu num túnel de luz dentro de um trem fantasma.

Com a popularização da internet foram divulgados os dois possíveis finais: Um sem dono, fruto de boatos e suposições e o roteiro de Réquiem, feito por Michael Reaves. Pessoalmente eu não gostei de nenhum dos dois. Nenhum dos dois me convenceu. Não achava que os meninos poderiam ser tão maus a ponto de estarem no inferno e que o demônio estava dividido entre as figuras do bem e do mal. Era demasiadamente cruel. E achei que o final de Reaves, que com todo respeito é um grande roteirista, não passava de mais um episódio que apenas tiraria o Vingador de cena sem resolver o nosso maior dilema: Os seis amigos voltaram ou não para casa?

É certo que antigamente muitos desenhos animados e séries não tinham finais. Eu me lembro de duas exceções:

D'artagnan e os Três Mosqueteiros e o japonês Pirata do Espaço. As duas histórias foram bem amarradas e os finais apareceram. Hoje é comum as séries terminarem sem deixar dúvidas para seus seguidores.

A mais ou menos cinco anos eu comecei a discutir com amigos meus que tinham no desenho Caverna do Dragão a mesma frustração sobre o final. Nossos papos regados a muita cerveja, algo proibido para a época de colégio, onde sempre questionávamos como seria o final ideal para a história. Algo que colocasse uma pedra no assunto. As discussões eram acaloradas. Cada um queria impor seu ponto de vista. Algumas posições eram muito interessantes, outras totalmente absurdas. Eu também tinha as minhas. Mas passei a escrever tudo que falavam e analisei todas as anotações.

Um belo dia, animado pelas nossas cervejadas, falei que pensava em escrever o final do desenho. Fui desafiado pelos demais. Era o incentivo que eu precisava.

Quando assisti Guerra nas Estrelas eu curti o dia em que Luke libertou Anakin de todo o mal, mas sempre ficou na minha cabeça como tudo tinha acontecido. A decisão de George Lucas de fazer os três capítulos iniciais pôs fim a essa dúvida que eu tinha e me levou a pensar sobre como era a vida dos seis guerreiros antes do trem fantasma. Eu não sabia nada sobre Hank e companhia. Na Wikipédia as informações que existiam eram cruzamentos de deduções a partir do que foi observado nas histórias. Eu passei a rever os episódios.

Acontece que algumas coisas me incomodavam no desenho da década de oitenta. Apesar de ainda apreciar os traços e o enredo das histórias, a direção feita no desenho já não me agradava tanto.

Então fiquei dois anos sem ler nada ou assistir qualquer episódio do desenho. Procurei me distanciar ao máximo da história original e comecei a pensar em recriar a minha própria história. Meu objetivo era responder as perguntas que sempre ficaram na minha mente durante todos aqueles anos. Por que Eric era daquele jeito?

De onde veio o Mestre dos Magos? Hank e Sheila tinham alguma coisa?

Decidi então por minha imaginação para funcionar. E ao final de mais dois anos escrevi uma história com começo meio e fim para a Caverna do Dragão. Foram muitas noites sem dormir, horas e horas de pesquisa e dois notebooks estragados exclusivamente para concluir o trabalho.

Não foi minha intenção plagiar, pegar carona ou aproveitar do sucesso desta fabulosa história. Não quero tomá-la para mim, seria muita pretensão. Minha única intenção com esse livro foi dividir, compartilhar. Os companheiros de discussão que leram os originais impressos numa laser da minha casa incentivaram esse projeto. Alguns deram importante contribuição para que ele saísse do computador e se concretizasse.

Nas próximas páginas não espere encontrar um final para os desenhos que você assistia no Xou da Xuxa, muito menos uma compilação destes episódios. O que procurei fazer é uma nova história, uma visão muito pessoal e humilde de como começou a aventura e um desfecho para coroar os momentos de agonia e êxtase que vivemos ao assistir aquele que para mim foi o melhor desenho de todos os tempos.

1. PRÓLOGO

F

altavam apenas 6 segundos para tocar o sinal avisando que a partida terminaria. Ele acabara de tomar a bola do adversário que o fitava imóvel. Pela visão periférica notou que outro contendor aproximava-se pela lateral. Nesse momento estava na marca de arremesso livre do seu campo. Eram 22 metros a vencer neste curto espaço de tempo. Arremessar de longe estava fora de cogitação. Ele poderia passar para um companheiro e correr para receber, mas o medo de segurarem a bola, esperando o fim do jogo encerrava essa hipótese. Então desenhou mentalmente a jogada que deveria fazer para marcar os derradeiros pontos.

O adversário da lateral se aproximou. Ele riu para o que estava fazendo a parede na sua frente. Deu um passo para trás, arremessou a bola de encontro ao peito do oponente surpreso com a inconcebível manobra. Pegou-a de volta enquanto girava em torno do corpo do outro que passou direto pela sua posição. Um segundo tinha ido embora, mas encontrou uma avenida livre pela frente. Começou a correr batendo a bola tranquilamente no chão enquanto seus colegas observavam sem saber como se posicionar. Não era novidade. O mesmo ocorria com o time contrário. O que se aventurou a entrar na sua frente foi driblado facilmente, sem atrasar em nada a caminhada ao garrafão. Os defensores armaram uma barreira para impedir sua subida. Mas foi em vão. O atleta aproximou com a força máxima de seus pulmões, deu um grande impulso, subiu mais que os outros e ainda tomou uma falta. Com a bola segura na sua grande mão esquerda e o braço totalmente

esticado foi em direção da tabela e enterrou. O sinal tocou e seu time venceu por cinco pontos de vantagem. Os pontos não fizeram diferença, mas a jogada foi a mais bonita da temporada que acabou coroada com o campeonato colegial do estado. Ele não precisava fazer esse esforço. Mas fez.

Na arquibancada uma ruiva bonita, de cabelos vermelhos como fogo, vibrava e abraçava sua amiga.

– Sheila como você deixou escapar um gato desses? Ele é um deus, é perfeito!

– Eu não deixei escapar Diana, terminei com ele, e ele não é tão perfeito assim fora das quadras. – Disse a ruiva tentando minimizar os incontestáveis atributos do atleta durante o jogo.

Ao terminar essas palavras ela vira-se e beija o rapaz loiro que está ao seu lado. A amiga compreende as palavras e vê o fora que deu. Afinal ela conhece toda a história. Hank sempre foi apaixonado com Sheila desde que a conheceu. Ele acompanhou o longo namoro dela com o jogador e quando terminou, não descansou até conseguir conquistá-la. Mas como era seu amigo, faziam parte da mesma turma, sabia que teria que conviver com esse fantasma durante um bom tempo. Os dois terminaram numa boa, sem brigas ou mágoas e Sheila tem um carinho especial pelo rapaz na quadra.

O mesmo não podia se falar do irmão mais novo da garota. Sentado ao lado de Hank ele não prestou atenção a um minuto do jogo e sua concentração estava toda voltada para o videogame no celular. Só estava ali porque não poderia ficar sozinho naquele dia, estavam dedetizando o apartamento. Apesar de gostar de basquete, seu sentimento pelo ex-namorado da irmã beirava o ódio.

Os pés do armador tocaram a quadra e o sinal soou. Ele flexionou as pernas para amortecer o esforço. Fechou os olhos e ouviu a vibração da torcida com a sua derradeira jogada genial pela escola. Antes de voltar a abrir os olhos sorriu. Levantou-se e fez um gesto de triunfo para a plateia na arquibancada. Abaixou novamente e arfou buscando ar para o peito. Ficou exausto com a manobra. Ela retirou todas as suas forças, mas pelo barulho ecoando pelo ginásio tinha compensado. Continuou abaixado, com

as mãos apoiadas nos joelhos; só sabia bufar. Estava quase morto. Nesse momento seus companheiros vieram lhe abraçar pelos últimos pontos e comemorar a vitória no campeonato estadual. Era mais um dia de glória e ele gostava disso. Após os abraços e brincadeiras, desvencilhou-se da turma e caminhou em direção ao banco de reservas. Lá estava um rapaz de óculos com lentes retangulares, magrelo, altura mediana. Os cabelos castanhos escuros eram compridos na altura do ombro, e pareciam cuidadosamente desarrumados. Aparentava ser quase da sua idade e o esperava com uma garrafa de isotônico na mão. Ao se aproximar, ele jogou a garrafa que foi prontamente segura pelo jogador.

– O que achou da jogada?

– Ah, Eric... foi bonita, perfeita e totalmente desnecessária! Os adversários poderiam achar que era exibicionismo e te machucarem de propósito. – Disse o rapaz com a censura temperando suas palavras. Depois continuou: – Mas fechou com chave de ouro o campeonato. Deve sair até no noticiário nacional.

– Era exibicionismo! – Sorriu Eric. – Presto, você é a única pessoa que tem coragem de me dizer essas coisas – disse antes de sorver de uma só vez o conteúdo da garrafinha. – Por isso gosto de você, não fica me bajulando como os outros.

– Não tenho motivos para fazer isso.

Eric jogou a garrafinha num cesto de lixo ao lado do banco como se estivesse fazendo mais uma jogada. Ele olhou para o amigo e com o seu jeito brincalhão disse pela milésima vez:

– Quando você vai cortar esse cabelo hein? – O rapaz riu. Já estava acostumado com o amigo implicar com suas longas madeixas e respondeu:

– Cortar para quê? Ele é meu charme! – Disse rindo. Nesse instante foi interrompido pelo amigo.

– Ok, ok, ok! Olha na arquibancada é a Sheila. Ela está acenando. – Eric devolveu o aceno. – E está com uma gata do lado. Olha lá Presto!

– Sim é uma gata! Olha o corpo dela! Parece a Rhianna melhorada!!!

– Sou obrigado a concordar com você. Vou para o vestiário tomar um banho. Aproveita e convida a turma para comemorarmos o título no lugar que te falei. – E rindo disse: – E pergunta para a Sheila se ela não quer deixar o tampinha em casa. – Eric também não morria de amores pelo garoto de doze anos.

Hank viu Eric devolver o aceno para Sheila. Mais uma vez morreu de ciúmes. A conexão que existia entre os dois era mais que visível, era gritante. E o fato de terem se tornados amigos após o término o incomodava. Mas seria muito difícil cortarem relações. Hank era amigo de infância de Eric e quando Sheila chegou à cidade, Eric foi a primeira pessoa que ela conheceu. Foram quase dois anos de namoro. Ele era um recém-chegado à vida amorosa da ruiva, tinham apenas quatro meses de relacionamento. A esperança de Hank era que Eric iria se despedir em breve da cidade para estudar fora. Pelo seu desempenho no basquete, poderia escolher qualquer universidade. E ele já tinha manifestado sua vontade de ir embora, morar em outros lugares, de preferência bem longe da família. Seria um desastre se escolhesse a universidade local. O convívio entre os dois amigos que o deixava inseguro se estenderia por pelo menos mais quatro anos. Com ele morando fora, poderia concluir os estudos e quem sabe até casar antes que o atleta voltasse.

Nesse momento Eric abandonou a quadra em direção ao vestiário. A comemoração tomava conta do ginásio e Hank visualizou Presto subindo as arquibancadas em sua direção. Era o fiel escudeiro do rival. Provavelmente vinha com alguma mensagem para Sheila. O amigo do atleta subia calmamente e nesse momento Hank pensava na forma como deveria agir. Ele tinha planos para aquela tarde. E tinha Bobby como trunfo. Dificilmente o garoto iria querer fazer companhia ao jogador, ainda mais numa comemoração. Presto chegou até a turma. Ele cumprimentou a todos, Sheila apresentou Diana ao rapaz que tropeçou nas palavras para conhecê-la. Brincou com Bobby que apesar do desafeto com o melhor amigo de Presto, gostava dele. Em seguida transmitiu o recado:

– Todo o time de basquete e a torcida estão indo comemorar na quadra do colégio o título.

– “Ótimo!” – Pensou Hank. – “– Com bebida e tumulto no meio, Sheila não há de querer levar Bobby.”

– Mas o Eric não vai e está chamando a todos para comermos pizza no Radical Roller Coaster Park e dar umas voltas nos brinquedos. – Concluiu Presto.

Nesse momento os pensamentos de Hank mudaram. Ele olhou para o menino e viu os seus olhos brilharem com o convite. No mesmo instante Bobby deu um grito de aprovação e parecia que tinha esquecido quem era o mandatário da mensagem.

– Sheila, vamos, vamos! Eles acabaram de montar a nova montanha-russa. Vamos estrear!!! Poxa, no primeiro dia de funcionamento eu vou andar!!! – O entusiasmo de Bobby era tamanho

2. A CAVERNA DO DRAGÃO

C

averna do Dragão! Hum... que nome sugestivo. – disse Diana.

– Levaram quase dois anos montando. É a única montanha subterrânea que existe. Quando mostraram o projeto não acreditei, era gigantesco! – Devolveu Presto querendo estabelecer um diálogo com a garota.

– Eu sou apaixonada com montanhas-russas. Elas me excitam. E eu nunca andei numa subterrânea!

Nesse momento Presto embaralhou-se nos pensamentos. Diana falou uma palavra que não estava com frequência no seu vocabulário. Ele gaguejou, não sabia como continuar a conversa.

– Eu, eu, eu também nunca! – “Eu também nunca!” – “Onde tirei isso?” – Pensou Presto numa autocensura.

Bobby olhava para a irmã. Ele buscava nos olhos a concordância da mana. Sheila evitou fitar Bobby e olhou para Hank que perguntou por que eles estavam esperando. – Vamos embora! – Disse com um falso entusiasmo. – Temos que ir logo porque a fila vai estar imensa.

– Fila não vai ser o problema. Esqueceu que vocês estão na companhia do herói da cidade hoje? – Eric não iria deixar por menos. – Além disso, meu pai é um dos acionistas do parque. Temos que correr. Nosso lugar no primeiro vagonete já está reservado.

Por um momento a ira de Bobby por Eric sumiu. O entusiasmo do garoto era grande. Andar na estreia no brinquedo

sensação e ainda na primeira volta era o máximo para qualquer criança. Ele teria assunto na escola por muito tempo. Não custava nada aguentar a presença de Eric por uma tarde. Ele não teria como escapar mesmo.

– Bobby, você trouxe sua caneta de insulina? – Perguntou Sheila. Bobby arregalou os olhos. Fez uma expressão de frustrado e mentalmente percorreu o caminho até sua casa onde visualizou o remédio em cima da mesa da sala. Ele tinha esquecido. Seu passeio naquela tarde iria por água abaixo.

– Esqueci mana!

– Então não temos como ir. Você tem que tomar uma dose antes da próxima refeição.

– Há mana... Eu prometo que não como muito até chegar em casa. Se voltarmos, vamos perder a primeira volta.

– Bobby, com saúde não se brinca. Já passamos por apertos antes por causa disso. – E virando para Eric falou: – É uma pena, mas não vai dar. Tenho que ir em casa buscar o remédio do Bobby.

– Hum... E se eu pedir para buscarem a insulina na sua casa e nos entregarem no parque? – Raciocinou rapidamente Eric.

– Vai mana, deixa. Aí ninguém perde o passeio!

Eric sacou o celular, ligou para casa e pediu a um motorista que o encontrasse no parque. Tudo resolvido. Não seria por isso que deixaria de passar uma agradável tarde relaxando. Tudo sob controle.

– Vamos embora. Diana e Bobby venham com a gente. Vamos deixar o casazinho a sós. Vamos nos encontrar no parque.

O grupo desceu a arquibancada e tomou a saída. Caminharam para o estacionamento quando se dividiram buscando o local onde tinham parado os veículos. O primeiro carro ficou após a saída esperando pelos amigos. O segundo veículo apareceu e juntos seguiram o caminho para o parque que ficava na verdade a uns 20 quilômetros da cidade.

Dentro do carro ao volante, Eric olhava pelo espelho retrovisor buscando Bobby. Encontrou o garoto brincando de dar socos no braço de Presto. Estava todo feliz, excitado com o passeio. Presto também parecia um garoto de doze anos. Revidava os socos

do menino mexendo em seu boné, ora colocando-o de lado quase para trás, ora abaixando até deixar Bobby sem visão. No fundo Eric desejava estar no lugar do amigo. Aquela conexão era tudo que ele queria, afinal estava no banco de passageiros o motivo de Sheila ter posto um fim ao relacionamento dos dois. Eric fez de tudo para conseguir o afeto do garoto, mas sempre foi em vão. Existia um abismo entre eles, intransponível. E ele ainda gostava da ruiva. Procurava não deixar transparecer, mas gastava uma boa parte do dia pensando nas estratégias para tê-la de volta. Desde que terminaram, ele viu ficar cada vez mais distante seu intento. Hank entrou na vida de Sheila fazendo uma blitzkrieg, tomando o coração de Bobby para conseguir o da namorada. A cada dia a ligação dos dois aumentava e o amigo executava com uma precisão cirúrgica alemã as manobras para envolver Sheila deixando a situação sem volta.

Eric ainda amava Sheila, não era gostar, mas quando ela terminou o relacionamento aceitou, não quis manifestar nenhuma reação desesperada. Ele sabia que como num jogo de basquete, uma estratégia errada poderia colocar tudo a perder no primeiro tempo. E era o que ele não queria. Afastar-se foi a melhor coisa que fez, desta forma sempre estava por perto e no momento que ela começou a namorar Hank teve a oportunidade de estudar o comportamento dos dois quando estavam juntos, como se procurasse uma falha para poder explorá-la.

Do lado de Eric estava Diana. A negra bonita procurava não olhar muito para o atleta ao lado. Ela passou o jogo inteiro admirando-o na quadra enquanto fazia suas manobras. Era um homem que fascinaria qualquer mulher que o assistisse em campo. Ele tinha mais de dois metros de altura, cabelos pretos espetados para cima e desfiados, corpo com grandes músculos bem definidos. Andava imponentemente na quadra, quicando a bola e fora dela se mostrou divertido e muito espirituoso. Somando isso a situação financeira da família era um namorado perfeito.

– “Porque Sheila abriu mão de um cara como esse?” – Pensou Diana. Hank era uma pessoa bacana, bonito, inteligente, mas na balança perdia para Eric.

Presto brincava no banco de trás com Bobby, mas não tirava os olhos do banco a sua frente. No máximo olhava para o espelho retrovisor tentando buscar alguma imagem dos olhos de Diana. Ele tinha achado a amiga de Sheila muito bonita e bastante simpática. Seria uma namorada e tanto. Mentalmente Presto imaginava como poderia ser o namoro dos dois. Ficou montando sequências de imagens na sua cabeça aonde iam juntos ao cinema, saíam para dançar e caminhavam de mãos dadas. Mais uma garota dos seus sonhos estava ali, bem a sua frente. Ele viu Diana puxando papo com Eric e notou que ela evitava olhá-lo. Quando sentia que estava percorrendo o corpo do motorista com os olhos, virava imediatamente e por duas vezes virou-se para trás ora para brincar com a briga dele e Bobby ou fazer uma pergunta sem importância. Mas Presto sabia que ela não teria chances com Eric, ainda mais sendo amiga de Sheila. O atleta era seu melhor amigo e já tinha confidenciado que não tinha esquecido a ruiva. Era só ele não fazer nada errado. Quem sabe não teria uma chance com a bela negra?

– Estou me sentindo com doze anos indo ao parque. – Disse Sheila para Hank.

– Há, vai dizer que você não gosta? Esses doze anos são pelo entusiasmo ou por vergonha de ir andar na roda gigante? – Brincou Hank – Eu não sou muito de parque, mas me deu vontade de ir. Na verdade estava pensando em ir semana que vem. Fazia parte do meu plano. – Disse Hank.

– Plano? – Perguntou Sheila.

– Sim. – Devolveu Hank. – Meu plano maligno para não te deixar entediada por mais um fim de semana. Com o final do período letivo eu quase não te vi nessas duas semanas.

– Há bobo. Eu sei que você estava corrido na escola e nesse trabalho que conseguiu. Mas eu também não fiquei muito atrás. Essa última semana foi bem complicada, as provas foram difíceis. Mas agora estamos aqui meu amor. E vai ser legal você provar do fruto do seu trabalho. – Devolveu Sheila.

– Sim linda, estamos aqui. – Balbuciou Hank deixando seu pensamento se afastar da namorada por um momento. Seu olhar fixou-se em um ponto e suas pupilas procuraram um horizonte imaginário através do para-brisa do carro.

Eles chegaram enfim ao parque. O carro de Eric parou, ele abriu a janela e fez um sinal para que Hank o seguisse. O estacionamento estava muito cheio e ele tinha uma vaga reservada perto da entrada. Com algum jeitinho e bastante manobra, sabia que poderia parar na vaga, os dois veículos bem apertados. Não foi tão difícil e todos desceram.

A reabertura do parque foi bem sucedida. Foram mais de 20 meses de reforma com a construção de novas atrações e revitalização das mais populares. O local ganhou um novo shopping e uma bela praça de alimentação. Além do estacionamento lotado, filas se formaram durante boa parte do dia para entrar. Era uma jogada ousada, visando colocar a cidade na rota do turismo do estado e do país. Muitos duvidaram quando o projeto foi apresentado. Alguns juravam que nunca sairia do papel. Transformar um pequeno parque de diversões num complexo de montanhas-russas era algo muito pretensioso. Mas no final deu certo. Foram criadas oito montanhas-russas diferentes, com variações de temas e de arquitetura. Foi replicada uma antiga montanha em madeira, outra com tema espacial, imitando cenários de aventuras e uma com uma sequência de loopings para deixar qualquer fanático satisfeito.

Mas a grande atração era a Caverna do Dragão. A maior montanha-russa subterrânea do mundo. A única com looping misturando um trem-fantasma. Onde o brinquedo se localizava não se via muita coisa além de um grande dragão com uma enorme cabeça por onde os carrinhos entravam e a cauda que era a saída. O dragão foi concebido para parecer que estava emergindo da terra, e caminhando sorrateiramente. A fantástica representação draconiana tinha mais de trinta metros da cabeça até a ponta da cauda. Mais trinta metros completavam o segundo diâmetro que ia de uma ponta a outra das asas. Elas eram enormes, fortes e musculosas como todo o dragão. Ficavam abertas, de forma que

dois grandes chifres saíam da parte mais alta de cada lado. Era tão grande que outras duas atrações menores ficavam sob cada asa. O dragão era todo vermelho, seu corpo era ornado por centenas de pequenos chifres que estavam presentes por todo o couro. Da nuca começava uma sequência dessas estruturas córneas que emergiam por toda a coluna cervical e diminuía de tamanho até chegar bem pequenos na ponta da cauda. Barbatanas saíam dos membros e pontuavam suas laterais. Garras agudas que seriam afiadíssimas se a criatura estivesse viva, brotavam das extremidades das patas arqueadas como se preparassem um bote. O imenso corpanzil tinha a sua frente uma enorme cabeça. Ela tinha uma expressão ameaçadora, uma face fechada. A testa era formada por placas ósseas, cercada por dois chifres grandes, que apontavam para trás. Logo abaixo uma série de pequeninos chifres numa outra estrutura córnea em forma de V que fazia a vez das sobrancelhas, deixava o dragão mais carrancudo ainda. Os olhos amarelos, penetrantes ladeados por duas bochechas rugosas, das quais três outros chifres de cada lado ladeavam tomando direções opostas em pares. Mais a frente o focinho com narinas infladas como que estivesse pronto para soltar uma baforada bem quente exalando o vulcão que há dentro de cada draconiano. A gigantesca boca aberta mostrava detalhes do céu da boca. A mandíbula superior era cravejada de pontiagudos dentes, como se fossem pedras brutas. Os caninos sobressaíam descendo quase a ponto de poderem ser tocados por uma pessoa mais alta. Do seu interior emanava uma fumaça, o bafo do dragão. O lugar da língua era tomado pelos trilhos que levariam os vagões de criaturas ávidas por adrenalina ao seu interior.

Era uma imagem muito forte e a intenção era mostrar que apesar da gigantesca estátua, o brinquedo estava totalmente no subsolo. Um projeto que nem o mais entusiasmado executivo da Disney teria coragem de conceber. O mais interessante era a comprida fila que se formava a partir da cabeça do monstro mitológico. Era como se todos os participantes quisessem ser engolidos. Deu certo. Às vezes esconder aguça mais a curiosidade do que mostrar.

Bobby ia à frente da turma. Literalmente não sabia para onde olhar ou para onde ir. Cada vez que seus olhos focavam uma atração queria correr para lá, até ver a próxima e seu destino mudava. Estava perdido com tantas opções e extasiado com o presente que seu desafeto lhe concedeu. Nem se lembrava dele naquele momento. Mais atrás ia Diana de braços dados com Eric e Presto, cada um de um lado. Eles conversavam animadamente, e riam das piadas de Eric ou dos foras de Presto. Parecia que se conheciam por muito tempo. Às vezes o jogador soltava o braço e andava de costas para os dois fazendo algum gesto para ilustrar o que contava. Ficava muito engraçado e seus amigos morriam de rir. Claro que nessa situação ele aproveitava para fitar Sheila e Hank. Os dois caminhavam de mãos dadas mais atrás. Sheila mais contida que Bobby olhava para tudo. Ela chegou a visitar as obras do parque quando namorava Eric. E a cada momento relembra dos lugares que passou e via que vários montes de ferro retorcido e cimento, transformaram-se em verdadeiras maravilhas da engenharia vestidas de fantasia. À medida que andavam, ela ia comentando sobre cada brinquedo com Hank. Apesar de conhecidos, o loiro sentia-se no território do inimigo, a presença de Eric o incomodava e muitas vezes ele limitava-se a responder com monossílabos. A mente voava alto, analisava as possibilidades e se perguntava se devia mesmo estar ali. Às vezes voltava para o lado da namorada e conseguia devolver quatro ou cinco palavras. A mente pensando não o deixava relaxar, não lhe permitia aproveitar o passeio. Como se ainda estivesse ali a trabalho ou com uma missão, não via a hora de tudo terminar.

Bobeira de Hank. Apesar de Eric observar tudo e sentir uma pontada de ciúme da ruiva com o amigo, não transformou o passeio em uma contenda. Ele entendia muito bem que pressão não a traria de volta e como Hank fez, decidiu pacientemente esperar por um erro, uma brecha para tentar a reaproximação. Claro que não era bobo e sempre que podia, sutilmente arquitetava algo para incomodar o loiro. Sabia que o amigo morria de ciúmes e sempre estava desconfortável com sua presença. Afinal foi um bom tempo de namoro e como bom jogador, Eric demarcou seu território nessa

etapa. Como na última partida na quadra ele desenhou seus movimentos, dava seus passos e esperava Hank cair na sua jogada. Mas sem pressa nenhuma.

Perto do brinquedo tão desejado eles se reagruparam. Bobby foi de encontro à irmã e tirando a mão de Hank a chamou para tomar um refrigerante. Era quase 18 horas, horário marcado para a inauguração da Caverna do Dragão. Eric sacou o celular, buscou um número na agenda, conversou rapidamente e em poucos minutos um rapaz com uniforme do parque aproximou-se deles. Ele informou ao atleta o caminho a tomar para chegar ao início da fila. Sheila e Bobby voltaram cada um com um copo na mão. Ela deu a mão para Hank e ofereceu o refrigerante a Eric. Ele pegou o copo e puxou o líquido pelo canudinho. Fez de conta que estava acabando ao emitir um barulho. Ela riu. Hank também. Só que um sorriso amarelo. Curvando-se um pouco até ficar bem próximo de Bobby falou:

– Pronto para os cinco minutos mais emocionantes da sua vida?

– Sim, estou pronto. – Disse Bobby meio confuso com a atitude a tomar. Sheila não iria gostar nada se ele fosse mal educado naquela situação com seu desafeto. – Vamos! Está quase na hora! – completou o garoto.

Os seis seguiram o funcionário do parque. Eric e Bobby iam à frente. Presto de mãos dadas com Diana estava atrás e ao ver quem estava em pé no sol desde que o parque abriu reclamando dos fura-filas exclamava:

– Sorry, sorry, não tenho culpa de ser VIP! Sorry, Sorry. – Diana ria do comportamento da sua nova paquera. Já tinha desistido de Eric e achou em Presto uma figura diferente dos homens que estava acostumada. Ele era divertido sem querer se mostrar divertido. Seu jeito atrapalhado começou a lhe cativar. Atrás iam Sheila e Hank. Ela toda, feliz e alegre enquanto o namorado esbanjava concentração.

– Sr. Montgomery, aguarde aqui – disse o rapaz que lhes conduziu.
– A primeira volta vai atrasar um pouco. Por algum motivo a equipe de segurança da engenharia resolveu fazer uma nova inspeção.

O atraso demorou mais ou menos dez minutos. Bobby ficava mais excitado a cada minuto que passava contrastando com a falta de paciência de Eric e Hank que parecia tentar matar o tempo mexendo no celular. O outro trio não ligava e tagarelavam sobre os mais diversos assuntos. Presto claro, estava sem largar a mão de Diana.

Um barulho veio dos trilhos. Todos na fila olharam para trás e apareceu o primeiro vagão. O veículo foi saudado com palmas, gritos e assovios de todos comemorando o fim da espera. Eric se virou para a fila e levantou os braços formando um V. Muitos o aplaudiram. O responsável conduziu o primeiro grupo para o vagonete onde cada um assumiu seu assento. Na frente foram Eric e Bobby, os mais entusiasmados com o brinquedo. Logo atrás Hank e Sheila. Ele ainda teve tempo de terminar um SMS antes de colocar o celular no bolso e segurar na mão da namorada. Diana ficou atrás com Presto que exigiu o lugar, pois dava mais emoção. Todos assentados, a trava de segurança desceu por cima deles, prendendo-os. O vagão começou a andar...

Andava devagar, parecia que ia parar. Apesar da curta distância estava ficando entediante. Mas aquele compasso permitiu a todos ver com detalhes a imensa cabeça do dragão. Ela era predominantemente vermelha, com nuances em verde. Grandes dentes ornavam seu contorno e duas grandes presas pendiam de cada canto. Os olhos eram fortes luzes vermelhas. Essa mesma luz estava na boca, colorindo a fumaça que ocultava o que estava por vir atrás do sorriso do dragão. À medida que se chegava perto, o que era entediante tornava-se assustador. A demora, a espera, criava certa angústia. Faltavam poucos metros para adentrar a enorme bocarra. Bobby sentiu medo. Apertou a barra frontal com força, como se quisesse esmagá-la. Presto apertou a mão de Diana com o mesmo sentimento, Sheila apertava cada vez mais o braço de Hank. Eric já tinha entrado várias vezes ali durante a construção e apesar de nunca ter andado, achou entediante mesmo. Hank estava com a cabeça longe, dividia sua atenção entre a leve dor dos apertos de Sheila com pensamentos que iam e voltavam velozmente na sua cabeça. Era como se não estivesse ali. Diana

segurava para não rir de Presto. Nesse momento sentiram pela primeira vez o hálito da emoção iminente.

O carrinho entrou na boca, cruzou a cortina de fumaça vermelha. Desapareceu no sorriso do grande lagarto. Nesse momento não se via nada. Quando romperam o obstáculo gasoso vislumbraram o que estava por vir: Quatro dragões suspensos, batendo asas e soltando labaredas pelas bocas. Pareciam reais. O carrinho parou e o grupo deparou-se com um cenário assustador: Uma queda de mais de 30 metros sob o nível do solo. Não havia volta, não tinha como se arrepender. Eric que conhecia todo o percurso do brinquedo, engoliu seco. Bobby segurou com mais força a barra e Presto fechou os olhos. Diana e Sheila gritaram pelo que viria a acontecer e Hank, sem novidade no brinquedo, voltou da viagem que fazia, tomando pé da situação: Seriam 5 minutos muito longos e regados a altos jatos do poderoso hormônio segregado nas suprarrenais.

A parada não durou mais de um segundo. O suficiente para o grupo entender o que aconteceria e tentar tomar fôlego. Todos seguraram onde podiam e o carrinho desceu. Não demorou mais de meio segundo para pegar uma grande velocidade, aterrorizando seus ocupantes. Todos sem exceção gritavam. A acústica desta parte foi feita especialmente para ser ouvida do lado de fora do brinquedo pelos corajosos que estavam na fila. Quando chegou ao final da queda o carrinho passava de mais de 100 km/h. Presto sentiu o coração subir pelo esôfago. Diana já estava com as marcas dos seus dedos no braço. Nesse momento luzes se acenderam e o vagão começou a inclinar dando voltas de 360 graus. Durante as seis voltas que fizeram com que o voltassem ao topo visualizaram no meio outro dragão, só que gigantesco. O animal fantasioso estava sentado sobre as patas traseiras, com as asas meio recolhidas e girava o pescoço acompanhando a trajetória ascendente do carrinho. À medida que desacelerava na subida os ocupantes contemplavam a imponente escultura móvel. Quando o carrinho ficou devagar, um dragão bem pequeno mostrou-se posicionado em cima dos trilhos e não dava mostras que iria sair da frente. Eles se aproximavam e nada. Não havia o mínimo sinal

que indicando uma mudança na trajetória. Os metros diminuía, o desespero aumentava e Bobby gritou quando o carrinho chocou-se com o dragãozinho que simplesmente subiu na frente no veículo. A cara do bicho de perto não era tão pequena e fitava a todos com um jeito ameaçador. Já fazia uns 5 segundos que estava grudado quando abriu a boca, e de dentro uma labareda surgiu. Do nada o dragão fez um rápido movimento para trás, largando o carrinho e mostrando outra queda, maior do que a primeira que pegou os ocupantes de surpresa. Nova descida, nova aceleração. Do lado do vagão luzes apagavam e acendiam como se fossem estrelas mostrando um caminho para o centro da terra. Mais aceleração e no final da descida as luzes acenderam iluminando uma sequência de quatro loops. Eric já não sabia o momento em que estava de cabeça para baixo no final. O vagonete subiu novamente com velocidade e durante um trajeto que alternava pequenas, mas velozes descidas e subidas, passaram por muitas criaturas aterrorizadoras. Uma horda de orcs, zumbis, e medusas permeou o trecho seguido, transformando a montanha-russa num tenebroso trem-fantasma. O fôlego dos meninos já estava curto. Se pudesse Presto desceria. Hank não pensaria duas vezes em acompanhá-lo. Bobby variava seus gritos entre terror, medo e excitação. Numa forte descida o carrinho bateu na água. Ao olhar para o lado Sheila via a parede de líquido que subiu criando um momento emocionante. Ela caiu como uma onda e invadiu a maquete de uma cidade na lateral dos trilhos. Com o impacto, parte do muro e uma torre do castelo que compunha o cenário tiveram uma queda, fruto de um estudo minucioso de física aliado à eletrônica. Tudo pensado com cuidado e carinho para transformar a Caverna do Dragão na melhor montanha-russa que já existiu.

Após a cena da destruição da cidade, olharam espantados para frente, e uma lenta subida começou. A iluminação era pouca, mas suficiente para mostrar a altura a ser vencida. Era o grand-finale do brinquedo. Era também a maior altura do percurso.

Novamente a angústia misturou-se a excitação. Os seis desbravadores do brinquedo aguardavam no meio dessa química para encerrar a volta mais aterradora da vida de cada um.

Enquanto subiam contemplavam criaturas aladas de cada lado. Esqueletos de dragões, gárgulas, alguns demônios, Pégasos, pássaros, serpentes e dinossauros de asas compunham a fauna e pareciam estar travando uma batalha naquele céu abaixo da terra. E por mais que olhassem para o cenário rico em detalhes não conseguiam esquecer a grande subida e do que lhes esperava. A aflição superlativava quando o carrinho atingiu o topo e por ali ficou longos dois segundos. O topo encontrava-se no meio do brinquedo e para qualquer lado que olhassem, visualizavam o caminho percorrido. Viram o grande dragão, a sequência de loops, a cidadela e os que estavam atrás observaram a batalha dos céus numa posição privilegiada. Quando acharam que iam ficar ali para sempre o carrinho desceu.

Desceu de forma vertiginosa, a velocidade ultrapassava os 150 km/h e o inclinado caminho negativo fazia com que a gravidade impulsionasse suas faces para cima como que estivessem numa queda livre praticando paraquedismo. Não precisavam nem segurar para se manter no vagão. O duelo da força centrífuga com a centrípeta incubia-se disso. A velocidade só aumentava e aumentava. Não havia mostras de desacelerar. E quando a diversão pareceu ser um tormento, eles sentiram o carrinho flutuar. Velozmente o vagonete tomou o ar e seguiu um túnel que se abriu do nada. Um redemoinho luminoso formou-se nas paredes do tubo e começaram a girar. Todos sentiram que o veículo começava a se desmanchar e assim que as partes soltavam, desapareciam. Hank imaginou-se que estava num avião que se partiu e começou a cair. Quando não havia mais onde se segurar no carrinho que se desintegrou, começaram a girar no compasso do redemoinho. Uma luz forte apareceu no final do tubo e um raio branco saiu tomando o corpo dos meninos e os puxando para a luz. Presto fechou os olhos, sua mente esvaziou e ele perdeu a consciência.

3. DENTRO DA CAVERNA DO DRAGÃO

D

iana sentiu o corpo dolorido. Estava recobrando a consciência. Notou que estava deitada com o rosto de encontro a um solo de areia. Tinha uma ligeira dor de cabeça. Resolveu mexer os dedos dos pés e em seguida fez movimentos com os dedos das mãos. Não havia nenhuma dor forte. Só depois dessa checagem resolveu abrir os olhos. Eles estavam turvos, a imagem que chegava ao seu cérebro estava embaçada. Sentiu uma pequena pontada na têmpora, uma leve dorzinha agulhando seu cérebro. Na sua frente começou a delinear a imagem de alguém: era alta. Diana esfregou os olhos e para sua surpresa estava diante de uma estátua com mais ou menos 3 metros de altura.

Ela firmou os olhos e conseguiu ver um misto de ser humano com gato. O corpo mantinha as formas e ligeiramente as proporções de um Homo Sapiens, mas era mais alta, feminina, longilínea, tinha as mãos e patas grandes. A cabeça era felina com ligeiras feições humanas. Ela vestia o suficiente para tampar o busto avantajado e o quadril. Calçava botas com canos um pouco abaixo dos joelhos. Os braços estavam levantados e as mãos em posição de ataque. Uma das pernas estava jogada um pouco atrás do corpo, com se quisesse tomar um impulso. Aos seus pés estava um chicote.

Diana ficou observando a estátua e prestando atenção nos seus detalhes. Os olhos se fixaram no chicote. Um desejo tomou Diana e

ela abaixou para pegá-lo. Quando tocou o artefato sentiu um calor invadir subitamente seu corpo. Ela ardeu em brasas. Diana tentou gritar, mas não conseguiu. Também não conseguia respirar. Estava totalmente sufocada quando sentiu a temperatura baixar e o ar tomar novamente seus pulmões. A garota negra caiu de joelhos aliviada.

Ela começou a respirar rapidamente como que quisesse retomar todo o ar que sentiu falta de uma só vez. O chicote estava na sua mão direita. Ela sentiu-se nua. Levantou-se e olhou para seu corpo. Passou a mão esquerda pela sua barriga, sentiu sua pele e notou que estava vestida como a estátua. Um top de pele marrom preso com uma gargantilha de ouro ao seu pescoço cobria seu busto. O quadril era coberto por um short de couro totalmente colado costurado nas laterais onde deixava a mostra uma pequena faixa da sua pele. Em cada braço havia um bracelete do mesmo material. Os adornos eram formados por duas espirais interligadas com uma joia no centro de cada espiral. Nesse local ela sentiu seu braço quente, tentou remover um bracelete e embaixo como se fosse uma tatuagem, sua pele ostentava a mesma marca. Assustada recolocou a joia no lugar tampando seu novo sinal. Seu cabelo liso que batia no meio das costas estava travestido de um penteado afro cheio de dreadlocks e na altura dos ombros. Prendendo suas tranças caribenhas, uma bela tiara do mesmo metal amarelo incrustada de pedras preciosas. Seus pés estavam calçados com botas iguais a da estátua. Elas também eram de pele e tiras saiam da sola e entrelaçavam-se para amarrar às suas pernas. O dedão do pé da bota estava separado, como se fosse um calçado ninja. Ela estava confortável naquela vestimenta. E sentia-se poderosa. Deu vontade de soltar um miado, o aroma da estátua felina tomou conta do seu corpo. Ela olhou novamente para a imagem de pedra. Deu um sorriso. Soltou o chicote que estava enrolado na sua mão e levou-o para frente, puxou para trás e estalou ao chão. Nesse momento ouviu um grito de dor.

– Ai! – Disse Presto.

Diana virou-se para trás e encontrou sua paquera passando a mão no queixo.

– Você quase tirou minha cabeça! – Reclamou o garoto.

– Desculpa, eu não percebi que você estava atrás de mim. Eu estava desligada do mundo.

– Está desculpada. Você... Você está... – Presto começou (novamente) a embaralhar-se com as palavras. Não sabia como perguntar.

– Mais a vontade? – Completou Diana conseguindo ler os pensamentos de Presto. O que não era difícil.

– Não. – Disse Presto. – Está mais linda. Parece uma, uma... – Tentou concluir o garoto com o rosto iluminado e acanhado.

– Vocês homens não podem ver uma mulher com pouca roupa que logo ficam bobos. – Devolveu Diana sorrindo e tentando desconcertar mais ainda Presto. Foi quando ela notou as vestimentas do rapaz. Ele estava com um manto verde de mangas longas que ia até os pés e totalmente aberto na frente. Era de um tecido que ela nunca tinha visto. Por baixo uma túnica do mesmo tecido, porém mais claro com a gola em V e mangas que tinham um tom azulado. Por cima do manto atravessado no peito a tiracolo estava uma pequena bolsa que deixaria qualquer amiga de Diana morta de inveja. Ela era de um couro bem fino e tinha uma enorme pedra preciosa vermelha que flamejava logo acima do fecho. Uma calça do mesmo material quase cobria uma espécie de sapatilha-bota verde escura que ele usava nos pés. Nas mãos ele tinha um chapéu de bruxo, pontudo também verde, Presto ficava apertando-o como se não soubesse o que fazer com ele. Dava a sensação que incomodava deixá-lo na cabeça. Diana ficou boba com o tecido. Era lindo, delicado, porém forte. Era como um bom perfume masculino: poderoso e marcante. Ficou imaginando-se ir a um baile dentro de um vestido feito com aquele pano. Já estava gostando de Presto e naquela roupa ele ficou até um pouco charmoso. Seus cabelos caíam nos ombros lhe dando um ar medieval. Mas quando viu que ela notou que estava reparando nas suas vestimentas, abaixou os olhos ficando sem graça. Diana riu então.

– Você fica uma gracinha de Merlin. – Presto corou. – Onde conseguiu essa roupa? – Perguntou Diana para tentar entender o que tinha acontecido.

– Não sei. – Falou Presto com se tentasse organizar as ideias. – Eu acordei com o corpo todo doendo e com dor de cabeça. Levantei e vi aquela estátua. – Nesse instante ele mostrou uma estátua que estava ao lado da felina de pedra.

Era a estátua de um dragão de cinco cabeças. Assustadora. Era muito grande. Devia ter três ou quatro vezes o tamanho da estátua felina.

– Eu tomei um susto quando vi. Levantei e comecei a fitar a estatua, quando vi este chapéu nos pés do dragão.

Tomou fôlego e continuou: – Eu o peguei e senti meu corpo queimar e fiquei sem ar. De repente a sensação sumiu, e caí no chão e me vi vestido desse jeito. – Ele colocou o chapéu na cabeça e começou a apalpar o manto como se não soubesse se queria tirar ou deixá-lo no corpo.

Diana enrolou o chicote no braço, aproximou de Presto e o abraçou.

– Calma Presto, calma. Aconteceu o mesmo comigo. Mas o estranho é que estou me sentindo bem.

– Eu também estou Diana. Isso é que me deixa preocupado. Onde estamos? Isso não fazia parte do passeio. – Presto devolveu o abraço apertando Diana. Não queria aproveitar da situação, ele estava mesmo angustiado. Ele queria explicações. Mas gostou de sentir o corpo dela contra o seu.

Nesse momento por trás de Presto, Diana viu Sheila abraçada a Hank. Ela estava linda. Um minivestido rosa moldava o seu bonito corpo. Botas de couro fino, de um azul forte e de cano alto deixavam apenas uma parte das pernas torneadas à mostra. Nas suas costas uma capa azul com capuz, tendendo para o lilás completava o figurino. Ela parecia assustada. Estava com os dois braços em volta do pescoço de Hank que abraçava sua cintura com uma mão, esfregando levemente como se fizesse um carinho enquanto segurava um arco de atirar flechas sem corda. Ele estava com uma feição apreensiva. Parecia que falava alguma coisa ao ouvido de Sheila como que se tentasse acalmá-la. Diana notou que a amiga soluçava. Ela soltou Presto que se virou e entendeu a repentina preocupação de Diana. Os dois caminharam a passos rápidos para perto do casal.

– O Bobby, o Bobby sumiu Hank, eu quero meu irmão! – Dizia Sheila enquanto soluçava. Parecia que tinha chorado apesar da face não demonstrar o ato. Ela estava com o rosto bonito, iluminado. Hank não sabia o que fazer. Pedia calma a Sheila e dizia que iriam encontrar o irmão da garota. Diana e Presto aproximaram. Hank olhou para os dois com alívio.

– O que foi? Perguntou Diana.

– O Bobby não está nesse salão. Nem ele nem o Eric. Já procuramos e nada. O salão tem uma passagem no meio, naquela mureta redonda. Gritamos ali e nada. E não existe nenhuma outra saída daqui.

Presto franziu a testa. Virou-se e procurou por Bobby constatando o que Hank falou era totalmente verdade. Foi até a mureta e deparou-se com o enorme buraco negro. Procurou em volta dela pegadas que pudessem indicar que Bobby passou por ali. Mas nada.

-Sheilaaaaa!!! – A voz de Bobby ecoou pelo salão. A ruiva mudou suas feições. Sentiu-se aliviada. Afinal não imaginava ficar sem o irmão. Ao ver que Bobby deu sinal de vida ela afrouxou as mãos em volta do pescoço de Hank. Nesse momento algumas lágrimas brotaram dos seus olhos mostrando que o corpo liberara a tensão. Ela olhou para o namorado, sorriu e foi rapidamente correspondida. Soltou o pescoço do rapaz. Virou-se e gritou pelo irmão.

– Bobby, Boooooobyyyy!!!!!! – Gritou a ruiva reclamando a sua presença. Ele devolveu os gritos e começaram a ouvir passos.

Os passos ficavam mais fortes e ganhavam um compasso de corrida à medida que a voz do garoto ficava mais perto. De repente ele surgiu de trás da estátua de um grande lagarto.

Diferente dos outros, Bobby estava com a mesma roupa que vestia no passeio. Ele surgiu correndo e desacelerou. Olhou para Sheila e voltou a correr. Não deu tempo para ela dar dois passos: ele pulou e a abraçou. Os dois caíram sentados. Ela tocou o rosto do irmão e chorou. Ficou dizendo o nome dele enquanto o garoto pedia calma a irmã. Depois riram. Deram gargalhadas. Ela estava feliz por reaver seu precioso tesourinho. Desde que ficaram sozinhos, prometeu fazer tudo por ele. E pensar que todos os seus sacrifícios

foram em vão a perturbava. Não tanto quanto perder mais um ente tão querido.

– Que roupas são essas manas? Perguntou o garoto. Ele se levantou e ficou olhando para a irmã. Ela estava muito bonita. Mas o tamanho da ultraminissaia não o agradava. – Essa saia tá muito pequena não? – Sheila riu do comentário. Ela sabia do ciúme do irmão por ela, ainda mais depois do que aconteceu. A ruiva se levantou e o abraçou.

– Deixa de bobeira Bobby. Estou me sentindo muito bem. Muito bonita.

Bobby olhou para os outros. Viu a roupa de Hank. O namorado da irmã vestia uma túnica com um tom marrom de onde saía um capuz em tons verdes escuros do mesmo tecido da calça, só que mais grosseiro. No ombro esquerdo uma ombreira de couro em camadas fazia a proteção sem tirar-lhe os movimentos. As mãos estavam cobertas por tiras de couro enroladas até o meio do antebraço que faziam uma luva sem dedos. Um cinto com uma fivela larga completava o visual. Nos pés, botas um pouco acima do meio da perna.

Ele passou os olhos por Diana e Presto; não aguentou ver o amigo de óculos dentro do que achou que era quase um vestido e deu umas risadas. Presto ficou desconcertado.

– Onde vocês conseguiram essas roupas? – Indagou o garoto.

– Bobby, – disse a irmã. – É meio estranha a explicação. – O garoto franziu a testa como se quisesse ouvir assim mesmo. Sheila por um momento ficou em dúvida se seria muito fácil ou complicado explicar uma situação fantasiosa para uma criança de doze anos. Fechou os olhos por uns segundos e quando abriu, viu o irmão andar em direção à estátua do grande lagarto. Ele caminhava lentamente e parecia hipnotizado pelo monstro de pedra. Bobby parou em frente, levantou os olhos e ficou observando. Como a escultura da felina, o réptil tinha postura humana. Um corpo largo, braços e pernas fortes. Usava um capacete com chifres bem parecido com os normandos, mas do meio do artefato saíam outras três pequenas protuberâncias córneas: o primeiro na testa, o segundo na parte superior do capacete e o terceiro na nuca. Da

boca que lembrava mais um jacaré, duas presas brotavam de cada lado da mandíbula voltadas para cima. Dois caninos menores desciam de encontro fechando a mordida. As mãos da estátua uniam-se à frente apoiadas em cima de um tacape. O artefato não era de pedra. Era pura madeira. Bobby não parava de olhar para a figura à sua frente. Ele fitou a arma rudimentar e a tocou.

Um clarão envolveu Bobby e a estátua. A luz era branca, cresceu e ficou amarela, ela dobrou de tamanho e ficou vermelha com o núcleo azulado. Nesse momento Bobby foi erguido do chão. Ficou a alguns decímetros no ar e seu corpo se contorceu. Depois a luz começou a encolher voltando à cor branca. Quando se apagou, o garoto estava de joelhos tentando respirar. Uma mão apoiava-se no chão, a outra no tacape que misteriosamente tinha tomado a proporção do menino. Ele estava vestindo roupas semelhantes a do lagarto. Um elmo com dois chifres saindo de cada lado na cabeça, botas grosseiras estavam nos seus pés e alças de couro ornadas com pedras azuis lapidadas cruzavam seu peito diagonalmente, uma sob a outra e prendiam o que parecia ser um short de pele. Ele tossiu um pouco. Levantou-se e começou a olhar para o seu corpo. Virou para trás e viu seus amigos atônitos com a cena que presenciaram. Sheila era a mais assustada. Bobby falou:

– Não precisa me contar mana. Agora sei como aconteceu. Eu estou bonito? – A irmã meio que assustada com o que viu demorou alguns segundos para processar a pergunta. No final sorriu.

Sheila voltou em direção a Diana e fez um elogio:

– Uau! Adorei seu novo look! Ficou muito bem em você! – Exclamou a ruiva pegando nos cachos que pendiam da cabeça da amiga com uma pontadinha de inveja do visual descolado.

– Eu também gostei, apesar de nunca ter pensado em usar. Mas quando lembro que gastei trezentos dólares numa escova progressiva... – Nesse momento Diana foi interrompida.

– Agora que estamos todos fantasiados é só descobrir o caminho para a festa!

Todos olharam para o outro lado do salão. A voz era de Eric. Ninguém tinha se lembrado dele. Também pudera. Não houve tempo. Tudo aconteceu rápido. Eric veio caminhando do outro lado

para perto do grupo. Ele estava vestido como um guerreiro medieval. Parte da roupa era uma armadura. Suas botas eram revestidas externamente por um metal que lembrava o aço. Elas iam até o joelho e protegiam suas rótulas. Por baixo uma roupa colante azul delineava os músculos das suas coxas e os braços estavam nus. Por cima, uma malha de metal dourado e luvas do mesmo material. Presa na altura dos ombros, uma capa vermelha cujo comprimento ia um pouco abaixo da sua cintura cobria-lhe as costas. O visual não combinava com seus cabelos eriçados no moderno corte quase moicano. No braço esquerdo Eric tinha um escudo do metal dourado. No meio um círculo preto com uma cabeça branca de águia estilizada formava o brasão.

O atleta chegou perto da turma. Olhou para as pernas de Diana como que se contemplasse seus músculos negros que quase saltavam. Apesar da calça jeans apertadíssima e camisetinha amarela colada que ela usava para delinear seu corpo de ginasta e cheerleader, não era nada parecido com a minúscula roupa que estava usando. – “Uau.” – pensou Eric. E em frações de segundos imaginou a pretendente de Presto alongando aquelas pernas maravilhosas. Levantou os olhos tentando esquecer os pensamentos quando Hank lhe perguntou:

– Eric, você tem idéia de onde estamos?

– Perdidos? – Devolveu Eric. – Não tenho a mínima idéia do que aconteceu. Minha última lembrança foi do carrinho decolando dos trilhos em direção a um túnel de luz. Nem sabia que isso fazia parte da atração.

– Isso não fazia parte da atração. – Disse Hank sério.

– Como você sabe? – Devolveu o cavaleiro.

O grupo ficou calado por um momento. Todos ao mesmo tempo, quase perto da murada central começaram a explorar o ambiente com os olhos. Estavam em um salão de pedra. O local era redondo, não parecia ter entradas ou saídas nas suas paredes. Eric saiu de perto do grupo e começou a dar uma volta passando a mão direita pela parede. Ao completar um giro, tinha a certeza que o lugar não tinha nenhuma passagem. Ele voltou para perto dos amigos que ao acompanhar seus movimentos tiveram a mesma constatação.

Entre a parede de superfície única e a mureta que protegia o fosso central estavam seis estátuas dispostas diametralmente e equidistantes entre si como que se formassem um segundo círculo. Um dragão de cinco cabeças, uma felina longilínea, o lagarto com chapéu viking e uma mulher com roupa de aviadora da década de 20 que destoava completamente das outras estátuas. A quinta a completar o círculo era a figura de um cavaleiro medieval bem velho. Do seu rosto pendia uma barba bem grande.

A última, porém era assustadora: Um ser único, que nossos amigos não conseguiam achar uma palavra para descrevê-lo. Ele tinha olhos ameaçadores. Contornando a parte superior de suas órbitas duas sobancelhas levantadas de fora para dentro formando um V na testa. Uma túnica estilizada cobria seu corpo. Da cintura para cima a túnica era uma armadura. Placas pendiam por cima da roupa vermelha e se encontravam no meio do peito. Unindo estas placas um colar chato de metal com três pedras. Uma maior e duas menores logo abaixo. A parte inferior da vestimenta era mais aberta, como um uniforme de kendô e provavelmente lhe favorecia a liberdade de seus movimentos. As luvas sem dedos iam até o final do antebraço e tinham proteções reforçadas ao longo como uma jaqueta de motociclista. Sua cabeça era coberta por um elmo que moldava ao seu rosto. Na parte superior ele era aberto e um chifre descia até a nuca e dava uma volta por trás saindo na lateral esquerda do elmo. Sua boca era curta, como se tivesse travando os dentes e de cada lado duas presas caninas saltavam do maxilar superior para fora como se fosse um vampiro. Nas costas duas grandes asas onde se viam os ossos que formavam a estrutura para sustentar o couro que ia dos pés, subia acima da cabeça e juntavam-se na extremidade afunilada terminando em uma única garra virada para dentro. Era uma imagem imponente e ao mesmo tempo extremamente assustadora.

– Meu arco estava ao pé desta estátua. – Disse Hank. Quando o peguei, senti meu corpo queimando. Depois de ver Bobby segurando o tacape é que entendi o que aconteceu comigo. Eu me recuperei e vi Sheila ao pé da aviadora.

– Eric, você notou que a estátua do cavaleiro parece muito com seu pai se ele tivesse a barba? – Falou Presto.

Eric não tinha nem olhado para a estátua. Ele ficou fascinado com o brilho do escudo e ao segurá-lo e sentir a dor da transformação ficou arrependido. Preferia suas roupas confortáveis, camiseta e bermuda ao projeto de armadura que estava vestindo. Logo ele que estava adorando as sandálias de borracha que um amigo trouxe do Brasil para presentear-lo. Aproximou-se da estátua e viu que o personagem retratado era muito parecido com seu pai mesmo. Estava bastante envelhecido e apesar da idade do seu velho, ele aparentava ter bem menos.

– Está mais para o Aragorn em final de carreira. – Disse o cavaleiro. Ficou fitando a estátua e indagou:

– Por que meu pai faria um salão secreto com uma estátua onde está velho e decrépito e rodeado por essas criaturas? – Eric coçou a cabeça. – Por um acaso ele retratou uma das suas reuniões de cúpula junto aos seus diretores paleozoicos? – Concluiu dando uma risada.

Os seis amigos foram de estátua em estátua vendo os detalhes de cada uma. A cada parada, a dúvida de onde estavam aumentava. Nada levava a uma explicação. Quem misturaria felinos com criaturas mitológicas ou pessoas do tempo medieval? Somente uma mente regada a alucinógenos ou muita cerveja para produzir tal reunião. Após a visita ao insólito museu cansaram e sentaram ao chão de frente para a efígie do dragão. O corpo era imenso, todo coberto por escama. No ventre placas retangulares subiam até a cabeça central diminuindo de comprimento acompanhando o calibre do pescoço. A cabeça central era a maior. E parecia ser a mais velha de todas. Além das presas protuberantes e em grande quantidade, uma crina brotava da nuca, percorria toda a coluna vertebral e ia diminuindo à medida que se aproximava do grande rabo que terminava numa lâmina aberta em delta. As cabeças ao lado da central eram maiores que as de fora, mas todas eram ameaçadoras. Estavam todas abertas, como se prontas para cuspir fogo ou abocanhar uma presa. Na cabeça mais perto do chão era possível ver detalhes no céu da sua boca. Enormes asas saíam do

dorso ficavam arqueadas acompanhando o formato do teto do salão redondo.

– O que será que aconteceu? – Perguntou Presto. – Definitivamente isso não faz parte do passeio. Eu calculo que já estamos aqui a mais de uma hora. Presto tirou o chapéu e coçou a cabeça.

– Não faz o mínimo sentido. Tenho certeza que isso não faz parte do passeio. – Repetiu Hank. – Eric, por um acaso você não pediu ao funcionário do brinquedo que nos levasse a uma sala especial da atração?

– Hank, pensa para falar. – Irritou-se Eric. Acha que estamos no meio de um show? Como que poderia trocar a roupa de todos nós ao tocarmos nessas coisas? – Concluiu mostrando o escudo. – A explicação para isso não é normal.

– Eu só me lembro do carrinho descer muito rápido e de ficar cego com uma luz muito forte. – Disse Bobby.

Sheila virou-se para o irmão e perguntou: – Bobby, você é o único que não estava no salão. De onde você veio?

– Mana eu não sei. Eu estava caminhando no meio de uma luz branca, eu andava, andava e não via nada. Só luz por todo lado, quando ouvi sua voz e resolvi procurar por você. Eu me virei e tentei seguir sua voz. – Bobby fez uma expressão triste. – Só sei que andei muito e a luz começou a diminuir. Nem notei quando ela acabou e estava na maior escuridão. Eu passei a andar mais devagar e a chamar por você. Então senti que estava entrando aqui. Vi as costas da estátua e depois você abraçada com o Hank.

– Você caminhou por quanto tempo? – Perguntou Hank.

– Não sei. Não tenho idéia. Mas já estava ficando cansado.

– Será que estamos num reality show? – Perguntou Presto.

– Só se for um em que drogam os participantes para eles “verem” mágica. – Devolveu Eric, visivelmente irritado, mas com humor para mais uma piadinha.

– Diana estava calada até o momento. Enquanto os novos amigos conversavam, ela olhava para o teto como que procurasse um sinal, um desenho, qualquer coisa que indicasse ou fizesse uma referência a atual localização. Mas nada. Nenhum indício. O salão

era bem alto, algo com mais de 10 metros, mas tinha uma iluminação peculiar no teto. Era apenas o seu grupo, as estátuas e a mureta com um poço escuro no meio. Ela se levantou, chamou Presto num canto e falou:

– Presto, será que estamos mortos?

Presto arregalou os olhos. – Mas como Diana? O que seria aqui? Além do mais... – Presto parou sua frase. Hank à distância viu o semblante do amigo mudar. Soltou a mão de Sheila e aproximou-se dos dois desgarrados.

– O que foi? – Perguntou em voz baixa e preocupada o loiro.

– Diana acha que estamos mortos. – Falou com voz tristonha Presto.

– Não é isso. Eu apenas fiz uma pergunta.

– Calma gente. Estamos vivos. Eu sinto o sangue pulsar no meu corpo. Meu coração está disparando a cada novidade e quando abraço a Sheila sinto o seu calor. Eu posso assegurar a vocês. Estamos bem vivos. É uma questão de tempo até que uma explicação apareça.

Diana e Presto sentiram-se mais aliviados. Realmente a explicação de Hank fazia totalmente sentido. – E não vamos falar isso para os outros. Bobby já está visivelmente assustado com a situação e Sheila preocupada com o irmão. E vocês não querem o Eric fazendo piadinhas da pós-vida a cada cinco minutos, querem? – Os dois logo acenaram que não com a cabeça, entendendo a munição que dariam para o engraçadinho da turma. Eles se viraram e viram Eric andar em cima da mureta.

Sheila acompanhava a conversa dos três, e quando viu que olharam juntos para o meio do salão, virou seu rosto na mesma direção. Lá estava Eric, andando sobre a mureta, brincando de se equilibrar.

– E se a saída para fora da casa do Big Brother dos horrores for por aqui? – Perguntou enquanto pulava com um pé levantado como que testasse seu equilíbrio.

– Eric, cuidado. – Disse Sheila. – O buraco não é tão pequeno e é perigoso. Não sabemos sua profundidade. – Sheila

depois de tantas surpresas após o passeio no brinquedo estava sensível e qualquer coisinha deixava seus nervos à flor da pele.

– Bem pensado linda. – disse Eric enquanto Hank avermelhava-se por dentro com o elogio do ex a sua namorada. – Se soubéssemos a profundidade poderíamos tentar descer por aqui. Eu não vejo outra possibilidade de saída.

Nesse momento Eric tinha voltado a caminhar pela mureta. Ele desceu pela sua parte externa e procurou por algo no chão. Resolveu pegar uma pedra e em seguida, atirou-a no buraco. Nada. Nenhum som. A pedra simplesmente desapareceu. O rapaz da armadura dourada não se fez de rogado. Abaixou, juntou um pouco de terra, caminhou até a mureta, a ultrapassou; chegou perto do círculo negro central e jogou a terra.

Para a sua surpresa e de seu grupo a terra não caiu. Ficou suspensa no ar. Eric ficou mais confuso ainda. Bobby achou legal. O resto da turma não entendeu nada. A terra que deveria ter sucumbido à gravidade, estava no meio do buraco e mexendo-se ao seu redor lentamente. Foi formada uma nuvem de poeira que começou a girar no seu próprio eixo. A cada volta, parecia que a velocidade aumentava um pouco. E junto com a velocidade, o tamanho da nuvem de pó. Eric afastou-se e pulou para a parte de fora do obstáculo. A nuvem acelerou e tomou toda a área do buraco expandindo-se para a zona interna da cerca de pedra. A poeirinha que era uma bolinha com apenas alguns centímetros de diâmetro, tomou dimensões grandes. Já estava com mais de três metros e acelerava cada vez mais. Eric juntou-se ao grupo.

– O que você fez Eric? – perguntou Diana.

– Não fiz nada. – Devolveu.

– Como nada? Você jogou algo lá dentro.

– Eu só joguei um pouco de terra. Acha que recitei algum feitiço e ele provocou a nuvem? O bruxo aqui é o Presto. – Nem nesses momentos ele conseguia ficar sem fazer graça. – Além do mais a pedra caiu no buraco.

– Nesse momento a pedra jogada volta de dentro do buraco. Ela fica parada no meio da nuvem girando apenas em torno de si. O

pedaço de rocha catalisou o processo. A nuvem cresceu rapidamente e a velocidade aumentava exponencialmente.

– Vamos para trás das estatuas nos proteger. – Disse Hank.

O grupo caminhou para trás da estátua do dragão, a maior do salão. A nuvem estava muito rápida e já começava a alcançar as figuras de pedra. O desespero tomou conta do grupo. Quando tentavam agarrar-se aos pés do dragão, sentiram a poeira passar por entre suas pernas. Eles estavam dentro da nuvem e já começavam a sentir os efeitos da velocidade. A capa de Eric e Sheila mais a túnica de Presto começaram a funcionar como uma vela forçando-os a lutarem para poderem ficar juntos da escultura. Bobby tentava segurar na perna do monstro com uma mão e levava o tacape na outra. Em vão. Não iria conseguir, então resolveu largar o artefato. O tacape saiu de suas mãos girando na nuvem. Diana passou o chicote no entorno da pata da estátua e colocou o garoto na sua frente. Segurou com cada mão uma ponta do chicote e foi fechando até fazer um sanduiche de Bobby com o dragão.

Hank segurava com uma mão seu arco e a outra tentava agarrar-se de qualquer jeito para não voar. Desistiu e largou o arco. Olhou para o lado e viu que Sheila não ia aguentar muito tempo. Trocou o arco pela cintura da namorada. Em vão. A velocidade aumentou demais e os dois não conseguiram se firmar. Foram levados pela nuvem de poeira. Simplesmente tragados pelo redemoinho. No início estavam abraçados, e giraram dando algumas voltas pelos ares no salão. Experimentaram novamente a sensação da montanha-russa, só que dessa vez não viram a menor graça.

Eric viu a hora que Presto não aguentou e sumiu dentro da nuvem. Ele tentava se segurar com uma mão apenas, mas estava difícil. Tudo que podia fazer era agarrar-se a uma saliência no formato de escama na perna do dragão. O escudo tirava a sua estabilidade. Ele pensou bem, pesou e resolveu se desfazer da peça dourada. Balançou o braço, tentando afrouxá-lo, mas estava preso. Resolveu então segurar somente com a perna para poder usar a outra mão e libertar-se do estorvo. Quando prendeu a perna e ficou com os braços livres, viu a bobeira que tinha feito. Uma fração de segundo

e estava indo ter o mesmo destino de Presto. Começou a girar, girar e girar.

Somente Diana e Bobby continuavam fora da nuvem. Bobby ficava procurando por Sheila enquanto ela fazia uma força danada para compensar o movimento contrário do garoto. Ele mexia-se desordenadamente, comprometendo sua tentativa para protegê-lo. Quando Sheila passou por perto deles e gritou pelo irmão não teve jeito. Bobby tentou se desvencilhar e soltou uma das mãos de Diana. Sua única segurança era o cabo e a ponta do chicote. Quando viu que uma das duas tinha se soltado preparou o corpo para entrar no redemoinho. Primeiro foi ela, frações de segundo depois veio o menino.

O grupo estava na segunda descarga de adrenalina do dia. Como se não bastasse a montanha-russa do parque, agora enfrentavam um brinquedo para o qual não tiveram escolha. Sheila via Bobby passar por ela. Também viu Eric que por pensar que iam morrer estava tentando sair dessa situação. O rapaz tentava nadar no redemoinho. Se algum dos amigos conseguisse prestar atenção nos seus gestos tresloucados provavelmente morreria de rir. Ele dava braçadas para frente, mas a nuvem mudava a direção do seu corpo e ele remava no sentido que não queria. E além do mais estava girando. Para qualquer lugar que tentasse nadar na poeira, voltaria ao ponto de partida. O que incomodava Eric era não ter o controle da situação.

A nuvem girou mais rápido ainda. Quando Presto ameaçou desmaiar, o tamanho foi ficando menor. Ela começou a regredir, mas a velocidade só aumentava. Quando se limitou a área interna da mureta, foi feita uma grande coluna onde nossos amigos giravam dentro. E como se estivessem na boca de um grande aspirador de pó, foram tragados pelo buraco escuro. A nuvem veloz saiu toda, restaurando a calma inicial do salão. Os seis amigos sumiram juntos com a poeira. Só restaram as seis esculturas e o murinho que cercava o local de destino dos nossos jovens.

4. O REINO

E

stava um céu limpo. Os três sóis dividiam o firmamento. Poucas nuvens podiam ser vistas. E quando apareciam eram finas, esgarçadas pelo vento. No meio do plano superior havia um ponto escuro. Um buraco negro. Era um lugar por onde a tríade de estrelas não cruzava. Era um ponto cego no imenso azul acima das terras e águas. A estrela vermelha já baixava no horizonte, contrapondo a amarela e azul que se mantinham firmes e a pino. Por pelo menos mais oito horas ainda seria dia.

Foi quando um fenômeno incomum ocorreu: Uma nuvem em forma de coluna desceu a toda velocidade pelo buraco negro no céu. Ela descia girando no mesmo ritmo procurando chegar de encontro ao solo. Era questão de pouco tempo para vencer essa distância. No seu interior, seis jovens maldiziam sua existência nebular. Pelos próximos segundos eles soltaram todos os palavrões que sabiam e ainda inventaram alguns. Paradoxalmente alguns rezaram como que se fossem as últimas preces.

Diana procurava firmar um ponto no solo. Ela sentia os efeitos da gravidade puxando seu corpo para baixo. Não havia no que se apoiar. Vez por outra via um dos seus amigos do outro lado do tubo de poeira e vento. Quando conseguiu seu intento vislumbrou a terra com a qual iria se chocar em breve, mas o esforço fez com que enjoasse. Então ela fechou os olhos para passar o incômodo.

Presto rezava. Não era algo que fazia usualmente. Ele estava o tempo inteiro com os olhos fechados, repetindo orações e de vez

em quando ouvia a voz de Eric gritando pelo seu nome. – “Que coisa gay!” – Pensou o rapaz – “O que a Diana vai pensar do Eric me chamando como se eu fosse o namorado dele?” – Essas frases vinham a sua mente entre uma Ave-Maria e outro Pai-Nosso.

Hank conseguiu abraçar Bobby. O garoto agarrava-se ao cunhado com bastante força. Ele nunca imaginou que um menino de doze anos pudesse ter tanta força. Chegava a sentir seu corpo doer com o apertão. Enquanto os dois giravam, Hank procurava por Sheila. Ele a viu algumas vezes durante as voltas no salão, mas agora que se formou a coluna e começaram a cair, não tinha visto mais a namorada. Hank se preparou para o pior. Sabia que em segundos seu corpo e o de Bobby entrariam num profundo impacto com o solo.

Eric só gritava. Tinha desistido de nadar no ar e só de pensar que não havia o que fazer, foi tomado por um grande desespero. Ele gritava por Presto, por Hank, por Deus e até por Bobby. O chão se aproximava. Não concordava de morrer daquele jeito. Pensava que uma carreira gloriosa que estava somente no início não podia ser interrompida abruptamente. Era muita injustiça e apesar dos seus atos não merecia.

Tudo estava perdido na cabeça dos pobres garotos. Agora era questão de tempo. Sheila fazia suas orações, pedia por Bobby e suas preces foram atendidas. A coluna desacelerou. Ficou com um diâmetro bem maior e foi descendo e perdendo velocidade. Ela conseguiu estabilizar o corpo. Não estava mais girando em torno de si e já conseguia distinguir vários acidentes geográficos da terra que começava a surgir logo abaixo.

Eric sentiu algo diferente. Abriu os olhos e calou-se. Viu a nuvem abrir, tomou o controle do seu corpo e nem precisou nadar no ar. Após conseguir manter sua postura viu Diana, Hank e Bobby fazer o mesmo. Olhou para Presto e ele estava deitado no colchão de poeira, braços e pernas esticadas com se estive planando de costas. Sheila aproximou-se do cavaleiro e o pegou pelo braço. Os dois giraram lentamente e como se estivessem pulando de paraquedas, ficaram de frente um para o outro dando as mãos. Ela sorriu para ele e foi prontamente correspondida com outro sorriso,

mas algo entre amarelo e malicioso. Eric apertou levemente suas mãos como que buscasse cumplicidade e carinho. Teve o mesmo gesto de volta. Parecia a época em que namoraram. O coração do cavaleiro bateu mais forte. Os dois olharam para o chão. Havia um monte com um lago ao lado. Menos mal.

Eles estavam a uns quinze metros de altura. A nuvem estava quase parada. Desacelerou totalmente. Não havia mais desespero, apenas um misto de angústia e apreensão. O vento que os carregava estava quase parando. Era tudo que eles queriam, mas Hank notou que ainda era cedo para que se desfizesse totalmente. A nuvem se dissipou por inteiro e os últimos dez metros foram vencidos em queda livre.

O lago amorteceu a queda dos seis ocupantes do tubo de ar e pó. Eles bateram no espelho d'água e tiveram o corpo puxado para o fundo. Na mesma velocidade que desceram foram impulsionados para cima. O lago não era fundo. Eric deu algumas braçadas e já conseguia ficar de pé. Tirando o meio onde caíram, o lago era bem raso nas margens.

Ele levantou e percebeu que estava com o escudo no braço. Não lembrava se pegou a peça durante as voltas do redemoinho ou se foi após cair. Achou estranho. Levantou os olhos percorrendo a altura do morro que fazia parede ao lago. Ao subir a vista procurando o cume deparou-se com uma figura esquisita.

Tinha mais ou menos um metro de altura. Parecia ser muito velho e pelas rugas no rosto calculou no mínimo uns 80 anos. O topo da cabeça era calvo, restando apenas um arco que ia de orelha a orelha na nuca. O pouco cabelo que tinha era comprido. Dois tufo soltos passavam por cima da orelha de abano e iam até a altura do queixo do anão. As costeletas brancas e fartas desciam até o início do queixo formando largas suíças. Estava vestindo uma túnica com diversos tons de vermelho e carregava sobre o peito uma pedra presa a um colar largo que parecia ser de ouro. As mangas da túnica não eram largas, mas chegavam quase a cobrir suas mãos. Uma pequena protuberância na barriga destacava-se na veste que se arrastava quase até o chão.

Sua expressão era de calma. As mãos que estavam à frente do corpo, unidas e para baixo, eram grandes desproporcionais a sua altura. Os olhos amendoados no meio e puxados nas pontas moldurados por pesadas pálpebras lhe concediam um ar bonachão, aquele de amigo de todos. A boca era grande, de sapo. Ele arqueou uma das sobrancelhas e esboçou um leve sorriso pelo canto da boca.

Eric começou a encará-lo. Ele se sentou numa pedra e começou a devolver os olhares. Eric não sabia o que fazer. Ficaram no jogo de quem pisca primeiro até que Hank o chamou.

– Eric, Eric. – Sussurrou Hank.

– O que foi? Bradou sem a menor cerimônia. – Venha aqui. Acho que fiz contato com um alienígena!

– Eric deixa o contato que você fez de lado. Acho melhor você olhar para cá. – Insistiu Hank.

Ele estava curioso com o que via a sua frente. Mas achou prudente desviar a atenção da estranha figura e atender ao pedido de Hank devido ao seu tom de voz. Quando virou viu algo familiar além dos amigos. Estavam de pé dentro do lago, segurando os artefatos obtidos no salão das estátuas e olhando para um grande dragão de cinco cabeças. O animal era enorme. A estátua não fazia jus ao belo exemplar. Ele tinha pelo menos 15 metros de altura. O corpo era vermelho, a cabeça central era da mesma cor e sua crina era um dégradé que ia da cor rubra e terminava num alaranjado. Do lado direito, a cabeça do meio era verde e a da ponta esbranquiçada. No outro lado era da cor azul e a da ponta negra. Quatro cabeças estavam abaixadas bebendo água a poucos metros dos seus amigos e a quinta, negra, erguida e virada para trás como que se vigiasse o entorno enquanto as outras matavam a sede. As asas estavam recolhidas.

O cavaleiro esqueceu-se do anão de vermelho e caminhou em direção ao seu grupo. Nesse caminhar desajeitado dentro da água fez barulho. A quinta cabeça escutou e virou-se em direção ao lago. Focou em Eric que se juntava a turma e em seguida localizou-os. As outras cabeças lentamente pararam de beber e começaram a se levantar. O alvo do quinteto de cabeças era a turma quase no

meio do lago, apavorada com a cena. As cinco se juntaram no alto do corpanzil. Era quase uma para cada um dos meninos. Eles deram alguns passos para trás. As cabeças laterais arquearam formando um leque.

A do meio abaixou-se foi o mais perto possível do grupo e ficou parada como se estudasse os novos visitantes. Sheila agarrou o braço de Hank. Ele passou o braço que a garota segurava para a parte posterior do seu corpo, ficando na sua frente como se quisesse protegê-la. Diana e Bobby estavam numa posição de ataque com as suas armas de prontidão. Presto segurava seu chapéu de bruxo um pouco mais atrás. Eric ainda meio atrapalhado passou por entre seus amigos tomando lugar a frente do lado de Hank.

O dragão esticou o pescoço central. Ficou mais perto deles. Eric ficou impressionado com o tamanho da cabeçorra. Nesse momento ele levantou o pescoço arqueou para trás e soltou um grande rugido. O som foi imitado pelas cabeças menores que começaram fazer um barulho ensurdecedor. Sheila largou o braço de Hank e levou as mãos aos ouvidos. A grande cabeça abriu sua boca e soltou uma rajada de fogo em direção ao grupo. Instintivamente todos deram passos de costas recuando. Menos Eric. Ele levantou o escudo como se quisesse proteger-se. Mas o que um pequeno escudo poderia fazer contra o poderio tão grande daquelas labaredas?

As chamas bateram no escudo. Eric se encolheu atrás dele e fechou os olhos. Iria virar churrasquinho. Mas não foi o que aconteceu. Quando entrou em contato com o escudo uma onda de energia se formou ampliando o poder do artefato, envolvendo o grupo. As outras cabeças começaram a lançar contra os garotos, baforadas distintas. A branca lançava um jato que ao tocar a película de energia congelava e caía no lago. A verde soltava um gás que também não vencia a proteção. Da azul, vinham descargas elétricas e da negra um líquido que chiou ao entrar em contato com a força emanada do objeto que Eric segurava, parecia um ácido.

O cavaleiro abriu os olhos para ver o que estava acontecendo e ficou espantado com o poder da peça de metal

dourado. Ele segurou com as duas mãos o escudo e deu um passo a frente. Estavam protegidos. O dragão mesmo vendo que suas secreções não faziam efeito não pensou em desistir. Continuou soltando suas baforadas insistentemente. Eric estava levando a melhor no combate. Nesse momento Hank ouviu uma voz dentro da sua cabeça:

– “Arqueiro, não tenha medo. Ataque!”

Hank saiu de trás da proteção de Eric e ficou ao seu lado. Levantou a peça única do arco e fez um gesto no ar como se fosse lançar uma flecha.

Para sua surpresa um encordoamento de energia surgiu do nada. Uma flecha da mesma força apareceu ligando sua mão ao arco de madeira. Ele esticou a corda mágica e disparou a seta. A lâmina de energia venceu a barreira do escudo de Eric e bateu no ventre da criatura vermelha, logo abaixo do grande pescoço central. O animal se espantou, recuou um pouco sentindo o impacto da flecha e fechou as bocas cessando o ataque. Com os olhos arregalados a principal cabeça da besta preparou uma nova cusparada de fogo. Antes que conseguisse abrir a boca, sentiu um novo arremesso de energia batendo no seu peito.

Hank lançava sistematicamente uma após a outra. Elas colidiam contra o ventre da fera alada fazendo com que recuasse. O dragão sentiu o contra-ataque. Eric do seu lado ainda mantinha o escudo levantado dando cobertura para as investidas do amigo. A fera urrava a cada colisão energizada. Não dava sinais que iria tombar, mas definitivamente o ataque de Hank lhe era prejudicial. Ela levantou as patas dianteiras expondo mais ainda o ventre. Hank mirava e enviava os recados elétricos. O monstro abriu as asas, deu um salto e ganhou o céu. Momento de alívio. Tinham vencido o confronto.

Eric desceu o escudo. Olhou para Hank que sorriu de volta. Um sorriso amarelo, mas cheio de confiança. Eles tinham formado uma bela dupla. Protegeram os amigos e espantaram o dragão. Hank deu a mão para o cavaleiro e os dois agarraram o antebraço um do outro num cumprimento intenso. Era uma comemoração.

Enquanto curtiam o momento de glória ouviram uma voz cavernosa:

– Obrigado por cuidarem de Tiamat. Agora entreguem suas armas.

Os dois viraram e olharam para o cume do morro acima do lago. No lugar onde Eric visualizou o anão de vermelho encontrava-se um portentoso corcel negro com enormes asas também negras. Elas estavam abertas, tocando o chão, como que se quisesse pegar impulso. Seus olhos vermelhos faiscavam a ponto de não ser possível ver suas pupilas. Seus cascos eram vermelhos, como se fossem de fogo. Sobre o demoníaco equino estava outra figura conhecida. O cavaleiro tinha um chifre saindo da cabeça. Era como se colorissem a estátua do salão e ela ganhasse vida. Seu rosto era branco de uma alvura imensa. As presas que brotavam do maxilar superior eram mais destacadas do que na representação de pedra. Seus olhos eram muito negros e possuíam imensas olheiras. O rosto era emoldurado por um capacete vermelho e o chifre que brotava da parte superior era da mesma cor, porém um pouco mais claro devido à constituição do nácar. Sobre os ombros uma sequência de placas negras unidas no meio pelo colar vermelho com pedras vermelhas de grande brilho cobria a parte superior da túnica também vermelha. Nos punhos os braceletes vermelhos eram do mesmo material das placas e da cintura para baixo a túnica era cinza e abria-se em duas partes até cobrir os seus pés. A imponente, mas aterradora criatura apertava a crina do corcel alado como se fosse sua rédea. A outra mão encontrava-se levantada, acima da cabeça como se segurasse algo invisível. Ele puxou a crina do seu animal que levantou e desceu as patas dianteiras dando um tom ameaçador.

Hank instintivamente ergueu o arco e puxou mais uma flecha mágica. Ficou em posição de ataque, esperando para revidar qualquer gesto da figura tenebrosa. Eric ao seu lado não levantou o escudo, mas ficou em alerta para poder usá-lo a qualquer momento. Os dois trocavam olhares alternando a vigia ao ser que os ameaçava. Tentavam estabelecer uma conexão mental sobre o que fazer.

– Tolos! Acham que podem me deter com um arquinho e esse pedaço de lata? – Bradou enfurecido.

– Se é apenas um arquinho, por que você quer que te entregue? Você viu o poder dele contra o dragão! – Devolveu Hank cheio de confiança.

– Venha buscar! – Gritou Eric.

Hank virou e olhou assustado para o cavaleiro a seu lado e perguntou:

– Que história é essa de venha buscar? Olha o tamanho dele! Você pirou?

– Desculpa Hank. Acho que entusiasmei. – Disse Eric baixando o escudo e coçando a cabeça.

Foi a deixa que o oponente esperava. Como se tivesse algo na mão em riste, arremessou-a em direção aos dois meninos. Pelos seus dedos saiu uma massa de energia branca e seguiu rumo aos dois deixando um rastro no ar. Eric voltou os olhos para frente e no susto levantou o escudo espalhando a carga que lhe fora endereçada. Hank nem pensou e soltou a flecha de luz que estava armada. Ela percorreu o caminho inverso e quando ia tocar no seu inimigo o cavalo negro deu um salto para cima, bateu as asas e a flecha seguiu pelo vazio. Hank armou outra seta. No ar o cavaleiro sombrio deu uma volta reposicionando para novo ataque. Soltou outra bola de energia, prontamente repelida pelo escudo de Eric. Como complemento do movimento, desviou da flecha de Hank.

Atrás dos contendores, o quarteto restante observava a batalha que se desenhou. Assistiram atônitos os dois amigos expulsarem o dragão e agora não era diferente com a nova luta. A contenda estava equilibrada. O guerreiro montado na sua criatura alada dava voltas no céu procurando o melhor ângulo para pegar seus opositores desprevenidos. Eric e Hank ficavam lado a lado. Enquanto o cavaleiro lhe dava cobertura, o arqueiro buscava a melhor janela para acertar a dupla que ziguezagueava pelos céus. Nesse momento o pequeno Bobby levantou sua clava de madeira, começou a girá-la no ar e gritando partiu em direção aos amigos. Passou pela dupla e ficou entre as duas partes da briga. Sem cessar

o movimento bateu na água que com o choque levantou uma grande onda.

A coluna de água ergueu-se no céu atingindo o cavalo alado. O bater ritmado das suas asas foi comprometido e ele girou caindo. Tentando-se recuperar do susto fez uma rápida e instintiva manobra a fim de evitar a queda do seu montador e estabilizou-se no ar. Esse pequeno hiato na sua atenção foi suficiente para Hank acertar a primeira seta de raios. Os dois sentiram o impacto. Não eram grandes como o dragão e nem protegidos com a dura carapaça da besta que mesmo minimizando a força das flechas optou por não enfrentá-los abertamente. Com a perda do equilíbrio e do seu plano de voo, foi fácil para o arqueiro acertar a segunda. O mesmo ocorreu com a terceira. O pégaso negro não resistiu e caiu levando seu dono junto. Eles bateram a beira do lago, onde Hank armou nova flecha. O misto de unicórnio com ser quase humano levantou-se do chão e quando viu a nova seta seguir em sua direção esticou os braços e juntou as duas mãos à sua frente. Falou algumas palavras incompreensíveis conseguindo amortecer o impacto a tempo. Nesse tempo o cavalo levantou-se logo atrás, sacudiu a poeira, abriu as asas e as fechou como que se testasse um equipamento. Ele notou que estava em desvantagem. Então viu um pequeno bárbaro vir em sua direção brandindo o tacape entre as duas mãos. Foi pego de surpresa. A prudência mandou que aproximasse de seu animal, montasse-o rapidamente. Num salto os dois ganharam os céus. Sem olhar para trás voaram até desaparecer.

Bobby assistiu a cena enquanto corria. Não sabia que força havia tomado conta do seu interior, mas tinha certeza do ato a fazer. Só parou de correr quando alcançou a beira do lago. Arfou um pouquinho e voltando-se viu os amigos aproximarem-se. Sheila foi a primeira a chegar. Abraçou o irmão.

– Está tudo bem Bobby? – perguntou preocupada. – Não faça isso mais. Você me deixou com o coração na mão ao tentar atacar aquele monstro.

– Ah Sheila. Os meninos estavam precisando da minha ajuda. Mas desculpa. – Disse o garoto abaixando a cabeça e

abraçando a irmã.

– Calma Sheila. Ele se saiu bem. Talvez se não tivesse tomado essa atitude, até agora poderíamos estar lutando. – Minimizou Hank.

Sheila ainda abraçada a Bobby virou-se e beijou o namorado. Durante o beijo abriu os olhos e encontrou os olhos de Eric. Eles firmaram o olhar por um breve momento e Sheila tornou a fechá-los como se quisesse desviar. Presto chegou perto de Eric e sorriu para o amigo.

– Você sempre querendo tomar as atenções para si hein?

– Qual é Presto? O baixinho é que foi a estrela. – Disse Eric referindo-se ao antigo cunhado. – E por que você não foi nos ajudar?

– Você queria que eu fizesse o que Eric? Tirei um extintor de incêndio de dentro do chapéu para enfrentar o fogo daquele dragão?

– Eu não sei o que é um extintor. Mas você poderia ter usado a mágica do chapéu para enfrentar o Vingador.

Aquela voz não era do grupo. Era uma voz calma, lenta, sem atropelos. Era demorada e mais velha. O grupo voltou-se em direção ao som e numa pedra ao lado estava o anão de vermelho que Eric chamou de alienígena. Ele estava sentado, com as pernas cruzadas. Hank armou uma seta.

– Arqueiro, não tenha medo. Abaixei sua arma, não sou seu inimigo. – Hank reconheceu então aquela voz. Era a mesma que lhe deu a dica para enfrentar o dragão. Obedecendo desarmou a seta que sumiu.

– Foi você quem falou para eu usar o arco contra o dragão. – Devolveu Hank.

– Sim arqueiro. Eu estava observando tudo. E vi que precisava de uma ajuda para fazer uso do dom que lhe foi concedido. Então resolvi lhe falar no coração.

– Quem é você? – Indagou Diana.

– Para saber quem sou você tem que saber onde está e quem encontrou. – Disse o anão.

– Então onde estou e quem eu encontrei hein? – Perguntou sem a mínima paciência Eric.

O interlocutor sorriu. Achou graça nos modos do cavaleiro. O garoto fortão também era o ansioso da turma. Rivalizava em ansiedade com o mais novo na verdade.

– Vocês estão no Reino. Uma terra dividida e governada por magos.

– O que? – Disse Eric espantado.

– O dragão e o cavaleiro alado que acabaram de enfrentar são Tiamat e Vingador. Os dois magos mais poderosos do reino. – Os garotos abriram a boca espantados numa coreografia que não foi combinada. A pessoinha de vermelho continuou:

– Há séculos cinco magos viviam em harmonia dividindo o poder das terras do Reino. Eram eles Tiamat, o dragão. Vingador, o anjo negro. Zantália, a princesa felina. Letizia, a guerreira caída e Vrando, o rei dos Gronks.

– Antes da chegada dos magos, O Reino vivia num absoluto caos. Tribos se enfrentavam diariamente e não havia uma ordem ou leis a serem seguidas. Era um permanente estado de selvageria. Vilas eram pilhadas e seus moradores mortos sem que conseguissem defender-se. Os que sobreviviam era feitos escravos.

Todos se sentaram de frente para a criaturinha e foram absorvidos pelas suas palavras. Desde o momento que entraram no salão das estátuas até o encerramento das lutas não tinham a mínima idéia do que estava acontecendo. Agora pelo menos sabiam onde estavam.

– Eu fui enviado para estabelecer a ordem nestas terras. Conceder sabedoria e criar a paz. Entregaram-me as armas do poder. Minha missão era eleger os líderes que com o poder das armas, trouxessem equilíbrio ao Reino. Nos primeiros anos quando cheguei, caminhei por entre o povo. Conheci as raças que aqui habitavam e aprendi muito. Então tracei um plano para erradicar a anarquia reinante. Foi me concedido poder para estabelecer as mudanças necessárias, mas me foi proibido interferir diretamente. Então resolvi criar a ordem dos magos. Dividi o Reino em seis partes e esperei pelas criaturas certas. Nas minhas andanças elegi

quem tinha bom coração, coragem e sabedoria para governar. Mas apesar de precisar de seis líderes só consegui três para começar meu intento: Zantália, Tiamat e Vrando. Aconselhando-os eles formaram os primeiros reinos. Aprenderam as artes da boa magia e criaram um norte para as suas regiões. À medida que conseguia tocar o coração de cada mago, lhe entregava uma arma do poder. Por muito tempo eles trouxeram prosperidade e enfrentaram os povos que ainda viviam no caos, cuidando de seus protegidos.

– Parece que essa história vai ser longa, – interrompeu Eric.
– Afinal de contas quem é você ô orelhudo?

– Onde estão suas boas maneiras Eric? – Censurou Diana.
Tenha calma. Eu estou gostando da história. Não interrompa mais.

Eric levantou-se, não estava com paciência para o conto da carochinha. Não foi Diana que enfrentou duas criaturas do mal. Sua adrenalina estava a mil. A última coisa que queria era ficar sentado. Nesse momento faria de tudo por uma bola de basquete e uma tabela para que pudesse desestressar. Ele ficou dando voltas curtas atrás do grupo que ouvia inebriado a história do que ele pensou ser um gnomo de melancia.

– Séculos mais tarde, uma estrela caiu do céu. Era grande e por onde passava deixava um rastro branco. Ela foi bater nas montanhas de gelo ao Norte. Vrando e Zantália seguiram até o local do impacto para ver do que se tratava. Encontraram uma cratera com uma pedra incandescente. Ela tinha pelo menos dois metros de altura. Os dois magos ficaram olhando, procurando algum indício no corpo celeste quando ele começou a rodar bem lentamente. Depois parou e partiu-se em dois. Dentro havia uma pequena criatura.

– O Super-Homem? – Disse o Cavaleiro. – O homenzinho não deu bola para Eric e continuou a história.

– Ele era um bebê. Ainda não sabia se expressar nem verbalizar as palavras. Mas era muito esperto. Ele cresceu nos seus primeiros anos sob os cuidados de Zantália. Depois viveu com Vrando. Eu sempre estava por perto acompanhando todos os seus passos. Era como um filho para mim. Eu o moldei para ser um novo mago e levar a paz a uma parte do Reino em guerra permanente.

– Deixa ver se sei quem é – disse Eric. – Ele é o Vingador?

– Sim Cavaleiro, – confirmou o velhinho. – Ele é o Vingador. Ganhou esse nome ao cuidar de povos indefesos no canto do Reino que lhe foi confiado. Desenvolveu-se na arte das magias e aprendeu com os outros magos tudo que as ciências superiores tinham a oferecer. Tiamat permitiu que vivesse entre os dragões aprendendo sobre a raça mais pura que já existiu. Diferente dos outros magos, ele foi talhado para a função.

– Aí ele descobriu o lado negro da força e virou Darth Vader certo? – Interrompeu mais uma vez o impaciente.

– Eric!!! Para de aborrecer com essas piadinhas. Está ficando chato! – Disse mais uma vez uma aborrecida Diana.

– “A TPM deve ter chegado.” – Pensou Eric. – “Com mulher é melhor não discutir nesse estado”. – Concluiu sentando ao chão novamente.

– Quem é Darth Vader? – perguntou o velhinho.

– Ai, como explicar... – coçou a cabeça Presto. – Ele é um vilão de onde viemos. Um ser extremamente mau, que traiu seu mestre. Um dia posso te contar a história dele.

– Pois então eu preparei o Vingador para cuidar das pessoas e quem sabe até me substituir quando eu partisse. Entreguei então a ele sua arma do poder.

Quase um século depois o céu nos deu outro presente. Uma embarcação diferente de tudo que já vimos antes. Atravessou o céu até achar um lugar seguro para pousar. Foi no alto de uma montanha de difícil acesso. De um lado era protegida por uma escarpa muito íngreme. Havia cavernas no seu interior, mas todos que tentaram explorá-las, não sobreviveram. Na parte frontal uma sinuosa estrada ladeada de penhascos tornava a chegada difícil. Dentro dela, um pequeno exército liderado por uma voluntariosa guerreira, Letizia. Eles tinham os cabelos amarelos, olhos azuis, eram altos e traziam as marcas das cruzes do seu povo ornadas nos braços dos seus uniformes. Entrincheiraram no alto desta montanha, rechaçando qualquer tipo de encontro com outras pessoas. Lá estabeleceram seus domínios e construíram uma fortaleza. Os magos tentaram contato, mas em vão. E os povos que

não estavam sob a proteção deles e tentaram invadir a fortaleza, eram duramente rechaçados. Mas a batalha não era fácil e os guerreiros do exército foram caindo aos poucos. No final de dez anos de batalha, Letizia estava sozinha. Mas a fortaleza ficou imensa. Bem fortificada e intransponível para simples guerreiros. Não desceu dos seus domínios e possuidora de grandes magias bélicas era inútil tentar chegar perto. – Ele deu uma parada para pegar fôlego e olhou para cima como que estivesse relembando algum fato.

Zantália e Vingador tentaram falar com ela. Inutilmente. Aquele tempo de luta deixou-a receosa de qualquer contato.

– E por que você não apareceu do nada para falar com ela como fez com a gente? – Tentou o cavaleiro.

– Foi isso que fiz. Você adivinhou. Só que resolvi aparecer em sonhos. Nos momentos onde ela não estava em alerta. Mais tranquila e que mostrava seus desejos e seus medos.

– Nos sonhos Letizia não parecia em nada com a guerreira feroz. Nunca trajava o uniforme, sempre de vestidos leves, descalça, passeando alegre. Nos primeiros encontros eu apenas acenava. Depois ela começou a me devolver esses acenos. Em pouco tempo já caminhávamos juntos e começamos a conversar. Letizia familiarizou-se comigo. Nos sonhos saíamos da fortaleza e eu lhe mostrava o Reino. Ela via que não era um lugar apenas de guerra e que tinha muitas belezas. Eu procurava mostrar o lado bonito destas terras. Ainda se mostrava confusa com a chegada ao Reino, assim como vocês. Conteí a história da minha vinda. Falei sobre os magos e comecei os ensinamentos da magia para que ela se tornasse meu quinto mago.

– Seu quinto mago? Afinal quem é você? O mestre dos magos?

– Cavaleiro quem eu sou não importa. Mas se você se sente confortável me chamando assim fique a vontade. O que importa é que eu consiga tocar o coração de vocês, que vocês entendam a minha mensagem.

– E o que acha desta mensagem Mestre dos Magos? Você vem com a gente para o nosso mundo e montamos uma escola para aprender dormindo? Vamos ficar mais ricos que meu pai!

– Eric! Eu juro que se você interromper mais uma vez eu vou bater na sua cabeça com o tacape do Bobby. Será que você não consegue ficar calado um pouco? – Diana, realmente estava perdendo a paciência.

– Não! – Devolveu Eric, protegendo-se com o escudo de uma sibilada do chicote de Diana. – Calma, calma. Eu fico calado!

O alcunhado Mestre dos Magos riu. Ele achava muita graça na espontaneidade do cavaleiro. Desde a primeira troca de olhares sentiu a personalidade forte que empunhava o escudo. Era um pouco arrogante. Seu sarcasmo vinha da sua segurança interior. Mas ele entendeu que o garoto sentia-se um peixe fora d'água no Reino. Não estava em casa, não eram os seus domínios. Era visível seu desconforto. E ele compensava a ansiedade com suas piadinhas.

– Continue Mestre dos Magos. – Pediu Bobby. Realmente o apelido dado por Eric pegou.

5. A CISÃO

P

or quase dois anos visitei Letizia nos seus sonhos. Ela já conhecia todo o Reino e estava pronta para assumir seus domínios. Na última noite de sono e de instrução que lhe dei, ela me pediu para que a visitasse. Mas de verdade, que eu fosse até sua fortaleza.

– Letizia me contou que após sonhar comigo acordava e ainda na penumbra da noite, saía pelo Reino para explorar, para conhecer, para se familiarizar. Disse que achava os sonhos tão reais e se perguntava o motivo de não a vê-la no plano real. Expliquei a Letizia que a fúria dela para com os outros magos era o motivo daquele subterfúgio. E prometi que ia visitá-la assim que acordasse.

– Quando o dia raiou, eu estava nos seus portões. Ela acordou e foi me receber. Ela desceu a ponte para que eu vencesse o fosso de proteção e recebi o convite para entrar no seu lar. Foi a visita de um velho amigo. Nas mãos eu trazia uma capa. Era a o penúltimo mago a receber uma arma do poder. A Letizia foi entregue o dom de poder ver sem ser vista. Os passeios que fazia na calada da noite para evitar os seres do Reino poderiam ser feitos a qualquer momento sem que se sentisse ameaçada. Naquele momento eu tinha conseguido trazer meu quinto mago. Minha missão estava quase cumprida.

– Letizia vestiu a capa. E sem usar seu dom da invisibilidade saiu da sua fortaleza na minha companhia para conhecer os seus domínios. Quando sonhava sabia que teria muito trabalho a fazer. Ela conhecia os perigos das batalhas que enfrentou e com a ajuda das pessoas boas do seu quinhão, em pouco tempo

trouxe a paz e ordem. Sua formação militar lhe permitiu montar boas estratégias para enfrentar e derrotar o mal que assolava aquela região.

– A capa que visto é igual à de Letizia? – Perguntou Sheila.

– Quando estávamos no salão lá no céu, tinha a estátua de uma piloto de avião com a capa na mão. Após tocar a capa, desmaiei e acordei com ela sobre mim.

– A capa que está vestindo minha Ladra, é a capa de Letizia. – Afirmou o mestre.

– Mas como? – Devolveu Sheila.

– Vamos chegar nessa parte. Falta pouco. Sei que todos vocês estão ansiosos com o desfecho dessa história e querem saber como as armas do poder foram parar em vossas mãos. Tenham paciência. O final se aproxima. – Mais uma vez o velhinho deu uma parada. Até Eric ficou intrigado com a afirmação e pela primeira vez sentou e prestou total atenção no que o pequeno contador falava.

– Faltava o sexto mago. No momento que ele chegasse minha missão estaria completa e eu poderia voltar para casa. Muito tempo se passou, eu procurei incessantemente, mas não conseguia encontrar um ser no Reino a altura de tal posição. Eu sempre visitava os outros magos, acompanhava e aconselhava sobre seus atos e necessidades. Foi quando o Vingador veio a ter comigo. – Mais uma vez ele pegou fôlego.

– O meu mago preferido contou-me de sua última aventura ao cruzar o mar do Reino. Ele e Tiamat encontraram uma criatura que os acompanhou na volta. Era um ser negro. Dotado de asas como o Vingador. Parecia uma sombra. Tinha o poder de esconder-se na escuridão. Ele acompanhou os dois magos na volta para casa e os auxiliou intensamente. Vingador pediu que eu o transformasse no sexto mago.

– Durante duzentos anos a criatura conviveu entre os magos. Vingador foi praticamente seu mestre nos ensinamentos das artes superiores. Eu acompanhava de perto. A chegada do último discípulo sinalizava o meu retorno. Minha missão estava chegando ao fim no Reino. Quando eu completasse o hexagrama, o

reino estaria totalmente protegido. Eu entregaria então a todos os magos as armas gêmeas e tomaria o caminho de casa.

– Armas gêmeas? Não eram as armas do poder? – Indagou Diana.

– Minha acrobata. As armas do poder vêm em pares. Uma complementando a outra. Juntas elas tem um poder mil vezes mais forte do que sozinhas. Não é só muito poder, como também muita responsabilidade recebê-las ao mesmo tempo. Por isso eu entreguei apenas uma a cada mago e quando dominassem o poder da sua arma e o círculo dos magos estivesse completo, eu entregaria a outra metade. Não poderia correr o risco das armas dominarem no lugar de serem dominadas. Por isso separei inicialmente os pares. Primeiro era necessário que cada um se colocasse de pé para depois aprender a andar. – Disse o mestre esclarecendo a dúvida de Diana.

– Existe um lugar neutro no Reino. Fica bem no seu centro. É um vulcão extinto a milhares de anos. O encontro seria na sua cratera. Nesse local nem os magos, nem as armas tem poder. Elas não passam de ferramentas comuns. Eu convoquei todos os magos para entregar-lhes as metades de suas armas. Seria a primeira vez que o Axis iria se reunir por completo. Foi quando Tiamat me procurou.

– Tiamat era o rei dos dragões. Era o único com cinco cabeças, o maior número que um dragão já teve. Antes mesmo de ganhar sua arma do poder, já era versado nas artes superiores e detentor de uma força mágica sem igual no Reino. Era desprovido de emoções, o que o tornava muito sábio. Ele veio me pedir para não tornar a Criatura das Sombras um mago. Ele via maldade dentro dela, apesar de que, muito bem escondida. Ele temia que um ser que não conseguisse dominar as armas do poder, trouxesse desequilíbrio ao Reino. Tiamat conseguiu me acordar. A dúvida entrou no meu coração. – Nesse momento o Mestre dos Magos abaixou os olhos. Entrelaçou as mãos e as apertou. A face contraiu-se toda. Era visível sua expressão agoniada. Ele deu um sorriso meio amarelo, levantou a cabeça e continuou sua narrativa.

– Uma coisa que aprendemos com o tempo é não olhar para a aparência de um ser. Pelas minhas caminhadas já vi princesas belíssimas serem o vaso de uma maldade infinita e me deparei com criaturas grotescas dotadas de bondade ou sabedoria sem fim. Julgar a criatura negra pela sua forma ou cor não era certo. Mas sua aura tinha algo de diferente. Eu via bondade nele. Mas após a conversa com Tiamat, me parecia artificial em alguns momentos. Estava quase na hora de completar o Axis e a incerteza não ia embora. Os vértices começaram a chegar e tomar sua posição. Quando eu entregasse a última arma, me posicionaria no centro e seria mandado num fecho de luz de volta para casa com o poder das armas. Foi quando os dois últimos chegaram. O Vingador vinha acompanhado da Criatura das Sombras. Os dois tomaram seus lugares. O Axis estava completo. Eu carregava o escudo, a última arma do poder a ser entregue e tinha as armas gêmeas comigo. Caminhei para o centro. Girei olhando para cada mago procurando ler suas faces. Parei de frente à Criatura das Sombras. Eu larguei o escudo e as armas no chão.

Enquanto o Mestre contava essa parte da história, Sheila visualizou o salão em que estavam no céu. Eram seis estátuas que retratavam exatamente os magos. Todas dispostas da forma como o Mestre falou e portando as armas do poder. A única exceção era o cavaleiro que tinha o escudo. Por mais que tentasse, não conseguia encaixar a descrição da criatura das sombras na estátua que viu. Ela imaginou que o salão no céu era o vulcão que se ergueu. Era tudo muito parecido. A história tomou um tom de déjà vu nesse momento. O Mestre dos Magos continuou.

– Eu chamei a criatura para perto de mim. Ela veio flutuando, sem bater suas asas. Aproximou-se e ajoelhou na minha frente:

– “Você não é o sexto escolhido.” – Falei. E voltando para os outros magos concluí:

– “Ainda não é o momento da minha partida. É cedo para lhes confiar às armas gêmeas.”

– A criatura levantou-se. Olhou para mim no fundo dos meus olhos. Nesse momento vi toda a maldade que habitava o seu ser. Ela virou-se e trocou olhares com o Vingador. A mesma aura que vi

envolver a criatura negra tomou conta do meu discípulo. Só então me dei conta do erro que cometi. A maldade emanava do Vingador. A criatura era apenas um instrumento do mago dissimulado.

– O Vingador vendo que seu plano de controlar mais de uma arma tinha fracassado, levantou sua mão e lançou uma magia tentando me ferir. Tive que me concentrar para absorver com as mãos a energia que me foi destinada. Nesse momento a criatura pegou o escudo. Ele voou e entregou para o Vingador. Meu novo inimigo estava mais poderoso que nunca.

– Tiamat lançou um jato de fogo em direção do Vingador. Ele colheu as labaredas com o escudo. E devolveu uma bola de energia para o dragão. Vrando e Zantália caminharam para o lado da dupla do mal. Iniciava-se uma batalha. Eu não entendia como o Vingador conseguiu manipular magia naquele lugar. Era uma zona neutra. Ao aproximar-se do Vingador, Zantália foi colhida por uma bola de magia. Ela ficou petrificada na posição de ataque. O mesmo destino teve Vrando em seguida. Tiamat levantou voo e atacou o Vingador. Quando a criatura das trevas aproximou-se para pegar as armas de Vrando e Zantália, o tacape e o chicote elevaram-se no ar.

– “Letizia”, – pensei comigo. “Ela está recuperando as armas para não cair nas mãos do Vingador.” Ledo engano. Letizia usou o tacape para ferir o ser negro e estalou o chicote em direção ao Vingador. A situação estava fora de controle. Era preciso pensar rápido. Eu tinha que neutralizar aqueles momentos que estavam pondo fim ao tempo que dediquei em trazer o equilíbrio ao Reino. Nesse momento juntei todas as minhas forças. Concentrei em minhas mãos toda a energia das magias que me cercavam e mandei um raio de encontro aos portadores das armas. Uma onda de energia tomou conta do vulcão. Um barulho ensurdecedor fez-se ouvir. Tiamat, Letizia, Vingador e a criatura caíram nesse momento. Todos largaram suas armas. Com o poder da mente trouxe as armas para perto de mim. Eles já não eram merecedores do prêmio. Eu teria que começar meu trabalho novamente. – Bobby abriu a boca. Presto já estava assim havia algum tempo e Eric assustado não fez nenhuma piadinha. Sheila apertava a mão de Hank. Diana não via a hora do desfecho.

– Os magos começaram a se refazer do impacto e olharam na minha direção. Eu teria que enfrentá-los. Mas não era o momento. Então usei duas correntes de magia para levantar os dois conjuntos de armas, cada qual com uma mão. E novamente me concentrando, buscando todas as forças possíveis, mandei as armas em direção aos céus. Uma coluna de luz ergueu-se e uniu o firmamento com o solo. Um grande buraco abriu-se no chão mostrando o caminho que a lava do vulcão percorria antigamente. Resolvi então separá-las. Desta forma se alguém achasse as armas não teria toda a sua força. Mandei as armas do poder para cima em direção aos céus. E as armas gêmeas, eu as enviei para o seio da terra. Desta forma consegui encerrar a batalha do poder pelo poder que tomou conta do Axis. Eu tinha falhado. Meu trabalho foi em vão. Faltava apenas um mago antes de tentar formar o hexagrama. Agora eu não tinha mais nenhum.

– Sobraram apenas três remanescentes. A criatura negra hoje chamada de Demônio das Sombras é o fiel escudeiro do Vingador. Ele e Tiamat duelam pela supremacia do Reino e os dois rechaçam qualquer tentativa de outro mago se estabelecer. Letizia desde a batalha vive reclusa. A ela não interessa o poder supremo sobre o Reino. Permanece neutra. Essas terras voltaram ao caos. E o pior, não existia nenhuma chance da harmonia voltar até hoje, trezentos anos depois.

Os jovens entenderam o que o narrador estava falando. Eles detinham as armas do poder. O que em séculos o Mestre dos Magos não conseguiu fazer, aconteceu em um dia. Querendo ou não eles eram uma força. Uma força do bem. Sentiam que um pedido seria feito e estavam cada um em sua mente confusa, morrendo de medo de atender a tal pedido. Afinal eles não pertenciam àquele mundo. Ainda não sabiam o verdadeiro motivo de estarem ali, mas tinham certeza que foi um desvio. Eram apenas adolescentes, começando a aprender sobre a vida e a responsabilidade de portar tais artefatos e conduzir reinos era muito pesada para carregar. Eles só queriam retornar ao mundo em que viviam.

– Você não quer que enfrentemos novamente aquela lagartixa voadora e o chifrudo, quer? – Disse Eric sem meias palavras.

– Não cavaleiro. Eu jamais imporia qualquer coisa a qualquer criatura. Quis o destino que vocês possuíssem as armas do poder. Mas não posso obrigá-los a criarem um novo Axis.

– Mestre dos Magos, eu só quero ir para casa. – Bobby falou essas palavras com a voz quase chorosa. Foi muita emoção para o garoto de doze anos num só dia. E pensar que tudo começou com um entediante jogo de basquete. Ele ainda não conseguia absorver tudo que tinha acontecido.

– Mestre dos Magos, você pode nos mostrar o caminho para casa? – Perguntou Sheila.

– Minha ladra, eu posso mostrar o que devem fazer para encontrar o caminho de casa. Mas o que vai mostrar para vocês o caminho de casa está dentro de cada um. Eu não sei de onde vieram, como vieram. Por isso não tenho como dizer qual é o rumo que devem tomar.

– E o que temos que fazer para voltar para casa Mestre? – Indagou Hank.

– Você tem que seguir seu coração Arqueiro. Somente isso. – Devolveu o anão de vermelho.

Presto aproximou-se de Diana e segurou sua mão. A garota entendeu o recado. Ele estava tão perdido quanto ela com as palavras do Mestre dos Magos. Não tinham noção de onde se encontravam, de qual rumo tomar, ou mesmo do tamanho do Reino. Eles precisavam se situar e o que o pequeno de vermelho falava não ajudava.

– Eu queria somente pedir-lhes um pequeno favor. – Dizendo isso o Mestre desceu da pedra por trás, desaparecendo por alguns segundos. Quando voltou pela lateral da pedra estava acompanhado de um pequeno e diferente animal. Eric olhou para o bicho e não acreditou no que viu. Era um filhote de cavalo. Pequeno, branco com uma crina avermelhada. Na testa tinha um chifre. Era um unicórnio como ele só tinha visto em filmes. O Mestre dos Magos estava com a mão em seu dorso. Os dois andavam lado a lado. Quando Bobby viu a pequena criatura, seu rosto iluminou-se. Ele abriu um sorriso. O cavalinho devolveu o sorriso de volta e

deu um ligeiro galope em sua direção. Bobby abaixou-se e abraçou o unicórnio. O bichinho lambeu sua face. Foi uma amizade imediata.

– Essa é a última fêmea de unicórnio que existe. Desde a batalha do vulcão, o Vingador tem perseguidos estes animais para poder arrancar-lhes os chifres. O chifre do unicórnio é muito poderoso e com eles o Vingador dá vida aos Pégasos Negros. Ele está montando um exército alado para enfrentar Tiamat e assim conseguir a hegemonia sobre o Reino.

– Eu não vou fazer nada com ela não. Eu nem curto isso! – Mal Eric proferiu essas palavras odiosas, o chicote de Diana lambeu sua perna. Foi devagarzinho, mas o suficiente para ele sentir uma dorzinha de aviso. Ela estava tomando partido do gnomo de vermelho e ele não estava gostando.

– Eu preciso que vocês levem-na até o vale dos Unicórnios. Ela precisa crescer forte e protegida para salvar a espécie. Só existem mais quatro exemplares. E a sobrevivência da raça é fundamental para a harmonia do Reino. Se vocês seguirem o pôr do sol azul alcançaram o vale em três dias.

O Mestre dos Magos não estava pedindo para eles fundarem um novo Axis. Nem lutar contra o Vingador ou Tiamat. Ele não pedia uma grande responsabilidade. Era algo que poderiam fazer. Bobby já tinha se afeiçoado ao pequeno animal.

– Que pôr do sol ô nanico? Vai demorar muito para escurecer ainda. Não rola você entregar um mapa marcando o destino ou dar um GPS para a gente? – Pediu com a “delicadeza” que lhe era peculiar o cavaleiro.

-GPS? Indagou o anãozinho de vermelho.

Hank tomou a frente e disse ao Mestre que levariam a “pequena unicórnio” até o seu lar. Seu coração lhe dizia que esse era o primeiro passo para poderem voltar para casa. Ele notou que o Mestre dos Magos mandava mensagens nas suas falas misteriosas. Apesar de serem os portadores das armas do poder, hora nenhuma o anão lembrou-os da responsabilidade deste ato. Ele parecia não querer interferir nas suas ações, mas as possibilidades mostradas poderiam influenciar nas consequências. Seu grupo estava perdido numa terra



estranha. O perigo já havia se mostrado. Um norte era preciso para indicar um caminho. Não adiantaria somente saírem em busca de uma trilha se não sabiam para onde deveriam ir. Hank chegou a pensar na possibilidade de ir atrás de Letizia. De acordo com as histórias que o Mestre contou dela e pela estátua que viu no salão, ela pertencia ao mesmo mundo.

– Hank, não é meio premeditado aceitar essa missão? – Ponderou Presto.

– Eu também não sei Hank. Se esse animal é tão valioso, a caminhada até o Vale dos Unicórnios será perigosa. Esse Vingador

está atrás dela e nosso primeiro contato não foi nada agradável. – Interferiu Diana.

– Presto, Diana, qual caminho deveremos tomar nessa terra desconhecida? Não sabemos quase nada deste lugar. Com o unicórnio ou sem ele estamos correndo perigo. Mas agora pelo menos sabemos para onde devemos ir. Se ela vai ter abrigo no Vale, nós podemos ter também. – Ponderou Hank.

– Ok, nós levamos o cavalinho até sua casa. E depois o que vamos fazer? Morar com ele? Se bem que o Bobby não acharia a idéia ruim. – Quando Eric terminou de falar, foi inevitável que todos olhassem para Bobby e o pequeno animal. Estavam brincando, rolando no chão como se já estivessem juntos a um bom tempo. Bobby jogava o unicórnio para o ar e o pegava. Ela virava o pescoço de lado como que não quisesse encostar o chifre no rosto do menino e o lambia na face. Hank já tinha pelo jeito mais um voto a seu favor.

– O que você acha Sheila? – Perguntou Diana.

– Eu não sei, estou com medo deste lugar desde que cheguei. Não é melhor conversar mais um pouco com o Mestre dos Magos? – Assim que terminou de falar olhou para onde o anfitrião estava. Não o avistou. O resto do grupo também olhou em volta procurando por ele. Havia desaparecido.

– Pronto, era só o que faltava. O anãozinho foi embora e nos deixou de babá do jumentinho branco! – Disse Eric furioso.

– O que vamos fazer Hank? – Perguntou Sheila.

– Eu falei para o Mestre dos Magos que levaria o unicórnio até seu lar. E vou cumprir o que prometi. Além do mais acho que nosso caminho de volta passa por essa tarefa. – Respondeu o arqueiro.

– Você acha que ele está nos testando? – Indagou Presto.

– Pode ser que sim. Pelo que falou é um ser muito poderoso. Ele mesmo poderia levar o unicórnio até o vale. Se nos deixou nessa incumbência, provavelmente quer saber se merecemos ou não sua ajuda para voltar para casa. – Disse Hank.

– E qual alternativa que temos agora? Bobby não vai querer deixar seu novo bichinho de estimação para trás. E acho que estamos ferrados com essa missão.

– Eric. – Disse Bobby ao ouvir as palavras do cavaleiro. – Eu não vou deixar a Uni para trás. Ela vai comigo. – Bobby já havia batizado o unicórnio.

Sheila sabia do temperamento do irmão. Era explosivo, inconsequente. Eric já tinha vivido isso antes. Não iria se opor a vontade do pequeno irmão ainda mais naquela situação. A decisão apesar de precipitada de Hank, já tinha se desenhado, mesmo contra sua vontade, a de Presto, Diana e a de Eric. Apesar de não achar correto, naquele momento era o mais prudente.

– Diana, Presto não deve ser tão complicado assim. – Ponderou Sheila. – E agora que o Mestre dos Magos se foi, o que poderemos fazer? Não temos outra alternativa.

A acrobata e o mágico concordaram. Eric bufou. Mas não havia muito a fazer mesmo. Os outros já tinham decidido por ele. Agora só restava rumar até o Vale dos Unicórnios e entregar a pequena encomenda.

– “Maldita democracia!” – Pensou o cavaleiro.

– A única coisa que sabemos é que temos que tomar a direção do pôr do sol azul. Foi o que o Mestre dos Magos falou. – Disse Presto. O sol azul ainda estava alto. Se estivessem na Terra demoraria ainda umas cinco horas para seu entardecer. Não havia muito o que fazer durante esse período. Desde que entraram no carrinho no parque foram emoções atrás de emoções. Agora era momento de ter uma pausa. Descansar, organizar as ideias e pensar na jornada que teriam até o Vale dos Unicórnios.

Hank resolveu explorar os horizontes, tentar tornar aquele novo lugar mais familiar. Começou a girar em torno de si e observar o local. A primeira coisa que o surpreendeu foram rochas flutuando no céu. Como se tivessem sido arrancadas do solo, gigantescos blocos, às vezes com os picos virados para baixo, pairavam por todo o firmamento. Estavam um pouco abaixo das nuvens no céu. No meio, girava o fosso negro por onde chegaram naquele mundo. Apesar do lago onde caíram, o cenário era de um grande deserto. Hank subiu no monte perto do lago. Daquele lugar conseguiu uma visão privilegiada da região. O deserto era todo recortado por cânions. Eles variavam de tamanho, tanto na profundidade quanto

na largura. Em alguns dava para se ver degraus de cinco, seis metros até quase vinte. Além dos recortes no solo, alguns pequenos montes como o que ele se encontrava estavam presentes na paisagem. Muitos deles tinham orifícios e outros tipos de recortes indicando que o vento fez diferentes trabalhos esculpindo aquelas rochas. O cenário era todo de um amarelo forte, ocre, mostrando o solo sedimentar. Não havia plantas ou sinais de outros tipos de vida. Definitivamente não era um lugar para se ficar. Eles tinham que se mover, tomar um rumo e sair daquele ambiente totalmente inóspito. Atrás de Hank, Eric e Diana subiram. Os dois pararam do lado do arqueiro e ficaram mirando a paisagem, procurando indícios que facilitassem tomar qualquer decisão.

– O que acha que devemos fazer agora Hank? – Perguntou Eric.

– Ainda falta um tempo para o sol azul se por. Acho que devemos descansar e preparar para andar assim que tivermos a indicação do caminho. Você notou que estamos no meio de um deserto? – Devolveu o arqueiro.

– Sim. Notei. E estou preocupado com duas coisas: Onde vamos conseguir água e comida. Não estou vendo nenhum McDonald's por aqui. – A preocupação de Eric era importante. Como poderiam se deslocar sem alimento ou o líquido vital? Apesar de estarem na beira de uma fonte, não tinham nenhum vasilhame para poder abastecer e carregar na jornada. Eles tinham um grande problema que tinha que ser resolvido rapidamente.

– Eu estava pensando nisso quando subi aqui. Achar o melhor caminho e como iremos nos alimentar. Mas a única coisa que vejo é areia. – Partilhou Hank das observações do cavaleiro.

– Se existe esse lago, pode ser que outros apareçam no nosso caminho. E o fato de termos que esperar o anoitecer para sairmos vai acabar ajudando. A noite é mais tranquila e o nosso desgaste vai ser menor. – Observou Diana.

– Mas temo que os perigos seja maiores, – disse Hank, – no deserto os animais se recolhem durante o dia e saem para caçar a noite. Não creio que aqui seja diferente. Vamos precisar de um cuidado redobrado. Principalmente com Bobby e o unicórnio.

Eles resolveram descer. Procuraram uma sombra onde puderam ficar longe dos variados raios solares e descansar. Hank sentou-se recostando e Sheila deitou no seu colo. Diana fez o mesmo com Presto. Eric deitou no chão e tentou dormir. Bobby deitou com Uni e ficou coçando a barriga do cavalinho de um chifre só. Por um bom tempo permaneceram quietos, cada um com seus pensamentos. Eles sabiam que precisavam descansar. Enquanto o sol azul não começou a sumir no horizonte, nenhum movimento maior foi dado pelo grupo. Aquele momento de concentração só foi quebrado pela voz de Eric:

– Eu daria tudo por um cheeseburger com batatas fritas e uma coca-cola de um litro!!!

– Para Eric, – disse Diana rindo do desejo do cavaleiro. – Você me deixou com água na boca.

– Hum... realmente eu comecei a sentir fome agora. – Emendou Bobby.

Hank ainda estava recostado com Sheila no colo e sua cabeça absorta nos seus planejamentos. Ele também estava com fome. E não conseguia ver nenhuma solução. Não chegariam muito longe daquele jeito.

Presto estava salivando. A imagem do sanduiche de Eric bateu forte no seu estomago. A barriga roncou. Ele fez um movimento tentando se levantar e Diana sentou-se rapidamente para não ser jogada de lado pelo mágico. Presto terminou o movimento e ficou de pé.

– Eu também estou morrendo de fome. Como vamos fazer? – Perguntou o mágico. – E sem pensar pegou seu chapéu, a sua arma do poder. Instintivamente colocou a mão dentro dele como que se buscasse algo dentro de um saco. Quando tirou, havia frutas em sua mão. Ele não acreditou no que fez. Pegou as frutas e entregou para Diana que olhava espantada para ele. Bobby sorriu e Eric não pensou duas vezes em perder a oportunidade:

– Boa Presto! Agora tira uma churrasqueira, cinco litros de cerveja e quatro quilos de filé mignon. – Presto ouviu o pedido do seu amigo e voltou a mão para dentro do chapéu mágico. Quando tirou uma grande labareda apareceu. Presto se assustou e caiu sentado. A labareda subiu uns dois metros de altura e quando desapareceu um

pedaço de carvão incandescente cheirando a carne queimada caiu em seu colo. Ele assustou-se e levantou jogando aquela coisa quente para o lado.

– Você deveria ter feitos umas aulas de culinária meu amigo. – Completou Eric ao ver o resultado do seu pedido.

– Estranho, quando tirei as frutas do chapéu pensei em comida. Desta vez imaginei exatamente o que me pediu e quase virei churrasquinho. – Presto terminou de dizer essas palavras coçando a cabeça.

– Dos males o menor, – disse Hank, – pelo jeito não morreremos de fome enquanto Presto não atender aos pedidos de Eric. – Concluiu rindo. – Você consegue tirar mais frutas do chapéu Presto?

Presto pegou o chapéu resabiado e colocou novamente a mão no seu interior. Quando tirou estava segurando mais frutas. Ele sorriu triunfante.

– Não podemos viver só de frutas aqui, mas é um grande começo. Nossa principal preocupação foi resolvida. Presto você conseguiria tirar uma garrafa para guardarmos água? – Perguntou o arqueiro.

– Presto novamente colocou a mão no chapéu. Quando tirou segurava três sacos de pele. Eles tinham uma das suas pontas amarradas com o que parecia ser uma rolha. Mais um problema resolvido. Também tinham como carregar água.

– Presto, tira um avião para nos levar de volta para casa. – Pediu Eric novamente.

– Não Presto! – Advertiu Hank. – Pelo jeito esses tipos de pedido não funcionam, não arrisque. – Hank falou sério, mas todos riram inclusive Eric.

Os garotos formaram uma roda e sentaram no chão. Cada um pegou algumas frutas e as devoraram. Estavam morrendo de fome. Sheila e Diana pegaram os odres de couro e foram encher de água. O sol azul já estava quase totalmente baixado. Quando tocou a linha do horizonte, um facho lilás formou-se no solo como que indicasse o caminho que deveriam seguir. Hank se levantou e deu a ordem para que a jornada começasse. Um a um foram ficando de pé e iniciando a longa caminhada.

6. DIANA

O

s últimos acordes de Decode do Paramore entraram nos seus ouvidos pelo fone do Ipod. Ela corria mantendo a cadência da música. Neste dia a seleção musical manteve aquele ritmo na maior parte do tempo. Era um treino fácil. A música terminou e ela começou a ouvir um leve toque de palheta nas cordas de uma guitarra. Em seguida uma bateria começou a fazer a marcação. A voz de Axel Rose entrou calmamente anunciando que os próximos seis minutos de música seriam um petardo. Ela preparou-se e ao som do apito imprimiu um ritmo forte à sua corrida. Aquela música antiga que aprendeu a ouvir no colo do seu pai lhe dava uma sensação de vida. Ela respirava todo o ar possível e corria com toda a sua potência. Durante o refrão procurava cantar junto como que aqueles passos lhe dessem a direção de casa. Ela sempre terminava suas corridas daquele jeito. A plenos pulmões. Parecia que ia explodir no último pedido de ser levada para seu lar. A música terminou. Ela diminuiu o ritmo e novamente ao som de Paramore, The Only Exception entrava nos seus ouvidos suavizando o décimo de hora anterior. As pernas fortes, com os músculos saltando iam perdendo a velocidade. Ela já não corria mais, e num caminhar gostoso dirigiu-se ao bebedouro do parque. O suor descia pelo cabelo amarrado num rabo de cavalo e percorria o corpo negro vestido apenas com uma bermuda e um top de lycra amarelo. Ela estava morta de sede.

Parou e bebeu toda água que seu corpo pedia. Depois se sentou a alguns metros na grama. Jogou o corpo para trás e deitou

relaxando as pernas e braços. Fechou os olhos e ouvindo a próxima música, bem leve, deixou seus músculos cansados recuperarem. Movimentar-se fazia parte da sua vida. Ela amava. Sentir o coquetel de endorfina percorrer seu corpo era seu vício. Não conseguia passar um dia sem se exercitar. O resultado era um bom humor invejável, ótimas notas na escola e um corpo de dar inveja a todas as mulheres. Sua genética ajudava. O pai foi um half-back respeitável. Mas Diana não era somente um corpo bonito. Ainda tinha tempo de ser a primeira aluna.

A garota negra se levantou. Olhou no relógio e viu que sua manhã estava se esgotando. Calmamente fez seus alongamentos pós-exercícios e ainda ouvindo suas músicas prediletas foi andando para casa. Entrou, subiu as escadas e foi tomar um merecido banho. A tarde faria um trabalho em grupo na escola e depois haveria treinamento do time de cheerleading. Sua agenda estava ficando cheia. Após o banho nem se preocupou em secar os cabelos, apenas os prendeu. Desceu e almoçou. Já estava atrasada para o primeiro compromisso da tarde.

Quando chegou, as colegas já estavam esperando. Ela trazia o material necessário, havia pesquisado na noite anterior. Reuniram-se numa sala vazia e após colocarem as fofocas em dia começaram efetivamente a executar a tarefa escolar. Diana distribuiu cópias do que tinha coletado na internet e começaram a discutir a melhor forma de elaborar o texto que seria entregue ao professor. Ela ouvia as opiniões das colegas, escrevia um ou dois parágrafos e lia em voz alta. Após a aprovação das demais, passavam para o próximo tópico. Aquele tipo de reunião divertia Diana. Aliás, ela se divertia facilmente. Não precisava de muito para ser feliz. Estar entre as amigas, falar dos namorados e sobre o próximo fim de semana. Um pouco de futilidade saudável só fazia bem a uma garota cheia de responsabilidades. Ficaram por quase três horas envoltas na confecção do trabalho. Deu a hora. Ela desligou o notebook, despediu-se das colegas e dirigiu-se ao ginásio. Ia chegar com certo atraso novamente. Deu uma corridinha como se alguns segundos fossem alterar significativamente. Entrou no vestiário e ouviu o apito chamando para o primeiro exercício.

Trocou de roupa e caminhou para a quadra já fazendo os primeiros alongamentos.

Durante duas horas, treinou os fundamentos e as coreografias do seu grupo. No próximo sábado haveria o jogo do time de basquete da escola e elas estavam se preparando para o campeonato nacional. A treinadora pegava pesado. Era detalhista e muito perfeccionista. Nada demais para Diana. Ela gostava de chegar aos seus extremos e via naquele esporte uma forma de compensar sua ausência na equipe de ginástica olímpica. Desta vez sua genética trabalhou contra. Seus quase 1,80 de altura foram à senha para ser cortada da equipe. O treinador da ginástica também era perfeccionista e apesar de Diana ser uma aluna dedicada não estava dentro dos padrões que ele considerava ideal. Mas tudo tem suas compensações. A disciplina no cheerleading era mais tranquila. Podiam-se dar o luxo de sair após as apresentações e se divertir. Arriscava de vez em quando até uns copinhos de cerveja ou uma ou outra dose de tequila. Não havia aquela rotina militar aplicada ao exército das pequeninas. E como cheerleader ela tinha uma liberdade para criar e usava constantemente. Diana fazia parte do grupo que discutia e definia as coreografias que seriam usadas na temporada.

O treino terminou. Ela foi para o vestiário tomou um rápido banho e foi para casa. O dia foi longo, mas ainda tinha uma noite pela frente. Era sexta-feira. O namorado que morava fora chegara na cidade. Ela estava cheia de saudades e não via a hora de matar o que lhe matava. Em casa teve tempo para deitar na sua cama e tentar recuperar um pouco a energia que queria gastar em breve. Ligou a TV e ficou vendo algumas séries de comédias. O namorado ligou confirmando o horário. Ela ficou preguiçosa na cama por mais algum tempo. Quando viu que estava no limite, levantou-se e tomou outro banho bem perfumado. Secou seus cabelos e procurou um penteado bem bonito para a noite. Tirou alguns vestidos do armário e ficou apenas com a roupa de baixo sobre um sapato de salto alto, colocando os vestidos sobre a parte da frente do seu corpo e analisando no espelho. Selecionou três e os experimentou. Estava indecisa. Não precisava. Ela ficaria maravilhosa com

qualquer um. Todos eram curtos e marcavam as formas do seu corpo. As lindas pernas estavam à mostra. Com muito custo optou por uma cor creme comportada, diferente do vermelho e do verde que concorriam pela noite.

Seu celular tocou. Ele já estava à porta da sua casa. Ela deu os últimos toques na maquiagem alongando os cílios. Usava um batom rosa bem clarinho. Estava com um jeitinho de menina num corpo de mulherão. Ela pegou um casaco quase no mesmo tom do vestido e desceu as escadas. De dentro do carro, um boquiaberto rapaz assistia aquela escultura de ébano sair pela porta, descer as escadas e vir em sua direção. Ele era um homem de sorte. Desceu do carro e foi ao seu encontro. Ela o abraçou apertado. Disse no ouvido que estava com saudades e lhe deu um leve beijo para não tirar o batom. Ainda assim lhe deixou uma pequena marca nos lábios. Ela riu e com o polegar limpou a manchinha na sua boca. Ele abriu a porta do carro para que entrasse. Deu a volta e o veículo partiu.

Peter Seymour era o nome do namorado de Diana. Eles se conheceram durante uma competição de atletismo. Peter foi prestigiar a irmã, e ficou interessado na garota que deixou toda a preparação da sua mana para trás. Ele desceu as escadas da arquibancada e com o pretexto de comemorar o segundo lugar da irmã, aproximou-se da vencedora. Diana estava se recuperando quando viu aquele rapaz loiro, alto,



com um belo corpo aproximar-se da menina que disse que ia lhe fazer comer poeira minutos antes. Ele a abraçou. Sortuda, ter um namorado bonito daqueles. Mas durante o abraço, notou que os olhos dele procuravam os seus. Diana ficou meio desconcertada, tentou desviar o olhar, mas ele voltava para a cena. Então ele sorriu. Ela não aguentou e devolveu o sorriso. Quando o abraço se desfez, ele continuou conversando com sua rival, e volta e meia lhe olhava. Ela já estava totalmente sem jeito. Era o momento da entrega das medalhas. A garota tomou caminho para o pódio logo

abaixo de Diana e ele afastou-se. A cerimônia foi rapidamente realizada e para sua surpresa ao descer do ponto mais alto da escadinha, o rapaz foi em sua direção. Ele lhe cumprimentou pelo feito. Diana agradeceu e falou que a namorada teve uma boa participação na prova. Ele riu. Disse que era a irmã. Ela pediu desculpas, sorrindo por dentro.

A partir daquele momento, os dois não pararam de se ver. Diana estava interessadíssima em Peter, mas não se rendeu facilmente aos dois olhos azuis. Foram quase duas semanas antes que ele conseguisse roubar o primeiro beijo. E depois do primeiro vieram outros. Peter estava na reta final do curso de direito. Faltava apenas mais dois anos. Apesar de estudar na cidade, sua família residia a quase 500 km de distância e quando concluísse os estudos, uma cadeira já o esperava no escritório do pai, um conceituado advogado criminal. Por aquele período o casal resolveu aproveitar todo o tempo que tinham livres juntos. Quando Peter voltasse para casa, Diana estaria se preparando para entrar na universidade e o tempo seria escasso tanto para um, como para o outro. Diana estava muito feliz. Apesar da pouca idade tinha certeza que encontrara o homem da sua vida. Com Peter não era diferente. Diana era completa e o completava. Tudo que tinha sonhado numa mulher, ela possuía. Sem contar a sua beleza exótica que lhe diferenciava mais ainda de todas que já tinha conhecido. Os dois viviam uma linda história de amor.

O momento de maior emoção para Diana foi quando Peter armou todo um cenário para a sua primeira vez. Ele teve o carinho de esperar pelo Dia dos Namorados. Foi uma noite que ela descreveu como mágica. Ela se entregou a Peter com toda a certeza do que estava fazendo. Ele foi carinhoso, porém viril. Soube dosar sua vontade proporcionando a Diana uma noite inesquecível. Ao chegar em casa, a garota não conseguia dormir, tomada do êxtase que se encontrava. O amor dos dois tinha se consumado e a história que era linda ia ficando perfeita.

O aniversário de um ano de namoro coincidiu com outra prova de atletismo. Diana correu para a vitória vestida com uma camiseta onde estava o nome de Peter dentro de um coração. No

jantar da dupla comemoração, ele lhe presenteou com a primeira joia, fato que ia se repetir depois. Diana vivia um conto de fadas. Era tudo que uma menina desejava. Peter frequentava sua casa, seus pais gostavam dele e no feriado de Ação de Graças, ela viajou para conhecer a família do rapaz loiro. Ele foi buscá-la de carro. Foram cinco horas de viagem, a primeira vez que seus pais a deixavam sair assim com um namorado.

Diana foi muito bem recebida pela família de Peter. Ela já tinha ficado amiga da ex-rival, colega da escola e a sua sogra parecia que a conhecia a um bom tempo. Ela levou Diana para conhecer toda a casa. Realmente precisava de um guia. Era imensa com três andares. No fundo havia uma grande piscina com um bonito jardim do lado. Ele era cuidado pessoalmente pela sua anfitriã. Uma quadra de tênis completava os fundos. Era uma família de muitas posses. Foram três dias maravilhosos que passou naquele lugar. A mãe de Peter disse que era para ir se acostumando, pois em breve queria vê-la morando ali.

O carro parou em frente a um restaurante fino. O valete abriu a porta para Peter e deu a volta para fazer o mesmo para Diana. Ela desceu e deu a mão ao seu namorado. Eles costumavam ir com certa frequência naquele local. A hostess na porta os recebeu e os encaminhou para o salão. Diana notou que não foram para a mesa que estavam acostumados a ficar. Sentaram-se do outro lado do salão num lugar mais afastado e numa mesa pequena, de frente um para o outro. Normalmente eles ficavam em um sofá, lado a lado abraçados.

O garçom veio. Peter pediu água enquanto escolhia o vinho. Diana arriscou uma entrada. Peter escolheu um espumante espanhol. Alguns minutos depois foram servidos. A menina passava os olhos pelo cardápio pensando o que iria escolher como prato principal. Quando cansou, deixou o cardápio de lado. E notou na sua frente uma pequena caixa, era uma caixa de joia. A logomarca dourada na parte superior indicava onde fora comprada. Seu coração disparou. Não havia nenhum motivo ou data a ser comemorada. Era uma surpresa de Peter. Sua imaginação voou. Ela

se lembrou das vezes que Peter conversou sobre casarem, terem filhos. Sobre ela ser a mulher da vida dele. Ela ficou por alguns segundos olhando para a caixinha tentando adivinhar como era o seu conteúdo. Depois levantou os olhos e abriu um largo sorriso em direção ao namorado mostrando os lindos dentes brancos. Peter sorriu de volta, mas um sorriso amarelado. A feição era de ansiedade. Ele estava ligeiramente inquieto. Uma mão pegava a taça e levava-a a boca com frequência. A outra mexia no guardanapo. A inquietação transformou-se em nervosismo. Por mais que tivesse ensaiado, ao ver Diana não conseguia repetir o discurso tão preparado. A garota deu um leve sorriso e segurou na mão dele que mexia no guardanapo. Queria deixá-lo à vontade para o pedido. Mas as palavras não saíam da sua boca. Peter largou a taça e empurrou a caixa em direção a Diana. Ela pegou a caixa, achou estranho o gesto de Peter. Olhou para o namorado e com a cabeça ele deu a entender que queria que ela olhasse o presente. Abriu a pequena caixa e dentro estava um par de brincos de diamantes.

As joias eram lindas. Maravilhosas. Peter nunca tinha lido algo tão bonito. Nem tão caro. Qualquer mulher estaria pulando de alegria ao receber um mimo tão delicado e lindo. Até Diana, mas não naquele contexto. A expressão no seu rosto era de frustração. Ela não conseguiu esconder e Peter ao notar ficou mais nervoso ainda. Ele levou as duas mãos ao colo.

– Peter são lindos. Eu nem sei o que dizer. – Diana disse essas palavras mais como uma convenção. Na sua cabeça queria uma explicação.

– Diana, – disse Peter com voz insegura, – eu queria demonstrar para você o quanto vale sua presença na minha vida. Com essa joia eu quero simbolizar tudo que você é para mim.

Diana não entendeu. Ela continuou calada. Peter não falou nada. Um silêncio torturante tomou conta da mesa por alguns segundos que pareceram séculos para os dois.

– Desde que fui embora trabalhar no escritório da minha família eu fiquei pensando no nosso namoro. Na nossa situação. E essa semana eu tive que tomar uma decisão muito importante na minha vida.

Com essas palavras, Peter fez Diana engolir seco. Um aperto tomou conta do seu peito. Ela ouvia as palavras do namorado, mas não encontrava coerência com o presente que estava sobre a mesa.

– Esses quase dois anos e meio que estamos juntos foram os melhores da minha vida. Você me fez sentir o homem mais especial do mundo. E o mais feliz. – Ao terminar de falar, Peter levou o copo novamente à boca, soltou-o e pegou novamente o guardanapo. Ele amassava o pedaço de pano compulsivamente, como se quisesse transferir para o tecido alguma raiva, alguma angústia.

– Na minha cabeça, perder você é como cortar um pedaço de mim. Eu sonho com você sempre. Mesmo dormindo ao seu lado. É algo com o qual eu jamais quis pensar que acontecesse. É algo que não gosto de imaginar.

Diana engoliu a seco novamente. O que lhe preocupava agora não era o que Peter lhe dizia. Mas o tom, o compasso das palavras, a forma como ele falava.

– Eu quero que você entenda como foi difícil para eu tomar essa decisão. Como está sendo difícil. Eu, eu... – Peter não conseguiu terminar a frase. Ele começou a gaguejar até as palavras sumirem.

– Você está terminando comigo Peter? – Disse Diana com a voz trêmula, embargada pela emoção.

– Diana, saiba que eu não queria, não queria te perder, mas é preciso. É uma decisão que tive que tomar, mas faria de tudo para poder não precisar fazê-la.

Diana não aguentou e desabou. Ela começou a soluçar, tentou, mas não conseguiu segurar as lágrimas. Ela olhava para Peter que estava com uma feição de medo, de impotência. Suas mãos começaram a tremer. Ela não sabia o que fazer. Diana levantou-se e dirigiu-se ao banheiro. Entrou, trancou a porta e não aguentou. Chorou copiosamente, batendo as mãos na pia e perguntando mentalmente por que. Foram quase dez minutos trancada. O toailete ficou pequeno e parecia dar voltas. Diana sentiu-se claustrofóbica. O peito apertava. Ela não estava aguentando. Então

sentou. As lágrimas foram escasseando. Quando parou de soluçar, abriu a torneira. Lavou o rosto e tentou-se recompor. Ao abrir a porta, Peter estava de pé do lado de fora. Ele bateu levemente algumas vezes, mas Diana perdida na emoção em que se encontrava não ouviu. Ele tentou abraçá-la, mas a garota se esquivou e caminhou em direção à mesa onde sentou. Tomou um gole do espumante e esperou Peter voltar e se sentar.

– Por que Peter? O que aconteceu? Está faltando alguma coisa no nosso relacionamento? Por que assim de uma hora para outra? – Apesar de estar confusa, irritada e principalmente atordoada com a notícia após a fúria inicial, Diana falava essas palavras num tom baixo, sem que quisesse que todos ao redor prestassem atenção na conversa deles.

– Diana, não teve nada errado no nosso relacionamento. Para mim ele era perfeito.

– Era? Você já o deu como terminado não é? O que aconteceu com você? Onde está o Peter com o qual eu convivi todos esses anos? Por que você está fazendo isso comigo?

– Diana, entenda. Eu fui forçado a tomar essa decisão. Eu não queria. Demorei muito para ter coragem de fazer isso. E como você estou sofrendo também. Eu não queria te perder.

– Não queria, mas simplesmente abriu mão do nosso amor. E por quê? Qual foi o motivo? Quem te forçou? Eu não estou entendendo nada. – Nesse momento Diana levantou um pouco o tom da voz. Ela queria explicações.

– Eu só quero que você entenda que precisei fazer isso. Que era o certo nesse momento. Não existe nada de errado com você. Mas eu fiz algo que era preciso.

– Peter, você querer terminar comigo é uma coisa. Agora ocultar o motivo passa a ser uma crueldade da sua parte. Passa a ser algo muito vil. Eu tenho o direito de saber por que você está me extirpando da sua vida. – Diana passou a não se conter. Seu tom de voz já era notado pelas pessoas nas mesas ao lado. Peter estava desconcertado. Neste momento ele não tinha noção nenhuma do que devia fazer.

– Diana, acho melhor encerrarmos por aqui essa discussão. Não é nada com você. Não precisa ficar se culpando.

– Eu não estou me culpando por nada Peter! Como vou me culpar por algo que não sei o que é? Você está maluco? E pare de dar voltas e me conte o que aconteceu!

Peter queria entrar debaixo da mesa. Todos olhavam para ele. Seu plano de contar o fim de namoro no restaurante na esperança que a ex-namorada se portasse adequadamente foi por água abaixo. A situação estava ficando fora de controle. Ele não tinha mais como dar voltas. Ele não queria contar para ela o verdadeiro motivo.

– Diana, eu preciso me dedicar totalmente a minha carreira. E infelizmente você não tem lugar nessa nova etapa da minha vida.

Ela olhou para ele furiosamente com que não engoliria aquela desculpa. Nesse momento fechou os punhos e retesou todos os músculos do braço direito. Ele não iria conseguir escapar de uma explicação mais clara. Teria que abrir o jogo. O motivo teria que ser plausível.

– A minha família não quer nosso relacionamento. Esse é o motivo. – Disse Peter entregando os pontos.

– Como Peter? Simplesmente não quer? Por que não querem? Deve haver um motivo para eu ter deixado de ser uma companheira para você. Não foi isso que ouvi quando fui à sua casa. Sua mãe me tratou tão bem!

– Diana, claro que minha mãe iria te tratar bem. Ela é uma pessoa educada. Jamais iria te destratar. Ela era sua anfitriã. Mas no fundo eles não concordaram com nosso relacionamento. E agora que meu pai vai concorrer a uma cadeira no senado pelo partido republicano, a situação ficou insustentável lá em casa.

Diana entendeu o recado. Ela não acreditava no que tinha acabado de ouvir. Em toda a sua vida nunca tinha sido vítima de qualquer tipo de discriminação. Ela até se esquecia que era uma mulher de cor negra. Afinal onde vivia não havia este tipo de separação. Quis o destino que a primeira vez que sofresse por ser negra partiria da pessoa que ela amava. Que ela dedicou seu amor,

que fez planos para a vida inteira. No seu estado, um senador republicano não poderia ter um filho casado com uma negra. Não seria bem visto. Em pleno século XXI ainda existia esse tipo de preconceito.

Ela não sabia o que falar. O que estava acontecendo era algo que ela jamais poderia esperar de Peter. – “Será que eu não conhecia a pessoa com a qual convivi por mais de dois anos?” – Pensou a garota. Era simplesmente absurdo.

– Você está terminando comigo por que eu sou negra? A cor da minha pele importa mais do que eu sou, do que eu fiz para você?

– Não Diana, de jeito algum, você entendeu tudo errado. Eu nunca tive vergonha de você ser negra. – Peter estava simplesmente piorando a situação. Diana estava furiosa agora.

– E você acha isso algum mérito? Não ter vergonha de mim? De sair comigo? Por que seria motivo de vergonha? Por um acaso ser negro é algum desvio de caráter para você ter vergonha?

A vontade de Diana era gritar. Era xingá-lo de todas as formas possíveis. Mas não era da sua educação. Ela foi bem criada, foi bem educada. Seus pais lhe deram uma boa formação. Ela não iria descer ao nível de Peter e sua família. Diana levantou-se, pegou seu casaco e vestiu-o, segurou sua bolsa e caminhou em direção à porta do restaurante. Quando estava saindo, Peter alcançou-a.

– Espera, espera Diana. Você esqueceu seus brincos. – Disse Peter com a caixinha na mão.

Diana virou, pegou a caixinha e jogou-a no chão. Pisou em cima e apertou o sapato até ouvir o barulho dela se quebrando. Seguiu-se um barulho irritante de algo arranhando entre o solado e o chão.

– Você acha que eu valho apenas um par de brincos? Que pode falar o que falou comigo, fazer o que fez e querer me compensar com dois pedaços de ouro e pedra? Você é ridículo Peter. Eu não preciso de nada de você. – E virando saiu pela porta. Desceu as escadas do restaurante e pegou o primeiro taxi que passou. Apesar do estabelecimento ficar perto de casa, a corrida demorou. Parecia que estava do outro lado da cidade.

Finalmente depois de incontáveis dez minutos, ela chegou ao seu lar. Pagou ao motorista, desceu, tirou os sapatos e com eles nas mãos entrou correndo, direto para o seu quarto. Entrou, trancou a porta e desabou a chorar na cama. Um choro de dor. Não por perder o namorado, mas por ver que ainda existia gente que media as pessoas por motivos torpes. Ela era negra, e com muito orgulho. Sua cor nunca havia sido empecilho para nada e ela sempre foi uma vitoriosa. Nunca precisou se esconder atrás da sua raça ou usar este subterfúgio para justificar seus fracassos. Ela sempre enfrentou o mundo de frente. Mas hoje ela se sentiu fraca. Humilhada. Peter e sua família fizeram o jogo mais sujo que poderia existir. Diana chorou enquanto pôde. Não conseguiu dormir aquela noite. Tomou alguns banhos, estava se sentindo mal. Entrou na internet e pesquisou sobre casos de racismo. Ficou assustada ao ver como era tão comum mesmo nos dias de hoje. Como que essa questão ainda era tratada com hipocrisia e usavam da demagogia para poder resolver. Ela vinha de uma família bem sucedida, pai famoso, carros caros na garagem, dinheiro para bancar seus estudos e uma boa vida. Mas os negros menos favorecidos ainda sofriam com o fato de ter uma pele escura. Como se fossem menos capazes por isso. O dia estava raiando quando ela sentiu sono e apagou.

7. OS GRONKS

E

ric olhou para seu relógio a primeira vez desde que chegou ao Reino, estava parado. Levantou a cabeça procurando a Lua e as estrelas para tentar estabelecer um horário. Não seria possível. Ele avistou três luas e uma quantidade absurda de estrelas. Já fazia muito tempo que o sol azul, o maior deles, havia descido e a noite se fazia presente. O cavaleiro já estava começando a ficar cansado. Desde que partiram da beira do lago, caminharam por uma extensa planície. Depois começaram a contornar as margens de alguns cânions que pareciam ser simplesmente intransponíveis. Os corpos lunares forneciam uma luz que ajudava na marcha do grupo.

Hank ia à frente, ele tentava seguir a marca imaginária que desenhou na sua mente no momento do pôr do sol azul. Nem sempre era possível seguir a linha reta imaginária que lhe foi mostrada, por isso procurava dentro do possível não afastar da rota original. Mas o relevo não colaborava muito. A distância que poderia ser vencida facilmente numa reta lhes fazia perder o triplo do tempo com contornos. Hank já estava cansado e quando olhava para os outros companheiros via que o esgotamento era coletivo. Aos seus olhos parecia que apenas Eric ainda estava aguentando o batido.

No início da caminhada, Bobby ia correndo ao lado de Uni. Os dois brincavam enquanto seguiam o grupo. Nesse momento as energias de Bobby já tinham sumido. Ele já não respondia animadamente às investidas de Uni para que corresse junto a ela. Queria parar.

– Hank, não está na hora de descansarmos? – Perguntou o garoto como que informando que não estava aguentando.

– Acho que poderíamos aproveitar a noite e caminhar um pouco mais. Andar amanhã sob a luz de três sóis não vai ser muito agradável. – Disse Eric.

– Eu estou exausta. Por mim parávamos hoje. – Argumentou Sheila. Diana e Presto concordaram imediatamente. Eric era voto vencido.

Eles procuraram um morro e deitaram ao seu pé. Iriam dormir no chão ao relento. O tempo era confortável. Não muito quente, não ventava. Estava gostoso. Eric pediu para Presto tirar algumas camas como cobertores e travesseiros, mas o que ocorreu foi outra tentativa frustrada. O máximo que conseguiu foram metros e mais metros de tecido que Hank cortou com flechas de energia para que todos se cobrissem. Foi combinado que cada um montaria guarda em um turno. Como os relógios não funcionavam, concordaram de contar pausadamente até três mil. Dessa forma ninguém ficaria muito tempo acordado e todos dariam a sua contribuição. Eric foi o primeiro a vigiar. Em seguida Presto e depois Bobby. O último foi Hank que também foi o responsável por acordar a todos e preparar para continuar a caminhada.

Após outra refeição de frutas, estavam de pé. Continuaram a andar, só que desta vez sob a luz dos três sóis. Cada astro tinha um eixo, não ficavam alinhados no firmamento e bem cedo, a força da sua luz era grande. Já incomodava os meninos. Eles andavam e andavam e nada do deserto findar ou aparecer algum sinal do Vale dos Unicórnios. Presto tinha a sensação que ainda não tinham saído do lugar. Ele olhava para trás e não achava o lago tão distante. Um recipiente de água tinha se esgotado. Eric fechava o fim da fila e volta e meia resmungava algo. Apesar de não terem completado vinte e quatro horas naquele lugar, Eric já estava cheio de comer frutas. Pensou que trocaria toda a grana do seu pai por um belo e gorduroso cheeseburger. Mas não havia nem sinal de um oásis e muito menos de um McDonald's. E como estavam empreendendo uma cansativa viagem, frutas não era a dieta ideal para compensar o esforço que estavam fazendo. Na próxima parada iria conversar

com Hank e ponderar sobre o que poderiam fazer para conseguir uma alimentação mais substancial. Na sua cabeça eles teriam que caçar para conseguir alguma proteína. Mas naquele deserto o que iriam caçar? Não havia sinal de nada que se movesse. Só a Uni. Mas ele achava que Bobby não aprovaria sua idéia.

Presto foi novamente o responsável pela alimentação na hora do almoço. A parada foi bem vinda. Caminhar a noite era mais tranquilo. E a água começou a ser racionada. Ela tinha que durar até vencerem o deserto. Pararam por quase uma hora. Hank deu o sinal para continuar a caminhada. Todos se levantaram a contragosto e a fila indiana foi novamente formada.

Em determinado momento da caminhada, um grande cânion apareceu. Não havia como contorná-lo. Eles teriam que descer. O grupo deu uma nova parada e Diana e Sheila foram procurar a melhor forma de fazer o caminho. Após examinarem as possibilidades, viram que teriam certa dificuldade. Ainda mais com a Uni, um quadrúpede, não teria tanta facilidade no primeiro trecho. A boa notícia é que um rio foi identificado no fundo do cânion. Já era um alívio. No final do dia poderiam renovar o estoque de água.

O cânion era dividido em quatro platôs. Entre cada um deles havia uma descida onde teriam quem tomar bastante cuidado. A preocupação era com o unicórnio. Já na primeira parte ficou claro que ela não ia conseguir descer. A solução foi Eric carregar o bichinho atravessado nas costas. Logo quem não morria de amores pelo animal. Sem ter que carregar nada, tinha as suas dificuldades. Para Eric, Uni não era muito pesada e com jeito e muita calma ele conseguiu vencer o percurso íngreme. Desceram ao primeiro platô. Com quase uma hora de caminhada chegaram ao local da próxima descida. Não era tão íngreme como a primeira e Eric teve mais facilidade para transportar a carga. Não gastaram nem meia hora para chegar à descida seguinte. Ela era tão tranquila que Eric nem precisou levantar o bichinho. Ele foi o primeiro a pegar o caminho e chegou rapidamente até sua base. Ficou pulando e esperando pelo grupo. Faltava apenas mais uma descida. Outra meia hora e alcançaram o local. Havia praticamente

uma rampa ligando esse platô ao fundo do cânion. Caminharam calmamente. Um pequeno curso de água os esperava lá embaixo.

Hank resolveu fazer mais uma parada. Pelas suas contas deviam ter andado umas três ou quatro horas após o almoço. Talvez fosse melhor descansar por ali e retomar a viagem à noite longe do castigo dos sóis. Além do mais a água do curso estava convidativa. O tempo quente e aquela chance de se refrescar, unia o útil ao desejado. Eric tirou sua malha, as botas, e ficou apenas de cueca. Sem pensar duas vezes deu um mergulho. A água estava ótima. Sheila olhou para Hank como que buscasse sua aprovação para acompanhar Eric. Hank colocou o arco no chão e imitou o amigo, rindo meio que constrangido. Sheila fez o mesmo. Ficou apenas de calcinha e sutiã para o olhar de desaprovação de Bobby. Ele tirou apenas o colete de couro e caiu dentro d'água. Diana limitou-se a tirar a tiara e as botas. Sua diminuta roupa era ideal para um bom banho.

– Vamos Presto! – Disse Diana ao ver que o mágico era o único que ainda estava de roupa. – Venha se refrescar!

– Ai Diana, não sei... – Presto estava com vergonha de se despir na frente da garota. Seu corpo não era definido como os de Hank e Eric. Ele não estava se sentindo bem com a idéia, apesar do calor muito forte.

– Há Presto... – Eu prometo que não fico olhando. Eu fecho os olhos até você entrar na água ok? – Completou Diana.

– Ai Diana... promete não olhar? – Devolveu o mágico.

– Prometo! – falou a acrobata, virando de costas e fechando os olhos.

Presto tirou o chapéu e sua túnica. Colocou-os no chão e correndo entrou na água.

– Pronto! Pode vir. – Sinalizou o mágico para Diana. Ela se virou e entrou na água. Aquele banho era tudo que queria. Pena não ter seus xampus e cremes para dar uma geral no cabelo. Limitou-se a mergulhar para molhá-los. Quando emergiu estava ao lado do mágico. Ela sorriu para ele.

– A água está gostosa não? – Perguntou Diana.

– Sim, uma delícia. Está ótima. Eu passaria o resto da tarde toda aqui. – Quando terminou de dizer essas palavras com a mão em forma de concha, jogou água em Diana. Ela revidou fazendo o mesmo. Ficaram ali naquela guerrinha se divertindo. Bobby gostou e juntou-se a eles. Era um momento de descontração.

Hank entrou na água, esfregou o corpo como quem estava tomando um banho e saiu. Vestiu suas roupas e ficou olhando para todos os lados, como quem procura por algo. Todos deixaram as roupas e as armas na beira do rio e ele achou prudente sair e tomar conta para não serem pegos de surpresa. Sentou ao chão para não gastar as energias e esperou pacientemente os outros se cansarem da diversão aquática. Sheila saiu quase que logo em seguida. Sem demonstrar vergonha, sentou-se ao lado de Hank sobre suas roupas. Deu a mão para o namorado e um beijo no rosto do lado direito.

– Te adoro viu? – Falou para Hank.

– Eu também linda, também te adoro. E vou te tirar desse lugar. – Respondeu o arqueiro.

Não demorou muito para os outros saírem. Todos vestiram suas roupas e resolveram ficar por ali descansando até o sol baixar totalmente. Após outro lanche patrocinado novamente por Presto para desespero de Eric, voltaram a caminhar, desta vez seguindo o curso da água. Hank andava de mãos dadas com Sheila. Diana aproximou-se e falou com Hank:

– Não olhe agora, continue do mesmo jeito, mas estamos sendo seguidos. – Disse a garota.

– Por quem? Perguntou Hank olhando para frente.

– Não consegui identificar o que está nos seguindo. Mas já deu para ver que são pelo menos uns dez indivíduos.

– Você acha que são hostis? – Perguntou o arqueiro.

– Não sei. Mas eles estão usando capacetes. Acho que vamos ter que esperar mais um pouco para poder saber. De todo jeito, temos que ficar alertas para um eventual confronto.

Hank soltou a mão de Sheila. Ele desacelerou o passo até ficar do lado de Eric.

– Temos companhia. – Disse ao cavaleiro.

– Hummm... Amigos ou inimigos? Perguntou Eric.

– Não sei. – Disse Hank, – Mas como a Diana falou temos que nos preparar para qualquer situação. Por isso fique atento caso eu precise de cobertura.

– Será que eles têm comida de verdade? – Sonhou o cavaleiro.

Eric levantou a cabeça e visualizou no platô acima as companhias. Eles estavam espreitando. Seguindo os passos do seu grupo. Procurando não fazer nenhum movimento brusco que denunciasse que sabia da existência deles, ficou vigiando enquanto Hank repetia a manobra para avisar Presto e Bobby. As meninas andavam na sua frente. Caminharam com essa tensão por um bom tempo, até escurecer. Os observadores não fizeram nenhum movimento. Resolveram parar para descansar e dormir. Hank ficou pensando no melhor lugar. Ficar perto da água seria uma forma de diminuir as frentes de um possível ataque. Mas se ficassem acuados, a vantagem se transformaria em problema. Eles teriam que atravessar o pequeno rio e seriam alvos fáceis. Ele resolveu organizar o grupo em um círculo. A noite chegou, bem negra. Após alimentarem, prepararam-se para dormir. Hank faria o primeiro turno da vigia. Algo estava lhe incomodando. Ele decidiu ver como estava o entorno. Pegou seu arco, puxou uma flecha imaginária que se materializou. Soltou para o alto criando uma iluminação bem potente como se fosse um super fogo de artifício. Ao cair, a visão de Hank era a do inferno: Um grupo de pelo menos cem indivíduos armados e caminhando sorrateiramente na sua direção. Eles estavam no máximo a trezentos metros, andavam silenciosamente para poder pegar os meninos desprevenidos. Com o clarão e a imagem de Hank de arco em punho na sua frente, o líder da centena viu sua vantagem ir embora. O grupo começou a correr.

Nem foi preciso o arqueiro dar o sinal para avisar sua turma. A flecha que mandou aos céus incomodou quem tentava dormir. O tropel inimigo foi suficiente para chamar a atenção dos meninos que levantaram suas cabeças procurando a origem do som. Uma segunda flecha foi enviada aos céus por Hank. Eles puderam ver mais nitidamente seus oponentes: Dezenas de

lagartos de uma pele verde-escura caminhando como humanos iguais à estátua do salão. Eles usavam como uniformes túnicas vermelhas e capacetes com dois chifres, parecidos com o de Bobby. Nas mãos levavam espadas, que já estavam em posição de ataque. O embate corpo-a-corpo era iminente. Hank não pensou duas vezes e começou a disparar setas em direção aos inimigos.

A investida do arqueiro diminuiu a vantagem dos lagartos. Na cadência que as flechas iam de encontro ao grupo, vários deles iam tombando mortos. Quando faltavam menos de cem metros para se confrontarem, os oponentes não chegavam a um terço do número inicial. Nesse momento ouviu-se um grande sibilar no céu. Hank mandou outra flecha para iluminar e tentar ver o que acontecia. O céu estava infestado de setas inimigas. Pela trajetória, foram mandadas de um segundo grupo que dava cobertura. A luta não seria fácil. Eric novamente tomou lugar à frente do grupo e levantou seu escudo. Uma barreira mágica foi formada protegendo seus amigos e o ataque vindo do céu foi ineficaz. Hank vendo-se protegido, continuou a disparar em direção aos inimigos. O grupo que já era diminuto estava a poucos metros. Agora só restava aos meninos enfrentá-los.

Uma força tomou conta de Bobby. O pequeno bárbaro levantou seu tacape, passou pela barreira de proteção do escudo de Eric e partiu em direção aos lagartos. Ele girava a arma no ar e assim que ela encontrava a cabeça ou o corpo dos seus oponentes, o sangue frio daqueles animais começou a voar. Bobby freneticamente distribuía golpes entre aqueles que apenas munidos de espadas não conseguiam amortecer a força do tacape do bárbaro. Ele dividiu ao meio a coluna que veio em sua direção separando-a por uma trilha de corpos.

Hank entendeu que suas flechas não seriam eficazes numa curta distância. Segurou seu arco como se fosse uma espada e começou a aparar os golpes que vinham em sua direção e a revidar. A arma mostrou-se eficiente para aquele fim. Eric usava o escudo do mesmo jeito. Recebia as espadadas e com o mesmo escudo batia nos adversários. Ele aproveitou do tamanho do seu corpo para desferir murros com a mão livre, mas coberta pela luva de metal

dourado. Desde pequeno era acostumado a brigas na rua ou no colégio, então deixou seu instinto conduzi-lo. As espadas rivais eram ineficazes contra a força do seu escudo.

Um pouco atrás Diana usava seu chicote para não deixar que os oponentes aproximassem dela, de Presto ou Uni. Ela o levava para trás e num gesto rápido estalava a tira de couro nas cabeças ou tronco dos adversários. Eles caíam machucados pela força de sua arma mágica. Ao contrário da lambadinha que deu em Eric, chicoteava furiosamente aqueles lagartos, algumas chibatadas eram simplesmente letais.

No meio daquela batalha uma cena assustava: Uma espada levantou-se sozinha no ar e começou a golpear os lagartos de vermelho. A lâmina girava em manobras que não podiam ser previstas e aleatoriamente acertava aqueles grandes animais. Eles ficavam apavorados à medida que a arma branca avançava sozinha. Alguns tentavam dar golpes no vazio tentando adivinhar onde estava o adversário invisível. Não fazia efeito. Um a um, caíam feridos ao cruzar com a lâmina levitante.

A batalha estava no final. Todos os inimigos foram vencidos. Quando não restava mais nenhum, a espada no ar caiu. E perto dela, Sheila se materializou. Durante a luta tinha colocado o capuz da sua capa e no mesmo instante desapareceu. Usando essa vantagem, partiu para a guerra. Hank respirou aliviado. Conseguiram vencer sem ter nenhuma baixa. Ele olhou para o lado e viu um daqueles seres verdes, caído agonizando. Eric chegou perto e segurando o escudo com as duas mãos com sua parte pontuda virada para baixo acertou um golpe mortal no animal. Em seguida começou a chutá-lo raivosamente. Nesse momento é que Hank deu conta do que fizeram. Pela primeira vez, tirou a vida de alguém intencionalmente. E foi numa larga escala. Uma força desconhecida tomou conta do grupo e a exceção de Presto, todos tinham tomado parte no massacre.

A beira do riacho estava tomada por corpos. Eles estavam cansados, mas também tomados de euforia pela vitória. Sheila caminhou em direção a Hank que estava apoiado no arco, meio abaixado, ainda tentando melhorar a respiração e abraçou-o. Depois

o beijou demoradamente. Eric deu um toque de mão aberta em Bobby e os dois foram cumprimentar Diana e Presto. Uni estava totalmente assustada. Eles olhavam o campo de guerra. Bobby abaixou e pegou um capacete para experimentar. Não gostou e jogou fora. Eric fez o mesmo com uma espada. Confiava mais no seu poderoso escudo. Apesar da batalha eles não entendiam o que tinha acontecido.

– Por que essas criaturas nos atacaram? – Questionou Presto.

– Vocês se lembram da estátua da qual Bobby pegou o tacape? Ela era de um deles. – Lembrou Sheila.

– Isso é que dá conduzir essa cabritinha de um chifre só. Eu aposto que é coisa do Vingador para capturá-la. – Esbravejou Eric.

– Você tem razão cavaleiro. – Novamente a voz calma interrompeu a conversa do grupo. Eles olharam para trás e viram uma figura conhecida, o Mestre dos Magos. Ele continuou:

– O que acabaram de enfrentar era uma horda de gronks. Desde que o Vingador venceu Vrando, subjuguou toda a sua espécie e hoje eles fazem parte do seu exército do mal. – Os meninos caminharam em sua direção.

– E você esqueceu-se de falar que no pequeno favor que nos pediu, incluía enfrentar um bando de lagartixas anabolizadas! – Eric não falou essas palavras. Gritou-as. Seu rosto estava vermelho. Ele estava morrendo de raiva do anãozinho.

– Você se saiu muito bem no seu teste de bravura... – antes que pudesse continuar um colérico cavaleiro interrompeu:

– Teste? Se eu tivesse sido reprovado eu podia ter MORRIDO!!! Você é louco de nos dar uma missão e não alertar sobre os perigos dela. O que você está tentando fazer com a gente? – Eric estava totalmente fora de si. Nada tinha passado pela cabeça dele desde que amorteceu a chuva de setas além de querer sobreviver. Durante toda a batalha agiu por puro instinto. Só com o fim da luta é que começou a tentar organizar as ideias. Mas com a chegada do Mestre dos Magos ele parecia ter pirado.

– Cavaleiro. Tudo na vida tem um motivo, nada acontece sem estar fazendo parte de uma cadeia de acontecimentos. E virando-se para Bobby perguntou:

– O que você mais deseja minha criança?

– Voltar para casa. – Disse Bobby.

– Enfrentar os gronks faz parte da cadeia de acontecimentos que poderá culminar com o fim dessa jornada. Talvez se vocês tivessem esquivado desta etapa não estariam no caminho de volta. Poderiam ficar perdidos no reino andando em círculos. – Concluiu o mestre.

Eric acalmou-se um pouco. Sua raiva contrastava com a calma do pequeno de vermelho. Ele estava totalmente perdido, não sabia o que fazer. O reino não era uma quadra de basquete onde ele conhecia centímetro por centímetro e era senhor do tempo e espaço. Em campo ele jogava por prazer. O Reino era uma quadra em que ele lutava pela sua vida. As baforadas que sentiu dos gronks enquanto gladiava eram reais, cheias de ódio. Errar um golpe não era como errar um arremesso. No Reino ele não tinha o controle da situação. Isso o deixava incomodado.

– Arqueiro, – continuou o Mestre dos Magos, – sua coragem e astúcia salvaram seus amigos. Você mostrou uma grande força vinda de dentro. Fico feliz que tenha tomado a decisão certa. Nunca se esqueça: a escolha que coloca o grupo na frente do indivíduo é mais forte que qualquer outra. E o universo conspira a favor da mente coletiva. O destino de todos é mais importante que o destino de apenas um.

Essas palavras entraram dentro de Hank. Ele entendia o que o Mestre dos Magos queria dizer. No seu íntimo sentia-se responsável por ter que guiar seus amigos até os limites do Reino. Sem querer assumiu aquela tarefa, mas agora era tarde para declinar. Presto e Bobby não eram suficientemente maduros para estar à frente e Eric mostrava-se instável. Talvez Diana pudesse tomar a tarefa, mas o risco de discutir o tempo inteiro com o cavaleiro tornaria a jornada improdutiva.

– Mestre, nós vamos voltar a encontrar com os gronks? – Perguntou o arqueiro.

– Sim, vocês vão se defrontar com eles novamente. Mas tomem cuidado, eles subestimaram vocês neste confronto. Da próxima vez devem vir mais preparados e em maior número.

– Não existe uma forma de evitá-los? – Devolveu Hank.

– Fugir dos seus problemas não vai fazer com que eles desapareçam. Por mais que vocês não queiram outra luta, vai chegar um momento que o desvio vai ser impossível.

Hank pensou consigo: Eles não eram soldados. Eram apenas jovens que viviam uma vida pacata numa cidade igualmente pacata. Seu grupo não estava preparado para a pressão que o destino lhes impôs. Na sua cabeça foi um milagre terem saído com vida daquela batalha. Eles enfrentaram seres nascidos para lutar. Matar era da natureza dos gronks. Ele estava se preparando para construir prédios, ficar dentro de um escritório de engenharia.

Presto cortou totalmente a conversa com uma indagação para o anão:

– Mestre dos Magos, eu não estou conseguindo usar os poderes do meu chapéu. Tirando fazer aparecer frutas e umas sacolas para carregar água, nada que tento fazer funciona. Você me disse que eu poderia enfrentar o Vingador com a mágica que vem dele, mas como vou enfrentá-lo se não consigo nem fazer um extintor aparecer?

– Vocês ainda não me explicaram o que é um extintor. – Retrucou o Mestre dos Magos. Presto ficou boquiaberto, sem saber como explicar algo tão básico. O velhinho continuou:

– Mágico, não se pode estar no Reino com a cabeça no seu mundo. Pense no chapéu mágico como uma parte do seu corpo. E seu corpo está aqui, no Reino. Quando você desligar seus pensamentos do seu mundo, a mágica que produzirá vai ser tão forte quanto os poderes do Vingador. E você poderá enfrentá-lo de igual para igual. Na cabeça de Presto só existiam dois pensamentos: Como conseguir ir embora daquele lugar e dar um beijo na boca de Diana. Nem uma coisa nem outra pertenciam ao Reino. Como poderia então usar plenamente os poderes do seu chapéu? Falar em desligar era fácil. Apesar de se mostrar simples, era muito difícil. Era como tentar fazer exercícios de parar de pensar. Praticamente impossível.

– O que devemos fazer agora Mestre? – Perguntou Hank.

– Nada diferente do que você pretendia fazer. Siga seu coração e encontre o caminho desejado. E tome cuidado com as distrações

que podem fazer você desviar do seu norte. – Respondeu.

Neste momento Uni soltou um relincho. O grupo olhou para ver o que era. Assistiram a cena de Bobby deitado no chão fazendo o que seriam cócegas no unicórnio. Voltando a cabeça em direção ao seu interlocutor Hank disse:

– Meu coração diz para voltar para casa. Mas sei que é preciso levar Uni ao seu destino... Mestre dos Magos, Mestre dos Magos? – Ele procurou pelo pequeno ser, mas mais uma vez ele tinha desaparecido.

– Muito bonito! – começou Eric. – Aquele anãozinho vem aqui, assiste de camarote o prelúdio da nossa morte e depois vem encher de caraminholas nossa cabeça. Faz meia dúzia de charadas e mais uma vez vai embora sem nos dar explicações. – Concluiu o nervoso cavaleiro.

O dia já estava amanhecendo. Eles não haviam dormido por conta da batalha, mas com os acontecimentos, estavam sem sono e cheios de dúvidas, ansiosos. Acharam melhor dar sequência a mais um dia de caminhada e parar um pouco mais cedo para descansar. Além disso, estavam com muita fome. Tudo indicava mais uma rodada de frutas. Eric ficou fitando o corpo de um gronk. Depois começou a dar chutinhos. Ele curvou e apalpou a perna do bicho:

– Será que a carne de gronk é muito dura para fazer um steak?

– Argh, que nojo Eric! Só você mesmo poderia achar que eu vou comer esse bicho! – Disse Diana com uma cara nauseada.

8. MUDANÇA DE ARES

C

om o calor, a gordura rompeu a pequena bolsa adiposa e pulou para fora da carne. Pingou na brasa da lenha e chiou. Uma fumaça se formou e seu cheiro foi sentido por todos. Presto tirou seu espeto da fogueira e com uma dentada provou sua iguaria de gronk.

– Quem diria que um bicho feio daqueles poderia ser tão saboroso! – Disse enquanto devorava sua terceira porção.

No início a idéia de Eric pareceu absurda. Todos rejeitaram, mas a cada argumento do cavaleiro, a resistência do grupo diminuía. Por fim Hank foi o primeiro a ceder. Era o terceiro dia deles no Reino e não podiam sobreviver apenas do açúcar provindo das frutas. O esforço exigido do corpo era grande e precisavam repor a proteína. Não havia nenhum indício de outra criatura ou outra forma de alimento. A tentativa de Presto de tirar uma rede de dentro do chapéu para pescar foi em vão mais uma vez. Ele não conseguia ter uma sinergia com sua arma do poder. Enquanto Eric tagarelava sobre querer fazer uma visita ao Burguer King, Hank pegou uma espada no chão, caminhou até o corpo de um gronk e com um forte golpe, amputou-lhe a perna. Depois como se fosse um açougueiro acostumado com a labuta do dia-a-dia de retalhar bois, foi cortando o músculo da criatura e separando pedaços de carne. Eric sorriu. Diana e Sheila não acreditaram no que viram. O cavaleiro e o mágico começaram a juntar pequenos pedaços de madeira. Presto conseguiu tirar uma brasa do chapéu para acender a lenha apesar de Eric pedir um lança-chamas. A fogueira estava pronta. Hank havia lavado a carne e improvisaram alguns espetos

com galhos. Ele provou primeiro. Até que não era tão ruim o gosto. Eric não se fez de rogado e comeu seu espeto. A fome era grande e a resistência ao grotesco petisco foi vencida. Todos sentaram em volta da fogueira e se banquetearam da carne do inimigo.

Após a insólita refeição era hora de caminhar. Sheila notou que quando pararam para dormir, já estavam quase no fim do desfiladeiro. Com sorte, à noite estariam fora do cânion. Uma boa notícia afinal. A caminhada do dia foi tranquila. Com as energias repostas, Bobby voltou a brincar com Uni. Não houve nenhum fato relevante e como planejado chegaram perto do fim do cânion a noite. O arqueiro achou mais prudente deixar para vencer o final quando estivesse de dia. Não queria arriscar outra surpresa e aquele terreno, eles já conheciam. Deitaram no mesmo esquema do dia anterior. Hank montou guarda na primeira parte do turno, sucedido por Eric. O grupo exausto pela noite sem dormir, caiu em sono profundo. Somente o Cavaleiro e o Arqueiro que revezando, não tiveram a merecida noite de descanso.

Quando amanheceu, Hank pediu para as duas meninas e Presto que vigiassem o que seria o acampamento para que ele e Eric repousassem por algumas horas. O corpo pedia aquela parada. Eles deitaram e cobriram o rosto com o tecido para tentar evitar a luz dos sóis. Enquanto os dois rapazes dormiam, Sheila, Diana e Presto ficaram conversando sobre o dia que chegaram ao Reino. Falaram do jogo de basquete, a ida ao parque e o que poderia ter acontecido dentro da montanha-russa. Mais afastado Bobby não se cansava de brincar com Uni. Passaram pelo menos umas duas horas quando Hank se levantou. Ele se juntou ao grupo que ficou assistindo Eric dormir.

– Ninguém vai acordar a bela adormecida não? – Brincou Diana.

– Há Diana! Ele e Hank passaram a noite acordados. Nada, nada foi a segunda sem dormir. Deixa descansar mais um pouco. – Retrucou Sheila.

– Hum!!! Defendendo o ex hein? – Devolveu Diana. – Nesse momento Hank sentiu novamente uma pontada de ciúme. Ele viu o tom das palavras de Sheila. O carinho por Eric ainda continuava.

– Acho que já está na hora. Vou acordá-lo! Disse Presto. O mágico aproximou-se do cavaleiro adormecido. Sacudiu-o bem devagar.

– Não mãe, eu não tenho a primeira aula, me deixa dormir mais cinco minutos. – Disse Eric sonambulamente. Presto riu, pegou um pequeno ramo de capim e enfiou no ouvido do amigo. Com a mão ele deu um sonoro tapa na própria orelha. Acordou e sentou assustado de uma vez só.

– O que foi que aconteceu? – Perguntou espantado.

– Nada demais. Você estava falando dormindo e levantou agora. – Disse Presto rindo.

– Parece que alguém chutou minha cabeça, – falou Eric passando a mão na orelha. – Presto riu novamente do amigo. Os dois se levantaram e o mágico passou a mão pelos seus ombros abraçando-o. Eles caminharam até o grupo. Eric recebeu um outro abraço de Diana e Hank avisou para prepararem-se para mais uma caminhada. Estava na hora. O arqueiro queria sair do cânion antes que o sol azul estivesse a pino.

O grupo começou a andar. Bobby que brincava com a Uni correu acompanhado do unicórnio para se juntar. A caminhada estava mais leve naquela manhã. Os corpos descansados somados a ansiedade de sair daquele buraco contribuíam para isso.

– Já pensou se ao sair desse cânion, entrarmos em outro?

– Eric para com isso! Como você consegue ser tão chato? – resmungou Diana.

– Não fui eu! – Defendeu-se o cavaleiro. – Desta vez foi Presto! – Diana olhou para trás com um olhar de desaprovação para o mágico. Ele abaixou os olhos. A garota viu que ele sentiu o golpe. Ela desacelerou, pegou na mão dele e falou:

– Eu jurava que era o Eric. Você tem crédito comigo para fazer essas brincadeiras. – Terminou apertando levemente a mão do garoto. Presto estava cativando a garota com seu jeitinho e óculos de nerd.

Era a última dezena de metros antes que atravessassem o afunilamento que ficava no final do cânion. O rio que os acompanhou já tinha tomado outro rumo e sumido dentro de uma

caverna. Hank fez sinal para o grupo parar. Ele queria ver se a travessia não era arriscada. O local era propício para uma emboscada. Sheila teve uma idéia melhor. Colocou o capuz que lhe permitia ficar invisível e como uma batedora foi ver o que lhes esperava. O grupo sentou no chão. Alguns minutos depois a ladra materializou-se na frente dos amigos. Ela carregava um grande sorriso no rosto.

– Vocês não vão acreditar no que existe do outro lado! – Disse Sheila eufórica. Hank se levantou. Sheila o abraçou e deu um beijo bem forte. – Querido o Reino é lindo! Vamos logo. – Eric virou-se de costas para não presenciar os dois namorados.

Pela mão, Sheila corria puxando Hank. O restante dos garotos ia logo atrás. Ao chegar perto do fim do cânion ela desacelerou. Caminharam e Hank ficou surpreso com o cenário que descortinava: A cor de areia única e chata que os acompanhou por todo o deserto foi trocado por uma mistura que parecia mais uma aquarela de Van Gogh. Logo à sua frente uma imensa campina. Um verde tomava conta dos seus olhos. Pela primeira vez ele viu formas de vida que não eram assustadoras. Havia pássaros e alguns mamíferos. No final da campina ao leste, tinha uma floresta, densa, com arvores de copa alta de diversos tipos. Ao fundo visualizou um caudaloso rio. Ele devia estar a pelo menos dois dias de caminhada. Na sua margem tinha uma bonita praia onde alguns bichos matavam a sede.

Quando olhou para o outro lado ficou apreensivo: Parecia que tinha visto um campo de trigo ou outra gramínea parecida. A cultura estava bem cuidada, com trilhas espaçadas calculadamente. Era sinal que havia agricultores e no Reino já sabia que não se podia dizer que eram humanos ou não. Forçando a vista Hank viu o campo terminar numa formação de montanhas cobertas por vegetação e no cume da mais alta estava um castelo. A construção em si não era muito grande, mas as muralhas revelavam a intenção de defenderem aquela fortaleza. Ele não sabia se devia ficar alegre com a construção que lhe era familiar pelo menos dos livros ou novamente preocupado. Não estavam sozinhos naquela parte do Reino.

Então se lembrou do que o Mestre dos Magos lhe disse: O Reino era dividido em seis partes e cada uma deveria ser cuidada por um mago. E um dos magos sabidamente era humano. Eles estavam conhecendo apenas um segundo cenário. O restante do grupo juntou-se a ele e a namorada. Todos estavam mudos, apreciando a vista totalmente diferente do que viram nos últimos três dias.

– O Mestre dos Magos disse que o Vale dos Unicórnios ficava a três dias de caminhada. – Lembrou Presto.

– Ainda não vi nenhum. Será que eles ficam em algum lugar reservado? – Comentou Diana.

– Talvez estejam atrás de alguma árvore esperando a Uni passar para sair num salto e gritar “SURPRESA” – Falou o cavaleiro em mais uma das suas piadinhas sem graça.

– Tudo isso é muito lindo. Não imaginava encontrar tanta beleza depois de tudo que passamos. – Sheila estava estarrecida pelo local.

Bobby e Uni aproveitaram a grande campina para correr nas suas habituais brincadeiras. Realmente parecia ser ali seu lar. O pequeno unicórnio saltitava como se estivesse em casa. Bobby ao seu lado era só felicidade. Nesse momento Sheila teve um aperto no coração: Eles teriam que deixar o unicórnio naquele lugar e seguir viagem. Ela conhecia completamente seu irmão. A separação seria dolorosa. Sua cabeça começou a trabalhar pensando numa forma de fazer o garoto de doze anos entender a situação.

Eric largou o escudo, tirou as luvas de malha de metal e deitou na relva. Agora se sentia um pouco mais perto de casa e entendeu como prêmio a condução de Uni até seu lar. Por um instante não sentiu raiva do Mestre dos Magos. Até lhe deu razão por alguns momentos. O resto do grupo resolveu se sentar perto do cavaleiro. O sol azul já começava sua curva descendente. Indubitavelmente ali era o Vale dos Unicórnios. Agora era só esperar pelos outros exemplares da raça.

Mas naquele momento ninguém estava preocupado com isso. A sensação do dever cumprido era completada com a esperança de uma breve volta para casa. Aproveitaram para comer mais uma refeição patrocinada por Presto.

Agora o grupo estava todo reunido. Então o cavaleiro se levantou. Ficou olhando para a campina e começou a contar passos como se estivesse medindo um pedaço da área verde. De repente parecia procurar algo. Pegou algumas pedras e começou a demarcar a área medida. Voltou-se para o mágico e perguntou:

– Presto, você não consegue tirar uma bola de futebol dessa cartola mole?

Ele bem que tentou e após várias e infrutíferas tentativas o máximo que conseguiu foi puxar um coco verde espichado. Já tinham a bola. Eric pegou-a nas mãos e começou a jogá-la para o alto. Virou para Hank e perguntou:

– Vamos lembrar os velhos tempos? – Eles haviam jogado futebol quando eram mais novos no colégio. Estudaram na mesma sala, mas Eric fez o favor de conseguir repetir duas vezes a mesma série. Foi quando se separaram.

Desta vez foi Hank que olhou para Sheila como que buscasse um olhar de aprovação. A ruiva riu e fez que sim com a cabeça. Diana já tinha se levantado e recebido um passe de Eric.

– Claro, por que não? – Disse um animado arqueiro, pela primeira vez com a alma desarmada, esquecendo que o cavaleiro já tinha sido o namorado da ruiva. Hank largou o arco, levantou puxando sua garota pela mão e foi se preparar para a peleja.

Dividiram-se em dois times: Hank, Sheila e Bobby de um lado, Presto, Eric e Diana do outro. Uni cuidou de se misturar atrapalhando um pouco o jogo. A saída foi dada por Eric. Ele evitou chutar a bola dura e lançou o coco. Hank recebeu nos braços e saiu correndo em direção à meta. Sheila e Bobby acompanharam abrindo para as laterais enquanto Presto e Diana tentavam deter o arqueiro. Hank então jogou a “bola” para Bobby que recebeu e continuou a corrida. Eric achou que o lançamento seria para Sheila e o garoto livre fez touchdown.

Nova jogada. Agora a bola estava com o time de Eric. Ele cantou a tática e passou para Diana. Hank foi em sua direção, ela deu um drible de corpo e saiu fora. Logo em seguida estava Bobby que voou no corpo da acrobata e derrubou-a. Ele levantou comemorando o feito. Novamente a bola com Eric. Diana correu,

mas ele escolheu Presto. O mágico pegou a bola meio sem jeito e saiu em disparada. Hank tentou interceptá-lo. Presto viu que Sheila estava logo atrás e dificilmente passaria pelos dois. Virou-se e jogou de volta para Eric. Hank tentou voltar para ajudar Bobby a dar combate. O cavaleiro esperou seus dois oponentes estarem bem perto e no último instante arremessou para Diana. Livre ela não teve trabalho nenhum para marcar. Jogo empatado.

Por algumas vezes os dois times revezaram-se no placar. Eles estavam ali para se distraírem, ninguém fez daquilo uma competição acirrada. E todos levavam numa boa. Todas as jogadas eram comemoradas. Diana e Presto trocavam abraços esfuziantes. Sheila e Hank comemoravam os gols com beijinhos. Bobby ficava parado olhando de braços cruzados e perguntava: – Vamos ou não continuar jogando? – Os dois riam e o abraçavam até caírem em cima dele. O garoto ria. Uni continuava na sua função de atrapalhar os dois times.

A bola estava com Diana. Ela foi lançada por Presto e correu pela lateral do “campo”. Bobby e Hank vieram à sua caça. Ela sabia que Hank não cairia facilmente no mesmo drible duas vezes e dificilmente sairia fora de Bobby. O garoto era o único que levava mais a sério o jogo como qualquer um da sua idade. Sua queda era inevitável. Ela levantou a cabeça e viu Presto marcado por Sheila. Eric corria na outra extremidade do campo livre. Diana não pensou duas vezes e enviou a bola para Eric.

Sheila viu o movimento que a amiga fez. Eric pegou a bola, saiu correndo. Quando ia marcar sentiu-se sendo jogado ao chão do nada. Ele caiu de costas e sentiu um peso sobre seu corpo. Seu coração acelerou. Do nada Sheila apareceu em cima dele tirando o capuz da capa mágica.

– Você trapaceou! Isso não vale! – Disse Eric rindo. Sheila devolveu o sorriso.

– Onde nas regras falam que não posso usar uma capa invisível? – Rebateu a ruiva com uma provocação.

– Não existiam capas mágicas onde as regras foram feitas. – Contestou o cavaleiro. – O Mestre dos Magos está certo! Você é uma ladra! – concluiu caindo na gargalhada.

Eric largou a bola e segurou Sheila pela cintura com as duas mãos para tirá-la de cima de si. Ao toque de Eric, os olhos de Sheila encontraram com os seus. Eles sentiram algo familiar, uma sensação da época em que namoravam. Foi apenas uma fração de segundos. Eric parou o movimento, fez pressão na cintura da ruiva e sorriu. Ela respondeu com outro sorriso, segurou com firmeza as mãos que lhe apertavam. Os olhares estavam fixos, mesmo que o acontecido tenha durado uma fração de segundos. Ela abaixou os olhos. Tinha que encerrar por ali aquela sinergia. Nesse momento Eric já não olhava mais para ela. Mas estava com os olhos vidrados. Estava estático. Ele conseguiu estragar a magia daquele momento. Voltando a si, Sheila perguntou para Eric:

– Eric, Eric, o que foi? – O cavaleiro estava paralisado.

Hank viu a cena, não gostou. Caminhou em direção aos dois que estavam caídos na grama. Ver sua namorada sentada em cima do ex não era nada confortável. Ainda mais quando ele tinha uma insegurança sem saber o que eles ainda sentiam um pelo o outro.

Eric enfim saiu do transe e falou:

– Um avião. Um avião! – E jogou Sheila para o lado. O cavaleiro se levantou e ficou olhando para o céu. O restante do grupo também começou a procurar pelo objeto descoberto pelo cavaleiro. Era verdade: No alto uma aeronave com um rastro de fumaça rasgava o azul acima de suas cabeças.

9. Mr. TREVOR

E

ric não acreditava no que via: Um sinal de civilização. Uma máquina contemporânea. Era tudo que ele queria: O passaporte para saírem daquele lugar. O cavaleiro não parava de olhar para o céu. Ele seguiu com os olhos a nave. Torcia para que ela não apenas riscasse o azul e fosse embora. Pediu de todo o coração para que o aparelho aterrissasse. A aeronave cruzou toda a extensa campina. Foi para o leste, e na sua trajetória descendente desceu após a floresta. O pedido de Eric havia sido atendido. O cavaleiro procurou calcular o local onde o avião poderia ter pousado.

Nesse momento Hank e Presto estavam ao seu lado. Sheila ainda procurava se levantar depois de ser arremessada pelo ex. Eric estava hipnotizado, só olhava para o rastro de fumaça que o avião tinha deixado. Hank colocou a mão em seu ombro e ele assustou. Depois deu um sorriso amarelado e disse:

– Estamos salvos! Vocês viram aquilo? Um avião! – Eric não se continha de felicidade. Era a senha para ir embora do Reino.

– E pensar que cheguei a achar que ia terminar os meus dias aqui. Que estávamos em outra dimensão ou coisa parecida. Nós estamos na Terra! Provavelmente em alguma ilha maluca de Lost! – Concluiu o cavaleiro.

– Eu confesso que cheguei a achar que isso era um reality show e que tinha sua participação Eric. – Desculpou-se Presto.

– Há que distância você calcula que estamos do avião Hank? – Perguntou Eric.

– Não sei, ainda não estou muito bom nisso. Mas creio que pelo menos dois dias de viagem. Você viu o tamanho do avião Eric?

O cavaleiro viu o tamanho do avião. Mas na sua euforia não tinha pensando nisso. Ele não era grande. Não sabia dizer se podia levar mais seis ocupantes além do piloto. E ele nem sabia quantas pessoas estavam a bordo da aeronave. Assim ficou menos entusiasmado. Mas na pior das hipóteses quem saísse de lá levaria a localização do grupo e poderiam ir buscá-los. Era apenas uma questão de tempo o ato de abandonarem o Reino. A única coisa que o incomodava era o unicórnio.

– Sheila e Diana juntaram-se ao grupo. A ruiva queria saber dos planos.

– Obrigado pelo empurrão viu Eric!

– Desculpa Sheila. Eu não sei o que aconteceu comigo.

Hank riu.

– O que vocês acham que devemos fazer? – Concluiu Sheila.

– Eric acha que temos que ir atrás do avião. Eu e Presto concordamos com ele.

– Eu também concordo. Acho que não podemos perder tempo. – Disse Sheila.

– Vocês não acharam que aquele avião parecia estar caindo? – Era Diana levantando uma importante questão. – Me pareceu que havia fumaça saindo dele.

– Caindo ou não ele é o único elo de ligação entre esse lugar e nosso mundo. De qualquer jeito temos que ir atrás. – Esse argumento de Eric era irrefutável. O grupo olhou para frente e viram o terreno que tinham que vencer. Chamaram Bobby que tinha ficado com Uni. A “unicórnio” pressentindo o pensamento dos meninos começou a relinchar baixinho, chorosamente. O garoto não aguentou e foi consolá-la. Sheila ficou incumbida de dar a notícia a Bobby.

No início ele relutou. Não queria abandonar seu bichinho de estimação. Como Sheila previra, ele estava muito ligado a Uni. Mas não havia jeito. Não tinha como deixá-lo para trás nem levar Uni daquele mundo. Ela tentou ponderar com o garoto. Ele chorou. Não queria. Usava os argumentos mais insensatos, coisas de um menino

de doze anos. Falou em ficar para sempre no Reino. O coração de Sheila apertou nessa hora.

Assistindo a discussão dos dois, estava Eric impaciente. Novamente o seu ex-cunhadinho atrapalhava sua vida. Para o cavaleiro cada minuto era importante. E o pirralho não colaborava. Eric dava dois, três passos e mudava de direção. Levava a mão a cintura e depois a cabeça. Olhava para os irmãos discutindo e voltava a andar em pequenos círculos.

Com muito custo Sheila fez um acordo com Bobby. Eles não tinham encontrado ainda os outros unicórnios. Uni os acompanharia até o avião. Caso se deparassem com os outros da raça, Uni os deixaria e seguiria sua vida junto dos seus. Se chegassem ao avião e tivesse um modo de ir embora, Uni se quisesse, poderia os acompanhar. Mas a ida dela para fora do Reino seria de inteira responsabilidade de Bobby. Como as consequências. Sheila ponderou sobre o fato de Uni não sobreviver fora daquelas terras, a única coisa que assustou Bobby e que o deixou pensativo. Assim encerraram o impasse.

Grupo reunido, eles se puseram a andar. No fim do dia já tinham chegado ao final da campina. Eric bem que tentou convencer o resto de sua turma a continuar. Mas foi voto vencido. Nesta noite todos revezaram na vigia. O tempo estava agradável e nada aconteceu além de um cavaleiro que custou a pegar no sono.

Ele foi o primeiro a se levantar, rendeu Presto que estava na última vigia e tratou de fazer barulho para acordar o resto dos amigos. Hank chamou Eric e conversou sobre o fato de entrarem na floresta. Não poderiam caminhar da forma que fizeram nos cânions ou na campina. Precisavam ter cuidado. Os troncos das árvores eram ideais para esconder uma armadilha. Eles já tiveram uma péssima experiência na batalha dos gronks. Não podiam se dar ao luxo de chegar tão perto de ir para casa e serem apanhados. Eric entendeu o recado e procurou conter sua impaciência. Imaginou-se dentro de uma quadra com o time perdendo por seis pontos nos minutos finais da partida. Ele sabia que o maior inimigo nesse momento era a própria ansiedade. Então fez de tudo para controlá-la.

Sheila ia à frente do grupo usando os poderes da sua capa. Apesar da solitária função, ela sabia da importância. O encontro com os

gronks fez a menina entender o Reino. Eles estavam ali como intrusos num ecossistema. A seleção natural ditava as ordens e como pequenos peixes que se camuflavam para fugir dos predadores, seu grupo tinha que se comportar. Se visse algo estranho ou suspeito deveria tocar uma corneta que milagrosamente Presto acertou ao tirar do chapéu. Sob sua capa ela passava calmamente pelo caminho que os amigos iriam trilhar minutos depois como uma batedora. Venceram a floresta sem problemas. Sheila pôde enfim aparecer.

Do outro lado havia um terreno ligeiramente íngreme. A vista era linda como no outro lado da mata. No final do terreno uma grande cachoeira com mais de cinquenta metros de altura formava um lago. Era convidativo para um banho. Entre a floresta e a montanha com a queda d'água estava o avião. Apesar do terreno não ter as condições mínimas de uma pista e não favorecer em nada uma aterrissagem, parecia que o piloto foi bem sucedido na sua empreitada. Era um caça de guerra. Comportaria no máximo mais dois passageiros. Eric ficou meio frustrado. O plano A foi por água abaixo. Restava agora o plano B. Marcar a localização deles e buscar um veículo de resgate. Eles aproximaram da nave. Ela era azul escura e na sua lateral tinha um círculo branco, o seu meio vermelho, como se fosse um alvo e a parte inferior branca. O bico pontudo era preto. Na cauda estava escrito "Royal Navy". Era um avião da marinha inglesa. Rodearam o aparelho procurando por qualquer tipo de indício. Havia marcas de perfurações na outra lateral e na asa. O avião parecia que tinha saído de um combate. Eric aproximou-se procurando um lugar para poder subir.

– "Este avião é meio velhinho..." – Pensou Presto. O mágico tinha o hábito de colecionar aviões de montar e conhecia um pouco do assunto. Tinha algumas dezenas na estante do seu quarto. Entre seus exemplares havia o Mosquito, Spitfire e outros mais modernos como o Stealth. Ele ficou tentando buscar na memória qual seria aquele avião. Sua cabeça ajudou. Era um Harrier, mas mesmo assim achou-o muito antigo.

Eric já estava em cima do avião. Procurava um jeito de entrar na cabine do piloto. Procurou por uma trava, ou qualquer coisa que

pudesse abrir o compartimento. Não teve sucesso. Pensou em bater com o escudo, mas reconsiderou ao pensar que se causasse algum dano poderia não ter como decolar o aparelho. Sem ter o que fazer em cima da nave, resolveu descer.

Não havia sinal do piloto. Talvez estivesse a uma boa distância, afinal gastaram quase um dia e meio para chegar. O ocupante da cabine podia ter percorrido a mesma distância em outro sentido.

– Ou ter sido engolido por um dragão. – Pensou Presto em voz alta.

– Parecia absurdo, mas era algo que não se podia descartar.

– O piloto também pode estar nos observando de algum lugar.

– Bem pensado Sheila, – falou Diana, – talvez devêssemos arrumar um jeito de mostrar que não somos inimigos. O que acha de escrevermos uma mensagem na lateral da fuselagem?

– Boa idéia Diana! – Hank virou para o mágico e perguntou: – O que você tem para podermos deixar uma mensagem? Será que consegue uma tinta?

Presto tirou o chapéu da cabeça, passou a mão por cima e depois tirou um pote e entregou a Hank. O arqueiro abriu e passou um dedo para testar a consistência da substância branca. Não conseguiu identificar. Mas era pegajosa, serviria para escrever algo. Diana pegou um ramo de uma planta e improvisou um pincel. Subiu nos ombros de Eric e escreveu: “Somos amigos”.

Onde o avião se encontrava era um alvo fácil. Estava no meio do terreno. Hank achou melhor abrigarem-se na floresta. Por entre as árvores veriam qualquer movimento perto da nave, seja do piloto ou de outro grupo que a explorasse. Afastaram-se da aeronave e entraram na mata. Dividiram-se em dois grupos: Um montava guarda esperando por qualquer movimento e ou outro foi explorar a floresta.

Não se passaram nem duas horas quando o piloto apareceu. Ele estava sem o macacão de pilotar. Vestia apenas a farda. Ele chegou resabiado, olhando para todos os lados, procurando por quem tinha escrito a mensagem na fuselagem do seu equipamento. Diana achou graça nas atitudes dele. O piloto coçava a cabeça, virava-se para a mata e procurava por algum rosto. A acrobata fez um

movimento para ir em sua direção, mas o braço de Eric, ainda deitado não permitiu:

– Calma, calma, está divertido olhar para o inglesinho confuso. Me dá mais dois minutos de alegria.

Diana riu da maldade de Eric. Realmente estava engraçado. Ela concordou. Ficaram por mais alguns minutos olhando para a aeronave quando finalmente cansaram. Os dois se levantaram. Cutucaram Presto que dormia e foram na direção do inglês.

Na mata a rotina de batedora repetia-se para Sheila, só que desta vez visível e junto de Hank. Pela primeira vez os dois tinham um momento só deles desde que chegaram. Apesar do arqueiro estar compenetrado na tarefa de reconhecer o local, estavam sozinhos. Ela quis assim. Sentia o namorado tenso desde que chegaram naquele mundo. Na verdade todos estavam, mas ele num grau mais elevado. Sempre que apareceu, o Mestre dos Magos direcionava a conversa para Hank. E ele se sentia responsável por conduzir o grupo pelo Reino. Ela não achava isso certo. O melhor seria dividir essa responsabilidade com todos. Às vezes ela pegava Hank concentrado nos seus pensamentos, desligado do grupo.

Não era uma situação desconhecida. Desde que começaram a namorar o garoto loiro tinha esses surtos, principalmente na presença de Eric. Os dois eram amigos. Quando conheceu Hank já estava saindo com Eric. Parecia que o arqueiro tinha ficado com uma sensação de ter chegado tarde. Apesar de nunca ter falado nada nos dois anos de namoro com o cavaleiro, acontecia de pegá-lo olhando de rabo de olho para si. Não foram uma nem duas vezes que seus olhares se cruzaram e Sheila sentia nesse momento algo estranho nele. No início do namoro com o cavaleiro, eles se encontravam mais, pelo jeito era companheiro de Eric dos fins de semana junto com Presto. Mas com o tempo a presença dele foi rareando.

Quando terminou o namoro, Hank surgiu do nada. Ele já tinha se formado, mas passou a reencontrar o amigo atrasado nos estudos. Voltaram a sair e quase sempre ela encontrava o loiro “por acaso” em algum lugar. Podia ser no supermercado, na lavanderia ou na

porta do colégio. Na lavanderia era engraçado. Hank chegava com meia-dúzia de peças de roupa. E ele não tinha a mínima intimidade com o local. Sheila apesar da idade não era boba. Era uma mulher bonita, sempre foi assediada por homens, inúmeras vezes muito mais velhos. Sua experiência com o sexo oposto lhe dotou de um radar para identificar segundas intenções, boas ou más. E ela notou que Hank estava muito interessado nela e que as intenções eram boas.

Ele era muito diferente de Eric. Quase que o oposto. Enquanto Eric era exibicionista, falador e engraçado, Hank era reservado, sério e comedido sem ser chato. Eric ainda estava na fase de curtir a vida sem preocupações. Estudar era secundário, praticamente dividia seu dia entre a quadra e a academia. Hank apesar de estar na faculdade já fazia seu estágio, preocupava-se em poupar o dinheirinho que ganhava. Eric era um cara rico, bonito e de físico invejável. Queria sempre ser a atração de qualquer lugar. Hank ficava feliz de ser a atração dela. Foi isso que fez a ruiva ser cativada.

Hank estava um passo a frente de Sheila. Ela adiantou um pouco e o abraçou por trás.

– Será que podemos parar por uns minutos? – Perguntou ao namorado.

– Claro minha linda. – E virando-se para trás e beijou a boca de sua garota. Primeiro um pequeno selinho, ele a abraçou-a mais forte e o selinho transformou-se num longo e demorado beijo de língua. O corpo dela tremeu e o abraço apertado foi correspondido. Hank colocou sua mão na nuca de Sheila por entre seus cabelos curtos no estilo Chanel. A namorada suspirou enquanto ele descia sua boca para seu pescoço. A tensão sexual entre os dois cresceu. Sheila deslizou sua mão pela cintura, agarrando a bunda de Hank com força. Ele retesou o corpo, estava ficando excitado.

– Que bonito hein? Eu fico um pouco para trás e vocês começam com a sem-vergonhice. Fazendo porcaria! – Os dois pararam, viraram em direção da voz e viram um pequeno bárbaro de cara fechada com as mãos na cintura. E um grande olhar de reprovação.

Hank ficou constrangido, Sheila não, ela virou-se para o irmão e falou:

– Bobby!!! Para de ser chato e deixa sua irmã namorar um pouquinho!

– Eu deixo você namorar, mas sem pegar na bunda do Hank. – O bárbaro tinha notado o gesto da irmã. Ela riu e deu outro beijo demorado em Hank.

– Haaaa!!!! Para com isso vocês dois!!!! Que nojo! Seus porcos! – Reclamou novamente o bárbaro. – Sheila soltou Hank e foi em direção do irmão. Derrubou-o no chão e começou a fazer cócegas incessantemente enquanto ele entre gargalhadas pedia para a irmã parar.

O piloto olhava para o avião. Uma mensagem escrita na sua língua, de branco na lateral informava que ele não estava sozinho. E o teor da mensagem o confundia. Na sua cabeça estava em território inimigo. Ele olhava os mapas e não conseguia localizar aquelas formações geográficas no papel. Poderia ser uma armadilha. Estava todo confuso. Na verdade ainda se perguntava como conseguiu realizar aquele pouso.

Estava em pé, olhando para sua nave coçando a cabeça quando ouviu um barulho. Olhou para a mata e viu três pessoas prontas para uma festa a fantasia caminharem em sua direção. Agora era que ele não entendia nada.

– Somos de paz, não precisa nos temer.

– Presto, ele é inglês, não um alienígena. Não precisa falar assim com ele. – Resmungou Eric. Diana riu. Ela adorava ver essas briguinhas dos dois. Achava bonitinho.

– Oi, está tudo bem com você? – Perguntou a acrobata.

– Quem são vocês? – Respondeu o piloto com outra pergunta.

– Eu sou Diana, o cavaleiro é Eric e o mágico chama-se Presto.

– Por que vocês estão com essas roupas?

– É uma longa história. Mas podemos contar mais tarde.

– Está havendo algum baile a fantasia em Goose Green? No meio da guerra?

– Goose Green? O que é isso? – Perguntou Diana espantada. – O piloto levou a mão à cintura, tateando como que se procurasse algo pendurado no cinto. Diana entendeu o motivo do movimento.

– Se eu fosse você não faria isso. Não estamos em guerra nenhuma. Pelo menos eu acho. – Concluiu a garota. O piloto abaixou a mão, demovido do ato pelas palavras de Diana.

– Onde estamos? – Perguntou o inglês.

– Hum... acho que vamos ter uma longa tarde tentando explicar. – Disse Eric. – Se eu contar que nem eu sei onde estamos você acreditaria?

– Acho melhor nos sentarmos para conversar. Temos muita informação a trocar. – Diana resolveu conduzir a situação. Presto estava sem saber o que fazer e Eric iria se perder nas suas piadinhas.

Os quatro afastaram-se do avião e foram para o local onde montaram guarda. Lá estavam aparentemente seguros. Presto mais familiarizado com o chapéu, serviu um lanche para todos. O piloto ficou assustado ao vê-lo tirar frutas e pães de dentro daquela peça mágica. Sentaram-se e comeram. Diana olhou para o inglês e perguntou:

– Poderia falar um pouco de você?

– Meu nome é Nelson Trevor. Tenente Nelson Trevor da Armada Real de Sua Majestade.

– Ohh! – Disse Eric em tom de sarcasmo, pois já havia deduzido um pedaço dessa informação.

– Ontem eu estava numa missão quando meu avião foi atingido. Eu perdi o controle por um minuto e achei que ia cair, bater no chão. Mas consegui controlar a aeronave. Puxei o manche o máximo que pude aliás, eu não podia fazer nada além de ejetar. O avião respondeu, voltou a ganhar altura. Eu passei por entre nuvens e quando vi, ele estava totalmente sob controle, apesar da fumaça que saía do tanque de combustível da asa esquerda. Ao descer não reconheci o relevo, era totalmente diferente do lugar onde estava. Sobrevoei esta região e resolvi descer aqui.

– Você disse que estava em combate. Poderia contar onde ou é secreto? Líbia, Iraque, Afeganistão? – Presto estava curioso. O

piloto fez uma cara de quem não estava entendendo nada.

– Eu estava tão envolvido nessa guerra que nem sabia que estavam havendo outras.

Eric pensou: – “Existem guerras no mundo inteiro, mas que eu saiba somente nestes três países tem envolvimento do Reino Unido. Será que estou tão desinformado assim? Preciso ler mais jornal e largar o bate-papo na internet de lado.”

– De qual guerra você está falando? – Indagou novamente Presto. – Não sei de outra relevante.

– Outra relevante? Essa guerra é a mais importante no momento. Estamos à beira de uma Terceira Guerra Mundial! – Exaltou o inglês. Os meninos riram.

– A beira de uma guerra mundial? De onde você tirou isso? – Eric estava apreensivo. Já não achava graça.

– Há quanto tempo vocês estão aqui?

– Apenas quatro dias. – Disse Eric.

– Vocês não leem jornal, não acompanham os noticiários no rádio ou na televisão?

– Acompanho sim, – devolveu o cavaleiro. E pela internet. Recebo todas as notícias no meu Smartphone.

– Smartphone? O que é isso? – Perguntou o inglês sem entender o que eles estavam falando.

– Smartphone, internet, tablet. Essas coisinhas que nos mantém conectado com o mundo. – O cavaleiro virou para os amigos e continuou: – Será que a Inglaterra está tão atrasada assim? – Eric não resistiu.

– Nelson, me conta uma coisa, – Diana estava preocupada. – De qual guerra você está falando? Onde você estava em combate?

– Eu estava numa missão na península de Goose Green, tomada pelos argentinos.

– Argentinos? – Falaram de uma vez os três espantados.

– A Argentina não participa de uma guerra desde 1982. Desde a Guerra das Ilhas Falklands. – Arrematou Diana, profunda conhecedora de história.

– Exatamente. Pelas minhas contas hoje é dia 6 de Maio de 1982. Eu sou o Tenente Nelson Trevor, a serviço de sua Majestade nas

Ilhas Falklands.

10. LINHA DO TEMPO

E

ric se levantou. Sua cabeça estava em curto-circuito. Ele olhava para a clareira e fitava o avião. Não tinha como. Não era possível. Nesse momento a hipótese de estar participando de um reality-show passou a ser a mais plausível. Ele olhava para o avião e depois olhava para o piloto sentado ao lado de Diana e Presto. Novamente olhava em volta e procurava por câmeras escondidas. Não havia a mínima lógica. O único combate que ele se lembrava entre Argentina e Inglaterra foi de uma partida de rúgbi. Era totalmente incoerente para ele a informação dada pelo inglês. Ele sentiu que estava pirando.

Diana olhava atentamente para a face do piloto tentando ler suas feições. Desejava no íntimo identificar algum sinal de falsidade no rosto britânico. Mas não era o que ela via. A única coisa que conseguia enxergar era sinceridade e espanto. A garota tentou analisar a informação. Tudo que ele disse batia. As datas, o estilo da roupa, o avião eram totalmente coerentes e verdadeiros. Ela olhou para Presto. A expressão de espanto era a mesma do piloto. Ela procurou explicações dentro da sua cabeça. Ficou forçando o cérebro a dar uma solução aceitável para o que estava acontecendo.

– Eu nem era nascido em 1982. – Disse Presto.

– Como assim não era nascido? – Perguntou o inglês.

– Eu sou da década de 90. Nós estamos no ano de 2011.

Desta vez foi o britânico que se levantou. Ele imitou Eric. Se soubesse o que era um reality-show daria a mesma explicação para

aquela situação. Ele andava no lugar, olhava para seu avião, olhava para os meninos sentados e olhava para o cavaleiro inquieto à sua frente. Smartphone, internet, tablets. Aquelas crianças citavam termos que ele nunca tinha ouvido falar. E diziam que eram do futuro. Quase trinta anos a frente do momento em que vivia. Passou a dividir com o cavaleiro o mesmo estado de confusão mental. Olhou para os meninos sentados e pensou: – “É assim que eles se vestem no futuro?” – Tanta coisa passava na sua cabeça. E nada era assimilada. Será que tinha feito uma viagem no tempo? Ele estava assustado.

Nesse momento o outro grupo chegava. Trevor assistiu um arqueiro de mãos dadas com uma bela moça em roupas diminutas, como se estivesse pronta para ir a uma discoteca. Atrás, um pequeno com roupas que pareciam de um viking. Quando olhou para seu lado não conseguia acreditar. Foi o momento de sua cabeça girar e dele não entender mais nada: Trevor estava vendo a pequena Uni.

– Aquilo é um, um, um...

– Unicórnio. Sim é um unicórnio. – Completou Diana.

O piloto caiu sentado. Hank e Sheila ao ver o estranho, apressaram o passo. Chegaram junto do outro grupo. Diana colocou-os a par dos acontecimentos e das fantásticas novidades. Depois a acrobata caminhou na direção de Eric tentando acalmá-lo.

Todos estavam em silêncio. A situação era absurda. Não havia como explicar.

– Existe um princípio que quando não temos uma explicação lógica para algo, a explicação mais simples é a mais acertada.

Todos se viraram para Diana. Eles procuraram por horas explicações para o acontecido. Não encontraram. Não sabiam mais o que pensar.

– E qual é a explicação mais simples “doutora”? – Perguntou Eric.

– Para mim existem as viagens no tempo. Não consigo imaginar outra coisa. É como naquele livro do Michael Crichton. Várias épocas são ligadas por túneis e se comunicam. – Explicou a “doutora” ao cavaleiro.

– E se existisse um lugar onde o tempo não é importante? Onde a ordem dos acontecimentos não influi em nada?

Tirando o piloto inglês, ninguém se espantou com aquela voz aveludada. Mais uma aparição do anão misterioso.

– Quem, quem é ele? – Trevor estava assustado mais uma vez.

– É o Mestre dos Magos, nosso guia no Reino. – Explicou Presto.

– Mestre dos Magos, Reino? Cada vez mais eu entendo menos! – Disse o piloto.

O tradicional semicírculo foi feito em volta do pequeno guia.

– Mestre, este é Nelson. Ele diz que veio do passado.

– Do passado minha ladra? E você veio de onde? Perguntou o mestre.

– Eu achei que estava no presente. – Disse Sheila.

– Presente, passado, futuro, tudo isso depende para onde você olha. Vocês podem ser o futuro dele. Mas também podem estar no passado de outra criatura que encontrarem por estas terras.

– Então as diversas épocas encontram-se aqui no Reino Mestre?

– Não pense assim. Nada se encontra aqui no Reino. – Depois de uma pequena pausa continuou: – E tudo pode se encontrar.

– Não imagine o tempo como uma linha sem fim ou uma sucessão de eventos irreversíveis. O tempo de todos é agora. As épocas acontecem simultaneamente como várias linhas pequenas. Às vezes essas linhas podem se cruzar. Deixam de caminhar no paralelo. O passado já se foi, o futuro não chegou e o presente acaba-se a cada instante.

Eric se distanciou do grupo que ouvia atentamente o Mestre dos Magos. Aquele papo de presente, passado e futuro era demais para sua cabeça. Física, se não fosse educação física, não era seu forte. As fórmulas entravam e saíam da sua cabeça sem sentido algum. Entender os teoremas de Newton ou Kepler só servia para tirar notas suficientes e não repetir mais uma vez o ano.

Ele preferiu voltar seus olhos para a clareira e ficar olhando para o Harrier. Procurava bolar um plano para ir embora daquele lugar. De onde Trevor veio não importava, o importante era para onde ele poderia levá-lo.

Quando retornou ao grupo, o seu pequeno desafeto já tinha ido embora novamente.

– Qual foi a charada que ele nos deixou desta vez? – Perguntou o cavaleiro a Hank.

– Ele disse que um de nós vai ter que fazer uma escolha muito difícil. – Disse Diana.

– Não deixou nenhuma charada Eric. Ele simplesmente explicou algo que tínhamos. Quando Trevor voltar para casa ele vai voltar para o mundo dele. E a menos que alguém aqui queira assistir a pré-estreia de ET ou executar o Moonwalker antes de Michael Jackson lançar Thriller não valerá a pena ir com ele.

– E você acredita em tudo que o baixinho do Red Bulls diz não é?

– E você quer correr o risco dele estar certo? Eu não. Odiei ET. Eu sei que a escolha é difícil. Mas está feita. – Encerrou a conversa fechando sua posição sobre o assunto.

– Eu gosto de Michael Jackson...

– Pelo menos poderíamos inventar o Ipod antes da Apple...

Eric viu todas as suas esperanças irem por água abaixo. Mas Hank tinha razão. Não havia por que tentar sair dessa forma. E dificilmente ele conseguiria voltar a viver no século XX. Nada de Wi-Fi, cinema 3D ou entrar nas redes sociais. Ele não conseguiria se acostumar. E como chegaria na casa dos seus pais contando que era o filho que ia nascer na década seguinte? Ele nem se lembrava se os pais estavam juntos em 1982. O cavaleiro tinha entregado os pontos quando Bobby teve a idéia salvadora:

– Hank, o senhor Trevor não pode enviar uma carta para ser entregue para a gente em 2011 avisando para não entrar na Caverna do Dragão?

A idéia de Bobby era genial. Trevor voltaria no tempo e escreveria para eles. Se fosse bem sucedido, eles jamais chegariam ao Reino. A vida deles poderia seguir o rumo normal sem enfrentar os perigos daquele lugar. Todos foram cumprimentar o garoto pela grande sacada. Eles estariam salvos.

Presto bem que tentou tirar papel e caneta do chapéu, mas foi em vão. Mais uma vez a tal arma do poder não lhe obedeceu. Tábuas de pedra e um pequeno cinzel foram o resultado dos seus pedidos à cartola mágica. Trevor foi até seu avião, subiu na carlinga e voltou com um bloco de notas, uma caneta e um envelope.

– Quando dá saudade de casa eu escrevo para minha esposa; muitas vezes enquanto espero para decolar. – Justificou o Piloto. Sheila escreveu a carta. Era para ela mesma. Colocou no texto segredos que só ela sabia, mais ninguém. Fez uma carta tocando no seu coração, desta forma teria certeza que era ela num provável futuro que escrevia para si mesma. A ruiva ficou emocionada quando terminou. Ela abraçou Hank e lhe entregou a folha de papel. Sem olhar o que estava escrito ele colocou dentro do envelope que já estava sobrescrito pela própria destinatária e o fechou. Hank não entendeu o significado das palavras no envelope. Sem soltar Sheila entregou para Trevor. O piloto abriu sua jaqueta e colocou no bolso da camisa que usava. Assim não corria risco de perder a preciosa correspondência.

Presto observando a cena resolve fazer um comentário:

– Não seria melhor que todos nós escrevêssemos? A chance de várias cartas se extraviarem é bem menor do que só uma. Acho que não podemos correr esse risco.

O mágico estava certo. Apesar dos correios serem uma instituição com um grau de confiabilidade alto tanto nos Estados Unidos quando na Inglaterra não podiam correr o risco. Hank pediu a todos que fizesse uma carta nos moldes da de Sheila, mas que colocassem também para comentar com os outros assim que lessem a carta e os alertassem que poderiam receber uma igual. Desta forma o risco de entrarem naquele carrinho da montanha-russa diminuiria drasticamente. Todos esperaram pacientemente a sua hora de escrever. Um estado de euforia tomou conta dos garotos. Eles haviam vislumbrado uma saída.

Após todos escreverem e fecharem seus envelopes, Trevor pegou as cinco cartas restantes, colocou dentro do saquinho plástico dos envelopes e guardou no bolso do casaco de couro. Agora era preparar-se para ir embora. Todos olharam para o buraco negro no meio do céu. O Mestre dos Magos indicou o local como a porta de saída do Reino para o piloto britânico.

– Trevor, eu vi que seu avião foi avariado em combate. Ele está em condições de voar? – Perguntou Presto.

– Quando fui atingido achei que ia cair. Mas ao chegar aqui ele funcionou perfeitamente. Eu pousei com tranquilidade.

O Sea Harrier foi o primeiro avião a jato do mundo que conseguia decolar e aterrissar na vertical. Duas turbinas que mudavam de posicionamento forneciam um jato de ar poderoso que fazia com que a aeronave ficasse parada no ar como que flutuasse. Não havia lugar impróprio para sua chegada ou saída. Essa virtude do caça não traria nenhum empecilho para a volta de Nelson Trevor ao seu lar. O piloto fez uma minuciosa inspeção no seu equipamento de guerra. Conferiu cada centímetro da fuselagem e das asas. Olhando fixamente para os buracos feitos pelo inimigo disse:

– Ele vai conseguir chegar. As cartas de vocês serão entregues. – O piloto britânico despediu-se dos amigos que fez naquelas poucas horas e as palavras que ouvia desejando boa sorte no retorno estavam carregadas de esperança. O último a falar antes que subisse na nave foi Bobby.

– Obrigado Mr. Trevor!

O piloto entrou na cabine e fechou-a. Os garotos afastaram-se para a floresta e foi ouvido um barulho ensurdecedor: Eram as turbinas sendo ligadas. Passaram alguns minutos e o caça começou a mexer. Realmente era um espetáculo ver o avião erguer-se no ar. Parecia mágica. A nave estava começando a alcançar a altitude certa para riscar o firmamento quando uma rajada de fogo cruzou a sua frente. Todos olharam para o outro lado do céu e viram a figura do dragão de cinco cabeças voando em direção ao Harrier de Mr. Trevor. Seria um embate entre a magia e a tecnologia. O britânico estava em desvantagem. Tiamat já realizava suas manobras no ar. Hank pensou nas consequências de dar cobertura para o inglês. Ele atrairia a atenção de Tiamat para o seu grupo. O escudo de Eric tinha se mostrado eficiente no primeiro ataque e agora ele estava mais familiarizado com a arma. E dentro da floresta às árvores dificultariam a ação do dragão. Além do mais ele teria que se dividir entre o ar e terra; não seria produtivo. Hank esticou o encordoamento imaginário do arco que brilhou. A reta de energia apareceu oscilante em suas mãos e foi enviada em direção ao draconiano alado.

O longo dardo elétrico bateu em Tiamat. Ele cambaleou no ar, perdendo o controle da sua trajetória. Por um tempo esqueceu a nave inglesa e preocupou-se em desviar da sequência luminosa mandada por Hank. Quando localizou seu oponente, deu uma volta no céu para traçar a rota de ataque. Subiu e desceu para atacar o grupo, batia as asas procurando desviar das setas. Quando ia lançar seu ataque, sentiu no seu corpo o poder das metralhadoras do Harrier. Trevor conseguiu decolar e já manobrava pelo espaço. Tiamat mudou de alvo. Fez outro círculo no céu e começou a perseguir o caça inglês. No solo o grupo assistia impotente ao desafio. Tiamat perseguia o avião alternando baforadas de fogo com as de raios. O piloto era hábil, e com a ajuda da tecnologia desviava de perigos fabulosos que nunca imaginou enfrentar a bordo do seu equipamento. Eles cruzaram todo o céu do reino de ponta a ponta num balé alucinante. Hank e seus amigos não conseguiam tirar os olhos da cena. Até Uni acompanhava as manobras. O arqueiro torcia para que Trevor voltasse para perto da clareira onde suas flechas teriam alcance e poderia ajudá-lo naquela batalha. Dificilmente sofreriam algum ataque eficiente do dragão. A floresta dificultaria.

Tiamat batia suas asas com uma força nunca empregada antes. Nenhum ser alado tinha coragem de desafiá-lo nos céus do Reino. Até o Vingador era extremamente cuidadoso quando o enfrentava. Mas aquele rival estava começando a cansá-lo e o pior, sem demonstrar nenhum sinal de abatimento. Ele juntava todas as suas forças para não deixar o objeto azul abrir vantagem no céu. As suas baforadas foram ficando mais espaçadas. Então sentiu que não ia conseguir manter o ritmo. Nesse momento, o avião de Trevor começou a subir rapidamente e desapareceu da frente do dragão. Ele não entendeu o que tinha acontecido. As quatro cabeças periféricas começaram a olhar em vários sentidos quando tardiamente a preta localizou o oponente. Mas já era tarde. Ele havia subido e dado uma volta no ar. O loop executado pelo piloto o colocou atrás de Tiamat. O ás inglês usou a própria velocidade do dragão para poder transformar o perseguidor em perseguido. Tiamat sentiu as balas das metralhadoras do Harrier baterem no

seu couro. Algumas perfuraram. O dragão sentiu que não ia aguentar o embate. Ele mergulhou rapidamente para ficar fora do alcance do avião, mas foi perseguido. Então subiu e desacelerou. Preocupou-se somente em desviar das projéteis. Quando Trevor chegou mais perto, travou o alvo no dragão com a mira laser e preparou para disparar um míssil teleguiado. Não teve tempo: A cabeça branca do dragão virou-se para trás e despejou um jato que congelou sua aeronave. O Sea Harrier despencou como um iceberg em queda livre. Tiamat chegou a pensar em mergulhar e liquidar com o inimigo, mas estava muito machucado. Ele havia vencido aquela batalha. Em poucos segundos mais um desafiante que pensou em vencer o senhor dos céus estaria beijando violentamente o solo. Ele bateu suas asas lentamente em direção a seus domínios. Estava cansado, machucado e precisava se recuperar.

No chão todos assistiam a cena. A vitória que se apresentava para Mr. Trevor transformou-se em pesadelo. O bloco de gelo caía célere em direção ao solo. Faltavam pouco segundos. Todos estavam atônitos. A chance de irem embora do Reino iria espatifar no chão. Hank levantou o arco, e esticando o máximo possível a linha de energia que se formava, a segurou por um tempo. No arco foi criada uma flecha de tamanho descomunal. Mirou bem e disparou em direção ao avião. A volumosa massa elétrica seguiu em direção à nave congelada. Hank disparou uma segunda. Menor e mais rápida, alcançou a primeira e a dividiu em pequenas setas. Elas bateram em cheio, com a força necessária para poder quebrar o gelo em milhares de pedacinhos. O avião estava sem controle, faltava um pequeno caminho até o solo. Mas o hábil piloto fez a manobra da sua vida e a poucos metros do impacto o Harrier levitou como um beija-flor. Todos puderam respirar aliviados.

O caça ficou por alguns segundos parado, depois começou a ganhar altura. Lentamente a trajetória vertical foi trocada por uma linha horizontal. Ele acelerou e subiu em direção ao buraco no céu. Os meninos acompanharam a cena enquanto o avião sumia no círculo negro acima de tudo.

11. PRESTO

Q

quanto?

– Dez dólares.

– Eu não vou repetir outra vez. Quanto?

O menino tirou a carteira do bolso traseiro da calça. Abriu-a e mostrou o seu conteúdo. Eram trinta dólares. O rapaz no meio do trio à sua frente pegou a carteira, tirou o dinheiro e jogou-a no chão. Não se deram ao trabalho de dizer uma palavra, apenas viraram e começaram a andar. O garoto ficou olhando eles se afastarem. Esperou até uma distância segura para poder abaixar-se e recuperar seu porta-notas. A precipitação poderia lhe causar um chute na barriga ou ainda a perda do apoio do braço levado por uma rasteira. Ele sabia bem o que era isso.

Mais uma vez Presto ficaria sem o lanche da semana. Ele poderia contar o acontecido em casa, mas a vergonha não permitia. Não somente a vergonha perante aos pais, mas o medo deles tomarem alguma atitude e acabar ficando marcado na escola. Calmamente ele se curvou, pegou a carteira que agora não guardava mais nada e colocou de volta no bolso. Deu meia volta e foi na direção oposta aos seus opressores. Final da aula, Presto caminhou para o ônibus cabisbaixo. A raiva que sentia era a melhor tradução da impotência para lidar com a situação. Ela ecoava por dentro do seu corpo, como que procurasse um lugar para poder sair e aliviar o peso no coração do pobre Presto. Mas o garoto tinha medo de extravasar e sofria por horas até aquela sensação ir diminuindo de tamanho e adormecer no seu interior. Ela ficaria quietinha até o próximo

encontro. Era como uma ferida que cicatriza superficialmente, mas não sarava nunca. E a cada casca arrancada, machucava mais a pele deixando marcas para sempre.

Presto procurava sentar bem à frente no ônibus. Apesar de ser um potencial alvo de bolinhas de papel e outros objetos evitava o suplício de caminhar pelo corredor repleto de caras nada amistosas. Ele buscava o primeiro banco vazio, sentava-se e encolhia segurando a mochila no colo. De cabeça baixa, passava a contar os minutos para chegar em casa.

Ele estava naquela escola há apenas três meses. Não aguentou a pressão no colégio anterior e pediu para sair. Foram quase sessenta dias implorando aos pais que permitissem sua transferência. Infelizmente eles não entendiam a situação. Achavam que o filho era um fraco, que fugia dos seus problemas e que o melhor jeito de resolver era enfrentar seus oponentes. Só deram ouvidos ao garoto quando tiveram de buscá-lo no hospital de onde saiu com um gesso no braço fraturado. Como os pais queriam que ele enfrentasse um grupo de quatro ou cinco pessoas? Ele teria sorte se conseguisse brigar de igual com um. Dois era a senha para uma carnificina.

Mas no atual colégio não estava muito diferente. Presto era um ótimo aluno. Conseguiu adiantar um ano e o seu porte frágil sempre foi um convite aos valentões de plantão. Era um menino concentrado, tímido. Não conseguia se enturmar, e uma presa solitária é bem mais fácil de ser a próxima vítima de predadores que só caçam em grupo.

O ônibus parou no ponto mais próximo da sua casa. Ele desceu e caminhou o último quarteirão. Entrou e dirigiu-se ao quarto. Não queria comer. A raiva não deixava espaço livre no seu estômago. Ele se trancou e ficou no único lugar que conseguia ter paz: Seu quarto. Ele jogou a mochila na poltrona que ficava perto da janela, sentou-se na cama e tirou os tênis. Com um pesaroso suspiro soltou o corpo para trás deitando. Ficou fitando o pôster do Senhor dos Anéis preso ao teto. Tentou ocupar sua mente com coisas menos importantes na tentativa de esquecer o que aconteceu naquela manhã. Fechava os olhos e os punhos por alguns momentos e depois os abria. Não havia uma sequência lógica nesses

movimentos. Era apenas o reflexo de algo que ele já sabia: Estava triste por ter que suportar aquela barra sozinho.

Se pudesse Presto não sairia nunca mais do seu quarto. A harmonia que possuía e a tranquilidade que buscava estavam naqueles 12 metros quadrados. Ali não tinha que ouvir insultos, sua integridade física não sofria ataques e seus pertences não eram danificados ou expropriados. Não era obrigado a se sujeitar a situações humilhantes, o nome da sua mãe não era depreciado e nem tinha que caminhar por entre os outros alunos sentindo que falavam mal dele. Ele sabia que não era o único a sofrer maus-tratos na escola. Mas as vítimas de bullying sempre primavam pelo isolamento. Muito raramente procuravam se ajudar e quando pegavam outro para Cristo, procuravam passar longe ignorando os atos dos quais eram vítimas frequentemente. Era melhor fingir não ver do que se transformar em uma vítima solidária. Virar o rosto e agradecer por não ser o alvo naquele momento.

Ele bem que tentou ficar invisível aos olhos destes seres cruéis. Mas parecia que eles identificavam as vítimas por mais camufladas que estavam. Eles conseguiam notar os subterfúgios utilizados e no próximo passo, testavam o alvo. Quase sempre o solitário sucumbia ao teste e passava a ser o brinquedo nas mãos dos seus agressores. A sensação de inferioridade seja pela aparência pessoal, etnias de menor representação, nível social ou mesmo sua origem ou religião ficava patente quando o bando a descobria e a destacava negativamente. Quem deste grupo nunca foi chamado de gordo, magro, negro, caipira ou teve gestos ou voz imitada pejorativamente? Não era fácil ser um nerd. Principalmente um nerd sem qualquer amor próprio.

Presto passava o dia trancado no seu quarto. Cumpriu com as tarefas escolares, leu partes de um livro de ficção, navegou na internet. Só abriu a porta para descer e tomar um merecido lanche. Subiu e continuou a sua rotina de viver consigo mesmo. A noite caiu e ele tomou seu banho para deitar. Ligou a televisão e adormeceu. Suas horas de sono era a calma que precisava. Afinal no início do dia seus colegas iriam mostrar que ao entrar no ônibus, seu destino era o inferno de todas as manhãs.

O despertador tocou, Presto acordou, mas não abriu os olhos. Ele desejava de todo coração ficar deitado naquela cama todo o dia. Não havia motivo para encarar mais um dia de aula. Ele torcia para que sua semana começasse no sábado e terminasse no domingo. Sem perseguições, sem assaltos velados, ou socos e pontapés. Mas a realidade era outra.

Sem nenhum estímulo, levantou devagar da cama, abriu a porta do seu quarto e caminhou para o banheiro. Tomou seu banho, entrou no quarto, trocou de roupa, selecionou o material das aulas do dia. Desceu as escadas, alimentou-se e tomou o rumo do ônibus. Tudo isso mecanicamente, procurando não pensar. Quando passava um dia se ser notado ele conseguia ficar até um pouco feliz.

Presto chegou à sua sala. Ele sentava do lado de uma garota igualmente discriminada. Ela era cheinha, usava óculos, tinha a pele clara e os cabelos vermelhos. Não falava muito, apenas o suficiente para conseguirem fazer os trabalhos que os professores lhes propunham em dupla. O rosto dela tinha feições bonitas. Se livrasse



das gordurinhas excessivas, passasse a usar roupas menos largas, tirasse os óculos e frequentasse um cabeleireiro pelo menos uma vez a cada 15 dias provavelmente pertenceria ao grupo que oprimia Presto e não seria sua companheira de sofrimento.

Era aula de física. O professor entrou com cara de poucos amigos. Esperou o sinal avisar o início da aula e aos berros mandou que todos sentassem para fazer uma prova não programada. Ouviu-se um "AHHH" demorado das bocas dos alunos. Nem meia-dúzia estava preparado para o teste surpresa.

Presto estava tranquilo. Sabia a matéria toda e até tinha-se adiantado um pouco. Ele era um devorador de livros ávido por

conhecimento. Olhou para a gordinha ruiva do seu lado e sorriu. O sorriso foi correspondido. Era uma espécie de vitória silenciosa sobre aqueles que eram superiores apenas fisicamente. Uma folha de testes não demandaria mais de quinze minutos. – “Que venha a prova!” – pensou.

O professor começou a distribuição e antes da prova vir, chegou a Presto um bilhete em forma de bola de papel. Ele abriu, continha os seguintes dizeres:

“Quando acabar a prova, me passa o gabarito, senão...”

Presto olhou para trás, na última carteira da fila ao lado estava o ladrão do dia anterior, com cara ameaçadora e olhando para ele fixamente. Presto voltou o rosto para frente. Fechou os olhos e amaldiçoou o garoto grandalhão. Ele dava duro para estudar, e o outro apenas pela vantagem física ia conseguir os pontos da prova. Mais uma vez se sentiu pequeno, impotente. A última coisa que queria era entregar o gabarito, mas se não o fizesse as consequências seriam grandes. Na sua conta, pelo menos um olho roxo. Em casa teria que dizer que bateu o rosto em algum lugar.

Ele fez a prova tenso. Ao passo que ia resolvendo as questões, aproximava-se o momento de entregar o ouro para o bandido. Sem contar que teria que executar uma manobra perigosa para entregar o pedaço de papel. Ele já estava nervoso, isso o deixaria mais desajeitado do que era e as chances do professor pegar aumentavam consideravelmente.

Presto terminou a prova. Cuidadosamente, escreveu o gabarito num pequeno pedaço de papel e o dobrou. Arrumou seus pertences e levantou-se da carteira. Caminhou até a mesa do professor e lhe entregou suas respostas. Depois voltando para trás ia se dirigindo para a porta, mas viu os olhares do garoto no fundo o perseguindo. Ele parou, virou para trás e falou:

– Steve, aqui está o dinheiro que me emprestou. – E caminhou para entregar ao colega o resultado copiado.

A sala inteira riu. Steve jamais emprestaria um centavo para Presto. Era sabido por todos que o lanche de Steve era incrementado pelas horas de fome do nerd. Ele não enganou nenhum colega com

aquelas palavras. E para seu azar nem o professor. Ele esperou Presto chegar perto do colega e no momento exato falou:

– Presto você não pode ter contato na hora do teste. Me entregue o dinheiro que eu repasso ao Steve quando ele terminar a prova.

Presto congelou. Não sabia o que fazer, o que falar. Ele parou de andar a dois passos de Steve. O colega sem emitir sons fazia movimentos labiais mandando Presto jogar a folha de respostas. Ele não conseguia. Estava paralisado. E não notava o professor aproximando-se por trás. Ele sentiu a mão do professor indo de encontro a sua e pegando o papel que segurava.

– Forma interessante de quitar suas dívidas Presto. Olha... você quase acertou todas as respostas. E você acha que eu acreditaria que Steve quase conseguiria fechar uma prova? Por acaso acham que nasci ontem? Que sou burro? – O professor começou a falar calmamente em tom de cinismo e terminou as últimas palavras gritando e bufando.

O garoto em pé estava de olhos fechados. Ele não conseguia encarar nem Steve, nem o professor. Sabia que os próximos momentos seriam difíceis. O professor foi até a carteira de Steve e lhe tomou a prova. O rapaz rangeu os dentes.

– Presto e Steve, permaneçam sentados até o final do teste. Hoje vamos fazer um passeio na Diretoria.

A cruel ansiedade era visível nos olhos do nerd míope. Cada aluno que entregava a prova e saía, aproximava-o um pouco mais da dupla punição anunciada. Ele sabia que além de ter que se explicar em casa pela prova, teria um encontro nada agradável com Steve. E a menos que fugisse hoje e não voltasse mais naquela escola, era impossível evitar o que lhe aguardava. Foi uma meia hora de agonia. Quando o último saiu. O professor deu o comando para que o acompanhassem.

Os três caminharam para a sala da diretoria onde ouviram o discurso sobre caráter, honestidade e os rumos que queriam tomar na vida. As palavras do diretor e do professor entravam e saíam dos seus ouvidos sem fazer nenhum sentido. Presto concordava com a cabeça, mas seus pensamentos não estavam ali. Ele só pensava no que podia fazer para se livrar de Steve ou pelo menos minimizar as

agressões físicas que iria sofrer em breve. Lembrou do dia que teve seu braço quebrado na outra escola por um motivo fútil: Ele teve o braço torcido para trás e seu opressor queria que ele falasse que era uma menininha. Na única vez que tentou reagir e evitar uma humilhação maior, passou um mês com o braço engessado, seu troféu pela coragem.

Cada um recebeu um bilhete para ser lido pelos pais e voltar com a assinatura de ciência do fato. Seu colega pegou o bilhete indignado, virou as costas e saiu da sala. Presto pegou o seu calmamente e ganhando tempo, o guardou na mochila. Tentou argumentar um pouco mais com o professor e o diretor. A tática lhe rendeu pelo menos mais cinco minutos. Ele saiu da sala devagar, sondando o corredor para ver se Steve ainda estava por lá. Nada de Steve. No corredor apenas um rapaz novo na sua sala conversando com uma garota ruiva vestida de cheerleader. Respirou um pouco aliviado. Então resolveu jogar uma água no rosto. Ele só queria respirar um pouco, se recompor e correr para casa.

Presto entrou no banheiro. Caminhou até a pia, abriu a torneira e com as mãos em forma de concha jogou água no rosto e no cabelo liso. Quando levantou pelo espelho viu a imagem do inferno que seriam os próximos minutos: Steve estava atrás dele acompanhado pelos outros dois ladrões do dia anterior. Ele arregalou os olhos: – “De onde eles vieram? Eu tenho certeza que não tinha ninguém no corredor”

– Pensei que não ia aparecer. – Disse Steve – Mas ia ficar muito decepcionado se não viesse aqui se limpar depois de se borrar na sala do diretor.

Não deu tempo de Presto falar nada. Ele sentiu a sola do tênis de Steve nas costas e bateu o rosto no espelho. Steve continuou:

– Eu precisava dos pontos daquela prova e você sabia disso. E resolveu ferrar minha vida. Eu te pedi um pequeno favor e o que você faz? Me entrega para o professor!

Presto caiu sobre a pia e escorregou pelo chão. Ele ainda tentou argumentar com o atacante:

– Calma, eu não quis te prejudicar. Eu tentei te passar as respostas. Foi o professor que desconfiou de algo.

– E por que você o deixou desconfiar? – Os dois amigos levantaram Presto e Steve deu um soco bem forte no seu estômago. Ele não aguentou e vomitou. Os dois soltaram Presto e ele caiu de joelhos em cima do seu próprio vômito. Ele não se importou. Naquele momento apenas tentava respirar.

– Você mostrou para ele a folha com as respostas. Eu vi! – E emendou um chute na barriga do garoto. – Presto deitou-se no chão. A dor irradiou por todo o seu corpo.

– Steve, para, para, por favor. Acha que eu iria querer levar uma advertência? Isso vai manchar meu currículo.

– Depois de hoje você não vai precisar preocupar-se com seu currículo mais seu nerdzinho magrelo! – Steve abaixou-se e segurou Presto pela nuca. Levantou-o e o arrastou até um dos sanitários do banheiro. Presto colocou as duas mãos na beirada tentando evitar que mergulhasse sua cabeça na privada.

– Não Steve, por favor, não. Eu faço tudo que você quiser. Me desculpa.

Steve não media seus atos. Enfurecido ele só queria machucar Presto o máximo possível. Ele não pensava e nem se importava com as consequências. Mas as consequências existem.

– Steve, por que você não briga com alguém do seu tamanho?

Aquela voz não era do seu grupo. Ele parou de forçar Presto contra a privada e foi olhar quem era. Perto da porta do banheiro estava o garoto grandão que conversava do lado de fora com a ruiva.

– Eric fica fora disso, não é com você. – Disse um Steve agora bem inseguro. Eric tinha chegado a pouco na sua turma. Ele era dois anos mais velho devido às repetências. Mas mesmo que tivessem a mesma idade, Steve estaria em desvantagem. Eric era grande, o corpo feito na academia. Era um atleta. Enfrentá-lo seria sinônimo de derrota.

– Eu não perguntei se era comigo Steve. Eu te perguntei por que não faz isso com alguém do seu tamanho.

– Ele me fez tirar zero no teste Eric!

– Eu não vi isso na sala. Foi bem diferente.

– Não se mete Eric, senão...

– Senão o que? – Eric caminhou em direção a Steve. Ele deu alguns passos para trás até encostar-se à parede do banheiro. Eric aproximou-se e ficou a poucos centímetros do rosto de Steve.

– Você vai fazer o que? Mijar em mim de medo? – Eric tinha consciência da sua superioridade física. O opressor tinha se transformado em oprimido.

– Para Eric, eu não tenho nada contra você. Isso é entre eu e o Presto. – Tentou argumentar apavorado.

– Mas eu tenho contra você. Você se acha alguma coisa e fica bancando o valentão só porque anda com esses babacas. – Os babacas já tinham se mandado do banheiro. Eles sabiam da fama do jogador de basquete e foram embora.

– Eric para. – O tom de voz de Steve tinha mudado.

– Parar? Eu nem comecei! – Nesse momento Eric bateu a mão na parede do lado do rosto de Steve. Ele encolheu.

– Se você olhar mais uma vez para o Presto, eu que vou enfiar sua cabeça na privada. E não vai ser com água limpa não.

Eric deu alguns passos para trás. Steve estava imóvel. Ele aproximou-se de Presto.

– Está um pouco melhor?

– Sim, estou.

– Lava o rosto, você está sangrando.

– Sim, vou fazer isso.

– Antes faz uma coisinha para mim. Eric caminhou na direção de Steve, o pegou pelo colarinho da camisa e ele bambeou as pernas. Então o arrastou até Presto e pediu:

– Cospe na cara dele.

Presto não pensou. Encheu a boca de saliva e obedeceu ao pedido de Eric. Steve sentiu a gosma bater na sua face, perto dos olhos e escorrer até pingar na camisa. Quando foi solto, caiu no chão. Presto num acesso de raiva chutou o garoto caído na barriga por três vezes. Eric sorriu com a atitude. Enquanto Steve se contorcia de dor no chão, os dois saíram calmamente do banheiro.

– Por que você fez isso? – Perguntou a Eric.

– Desde que cheguei na classe nunca fui muito com a cara do Steve. Mas hoje eu entendi o que você sofria. Eu vi a hora que eles

entraram no banheiro para te esperar. Eu ia te avisar e não deixar você entrar, mas minha namorada me perguntou algo e distraí. Quando notei você estava quase dentro. Eu fui atrás. Mas acho que cheguei um pouco tarde...

- Que nada! – Disse Presto aliviado. Você salvou minha vida!
- Deixa de ser bobo. Só ajudei um colega de sala.
- Obrigado cara, muito obrigado.

12. A MEDICINA NO REINO

E

agora o que fazemos? – Perguntou Eric.

– Não sei. Estou confuso sobre a situação. – Respondeu Hank.

– Ele foi embora, voltou para casa. Quando que vamos retornar ao nosso mundo? E como?

– Não sei Eric, acho que não podemos fazer nada além de esperar.

– Será que vamos ter que esperar vinte e nove anos para as cartas chegarem? E depois? Um raio vai nos tirar daqui ou vamos simplesmente desaparecer? – Eric estava aflito, louco para voltar para casa.

Todos viram o momento em que Mr. Trevor entrou no buraco no céu. Mas isso não significava que o plano das cartas tinha dado certo. Ele teria que voltar são e salvo para seu navio, enviar as cartas, aguardar por quase três décadas e quando chegarem, elas tinham que ser convincentes para eles mesmos. Eric sabia que era difícil. Ele mesmo se perguntava enquanto escrevia a carta se acreditaria nela. Além de revelar os seus maiores segredos, escreveu vários improperios e ameaças caso ele insistisse com o passeio. Afinal ele planejara com todo o cuidado e teve que brigar muito para conseguir ser o primeiro do brinquedo. Sabia que uma cartinha dificilmente o faria mudar de idéia. Mas apostou num bom senso que às vezes lhe faltava.

O grupo voltou para dentro da floresta e sentou. Estavam com fome. Não havia mais carne de gronk, mas Presto estava se

esmerando com o chapéu. Além de frutas e pães, queijos foram adicionados à dieta.

– Eu não entendo esse chapéu. Tem horas que funciona, tem horas que simplesmente ignora meus pensamentos. Eu morro de medo de me deixar na mão numa hora difícil.

– Ele já está fazendo isso Presto... – Devolveu Eric rindo.

– Teve uma coisa que o Mestre dos Magos falou que me deixou preocupada.

– O que foi Diana? – Perguntou Sheila.

– Ele disse que existem várias linhas do tempo e que elas acontecem simultaneamente.

– Se for assim, a época de Trevor pode estar acontecendo agora. – falou Presto.

– Esse é o meu medo, – continuou Diana, – e se as cartas chegaram às nossas casas, nós já lemos e decidimos não entrar no carrinho da montanha-russa. Será que jamais vamos saber que o Reino existiu?

– Olha que maravilha Diana! – Comemorou Eric. Os outros não estavam tão alegres assim.

– Eric, acho que você não entendeu. Então o que estamos fazendo aqui?

– O que você quer dizer com isso Diana? – O cavaleiro ficou muito preocupado.

– Para mim existem apenas duas explicações. Ou a tarefa que confiamos ao Nelson não deu certo...

– Ou.... – Eric estava apreensivo.

– Ela deu certo. E no momento em que decidimos não entrar na Caverna do Dragão nossa vida seguiu seu destino no nosso mundo, mas não vai alterar nada aqui. É como se existisse um mundo paralelo. – Concluiu a acrobata.

– Você quer dizer que vão existir dois Erics?

– Sim, isso mesmo, dois Erics.

– Então não vamos sair nunca daqui?

– Eric, isso não sei te dizer. Por isso disse que estou preocupada. De qualquer forma creio que estamos presos aqui, mesmo se nossa vida continuar do outro lado.

Eric estava desolado. Ele preferiria não saber dessas possibilidades. Achou que ia ficar sentado esperando a hora de desaparecer do Reino e surgir no parque de diversões. A idéia de passar o resto dos seus dias naquele lugar ressoava dentro de sua cabeça de forma agonizante. Ele levou as mãos à cabeça tampando os olhos, abaixou-a e começou a chorar.

A cena comoveu todos seus amigos, eles olhavam para o cavaleiro e não sabiam o que dizer, o que falar. Estavam todos na mesma situação, mas diferente dele, acreditavam naquele momento em poder escapar do Reino. Nas conversas com o Mestre dos Magos sempre havia esperança e talvez por Eric não dar ouvidos ao pequeno guia, seu coração não era tocado por aquele sentimento.

Sheila não se conteve. Levantou do lugar que estava e foi abraçar seu ex-namorado. Hank assistiu com a costumeira ponta de ciúme, mas devido à situação fez de tudo para que ela não fosse notada. O cavaleiro soluçava. O homem de corpo grande, que enfrentou os gronks usando apenas o punho, agora estava frágil e indefeso, precisando de conforto.

– Eric, calma, calma. Nós vamos sair daqui juntos. Você precisa acreditar.

– Sheila, eu quero minha vida de volta, quero minha casa, meu carro, quero andar nas ruas, ir ao cinema, tomar cerveja, jogar basquete... – O cavaleiro desabou definitivamente.

– Calma, querido, calma. Seus amigos estão aqui. Eles gostam de você. Eu te prometo que em breve você estará de volta às quadras fazendo suas jogadas geniais e contagiando a arquibancada.

Eric olhou para Sheila. Ele viu sinceridade no seu rosto. Na verdade viu algo mais. Ela sorriu para ele e o abraçou como na época que namoravam. Ele apertou o corpo da ruiva. Foi confortante. Perto de Sheila ele se sentia bem, em paz. Afinal foram dois anos maravilhosos. Ele viveu para ela naqueles setecentos e poucos dias. Ela apertou um pouco mais o abraço. Ele teve vontade de beijá-la na boca, mas se conteve.

Hank assistia a tudo com uma frieza quase inumana. O ciúme queimava-lhe por dentro. Quando começou a namorar Sheila, às vezes vinha a imagem de Eric beijando-a. Aquilo o consumia. Sabia que não tinha como apagar o passado da namorada, mas ele se culpava por não ter aparecido antes do cavaleiro. O amigo era um cara legal, bacana, mas quando pensava no atleta colando sua boca nos lábios da ruiva ou passando a mão no seu corpo, o odiava com todas as forças. Depois a razão tomava lentamente conta do seu corpo e ele se desculpava consigo mesmo.

Eric aos poucos foi se recompondo. Estava um pouco mais calmo e aquelas palavras que causaram um curto-circuito na sua cabeça já havia se dissipado. Ele olhou para Hank que retribuiu com um sorriso amarelo, mas significando "Estou com você!"

Um a um aproximou-se de Eric para lhe dar apoio. Com exceção de Bobby. Mas o motivo não era a incompatibilidade que existia entre os dois. Um pouco mais afastado, ele estava deitado desde a batalha de Trevor com Tiamat. Uni estava ao seu lado. Ela balia baixinho. O pequeno bárbaro apertava a barriga com as mãos enquanto fechava o rosto e rangia os dentes. Hank foi o primeiro a perceber. Ele aproximou-se de Sheila e apontou para o irmão. A ladra, como o mestre costumava chamá-la, saiu de perto de Eric e foi ver o que acontecia com Bobby.

– Mana, eu não estou legal não.

– O que foi Bobby? É outra crise?

– Sim mana, acho que é. – A informação deixou Sheila preocupada. Bobby era diabético. E os sintomas indicavam uma crise de hipoglicemia. Ele estava pálido e apesar da baixa temperatura ela notou as primeiras gotas de suor.

No seu mundo a situação seria fácil de contornar. Ela daria um suco cheio de açúcar para o garoto seguido dos medicamentos apropriados. A glicose dele elevaria sem que o corpo deixasse de processá-la normalmente e não seria transportada em excesso para o sangue.

Mas eles não estavam em casa. Estavam no Reino. E pelo que ela percebeu, farmácias e hospitais não existiam naquele lugar mágico. O coração de Sheila apertou. Ela sabia que o irmão

precisaria ser medicado o mais rápido possível. O quadro hipoglicêmico estava patente, mas essa não era sua maior preocupação. Diabetes é uma doença de paradoxos. A falta de açúcar poderia levar a uma cetoacidose e evoluir para um quadro muito complicado. Era uma doença cruel e quando descuidada pode levar a morte rapidamente.

Ela estava aflita. O que fazer para socorrer seu pequeno irmão? Nessa hora voltou às suas lembranças o momento no ginásio em que cedeu e deixou para trás a insulina de Bobby. Provavelmente se tivesse sido uma pessoa responsável, não teria esquecido o medicamento e não teria subido no carrinho da Caverna do Dragão. Ela se sentiu muito culpada. Era a responsável pelo irmão desde a tragédia que ocorreu na sua família e não podia ter deixado isso acontecer. Ela foi uma péssima irmã. Agora era tarde para lamentações. Ela precisava ajudar Bobby. – “Mas como?” – Pensou.

O irmão deitado continuava a apertar a barriga e começava a se contorcer. O esforço dos dias anteriores somados a uma dieta inadequada foram os catalisadores da crise. Ela tinha de dar uma solução paliativa para ganhar tempo e pensar como tratar a doença do pequeno bárbaro naquele lugar. Sheila caminhou em direção a Presto. E aflita pediu:

– Presto, Bobby está precisando de açúcar. Preciso que tire dessa cartola qualquer coisa que possa ajudar. Ele precisa de açúcar.

Presto entendeu a mensagem. Pela primeira vez viu que tinha uma grande responsabilidade nas mãos. Ele sabia pelos seus estudos que não bastava ser açúcar. Os diabéticos em crise hiperglicêmica têm uma dificuldade para ingerir alimentos sólidos. Ele tentou tirar sucos e outras bebidas ricas em glicose, mas foi em vão. Então puxou algumas frutas. Ele chamou Diana e pediu para ela transformá-las em suco.

– Não entendo esse chapéu. Por que ele não obedece regularmente meus comandos? Qual a vantagem de uma arma que não se pode contar com ela? – Resmungou o mágico cheio de dúvidas.

Diana preparou um coquetel com as frutas de Presto. Levou para Sheila que com Bobby já no seu colo o fez sorver lentamente o líquido adocicado. Em segundos ele faria efeito. Mas não seria o suficiente. Bobby precisava ser medicado. Ela ficou abraçada ao irmão até que ele esboçou alguma reação. A melhora seria por pouco tempo. O corpo iria criar um efeito rebote e ele pioraria. Ela só conseguiu ganhar um prazo pequeno para resolver a questão.

Sheila deitou Bobby e o cobriu com sua capa, tendo o cuidado de não colocar o capuz mágico. Levantou-se e dirigiu para o grupo que confabulava.

– Ele melhorou um pouco, mas não vai demorar a piorar novamente. Ele precisa de um médico. Ou então de medicamentos apropriados. – Disse a irmã do garoto.

– Mas onde vamos conseguir isso aqui? Até o momento não tivemos um sinal de qualquer civilização! – Disse Eric.

– Espere, – falou Presto, – tivemos sim! E o castelo? E aquelas plantações do outro lado da campina? Elas foram feitas por pessoas ou qualquer coisa que pensa e sabe cultivar a terra!

Eric não se lembrava da visão ao chegar do outro lado do cânion. Realmente havia as plantações. E agricultores. E eles poderiam ficar doentes. E tinham que se cuidar. Um norte foi traçado.

– O que fazemos? Acho que Bobby não está em condições de se deslocar. – disse novamente a irmã.

– Vamos fazer um grupo para explorar a plantação e tentar localizar os responsáveis. Depois tentamos saber se existe um lugar onde podemos levar Bobby.

Após discutirem ficou acertado que Eric e Diana iriam atrás dos agricultores. Sheila não conseguiria sair de perto do irmão. Presto poderia atrasar o grupo e Hank ficaria tomando conta. Seria a melhor opção. Os dois tinham um bom preparo físico e poderiam vencer em um dia o que eles demorariam dois. Eric arrumou um jeito de colocar o escudo nas costas, eles se despediram dos outros e começaram a correr por entre a mata.

Para dois atletas o trekking na mata não era tarefa difícil. Diana saiu na frente de Eric e em rápidas passadas foram

contornando as árvores. A cada trinta minutos diminuían o passo para recuperar as forças e quando se sentiam bem voltavam ao ritmo puxado. Nas primeiras horas da noite venceram a floresta. Optaram por descansar perto das últimas árvores para se protegerem. Devido ao cansaço, deitaram e dormiram.

O outro grupo sem ter o que fazer era só agonia. Bobby dormia, mas de vez em quando gemia. Ao seu lado estavam Sheila e Hank. O arqueiro abraçava a namorada e lhe dizia palavras para encorajá-la. Não seria fácil aquela noite. E Hank nos seus cálculos, previu que os amigos ausentes demorariam pelo menos três dias para voltar.

O dia aconteceu. Quando Diana acordou, Eric já estava ao seu lado sentado a observando. Um sorriu para o outro e olharam em direção às plantações. Começaram a correr pelo caminho que julgaram mais curto. O sol azul marcava o meio do dia quando alcançaram a plantação. Não havia nenhum sinal de vida inteligente. Nesse momento a barriga de Eric roncou. Estava com fome. Então lembrou que na hora que pararam para dormir tinha feito sua última refeição: um pedaço de pão com queijo. Logo ele que adorava comer.

Os dois caminharam pela lateral do campo cultivado procurando por algum caminho no meio ou preparando-se para ir até o final e se tivesse necessidade, andar em todo o perímetro. Não foi necessário. Acharam uma pequena faixa de terra dividindo a plantação. Resolveram adentrar e ver até onde ela ia. Atravessaram toda a cultura e quando saíram tiveram a primeira mostra de civilização daquele lugar: Um agrupado de mais ou menos quinze casas. Elas estavam dispostas em dois círculos concêntricos e no meio havia uma área aberta onde algumas pessoas pareciam trabalhar.

– Seres humanos? – Perguntou Eric.
– Pelo que parece sim. – Respondeu Diana.
– E agora o que fazemos? – Como vamos dizer que somos amigos?

– Ou que não somo inimigos. – Diana disse isso com certo sarcasmo. Só para provocar o cavaleiro.

– Acho que não temos escolha. Temos que nos aproximar. Acha que vão nos atacar ou coisa parecida?

– Se nos atacarem Eric, não temos outra saída além de nos defender. Procure não machucar ninguém. Temos que pensar em Bobby. Mas espero não ser preciso. – Terminando essas palavras Diana começou a andar em direção da vila, Eric a acompanhou.

Não iria ser preciso entrar em combate. Logo eles foram avistados e no que seria a entrada do vilarejo, pessoas começaram a se aglomerar. Eric e Diana andavam calmamente. Procurariam chegar mais perto para conseguir estabelecer algum tipo de contato verbal.

– Será que eles falam inglês? – Indagou o cavaleiro. Diana riu.

– Boa pergunta Eric. – Mas creio que sim. O Mestre dos Magos não falou em inglês com a gente?

– Ele é o “MESTRE DOS MAGOS”! – Disse Eric com ênfase e fazendo gestos de aspas, além de uma careta como se estivesse com medo. – Ele deve falar todos os idiomas. E pode ter aprendido com a tal da Letizia.

– Hum... pode ser verdade. Espero não ter que fazer mímica. – devolveu a acrobata sorrindo da sua piadinha a La Eric.

Quando iam se aproximando, viram que as pessoas não eram tão pessoas assim. Elas eram baixas, deveria ter no máximo um metro e cinquenta a mais alta. Não tinham cabelo, e o mais curioso: Possuíam uma cauda que pendia acima das nádegas e seu ultimo terço arrastava-se pelo chão. As feições eram de humanos com narizes achatados, as narinas eram enormes, e orelhas pequenas e bem redondas. O tom de pele era avermelhado. Eles vestiam túnicas de um tecido grosseiro amarradas na cintura por uma corda ou um cinto bem tosco. Andavam descalços. Quando estavam bem perto, três daqueles indivíduos foram na direção deles.

O povoado falava inglês. Pelo menos eles entenderam e se fizeram entendidos. Eric e Diana tentaram explicar de onde vieram

e falaram sobre o Mestre dos Magos. Explicaram que vieram do buraco no céu e que estavam presentes na luta entre a nave de Trevor e Tiamat. A raça daquele vilarejo chamava-se Morzork.

Os garotos acabaram por desvendar alguns mistérios dos últimos dias. Todos na vila viram quando o buraco no céu se abriu e uma nuvem em forma de turbilhão tocou a terra. Nesse momento Diana pensou que provavelmente todo o Reino testemunhou a chegada deles quando caíram. Mr. Trevor cortando os ares e combatendo Tiamat foi outra atração que os morzorks presenciaram. Eric e Diana contaram a versão deles para os fatos, o que impressionou muito Rankar, o chefe dos morzorks na vila.

Rankar ao saber que eram seis pessoas no grupo citou a semelhança com a grande profecia. Esses magos iriam enfrentar o demônio que caminhava entre eles. O resultado desta batalha selaria o destino dos mundos acima e abaixo do Reino. Eric riu ao ver a semelhança com o que considerava "estória" para assustar crianças contada pelo Mestre dos Magos.

Mas os garotos ficaram meio decepcionados. Apesar de verem Tiamat cruzando os céus, eles não sabiam nada sobre o dragão. Sobre o Vingador, eles falaram que não podiam dizer nada. Trazia mal-agouro a vila. E ninguém sabia da existência do Mestre dos Magos. Diana perguntou sobre os magos. Eles limitaram-se a falar que muitos séculos atrás houve uma batalha nos céus entre o bem e o mal. Essa batalha tinha mergulhado o Reino no caos e cada povo procurava se cuidar evitando os ataques dos exércitos dos gronks e dos gouyandes. Eles estavam sobre as ordens do Vingador com a missão de subjugar todas as cidades do Reino. Que a chegada dos magos marcaria também o retorno do grande demônio que andaria entre eles e tentaria escapar para o mundo superior.

Os dois tentavam cruzar a história contada pelos morzorks com o que ouviram do Mestre dos Magos. Havia alguma coisa que batia de uma história na outra. O que mais impressionou Eric foi o fato de ninguém conhecer o seu pequeno desafeto. Ele procurou descrevê-lo com a maior riqueza de detalhes possível, mas foi inútil. Nenhum morzork tinha a mínima idéia do que se tratava.

Foram quase duas horas trocando informações. Eles descobriram que estavam no Valeahrandá. Eram as últimas terras habitadas do Reino. Depois havia apenas o Deserto da Perdição, onde havia caído. Era um lugar desabitado, mas com imensa concentração de energia mágica e frequentado somente pelo dragão e pelo Vingador. Eles precisavam ir ao deserto de tempos em tempos para repor as energias. Às vezes ocorria de se enfrentarem quando se cruzavam.

Os antepassados distantes dos morzorks eram um povo nômade. Mas diz a lenda que ao descobrir um Tesouro Dourado os morzorks ascenderam. Deixaram a vida errante para se estabelecer no Valeahrandá. Eles multiplicaram o Tesouro Dourado e a sua essência está confiada hoje ao Grande Morzork. Para protegê-lo ele fez erguer a Grande Cidade. A raça prosperou e se tornou o povo mais organizado e evoluído do Reino. Dominaram as ciências, artes e as técnicas de luta. Os guardiões da essência tornaram-se magos.

Diana indagou Rankar sobre o castelo no alto da montanha. Rankar contou uma história parecida com a do Mestre dos Magos. Há muitos séculos, uma guerreira muito poderosa havia chegado em Valeahrandá pelo céu. Ela veio numa grande embarcação e junto com seu exército construiu a fortaleza no alto daquela montanha. Durante muito tempo os gronks e os goyandes tentaram tomar a fortaleza. Até que um dia a guerreira se transformou num mago e os expulsou daquelas terras. Ela governou Valeahrandá por muito tempo até que um dia se trancou no castelo e nunca mais saiu de lá. Os portões da fortaleza permanecem trancados desde então.

– Tem muito tempo isso? – Perguntou Eric.

– Creio que mais de trezentos anos. – Respondeu Rankar.

– “Trezentos anos!” – pensou Eric. – “Tudo nesse lugar é medido em séculos. Ninguém aqui fala em horas ou dias. Tudo aconteceu há muito tempo. Eu não vou aguentar ficar aqui tanto tempo!!!” – Concluiu o cavaleiro.

– Rankar, – disse Diana, – nós temos um problema e precisamos da sua ajuda.

– Minha guerreira, nós somos apenas humildes agricultores. No que podemos ajudá-la? – Perguntou o líder da vila.

– O bárbaro, o mais novo do nosso grupo está doente. Nós precisamos de alguém que possa ajudá-lo. Alguém que conheça das enfermidades e que possa lhe dar alguma medicação.

– O que ele tem? – Indagou novamente.

– A doença chama Diabetes, ele fica com muito açúcar no sangue. – Explicou Diana.

– Eu sou o responsável na vila quando alguém fica doente. Mas nunca ouvi falar dessa doença. – Concluiu o morzork.

Diana fez uma cara de desanimada e olhou para Eric.

– Mas na Grande Cidade, o Grande Morzork tem o poder para curar todas as doenças. Quando algum dos nossos fica muito doente, ele fornece a porção da cura, mas só para aqueles que lhe são fiéis.

A expressão dela mudou. Existia uma chance naquele lugar.

– Como fazemos para falar com ele? – Perguntou Diana.

– Vai ser fácil você falar com ele. Mas não sei se devem. – Respondeu Rankar.

– Por quê? – continuou perguntando Diana.

– Vocês estão com duas Armas do Poder. – Respondeu o morzork.

Diana e Eric se entreolharam. Os morzorks sabiam sobre as armas mágicas.

– Não entendi Rankar.

– Guerreira. Essas armas foram roubadas há muito tempo e foram o motivo da batalha nos céus entre os magos. Elas estiveram desaparecidas até agora. E todos sabem que quem possuir as Armas do Poder, controlará o Reino.

Diana e Eric já tinham essa informação. Veio do Mestre dos Magos. Mas naquele momento é que entenderam que todo o Reino queria botar a mão nos artefatos. Eles já não podiam largar as armas nem por um minuto. – “Quem sabe o que estes morzorks não podem estar tramando para conseguir as armas?” – Pensou Eric.

– Mas nós precisamos do remédio para Bobby. – Falou Diana.

– Guerreira, se você quiser descer até a Grande Cidade e falar com Largerk Herceger, eu disponibilizarei um guia para conduzi-los. Mas preciso avisar. Ele é muito poderoso. E vai fazer de tudo para tirar as armas de vocês. Eu reconsideraria falar com ele.

– E o que me aconselha Rankar? – Disse uma Diana preocupada.

– Reze para que seu amigo melhore. Vocês serão feitos prisioneiros e nunca mais verão seus amigos.

O coração de Diana apertou. A fala de Rankar parecia ser carregada de sinceridade. Ele temia mesmo o Grande Morzork. Mas ela não podia desistir de Bobby.

– Eu preciso ir Rankar. Não tenho escolha.

Na cabeça de Eric também não havia escolha. Ele não queria estar ali, mas não havia como voltar atrás. Sheila contava com ele. Não podia decepcioná-la. Mas a idéia de ficar no Reino o atormentava. Ainda mais com a possibilidade de passar o resto dos seus dias prisioneiro de um anão com rabo.

– Além do chefão, existe outra possibilidade de conseguir o remédio? – Perguntou Eric.

– Infelizmente não guerreiro. – Respondeu Rankar com voz pesarosa.

– Então vamos para a Grande Cidade falar com o Largerk. – Concluiu o cavaleiro não muito certo do que estava falando.

Já era tarde. Ficou acertado deles saírem cedo para a Grande Cidade dos Morzorks. Eric e Diana recusaram a hospitalidade de Rankar para dormirem na vila e prometeram voltar bem cedo. Com mais um dia de caminhada chegariam aos domínios de Largerk. Eles voltaram para o mesmo lugar onde dormiram a noite anterior. Conversaram um pouco e resolveram deitar para continuar a empreitada no próximo dia.

Eric roncava quando Diana acordou com um barulho de passos. Sentiu que alguém se aproximava. Ela ouvia o som de galhos secos se quebrando ao serem pressionados contra o solo. Silenciosamente levantou procurando orientar-se pelo som. Ao saber de onde viria o ataque, escondeu-se atrás de uma árvore. Eric seria sua isca.

Diana ouviu o passo bem perto de onde Eric dormia. Com cuidado, ela procurou olhar por detrás da árvore o inimigo. O vulto dele foi localizado. Num salto Diana jogou a figura que chegava sorrateiramente no chão.

– PRESTO!?!?!?!? – Exclamou assustada Diana. – O que você faz aqui?

No pulo, Diana tinha jogado Presto de encontro ao solo. Ele caiu de costas e ela pulou em cima dele. Era tudo que o garoto de óculos queria, mas não naquelas circunstâncias. Ela já estava com os punhos fechados prontos para disparar um soco quando reconheceu o mágico.

– Calma Diana, eu, eu , eu vim atrás de vocês. Bobby piorou. Sheila pediu para avisá-los. – Disse o garoto abobalhado e assustado.

– Está vendo a falta que não faz um celular? – A voz sonolenta vinha de Eric que com o barulho acordou.

Diana riu. Levantou-se e deu a mão para Presto. Quando estava de pé ela o abraçou.

– Que bom que está aqui!

Eles conversaram um pouco. Diana e Eric contaram sobre o encontro com os morzorks e a viagem que iriam ter no dia seguinte. Era bom ter mais um para ajudar na tarefa de enfrentar Largerk. Mais uma vez foram deitar e dormir. Quando acordaram, Presto preparou o tradicional café da manhã. O trio saiu em direção à vila dos morzorks.

Senkar seria o guia do grupo até a Grande Cidade. Eles se despediram de Rankar e passaram a seguir o pequeno de cauda. Ele ia à frente, sem falar nada, como se eles não existissem. Parecia que estava ali contra sua vontade. Que a missão para o qual foi designado não lhe agradava. Caminharam por mais de quatro horas quando ele sem falar uma palavra parou e resolveu se alimentar.

O morzork não lhes ofereceu uma parte da sua refeição. Novamente Presto teve que providenciar. Ele terminou de comer, deitou-se um pouco e sem avisar levantou e começou a andar

novamente. Eles não tiveram outra alternativa senão acompanhar o ritmo do anão de rabo, como diria Eric.

Desde que saíram da vila, podiam avistar a Grande Cidade. Ela ficava no meio de um vale e a estrada era apenas uma descida. Presto só pensava na subida na volta. Mais algumas horas e eles alcançariam os portões do burgo. Mentalmente Diana ia maquinando um plano para conseguir obter a preciosa poção de Largerk. Ela tinha Eric e Presto para ajudá-la. E tentava encaixá-los da melhor maneira possível na estratégia que tentava bolar. Parecia faltar menos de um quilometro para chegarem até os portões quando o morzork parou. E as únicas palavras que disse foram:

– Vocês estão sozinhos daqui para frente. Minha missão era conduzi-los até os portões da cidade. Sigam em frente.

Quando concluiu essas palavras, virou e seguiu o caminho de volta a vila como se nada tivesse acontecido.

– Eu prefiro assim. – Disse Eric.

– Sou obrigado a concordar com você. – Falou Diana. – Sem ele para entrar na Grande Cidade podemos nos organizar sem medo de alguém nos denunciar.

– E o que você acha que devemos fazer? – Perguntou Presto.

O plano de Diana era relativamente simples, mas perigoso. Ela e Eric entrariam na cidade para falar com Largerk. Presto ficaria com suas armas. Assim não corriam o risco de serem capturados e ficarem sem elas. Sem as armas não havia motivos para Largerk os aprisionarem. Seria melhor para ele dar a poção e segui-los para poder aprisionar todos e obter não apenas duas, mas seis armas.

– Você sabe que vai levar o lobo para a toca do cordeiro não é? – Ponderou Presto.

– Sim Presto, eu sei. Mas não vejo alternativa. E lá na floresta quando Bobby tiver tomado o remédio serão seis contra a tropa deles.

– Você quis dizer cinco, não é? – Consertou Eric. – O Presto ainda não aprendeu a pilotar o chapéu.

Diana riu por dentro. Era verdade, mas não podia deixar isso transparecer. Limitou-se a pedir para Eric deixar de ser bobo.

Mais uma vez...

De acordo com o plano, Diana e Eric entregaram as armas a Presto. Ele as guardou dentro do chapéu.

– E se ele não conseguir tirá-las de novo? – Eric ficou preocupado de verdade. Presto para remover as preocupações do cavaleiro, colocou e tirou as armas de dentro da cartola mágica várias vezes.

– Não gaste as tentativas Presto, por favor. – Brincou Eric.

Presto se escondeu perto dos portões. Eric e Diana caminharam para a Grande Cidade. O nome fazia jus. Ela era imensa. Na sua frente, tinha muros com mais de 20 metros de altura divididos pelos portões do mesmo tamanho. Eles estavam abertos e havia um intenso tráfego de carroças e morzorks a pé entrando e saindo. Apesar de serem da única raça diferente, os anões de cauda não deram a mínima atenção para eles.

Por dentro da muralha muitas construções. Eram casas e prédios de pedra, cortadas com esmero e justapostas calculadamente. As casas tinham dois andares na sua maioria com uma varanda e os telhados também de pedra eram ondulados. Eram construções harmônicas, mas apesar disso eram feitas de forma desordenadas, criavam várias trilhas que transformavam a cidade num labirinto. Não parecia ter sido obra do acaso ou de falta de planejamento. Bem pelo contrário. Cada linha de desordem denotava que foi pensada com cuidado, para confundir quem não estava familiarizado com a arquitetura local. Uma armadilha eficaz e uma grande defesa dos segredos dos morzorks. Diana começou a se preocupar. Andar por ali sem um guia era ineficaz. Eles iriam se perder facilmente.

– Já estou perdido nessa cidade. – Disse Eric.

Diana só riu com aquelas palavras. Ela ainda tinha uma vaga noção de como voltar até a entrada. Eles caminharam no rumo da maior construção, provavelmente seria onde Largerk se encontrava. Na porta havia alguns morzorks uniformizados. Quando os viram caminharam na direção dos dois. Eles foram notados afinal. Os soldados chegaram perto.

– O Grande Morzork espera por vocês. Por favor, nos acompanhe.

Diana e Eric ficaram surpresos. Alguém na vila devia ter mandado uma mensagem avisando da chegada de estranhos. Sem dúvida Rankar enviou um mensageiro mais rápido que Senkar. De qualquer forma estava dentro do seu plano. Ela conseguiu uma audiência com o dono da poção.

Eles foram escoltados para dentro da construção. Os portões abriram-se e tiveram que atravessar uma longa ponte feita de cordas e madeira. Os domínios de Largerk foram feitos para evitar que ninguém entrasse ou saísse sem ser notado ou autorizado. Provavelmente foi construída com aqueles materiais para ser destruída rapidamente, caso necessário fosse impedir a entrada ou saída de alguém indesejável. Logo abaixo um fosso fundo. A construção no final da ponte era simples ao contrário do que tinham imaginado. Eles terminaram de cruzar a ligação de cordas, passaram por quatro guardas que estavam de sentinela e foram encontrar Largerk.

13. O GLADIADOR

L

argerk não diferia em nada dos outros morzorks. Até a mesma roupa feita do tecido grosseiro preso à cintura com um largo cinto era igual a dos outros que viram. Nenhuma cor diferente, nenhum adorno que demonstrasse seu nível hierárquico. Ele estava sentado em uma grande almofada quase no final do salão, que parecia ser o único cômodo da construção. A sua esquerda havia mais três morzorks sentados como ele, só que em almofadas menores. Atrás do morzork havia uma fileira de armaduras. Todas diferentes. Não apenas da forma que foram manufaturadas, mas também em tamanho e cores. Os soldados pararam de escoltar Eric e Diana e os dois caminharam até o líder e pararam na sua frente.

– É uma honra ser recebida pelo Grande Morzork. – Disse Diana.

– Obrigado guerreira. – Disse Largerk. – Para mim também é uma honra receber os portadores das Armas do Poder.

– Nós estamos numa missão de vida ou morte, – continuou Diana, – um dos portadores foi acometido por uma grave doença e precisa da ajuda do líder dos morzorks para sobreviver.

O morzork já sabia do pedido que seria feito. Ele ficou impassível por algum tempo. Depois falou:

– Eu tenho comigo o remédio que uso para curar as enfermidades do meu povo. Mas temo que ele não vá fazer efeito no portador doente.

– Mas como poderemos saber se não tentar? – Indagou Diana.

Eric olhava a conversa. A vontade que tinha era de dar uns tapas no anãozinho rabudo até que ele entregasse a tal poção. Ele ouvia o diálogo entre Diana e Largerk e achava totalmente improdutivo. Então virou de costas e ficou mexendo a boca, fazendo caretas, dublando jocosamente os dois interlocutores. Voltando para frente e desviando os olhos dos dois, começou a procurar pelo lugar onde poderia estar a poção. As paredes daquele salão estavam nuas. Não havia uma reentrância ou prateleira. Eram somente as almofadas, as janelas e as armaduras. Definitivamente a poção não estava lá.

– Façamos um teste então. Acompanhe-me guerreira. – Largerk levantou-se e buscou Diana pela mão. Ela olhou para Eric que devolveu uma olhada de – “Fazer o que?” – Eles passaram pelas armaduras e Diana deparou-se com uma escada escondida por uma ilusão de ótica. Ela foi construída de tal forma que se você olhasse de qualquer parte do salão não conseguiria visualizá-la. As pedras dos degraus foram dispostas de tal maneira que pareciam continuação do chão. Mas ao aproximar-se Diana teve a impressão que estava atravessando as pedras e descendo como num truque de mágica.

A escada era em espiral, longa, ficou com a impressão que tinha descido vinte ou trinta metros. O morzork ainda a conduzia pela mão. Enfim chegaram numa caverna.

A furna subterrânea estava iluminada por diversas labaredas que brotavam do chão. Era pura lava com umas poucas pedras emersas. No seu teto muitas estalactites pendiam. Do outro lado da caverna havia um outro morzork. Ele parecia bem mais velho. Era o primeiro daquela raça que Diana via com cabelo. Era comprido. Do seu rosto pendia uma barba grande. As unhas das mãos eram grandes com que se nunca tivessem sido cortadas. Parecia que ele estava isolado há muito tempo.

Largerk gritou algo para ele numa língua desconhecida. Ele caminhou até uma gruta e voltou de lá com um pequeno frasco. Parecia uma amostra grátis de perfume. O velho morzork chegou na beira do lago de lava que o separava do outro lado da caverna e soltou o vidrinho. Para a surpresa de Diana ele ficou flutuando no

ar. Largerk, de olhos fechados, como se estivesse em transe, começou a recitar palavras incompreensíveis para a menina e o frasco começou a voar na direção deles.

O pequeno vidro atravessou toda extensão da lava. Quando chegou ao outro lado, Largerk esticou a mão e abriu os olhos. O vidro caiu na sua palma. Ele fechou a mão com o pequeno frasco dentro e dando novamente a outra mão para Diana, conduziu-a de volta ao salão.

– Este frasco contém uma pequena dose da nossa poção da cura. Ela não é suficiente para ajudar o seu amigo enfermo. – Disse Largerk.

Diana não entendeu nada. Ele continuou.

– Produzir essa poção nos é muito caro e difícil. Por isso não podemos nos dar o luxo de desperdiçá-la. Mas para mostrar a boa vontade dos morzorks eu vou fazer um teste e saber se ela vai ser eficaz no tratamento do seu amigo. Você concorda em fazer esse teste?

Diana acenou com a cabeça que sim. Largerk ainda segurando a mão de Diana, guardou o frasco no bolso e tirou da cintura uma pequena adaga. Ele fez um corte na palma da mão de Diana que assistiu aterrorizada o gesto do morzork. Quando ele terminou, Ela puxou a mão apertando-a de dor.

– Calma guerreira. Essa é a única forma de testarmos a poção. – E guardando a adaga, tirou o frasco do bolso, abriu-o e derramou as poucas gotas do seu interior na mão sangrando de Diana. Em poucos segundos a ferida cicatrizou-se. A poção fazia efeito em humanos.

– “Bobby estava salvo!” – Pensou a garota.

Diana virou-se e sorriu para Eric que assistiu a tudo com cara de bobo. Voltou para Largerk e pediu:

– Você pode nos fornecer uma dose da poção suficiente para curar nosso amigo?

– Eu poderia lhe fornecer o remédio. Mas como lhe disse, obter essa poção é muito difícil para nós. Como eu justificaria ao meu povo entregar uma quantidade para uma raça desconhecida?

– Não somos uma raça desconhecida, – retrucou Diana. – Somos da mesma raça de Letizia! – A acrobata lembrou-se da humana que era maga e senhora daquelas terras.

– Letizia não é vista há muitos séculos, – devolveu o morzork, – provavelmente está morta.

– Mas onde está a gratidão dos morzorks por ela ter trazido a paz para este lado do Reino? – Tentou argumentar Diana incerta do sucesso das suas palavras.

– Você acha que nós morzorks não somos gratos a ela? – contra-atacou Largerk.

– Eu não falei nada. Você que está dizendo.

Largerk se calou por alguns instantes. Ele olhou para a guerreira impassível na sua frente. Depois de alguns minutos calado, ele propôs a Diana:

– Eu faço um trato com você. Se existe algo que os morzorks gostam é de uma luta saudável. Vença o nosso campeão e eu lhe darei a poção.

– Vencer? Como assim? – Perguntou Diana.

Largerk explicou a Diana que no meio da Grande Cidade havia uma arena onde os morzorks assistiam combates de lutadores. Havia vários níveis de luta. Desde demonstrações até execuções de condenados. Ela achou que estava falando com um romano nesse momento. Era uma prática comum outros povos virem a Grande Cidade pedir pela poção. O preço a ser pago era enfrentar os morzorks lutadores. Se vencessem levavam a poção. Se perdessem, a armadura do guerreiro passaria a pertencer à coleção de Largerk

– Eu não posso decidir isso sozinha. Você me dá um momento a só com o cavaleiro?

– Todo o tempo que você precisar guerreira.

– E como seriam essas lutas? Usariam armas?

– Não guerreira, apenas as mãos. Apenas o que a natureza deu para o lutador.

Diana caminhou até Eric e ficaram confabulando.

– O que você acha? – Perguntou a Eric.

– Hum... sair na mão com esses anõezinhos? Eles estão de brincadeira não é? – Respondeu o cavaleiro, seguro de si.

– Eric, isso não é brincadeira. Eles levam isso muito a sério aqui.

– Ah Diana! Eu acho tranquilo. Esqueceu-se que enfrentei os gronks usando as mãos?

– Você tinha um escudo mágico e essas luvas de metal. Na arena deles não vai poder usar nada disso.

Eric queria lutar. Por dois motivos. Um: Ele adoraria encher de pancada um pigmeu daqueles. Iria ajudar a extravasar a tensão aprisionada dentro da sua mente. Dois: Bobby ficaria lhe devendo uma. Ele não poderia odiar a pessoa que lhe salvou a vida.

– E se você perder Eric? – Questionou Diana. Mas Eric não cogitava essa hipótese.

– Só se me der câimbra por dar tanta pancada num baixinho desses. Não se preocupe. – Disse o cavaleiro.

Diana voltou para Largerk e aceitou o desafio, mas fez questão de mudar os termos. Se Eric não perdesse, poderiam levar a poção.

– E se seu campeão desistir do combate? – Argumentou Diana. O confronto ficou marcado para a noite. E foi acordado que eles sairiam da Grande Cidade tão logo terminasse o embate, vitoriosos ou não. Eles agradeceram ao líder dos morzorks e saíram para encontrar Presto.

No outro lado da floresta, Sheila e Hank cuidavam de Bobby. Ele começou a suar frio em grandes quantidades, estava se desidratando. E reclamava de dores de cabeça além de tremer muito. Sheila não podia ficar lhe administrando todo o tempo doses de suco, pois a terapia para acabar com os sintomas cobraria um alto preço depois. Ela estava preocupada. Fazia dois dias que seus amigos foram em busca de ajuda e ainda não tinham notícias. Sheila calculou que deveriam voltar em três dias se tudo desse certo. Faltava apenas um para que ela começasse a se preocupar mais ainda. Hank estava do seu lado. Quando não estava lhe confortando, ficava conversando com Bobby ajudando a diminuir o

sofrimento do garoto. Ela se sentia mal por estar impotente. Então começou a pensar no mestre dos magos. Por onde andaria aquele que se intitulou o guia deles? Era o momento mais delicado desde que o encontraram e na hora que ela mais precisava dele, não deu um sinal de vida. Simplesmente não entendia. –“Onde estaria num momento tão difícil?” – Sheila não parava de se perguntar.

Ao ver a expressão preocupada de Sheila, Hank sentou ao seu lado e abraçou-a aninhando a cabeça da namorada no seu ombro. Ela devolveu o abraço e ele a apertou um pouquinho, cuidadosamente. A mão esquerda do arqueiro foi para os cabelos vermelhos da amada e ele ficou passando os dedos por entre os fios de fogo num carinho gostoso. Ela se sentiu confortada, e aquele gesto de Hank a fez caminhar para um agradável cochilo. Por alguns minutos, desligou da preocupação.

Hank ao notar o sono da namorada, passou a mexer os dedos devagarzinho até que eles pararam. Ele ficou ali imóvel para que Sheila não acordasse. Queria congelar aquele momento para sempre. Ela junto dele, em paz...

– Eric, você não está com medo? – Perguntou o amigo.

– Hum... Não! – Disse enfático.

– Eric, esses morzorks podem ser pequenos, mas pelo que me contaram eles gostam de combates. Podem ter truques ou saber algum tipo de arte marcial.

– Não seja por isso. Esquece que eu luto jiu-jítsu? O máximo que aconteceria é ficarmos no mano a mano.

Eric falava aquelas palavras deitado na grama do lado de fora da Grande Cidade. Não havia um “A” de preocupação na sua voz ou nos seus gestos. Parecia que ia entrar em quadra a noite e não numa luta com os próprios punhos. Presto afastou-se do cavaleiro e foi conversar com Diana.

– Estou preocupado, ele está muito confiante e não sabe o que vai encontrar pela frente. E se ele perder?

– Só espero que ele não morra na arena. Mas isso já foi acordado com Largerk que não é um combate de vida ou morte. Eu até adoraria ver o Eric tomando uns tabefes. Diana estava muito

entusiasmada com o jogador de basquete quando o viu na quadra. Até imaginou-se dando uns amassos nele durante a festa da comemoração. Só que a ida ao parque de diversões foi uma ducha fria nas suas pretensões. Agora ela estava feliz de não ter rolado nada. Tirando o físico, Eric não tinha nada a ver com ela. Já Presto... Ela achava Presto uma gracinha.

– Mas se ele perder não vamos levar a poção para Bobby! – Presto estava visivelmente preocupado.

– Se ele perder. Mas tenho certeza que vamos levar a poção. – E deu um sorriso largo mostrando os dentes brancos e perfeitos. Presto coçou a cabeça duvidando da confiança de Diana em Eric. Os dois deitaram na grama olhando para o céu lado a lado. Diana segurou a mão de Presto e disse:

– Não se preocupe. – E eles ficaram ali deitados até chegar o momento de dirigirem-se até a arena. Adormeceram.

Quando acordaram Eric já estava de pé. Ele tinha tirado toda sua roupa e estava apenas de cueca boxer alongando-se. Ele era um atleta e sabia que mesmo numa luta contra um baixinho tinha que estar com os músculos acordados. Diana abriu os olhos e ao ver o corpo quase divino do cavaleiro, fechou-os rapidamente e fingiu estar dormindo. Ela ficou sem graça, Eric não era um bom exemplo de homem, mas ao ver aquela quantidade de músculos bem delineados envoltos apenas num pedaço apertado de lycra, sentiu uma descarga de hormônios no corpo. E para piorar, ao fechar os olhos começou a imaginar como ele seria sem nada. Ela não aguentou, e virou para o lado, deu um bocejo grande e fingiu estar acordando para avisar o cavaleiro seminu da sua presença. –“Hum... Sheila passava bem! – Que inveja!” – pensou a acrobata entre uma e outra imagem libidinosa que vinha a sua cabeça.

Ela se levantou. O cavaleiro apesar de ciente dos movimentos de Diana, não alterou em nada seu comportamento. Estava erguendo os braços e ficando na ponta dos pés. Essa imagem fez com que Diana contasse cada placa enrijecida do seu abdômen. Ela se sentiu quente. Ele mudou de exercício e a garota foi acordar Presto para se preocupar com outra coisa. Eric encerrou sua sequência de alongamentos e começou a se vestir. Diana olhou

por cima do ombro de Presto que já estava de pé e respirou aliviada por não ter que ficar monitorando-se para não assistir o desfile de músculos do Cavaleiro.

– Já deve estar na hora! – Disse Eric com um sorriso confiante.

– Tem mesmo certeza que quer fazer isso? – Perguntou novamente um amigo preocupado.

– Claro que tenho. Tudo para ajudar o playmobil viking. – Respondeu arrogantemente.

– Então vamos, ainda temos que achar a arena. – Disse Diana medindo e pesando Eric com os olhos pela última vez.

Os três tomaram o caminho dos portões da Grande Cidade. Era noite e a entrada da grande muralha já se encontrava fechada. Quando se aproximaram, um lado se abriu. Os já conhecidos morzorks de uniforme esperavam por eles. O trio foi conduzido por entre as vielas da cidade até uma grande parede com várias entradas. Era a arena. Na última entrada da direita estava Largerk, esperando por eles.

– Vocês quase se atrasaram! Tiveram algum problema para chegar? – Perguntou o anfitrião.

– Não, acho que dormimos demais mesmo. Mas já está na hora? – Perguntou Diana.

– Quase na hora. A luta anterior acabou nesse instante. Depois do intervalo seu cavaleiro poderá entrar na arena. Mas vai ser uma pena, ele não poderá encarar o meu campeão. – Disse Largerk.

– Por quê? – Diana ficou curiosa.

– Ele machucou-se na primeira luta. Mas o substituto está quase à altura. É o segundo homem em número de vitórias.

Eric riu por dentro. Provavelmente o tal campeão certo da sua derrota, não iria querer manchar sua carreira. Ninguém conscientemente gasta as energias numa luta secundária sabendo que faria parte da principal. O certo seria se guardar.

– Quem machucou o campeão? – Perguntou Eric.

– Senkar. O número dois que você irá enfrentar.

Eric não conseguiu se controlar e soltou uma gargalhada. O guia mal humorado seria seu oponente. Ele não tinha ido com a cara do morzork e a notícia o deixou mais motivado ainda. O baixinho rabudo ia aprender a ter bons modos.

Largerk o encaminhou para uma sala que dava para o centro da arena. Diana foi convidada a se sentar na tribuna com o anfitrião, mas declinou do convite:

– Eu sou a técnica dele. Preciso estar por perto para orientá-lo.

– “Eu preferiria que ela fosse minha massagista.” – Devaneou Eric.

Largerk explicou as regras do combate e os deixou. Não era tão difícil assim. Estava mais para uma luta de boxe. Seriam dez assaltos com duração de cinco minutos cada. Cada contendor poderia usar a parte do corpo que quisesse para atacar, mas tinha que estar nua. No final dos dez assaltos se nenhum dos dois caísse, seria decretado empate.

– Está vendo como foi bom eu mudar os termos do acordo? – Disse Diana. – Largerk estava sendo capcioso! – Completou piscando um olho e dando um sorriso para os dois amigos.

Eric tirou novamente toda a roupa sem a menor cerimônia. Ficaria mais fácil para se movimentar e dar os golpes. Mais uma vez a acrobata ficou desnorteada. A porta para a arena se abriu e um morzork uniformizado chamou pelos garotos. Eles ficariam numa área cercada por grades onde Eric poderia descansar no intervalo dos assaltos. Quando entrou, Presto pegou na mão de Diana para conduzi-la, mas com um pequeno toque ela rejeitou e disse:

– Eu não vou Presto.

– Você não vai assistir a luta? Por quê? – Estranhou o mágico. Ela estava doida para Eric apanhar um pouco.

– Eu tenho que pegar uma certa poção. E não posso me dar ao luxo de Bobby pagar pela arrogância de Eric.

– Acha que ele não vai ganhar desses anõezinhos?

– Não sei, Largerk está muito confiante. Presto, você consegue tirar uma capa para mim do seu chapéu?

– Como a da Sheila? Acho que não.

– Pode ser uma normal, mas bem discreta. – Pediu Diana
Presto tirou o chapéu e surpreso viu sair na sua mão uma
capa. Ele entregou a Diana e entrou para a arena.

A arena não era muito grande. Um círculo com mais ou
menos uns 15 metros de diâmetro. Era toda iluminada por tochas
que cercavam todo o perímetro. Havia dois cômodos gradeados
onde os contendores ficavam nos intervalos e as arquibancadas
estavam dois metros acima. Presto contou oito lances que se
abriam como num campo de futebol. Elas estavam cheias. Quando
Eric entrou, vaias tomaram conta do local. Eric nem perdeu tempo
dentro da grade, ele adorava uma plateia. Entrou na arena levantou
os braços em V saudando aquele povo que veria vê-lo esticado na
areia e começou a dar chutes no ar se exibindo. Ora levantava
apenas uma perna acima da sua cabeça, ora dava saltos como se
quisesse atingir um inimigo imaginário. Ele se voltava para Presto e
ria. O amigo sacudia a cabeça como que desaprovasse suas
atitudes. As vaias pararam, a plateia começou a falar o nome de
Senkar até que um barulho gigante tomou conta do local. Eric virou
para frente e viu o seu rival entrar.

Apesar dos gritos e incentivos, parecia que Senkar ainda
estava caminhando em direção à Grande Cidade. O pequeno
morzork estava totalmente alienado de onde se encontrava. Se
fosse Eric, já tinha subido nas grades, mandado beijinhos e puxado
o coro com o seu nome. Senkar deu mais dois passos e ficou parado
olhando para Eric que ficava desferindo chutes e socos no ar. Ele
virou-se para Presto e falou:

– Vai ser um massacre!

– Eu espero Eric, eu espero. – falou o amigo.

Largerk do alto da tribuna fez gestos para que seus
compatriotas se calassem. Ele esperou o silêncio da plateia e fez a
apresentação de Eric. Nova vaia. Ele pediu calma novamente e foi
atendido. Anunciou Senkar como o oponente de Eric. Novamente a
plateia foi à loucura chamando pelo nome do mal humorado
morzork. Quando o silêncio foi retomado, Largerk ditou as regras do
combate e deu por iniciada a contenda.

Eric riu mais uma vez para Presto e foi em direção a Senkar. O morzork estava se abaixando quando Eric deu um chute na sua cabeça. Ele caiu de uma vez e começou a se contorcer ajoelhado.

Eric novamente virou-se para Presto. Os dois trocaram sorrisos e o cavaleiro partiu para cima do oponente no chão. Vendo que Senkar ainda estava caído não quis se aproveitar da situação. O cavaleiro ficou com os punhos cerrados em posição de ataque e dando pequenos pulos de um lado para o outro. Seu adversário começou a tremer no chão.

-“Não durou nem 15 segundos. Não devia ter batido tão forte” – Pensou Eric. Ele olhava para Senkar e já estava com um pouco de pena do pequeno. Quando viu que a tremedeira tomou um ritmo mais rápido. Achou estranho. Parecia que o morzork ia ter um ataque do coração. De repente ele começou a se levantar. Senkar ficou de pé, e pareceu a Eric que ele estava um pouco maior. Achou estranho novamente. Senkar estava crescendo dentro da arena. Em poucas dezenas de segundos viu o morzork alcançar dois metros e meio de altura. – “Não devia ter batido tão forte.” – Pensou novamente Eric.

O morzork virou um gigante. Além de crescer ganhou músculos e a cara de Senkar que já era de poucos amigos, ficou furiosa. Eric engoliu a seco. A vantagem que ele tinha passou a ser do oponente. Mesmo com suas técnicas de jiu-jítsu ele teria que tomar cuidado. Como nos ringues de vale-tudo que participava, estudar os movimentos do adversário tornou-se primordial. Senkar estava grande. Gigantesco. Eric começou a andar para trás até grudar as costas na grade onde Presto se encontrava.

– E agora? – Perguntou para o mágico.

– Eric eu te avisei. Estava fácil demais. O tal do Largerk não é líder deles a toa. Ele não proporia um desafio tão fácil para a gente.

– Ele pode ter pensado que você entraria na arena... – Finalizou Eric.

Ao terminar essas palavras, ele notou que não foram somente as pernas e braços do morzork que cresceram. Sua cauda triplicou de tamanho e se antes ela apoiava o último terço no chão, agora se

elevava no ar como se fosse um quinto membro. Parecia uma serpente Naja em pé, dançando de um lado para o outro procurando a hora de desferir o golpe fatal. A túnica que antes vestia o pequeno morzork, agora era apenas um trapo cobrindo o quadril da monstruosa criatura.

O cavaleiro olhava assustado para Senkar. Mas agora não tinha jeito. Teria que encarar o desafio. E quando ele achou que a situação estava negra, Senkar conseguiu um jeito de piorar as coisas: Ele apertou as mãos, uma contra a outra, fazendo uma força imensa.

– Desse jeito ele vai se borrar todo aqui na arena. – Disse o cavaleiro.

Senkar fazia muita força, seus músculos estavam todos contraídos. Na face podia-se notar que os dentes estavam trincados. E para desespero de Eric, dois outros braços brotaram logo abaixo das axilas.

– Eu acho que você vai se borrar Eric. – Disse Presto.

– Oh, não, ninguém me disse que tinha de enfrentar o general Grievous!!!

A situação ficara fora de controle. Nos torneios de vale-tudo Eric já havia enfrentado caras bem maiores, e alguns com sucesso. Mas nunca um com quatro braços. Eles nasceram pequenos e começaram a crescer até tomar a proporção dos superiores. Senkar continuava apertando as mãos. Seu rosto era de dor pela transformação e quando sentiu que os novos membros estavam similares aos originais, partiu para cima de Eric.

– O que eu faço Presto?

– Acho melhor você correr em intervalos de cinco minutos...

Diana vestiu a capa que Presto lhe deu e saiu. Ela não poderia ser notada, mas a cidade estava deserta. Parecia que todos estavam na arena assistindo ao combate. Isso só ajudaria seu plano. Ela se curvou o máximo que podia para parecer com os morzorks, algo difícil, e encaminhou-se em direção aos aposentos de Largerk.

Não foi difícil chegar. Era perto e o caminho estava limpo. Ela chegou aos portões. Não havia como forçar a entrada e eles estavam guardados por quatro morzorks. Diana poderia vencê-los em combate, mas o alerta seria dado. Tinha que entrar sorrateiramente. Na parede lateral do portão, Diana se desfez da capa. Iria atrapalhar seus movimentos. Ela olhou para cima calculando a distância que tinha a vencer. Desatou o chicote da cintura, o esticou e o mediu com os olhos. Ele não dava comprimento para chegar ao topo da parede. Mas mesmo assim tomada por um instinto lançou-o para cima na intenção de cravá-lo no topo. Na sua trajetória a tira de couro cresceu e tomou o exato tamanho necessário para alcançar a parte mais alta daquela parede. Nada como possuir uma arma mágica. A acrobata verificou se ele estava seguro e começou a escalar o muro. Em poucos segundos já tinha iniciado a descida do outro lado da parede.

Na parte interna dois soldados faziam a vigília na ponte. Enquanto o primeiro ia em um sentido, o outro voltava. Eles passavam um pelo o outro vigiando toda a extensão da ligação que Diana deveria vencer.

Eric ainda estava com as costas contra a grade. Parecia que ele ainda queria um conselho milagroso de Presto, mas pelo jeito não iria ouvir. Senkar se aproximava dentro da sua forma insidiosa. Eric resolveu atacar. Ficar na defensiva não adiantaria em nada. O morzork se locomovia pesadamente, como que não estivesse acostumado com aquele corpo. Isso poderia ser uma vantagem, pensou. Dando os seus pequenos pulos e de punhos em riste, Eric deu uma corrida. Saltou no ar e desferiu um golpe no joelho de Senkar. Normalmente aquele golpe era proibido em qualquer tipo de competição, pois era fatal. Um lutador que recebe uma ofensa no joelho não tem como se equilibrar mais. Ele se prostra e fica a mercê do rival. E o golpe dado por Eric doeu. Só que no pé do próprio Eric. Foi como se ele estivesse batido em uma parede de concreto. Ao cair ele teve dificuldades para apoiar o pé. Saindo mancando de lado e sentiu os braços inferiores do morzork agarrá-lo pela cintura. Ele olhou para cima e conseguiu ver ainda o braço

superior esquerdo desferir um golpe na direção do seu rosto. Ele desviou, mas o braço direito não errou. Eric sentiu os dentes tremerem quando sua face encontrou a mão destra do rival. Então visualizou estrelas.

O cavaleiro estava ali, levantado do solo, tendo a cintura esmagada e sem poder fazer nada por isso. Tinha que se contentar em amortecer os golpes dos membros superiores de Senkar. O morzork desferia uma sequência de socos visando fazer Eric errar uma das defesas e abrir a guarda para que ele transformasse seu rosto em purê de batata. Quando já estava notando sinais de cansaço do cavaleiro, sentiu uma forte dor na virilha. Ele largou Eric e caiu com as quatro mãos protegendo suas partes íntimas.

Enquanto Eric se defendia com as mãos, tentou calcular o local exato que deveria dar um chute na parte mais sensível do corpo de um macho. Seus braços trabalhavam no automático. Quando viu que estava pronto e que não erraria o golpe, centrou todas as suas forças na perna esquerda e bateu com toda a potência que poderia concentrar no membro inferior. Senkar tombou no chão. Eric tomou distância e correu na direção do morzork. Ele se preparou para dar um chute bem forte no rosto. Mas quando seu pé aproximava-se no ar, a cauda do morzork o segurou. Ela fez um movimento que girou Eric por inteiro e ele foi cair na areia. Senkar tentou se levantar, mais a pancada que levou ainda doía muito. Eric caiu no chão. Ao ver-se longe do alcance do inimigo, resolveu ficar ali por mais alguns instantes se recompondo. Sua face estava colada na areia e ele mantinha apenas um olho aberto para vigiar o grandalhão. Parte do seu corpo literalmente descansava. O morzork parou de arfar e levantou-se. Eric fez o mesmo.

Diana começou a calcular o tempo que os dois guardas demoravam para concluir a ronda na ponte. Depois de duas ou três voltas dos morzorks ela chegou à conclusão que não haveria como passar por cima. Seria vista no primeiro segundo. Na sua cabeça só havia um ponto cego: Quando eles davam um giro de 180° para mudar a direção. Ela teria menos de um segundo para fazer qualquer manobra. E teria que ser bem silenciosa. A cada fração de

segundo que eles giravam, Diana arrastava-se um pouco para perto da entrada da ponte. A escuridão do lugar e sua cor ajudavam no processo de camuflagem. Seu medo era que alguma das peças de ouro que ornavam seu corpo a denunciasses. Não foi preciso se preocupar. Quinze voltas depois ela estava do lado da entrada. O morzork passou do seu lado e não a notou. Quando ele girou e caminhou para o meio da ponte, Diana rolou para o fosso e numa manobra de escalada pulou e agarrou-se embaixo da ponte.

Ela estava suspensa abaixo dos soldados, segura apenas pelas mãos. Teria que vencer os vinte metros de extensão da ponte. E cuidadosamente, mão a mão para evitar chamar a atenção do guardas foi se deslocando para chegar aos aposentos de Largerk. Parecia que caminhava no ar com os braços levantados. Bem devagar, com calma, acompanhando o compasso dos pés acima da sua cabeça, metodicamente, ela começou a difícil tarefa.

Eric tomou mais um soco do morzork. Seu corpo girou para trás acompanhando a cabeça adiantada uma fração de segundos. Era o quinto ou sexto daquela sequência. Sua boca sangrava. Seus olhos já estavam marcados. Ele até tentou bloquear os socos, mas Senkar variava os locais em que batia, tornando difícil tentar prever de onde vinham os ataques dos quatro braços. Um sino tocou avisando o final do round e o cavaleiro caiu aliviado no chão. Presto foi ajudá-lo a chegar no gradeado.

– Você viu como bati na mão dele com a minha cara, Presto? – Disse Eric conseguindo fazer uma piada mesmo naquela hora.

– Sim Eric, vi. Você conseguiu quebrar uns dois dedos dele.

– Tá vendo? Faltam apenas dezoito se eu der a sorte dele não usar os pés. – Devolveu Eric quase que delirando.

Naquele momento já tinham passado seis rounds. Presto estava achando incrível Eric continuar de pé. Nos primeiros rounds ele bem que tentou enfrentar Senkar, mas a vantagem do anão transformado em gigante era imensa. Se Eric não tivesse uma boa técnica e uma grande bagagem nas lutas de vale-tudo, teria sido esmagado no máximo no segundo round. Ele chegou a machucar

um pouco seu oponente, mas perto dos estragos que foram feitos no seu corpo, eram apenas arranhões.

– Eric não é melhor parar a luta?

– Não, não posso. Sheila precisa do remédio para o veadinho do irmão. Aliás, onde está ela? Ela ficou com aquele anão na tribuna? – Eric já estava confundindo Diana com Sheila.

– Você quis dizer Diana, Eric. – Falou Presto bem preocupado.

– Isso mesmo, bem que vi que ela tinha pegado sol demais.

– Brincou o cavaleiro.

Presto não gostou do comentário racista do amigo, mas ficou calado. De qualquer forma Eric estava se entregando a batalha para dar tempo de Diana conseguir roubar a poção. Ele era chato e arrogante, mas nesses atos demonstrava o bom coração que tinha, como no dia em que o salvou no banheiro.

O sinal tocou, era hora de Eric voltar. Presto apostou consigo mesmo que o amigo cairia naquele round. O cavaleiro levantou do banco e andando em direção da arena falou:

– Desta vez vou quebrar três dedos dele. E só vai me custar dois dentes...

Os braços de Diana estavam doendo. Ela tinha enfim chegado ao fim da ponte. Apoiou as pernas na parede do fosso, o que a ajudou a descansar os braços fatigados. Ela voltou a contar os passos acima da sua cabeça e em nova avaliação, fez a manobra anterior ao contrário, agarrando-se à parede do fosso para escalá-la sem que fosse notada. Quando os guardas se cruzaram no meio da ponte, ela enfim saiu do imenso buraco e arrastou-se até a entrada dos aposentos de Largerk. Sua maior dificuldade seria abrir a porta. Ela não teria tempo sem ser vista. Ao que tudo indicava, teria que se denunciar para poder entrar. O tempo seria insuficiente para poder obter a poção. Todo esforço iria por água abaixo. Diana tinha que pensar em uma alternativa. Ela desejou ter a capa de Sheila, seria mais útil do que seu chicote mágico. Os dois morzorks continuavam na sua lenta e monótona rotina. Pelos seus cálculos a luta demoraria somente mais um pouco. A não ser que Eric

contrariasse suas instruções e levasse o pequeno oponente à lona mais cedo. Ou se tivesse acontecido o contrário.

A agonia tomava conta de Diana. Ela lutava para não cometer um ato impensado que destruiria todo esforço feito até o momento. Nessa hora a sorte ajudou. Os guardas caminharam juntos para a cabeça da ponte e outros guardas entraram. Era a troca de turno. Ela aproveitou aqueles segundos preciosos e passou rapidamente pela porta.

– “Entrar foi fácil. Agora quero ver como vou conseguir sair sem ser notada.” – Pensou a acrobata. Ela não teria do lado de dentro como calcular a hora certa para passar. O alarme seria dado. A sua única alternativa era vencer os morzorks antes que eles revelassem sua presença. Ela tinha que voltar para a arena antes que dessem sua falta. Diana atravessou os aposentos de Largerk e desceu na escada oculta atrás das armaduras. Quando completou o espiral e chegou à caverna viu seu novo desafio: Vencer o lago de lava. Na ida e na volta.

Era a penúltima etapa. O rosto de Eric estava todo inchado e sangrava muito. E o round nem havia começado. Eric levantou-se da cadeira, caminhou para a arena e esperou por mais um ataque de Senkar. Ele ficou cambaleando, juntando todas as forças para não cair antes de receber um golpe. Em alguns segundos sentiu o punho do morzork e caiu no chão. Ele olhou para Presto e perguntou:

– Sheila já voltou?

– Você quer dizer Diana. – Falou o mágico achando que seria os últimos cinco minutos de vida do amigo.

– Isso, Isso. É que elas são tão parecidas, duas pernas, dois braços... – Eric balbuciou essas palavras totalmente gogue.

– Ainda não.

– Oh meu Deus! – Eric viu que seu sofrimento ia durar mais algum tempo. Ele tentou ficar de pé. Quando conseguiu foi erguido no ar por Senkar. O monstruoso oponente estava usando as quatro mãos. Ele caminhou pela arena mostrando o cavaleiro indefeso

para seus iguais. Todos aplaudiam. O giro deixou Eric mais tonto ainda. Senkar olhou para cima e encontrou os olhos do cavaleiro.

– Me ponha no chão! – Falou como que se ordenasse. Senkar riu e simplesmente deu um passo para trás e largou Eric. Seu corpo fez um barulho seco ao bater novamente no solo.

– Eu acho que não expliquei direito para ele... – disse sentindo toda a dor do impacto percorrer o corpo. Senkar abaixou-se e pegou Eric pelos pés e começou a girá-lo. Por um momento Eric se lembrou do turbilhão que o trouxe até o Reino. Depois de algumas voltas não aguentou. Seu corpo reagiu e ele vomitou na plateia. Ele estava chegando ao seu limite.

– Preeeeesto!!! – Gritava o cavaleiro clamando por ajuda do amigo.

O mágico assistia a tudo aflito por não poder fazer nada. Eric acertou sobre o massacre, só esqueceu-se de dizer que o massacrado seria ele próprio, pensou Presto. Ele estava todo arrebitado e mesmo faltando apenas um minuto, considerou que a batalha estava encerrada.

Foi quando Eric passou pela grade e juntando as últimas forças conseguiu agarrá-las. Senkar não esperava pela manobra, desequilibrou-se e soltou o cavaleiro antes de cair. Eric livre continuou segurando nas barras, pedindo para o mundo parar de girar ao seu redor. O gigantesco morzork estava estirado no chão. Ele também girou muito e ficou um pouco tonto. Quando resolveu desacelerar, Eric fez o movimento não previsto. Apesar de ser apenas um baque, o morzork levou um tempo para se levantar. Quando se recompôs, o sino soou. Eric escorregou das grades até o chão. Presto entrou para ajudá-lo a ir até sua área reservada.

– Você é Diana?

– Não Eric, sou o Presto!

– Droga eu não acerto uma! – Após essas palavras o cavaleiro apagou.

– Na outra margem do lago flamejante o velho morzork olhava para Diana impassível. A acrobata começou a olhar para as estalactites que pendiam do teto e as rochas que emergiam da

lava. Esse seria seu caminho até o outro lado. Ela tirou o chicote da cintura, esticou-o e lançou na estalactite mais próxima. O chicote enroscou na rocha pendente e Diana saltou pendurada na tira de couro. Ela fez o trajeto como um pêndulo e caiu sobre um pé numa pequenina pedra. A rocha que estava fora da lava era minúscula. Não iria caber seu outro pé. Ela procurou se equilibrar. Lembrou que como cheerleader conseguia ficar ereta em cima da mão de um companheiro de equipe. Segundos depois estava tranquila para estudar o próximo movimento. Delicadamente soltou o chicote da rocha e o fez girar acima da sua cabeça. Após a arma tomar velocidade, ela apontou para a próxima rocha que parecia um canino saindo do teto ao qual foi prontamente presa. Diana em novo movimento pendular alcançou outra rocha, desta vez maior. Do outro lado o morzork não mexia um fio de cabelo. Diana enrolou o chicote no corpo e abaixou-se, com um pulo pegou a ponta de uma estalactite e projetou o corpo para frente. O outro braço pegou a rocha seguinte e ela fez esse movimento de troca até alcançar a última estaca rochosa que pendia do teto no lago. Desceu e tomou fôlego. A rocha ficava pelo menos uns seis metros da outra margem. Como não tinha onde se apoiar para dividir o percurso final, Diana desenrolou o chicote do corpo e o lançou até a margem oposta. Ele sem sair da sua mão esticou-se até cravar-se do outro lado. Diana batendo com o cabo da arma no chão fortemente, rompeu a rocha e cravou-o firme. O chicote se esticou.

O morzork assistia imóvel. A acrobata começou a pensar nas alternativas que teria ao chegar perto dele. Não poderia fracassar depois de tão perto. Ela subiu no chicote e como estivesse em cima de uma slack line fininha equilibrou-se pé ante pé para vencer os metros finais. Em cima da corda bamba, procurava manter a respiração ritmada. Não podia afobar-se nem andar tão lento a ponto de perder a inércia necessária. Medindo cada passo a acrobata chegou ao outro lado.

Diana desceu do chicote. Mal seus pés tocaram o chão ela fez o comunicado:

– Vim para buscar a poção!

O morzork olhou fundo nos olhos de Diana. Depois virou e caminhou até o final da caverna. Voltou com um frasco da poção na mão.

– Há muito tempo eu era um mago respeitado em todo o Reino. Passei minha vida a serviço do bem. Quando criei a poção, fui aprisionado por Largerk nesta caverna para produzi-la. O poder dele vem do controle que faz sobre esse precioso líquido.

Diana ouviu as explicações impregnadas pelo rancor do mago por Largerk. De posse da poção, colocou-a presa junto ao colo. Com a mesma calma e precisão da ida, fez o caminho de volta. Subiu as escadas, atravessou os aposentos de Largerk e abriu a porta. Do outro lado encontrou dois morzorks olhando em sua direção. Eles tinham ouvido o barulho e foram confrontá-la.

A acrobata firmou o passo na direção da ponte. Tinha que atravessá-la de qualquer forma. Ela tirou o chicote e o esticou. O soldado que estava mais perto sentiu a lambada no rosto. Ele soltou um uivo seco. Diana deu uma pequena corrida e chutou-o na cara. Ele desmaiou. Como uma guerreira enfurecida, mas senhora de todos seus movimentos entrou na ponte. O outro morzork vinha em sua direção. Ela começou a estalar o chicote e a depois a girá-lo. Notando que o soldado estava ao seu alcance, levou a arma para trás e soltou uma chibatada no oponente. A tira de couro enrolou no seu pescoço e foi puxada. Quando ele chegou perto, ela o livrou do chicote e abaixando-se fez o morzork perder o equilíbrio. Ela o levantou com as costas e fazendo-se de alavanca, jogou-o no precipício. Com o caminho livre, aproximou-se do muro, lançou o chicote e o escalou. Apesar do pouco tempo que tinha, resolveu não enfrentar a guarda que estava do lado de fora.

O sino já havia soado. Era hora de Eric voltar à arena. Neste momento ele estava com a cabeça no colo de Presto que tentava reanimá-lo. Estava difícil. Eric havia apagado. Literalmente. Presto o sacudia, gritava pelo seu nome e nada do cavaleiro reagir. O barulho da torcida reclamava a presença do oponente de Senkar. O morzork achou que ia encerrar a luta no nono round jogando Eric para a plateia, mas a intervenção por acaso sofrida atrapalhou seus

planos. Agora ele demonstrava emoções. Estava furioso. Eric interferiu nos seus planos para ganhar totalmente a plateia e tornar-se campeão. Na sua cabeça iria partir o cavaleiro em dois. Eric teria que pagar com a vida. Ele tinha que encerrar a luta de maneira gloriosa.

Na verdade Presto rezava para que Eric não acordasse. Ele esperava ser chamado na arena e comunicar o impossibilidade do cavaleiro de continuar o próximo round. Quando tudo caminhou para essa possibilidade, Eric acordou.

– Eu vou chutar a bunda dessa aranha bombada! – Disse tentando se levantar.

Presto revirou os olhos. Sabia que Eric não tinha condição nem de sair da grade sozinho. O mágico sacudiu a cabeça.

– Eric, deite e fique quietinho. Eu vou anunciar que você desistiu.

O cavaleiro já meio morto levantou, tentando-se livrar de Presto que procurava em vão segurá-lo no chão.

– De jeito nenhum! Eric Montgomery nunca fugiu de uma luta. Eu vou lá dar uns tapas nele. E aproximando-se de Presto puxou-o pela gola da túnica. Sorrindo com os dentes cerrados que sobraram, disse bem baixinho, perto do rosto de Presto com a voz de um embriagado:

– Esse era meu plano. Se eu batesse nele no primeiro capítulo, a novela não teria audiência. – E sorriu levantando as bochechas.

Definitivamente Eric não estava dentro de si, mas estava pronto para morrer de tanta pancada.

– Presto, vamos embora! – O mágico virou a cabeça para a sala pela qual entraram. Era Diana envolta na capa que lhe dera de presente. Ele sentiu um alívio.

– Me ajuda, Eric está piradão!

Diana deu um suspiro com o ar meio enfadonho e falou:

– Eric deu tudo certo. Podemos ir embora?

– Você não é a Sheila! – Disse o cavaleiro.

Diana não pensou duas vezes, sacou o chicote e num golpe a arma envolveu a cintura de Eric. Ele desequilibrou e ela o puxou.

– Me dá um beijo? – pediu o cavaleiro. – Diana não pensou. Deu um beijo de leve em Eric. Ele sorriu mostrando a arcada dentária faltando um dente da frente. Ela o puxou para fora da sala. Presto mordeu os lábios e o seguiu. Eric olhou para Presto e abriu um grande sorriso agora meio banguela. Somente com o movimento dos lábios ele falou “Você viu?”. Presto queria matá-lo.

O trio saiu no meio da rua. Apesar de não haver muitos morzorks, seria difícil misturarem-se, pois a diferença de altura os denunciava. Diana tinha uma leve idéia do caminho.

Dentro da arena um barulho ensurdecedor vaiava Eric que não aparecia. A plateia estava irritada. LARGERK também. Ele esperou mais alguns minutos e mandou um guarda ver o que estava acontecendo. Após ser comunicado que havia fugido, o Grande Morzork entendeu o porquê de Diana ter declinado o convite da tribuna. O alarme foi dado para que capturassem os três fugitivos.

Meio perdidos, Diana forçou uma porta e os três entraram. Parecia uma casa de família. O assoalho estava limpo e uma harmonia imperava no local. Ela estava vazia. Provavelmente teriam saído para assistir as lutas. Isso significava que voltariam em breve. Os dois deitaram Eric no chão. Ao sentir-se na horizontal o cavaleiro apagou. Diana olhava para a cara inchada do amigo. O atleta que viu na quadra charmoso e lindo estava completamente desfigurado. Quase não dava para ver seus olhos. Sua boca tinha marcas de sangue nos dois cantos e lhe faltava alguns dentes. Ele ainda estava somente de cueca. Seu corpo estava todo cheio de escoriações e hematomas. Ela sentiu dó dele. O olhar libidinoso que deu para aquele corpo no final da tarde traduzia-se em pena no final daquela noite. Caminhou até o que seria a cozinha da casa e pegou um pouco de água. Ajoelhou-se do lado do cavaleiro e colocou sua cabeça no colo. Com um pano molhado, passou a limpar as feridas e a sujeira. O corpo de Eric começava a falhar. Mesmo em repouso o coração estava disparado e ele estava com

dificuldades para respirar. A parada das suas funções vitais aconteceria a qualquer momento.

– Diana, precisamos ir embora. – Daqui a pouco eles vão revistar todos os lugares buscando por nós. – Presto estava visivelmente preocupado. Ele olhava para Eric e sentia que não iria resistir. Apesar do jeito arrogante e egoísta, sempre foi um bom amigo. Na sua cabeça passou os momentos pelos quais Eric lhe deu a mão. Da pessoa que era antes de conhecê-lo e o homem que estava se tornando. Eric ensinou a Presto o que era autoconfiança. Mostrou que ele poderia tudo. Ele beijou mais mulheres em quinze dias na companhia de Eric do que em toda a sua vida. O cavaleiro era um ídolo para o mágico. E ver que tinha pouco tempo de vida cortava sua alma como trezentas facas perfurando a sua carne. Presto, virou para que Diana não visse e chorou baixinho. Não emitia um som, mas as lágrimas rolaram em quantidade da sua face.

O cérebro de Diana processava os acontecimentos como um computador quadcore. Imagens de Bobby, Largerk, a cidadela em que estavam, o caminho a ser percorrido até o outro lado da floresta, fundiam-se e giravam dentro da sua cabeça. Ela procurava estabelecer uma linha de ação para se salvarem e poder levar o remédio para Bobby. Era imperativo. O garoto podia morrer.

– “A poção!” – Pensou Diana. – “Ela tem o poder de curar qualquer coisa, inclusive Eric”. – Sem pensar outra vez, tirou o frasco que estava aninhado entre os seios, abriu sua tampa e derramou a metade do conteúdo na boca de Eric. Após fechar e guardar a poção, abraçou com força a cabeça do cavaleiro, pedindo a Deus que o salvasse.

O coração desacelerou lentamente, a respiração parou de ser ofegante e Eric abriu os olhos. Olhou para Diana e gritou baixinho:

– Adriaaaaaannnnn!!!!!!! – Diana riu. Ele estava melhorando.

– Vamos Rocky. Vamos logo antes que o Morzork Doutrinador te encontre e acabe com você. – Eric deu um sorriso e pediu ajuda para levantar.

– Eu deixei minhas roupas na arena!

– Vai querer buscar? – Perguntou Diana.
– Acho que não. Está calor.
– Suas roupas estão aqui Eric. E tirando o chapéu da cabeça enfiou a mão na arma, onde buscou no fundo as peças que compunham a armadura do cavaleiro.

Eric precisou de ajuda para se vestir. Ao colocar a malha, soltou vários “ais”. A poção evitou a parada cardíaca iminente, mas ele estava ainda profundamente machucado e debilitado. Ao contrário do corte na mão de Diana, nenhum hematoma desapareceu após tomar o remédio. Ele ainda estava bem grogue.

Com o cavaleiro de pé, resolveram aproveitar a escuridão da noite para sair da cidade. Estranhamente ela ainda estava vazia, parecia que o alarme não tinha sido dado. Ao chegar aos portões encontraram o motivo. Estavam sendo esperados. O número de morzorks do portão quadruplicou. O alerta foi dado, mas deixar que os forasteiros caminhassem direto para uma emboscada era mais fácil e prático.

Eram muitos inimigos. Com Eric fora de combate, Diana não conseguiria enfrentar todos. Ela pensou em se render. Ficou por alguns segundos medindo os prós e contras de uma batalha sozinha.

– Presto me passa o escudo do Eric. – Diana estava resoluta em abrir caminho por entre os morzorks. Presto tirou o chapéu, e quando foi procurar pelo escudo, uma luz tomou conta do interior do acessório do mágico. Era de uma cor azul intensa. Presto sem conseguir verbalizar os pensamentos, apontou-o em direção dos morzorks.

A luz saiu com grande força. Formou um enorme fecho e atravessou o corpo da tropa que os impedia de passar. Sem saber o que aconteceu, os morzorks tiveram seus corpos pulverizados. O portão virou cinzas. Presto tomou um susto e soltou o chapéu no chão. Diana olhou a cena atônita. Eric não tinha a mínima idéia do que estava acontecendo. – “Eu tenho um raio laser e não sabia” – Essa foi a primeira concatenação de palavras do mágico após o incidente. Com o caminho livre, os três foram embora da Grande Cidade.

O caminho de volta estava difícil. Eles tinham que amparar Eric. O cavaleiro não conseguia caminhar sozinho. E além do mais não havia como caminharem na estrada. Provavelmente após saber do ocorrido nos portões, LARGERK mandaria um exército completo no encalço dos três. Caminhar por entre a mata da montanha que tinham que subir era muito complicado. Não havia uma trilha e Diana tinha que se preocupar em evitar abrir um caminho que seria visualizado a distância. As seis horas que levaram na descida, transformaram-se em um dia inteiro. Eles tiveram o cuidado de calcular a posição da vila de agricultores e desviaram o caminho para sair bem perto da floresta no final da campina.

Ao chegar na mata pararam para descansar. Eric parecia não ter a mínima condição de continuar. Ele foi deitado e dormiu. Diana estava exausta, então deitou para descansar enquanto Presto fazia a vigília.

Diana acordou. A noite de sono lhe fez bem. O sol azul já estava alto. Presto estava sentado a alguns metros dela. Quando chamou pelo seu nome, ele virou o rosto e trocaram sorrisos de felicidade por terem chegado até ali.

– Não entendo esse chapéu. Definitivamente eu não sei como ter controle sobre ele. – Reclamou o mágico.

– Controle ou não ele nos salvou. Mas olhe pelo lado bom. Ele sentiu a situação e lhe deu o que precisávamos. – Rebateu Diana.

– Eu sei. Mas isso está muito estranho. Eu teria que estar em sintonia com ele. Todos vocês tem perfeito controle de suas armas. Por que eu fico com esses problemas?

– Não sei Presto. Realmente é muito estranho. O que você sente quando o usa?

– Hum... sei lá Diana. Às vezes sinto que ele tem vida própria. Que me desafia. Às vezes sinto que estou conectado a ele. Como se fizesse parte de mim.

– Eu sinto isso quando uso o chicote. Parece que é uma extensão do meu braço. Quando preciso que ele mude de tamanho ou que se enrole não preciso pensar. Ele obedece a minha vontade.

– Eu queria que o chapéu fosse sempre assim. Mas só tenho total controle quando quero puxar alimentos de dentro dele.

– É um chapéu de cozinheiro então! – Brincou Diana.

– Você viu o poder do fogão nos portões, não é? – Devolveu Presto. – O fogão dele é muito poderoso! – Ele riu. E virando-se olhou para Eric que ainda estava deitado.

– É um anjinho dormindo não? – Perguntou à acrobata.

Diana riu – “É um anjão gostoso. Mesmo machucado.” – Pensou a acrobata.

– Ele fica lindo quietinho. – Respondeu a Presto.

– Você não acha que ele está quietinho demais? – Observou o mágico.

Eles olharam para Eric. O corpo dele estava totalmente imóvel. Ele nem respirava. Sua pele estava diferente, sem cor, como que se o sangue não circulasse. O rosto estava ficando cerúleo. Os dois assustaram e levantaram para ver o cavaleiro.

– Eric!!!!!!! – Gritou Presto.

14. ERIC

E

le vai jogar?

– Sim, está escalado.

– Achei que estava machucado.

– Mas ele está.

– Eu vou quebrar a cara dele hoje.

– Não tente isso. Você vai comprometer a equipe devido a uma rixa pessoal. E se ele revidar?

O rapaz parou para pensar. Não seria sensato. Ele acordou com a idéia fixa de executar um golpe baixo na quadra. Seu plano era subir junto com o desafeto e desferir uma cotovelada no seu nariz. Calcularia a hora exata para poder tirar o adversário da quadra. Mas não tinha pensando na questão do revide. Ele viria com certeza.

– Pensando bem melhor deixar para lá. Pode comprometer minha carreira também.

– Dá só um chega para lá nele e fala que vai pegar a gostosa que ele namora quando estiver no chão.

Os dois riram e começaram a se preparar para entrar em quadra. Estavam no vestiário principal, afinal era o time da casa. Jogar com a torcida a favor era como se estivesse um jogador a mais. Não aquele dia.

O time adversário apresentou-se. A torcida da casa no lugar de vaiar, aplaudiu. A frente da equipe estava o número 23. Ele entrou em quadra, chegou no meio e girou para a torcida com os braços levantados em V e apenas o dedo indicador apontando para

cima. As palmas aumentaram com o gesto. Depois ele voltou para o time adversário e trocou o indicador pelo médio. Sem se demorar no gesto, foi até a lateral da quadra e pediu cinco dedos para a primeira fila. Todos levantaram a mão enquanto ele corria completando o cumprimento.

O time da casa já estava batendo bola do outro lado. Ele entrou depois, precedido das suas cheerleaders, mas quase não foi notado. O garoto de cabelos pretos espetados num penteado que exibia uma crista moicana, num corpo de 2 metros de altura com músculos pulando para fora tinha roubado a cena com seu carisma. Sua pele alva não mostrava as grandes habilidades que tinha com a bola e que fizeram sua fama dentro da liga de basquete colegial. Eric sorria para todos. Fazia seu marketing pessoal. A quadra de basquete era a moldura que precisava para brilhar. Em instantes ele iria dar início junto aos seus colegas a uma bela pintura. Nessa temporada seu time estava inspirado, imbatível ainda não havia perdido e a cada jogo havia o temor de um massacre pela equipe rival. Na última partida fizeram quase o dobro de pontos dos adversários. Foi humilhante.

Apesar de ter sido diagnosticado com uma tendinite no ombro esquerdo que o tiraria daquela temporada, Eric insistia em jogar. Pelo menos dois tempos. Nos últimos anos a quadra era sua vida. Tudo que fazia tinha como objetivo o basquete. Ele respirava basquete, sonhava com basquete e adorava sair com sua namorada dentro do uniforme de cheerleading. Seus estudos chegaram a ficar comprometidos, mas com a ameaça de corte ele se recuperou para não ficar fora das quadras. E dentro dela era um maestro.

Já nos minutos iniciais ele mostrava a forma que conduziria o jogo. Quicando a bola com o braço recuado para trás, chamava o adversário com a outra mão. Ciente do motivo arrogante que levava Eric a fazer aquela firula, o outro tentava prever seus movimentos. Em vão. Recebeu uma bola entre as pernas que foi colhida nas suas costas. Ele nem viu Eric passar. Um passe de costas deixou seu pivô totalmente sozinho debaixo da tabela. Ele só teve o trabalho de enterrar a bola.

O armador exibido comandava o time. Eram jogadas de efeito uma atrás da outra. O ritmo era quebrado somente pelos descansos que tinha que se submeter para não piorar a enfermidade do ombro. Ele seguia para o banco de reservas, era cumprimentado e ficava olhando o jogo enquanto fazia comentários com os companheiros. De vez em quando uma fã mais exaltada perto do banco começava a gritar pelo seu nome. Ele levantava e mandava beijinhos.

Estava na hora dele voltar ao jogo. Do outro lado o rival que prometera machucá-lo estava com a bola olhando fixamente para Eric enquanto assumia a posição na quadra. A jogada começou. Ele passou a bola para o ala esquerdo e se deslocou na quadra. Dois toques depois estava com a redonda caminhando para o garrafão. No seu caminho estava seu desafeto. Ele caminhou desviando pela lateral e foi acompanhado. Resolveu subir um pouco antes do normal. Eric levantou-se ao seu lado. No lugar de focar a tabela visando mais dois pontos para o time, olhou para o lado e calculou o golpe, seu cotovelo esquerdo movimentou-se na direção da cabeça de Eric. Iria acertar seu nariz em cheio.

Mas Eric não pensou duas vezes. Com as mãos tocou o corpo do adversário que tinha a posse da bola e o desequilibrou. O braço passou por cima da sua cabeça. Ele puxou o armador para baixo e caiu em cima aplicando um bate-estaca bem trabalhado nos treinos do jiu-jítsu. A partida foi interrompida. O rapaz que lhe queria dar um golpe baixo jazia inerte no chão. A confusão foi formada entre os dois times.

Quinze minutos depois o jogo foi reiniciado. Eric foi expulso, mas naquela altura com a vitória praticamente garantida, tudo era festa. O treinador olhava para o banco dos reservas e fulminava Eric com olhar de reprovação. O garoto levantava as mãos com quem queria dizer "Fazer o que?" e o treinador balançou a cabeça. Ele se virou para frente e fora do raio de visão deu um sorriso como que se aprovasse a atitude do seu comandado.

O jogo estava quase terminando. Mais uma vitória. No seu banco Eric fazia gestos e provocava o adversário que felizmente já tinha acordado. A sirene tocou. Todos foram para o meio da quadra

e comemoraram. O treinador foi enfático: – Todos para o vestiário para pegar o ônibus e voltar imediatamente para casa. – Nada de comemorações na cidade adversária. A cota de confusão para aquele jogo já havia se esgotado. A rotina foi rápida, banho, brincadeiras, entraram no ônibus e quatro horas depois estavam de volta. Eric pegou seu carro e foi para casa. Estava morto. O ombro doía um pouco.

O semblante misto de herói com vilão, mas furioso de felicidade começou a se desfazer quando se aproximava de casa. Os quilômetros para seu lar diminuía e ele começava a ficar sério. Parou em frente aos portões da sua residência. O segurança conferiu o veículo e o motorista. A passagem se abriu e ele entrou. Parou o carro na garagem, pegou sua mochila e ao fechar o portamalas deu um suspiro enfadonho. Eram quase onze horas da noite. Do jeito que chegou no quarto, deitou na cama e dormiu.

Já passavam das dez horas da manhã quando acordou. Com o quarto totalmente escuro, bateu no criado mudo ao lado procurando pelo controle remoto da televisão. Quando estava quase desistindo sua



mão alcançou o objeto desejado. Ligou a TV, mas continuou de olhos fechados. Queria sair do sono aos poucos. Com mais meia hora seu corpo já estava entendendo que precisava se levantar. Sentiu vontade de ir ao banheiro e lentamente colocou-se de pé. Ainda de olhos semicerrados caminhou para a luz do seu toalete e fez suas necessidades. Abriu o chuveiro e tomou um longo e demorado banho. No início ficou de costas para a ducha apoiando as mãos nos azulejos e sentindo a força da água picar-lhe as costas. Era uma sensação boa, gostosa. O corpo reagia e ele começou a se esfregar.

Mais cinco minutos e já cantava. O banho demorou mais de meia-hora. Quando saiu do box parecia que estava numa sauna.

Eric passou o aparelho de três laminas no que deveria ser uma barba. Usou vários tipos de cremes no rosto e no corpo. Abriu o armário e procurou uma roupa confortável. Era domingo. Iria almoçar com seus pais e encontraria com a namorada mais tarde. Ao terminar de calçar os tênis estava pronto para seu compromisso burocrático.

Eric desceu as escadas. O pai e a mãe e o irmão um ano mais novo já estavam esperando por ele.

– Oi meu lindo! Como foi o jogo? – Perguntou a mãe exibindo um sorriso ensaiado.

– Foi bem mãe, ganhamos. – Disse o atleta sem muito entusiasmo.

– Eu já vi seu vídeo no youtube apagando o adversário! Está com mais de 50.000 acessos! – Disse o irmão entusiasmado.

Eric riu. Nem imaginou que isso aconteceria. Fechou a mão direita e tocou as costas dos dedos com o irmão. Então olhou para o pai.

– Nós marcamos com os Browleys ao meio-dia. Mais uma vez pela sua falta de comprometimento vamos chegar atrasados. Eu e o Carlyle temos uma quadra de tênis com horário marcado. Pelo jeito não vou jogar.

– Desculpa pai, eu cheguei muito cansado ontem. Alguém poderia ter me chamado – Tentou justificar Eric.

– E adiantaria? – Finalizou o pai.

Eric apenas acenou com a cabeça. As palavras do pai foram duras, como as de todas as manhãs. E às vezes as da noite. E também dos outros horários que se encontravam. E também dos momentos que tinha que prestar conta, principalmente da escola. Nessa hora as palavras ficavam mais duras ainda.

Ele apenas tomou um suco. O pai já o chamava para entrar no carro. Reclamava o tempo todo de estarem atrasados. A família alojou-se dentro da limusine e encaminharam-se para o clube.

A tarde foi arrastada. Eric contava os minutos para ir embora. No lugar de ajudar, só aumentava seu tormento. Ele teve

que acompanhar o pai no encontro com um parceiro de negócios. O papo deixava-o entediado. Ele ficava no meio somente concordando com a cabeça. Não entendia nada do que falavam e nem estava interessado, mas precisava ficar ali fazendo o papel de bom filho. Seu pai queria que ele o acompanhasse para aprender os meandros dos negócios. Sempre foi cobrado por ele para se preparar e um dia assumir seu lugar na corporação. Não era o que Eric queria. Pelo menos naquele momento. Sua mente era apenas basquete. Ele achava que ainda estava muito novo para ficar acompanhando o pai em reuniões e encontros. Era tudo chato, maçante. Não se comparava a ficar percorrendo os metros da quadra entre duas cestas.

Tirando seu pai, todos falavam que Eric era uma promessa do esporte. Atingir o profissional seria questão de tempo. Era sua meta na vida. Suas jogadas de efeito, seus números de assistências e cestas feitas só se comparavam aos das grandes estrelas da NBA. Volta e meia aparecia nos noticiários estaduais e algumas vezes nacionais com suas ousadas manobras. Ele era um gênio muito criativo entre as quatro linhas. Tinha vídeos que bombavam no youtube. Devido a sua língua ferina para comentar os jogos, já contabilizava mais de 10.000 seguidores no twitter. Vários times chegaram a procurar sua família para tentar um pré-contrato com o garoto.

Mas os times ficavam na tentativa. Seu pai era irredutível. Ele criou um grande império e não podia correr o risco de ficar sem alguém para conduzi-lo quando fosse embora. Os valores que um jogador de basquete de primeira linha ganhava não se comparavam os lucros dos seus empreendimentos. Por isso a resposta era sempre não. Se dependesse dele Eric não iria atuar na NBA, seu palco para brilhar deveria ser Wall Street ou Denver. E nada de calções ou camisetas folgadas. Seu uniforme seria um bem cortado terno.

A cada recusa de seu pai, Eric queria morrer. Era seu sonho indo por água abaixo. Ele se trancava no quarto e ficava jogando a bola no teto tentando esquecer mais uma frustração. O pai nervoso ficava à porta esmurrando-a para entrar. O garoto abstraía-se do

mundo e imaginava-se numa final da NBA. Quando os socos na porta encerravam, ele ficava tranquilo e conseguia dormir.

Eram quase cinco horas da tarde. Seu pai se despediu do amigo e Eric abriu um sorriso. Estava quase na hora. Ele foi até o banheiro e ligou para a namorada. Passaria na casa dela e depois iriam ao cinema.

Além de basquete, sua namorada era a outra paz que tinha. Iam completar dois anos de namoro. Desde que a garota chegou na cidade e se conheceram, ele não queria saber de outra mulher. Ela o completava. Apesar de novo, Eric acalmou. A sua fama de garanhão virou lenda. Ele aquietou-se. Achava a garota perfeita. Ela achava lindo as suas loucuras, mas de uma forma diferente. Não era aquela coisa de estar com o bom partido da cidade. Ela conseguia achar poesia nos rompantes de Eric e transformava em palavras para ele. Ela era companheira, muito menos de balada e mais para os momentos difíceis. Mais madura, virou sua conselheira. E era quem segurava as barras que Eric enfrentava em casa. Ela ouvia as frustrações do namorado e dava sua opinião sincera. Nesses dois anos Eric cresceu mais do que em toda sua vida. Ela o ouvia, ela o levava a sério. Ninguém tinha feito isso por ele.

Ele chegou em casa, tomou um banho e saiu no carro. Quanto menos tempo gastasse melhor. As últimas cinco horas pareceram quinhentas. Seu pai tinha o dom de fazer os relógios caminharem lentos.

Eric acordou. Manhã de segunda-feira. Hora de ir estudar. As lembranças da ótima noite na companhia de Sheila ainda estavam frescas na sua memória.

Segunda era um ótimo dia na cabeça de Eric. Apesar de uma manhã com aulas chatas, ele veria a namorada e passaria toda a tarde na quadra treinando. Era uma rotina que se repetiria a semana inteira. E quanto menos tempo passasse em casa melhor. Seu desempenho na escola nos anos anteriores não tinha sido lá essas coisas. Ele conseguiu repetir o ano duas vezes e não fosse seu peso no time de basquete seria obrigado a mudar de escola.

Mas de qualquer forma veio o ultimato: Ou melhorava suas notas ou abandonaria as quadras. Ele se esforçou e os professores não acreditaram quando mudou seus conceitos da água para o vinho. O aluno medíocre transformou-se e estava chegando perto das melhores notas da escola. Com isso ele ganhou um tempo.

Após o turno da manhã foi almoçar com Presto. O garoto magrelo de óculos era seu melhor amigo. Ele estava preocupado com a mais nova idéia do pai: Assumir um cargo de trainee na empresa durante as férias. Era o último ano deles. E Eric via seu sonho de jogar basquete mais distante.

– A única chance que tenho é se conseguir uma bolsa. Aí posso mandar meu pai e todo seu dinheiro para o inferno! – Rosnou o atleta.

– Eric, você não deve se precipitar. Acha que é fácil ir morar numa república dentro de uma universidade como bolsista? Você pode ser a maior promessa do basquete, mas não é assim. E se não conseguir tirar boas notas, não vai conseguir manter a bolsa. Daí é um passo para jogar numa liga de segunda. O caminho torna-se mais difícil. – Considerou o amigo.

Eric estava disposto a romper com o pai para seguir seu sonho, mas morria de medo das consequências. E se seus planos não dessem certo? Como voltaria para casa? Ele tinha certeza que não seria um bom executivo. Se não trilhasse o caminho dos esportes, teria que se dedicar a empresa e o medo de decepcionar seu pai lhe atormentava. Desde pequeno foi criado para ser um grande homem. Nada lhe faltou. Seus mimos de infância até o início da adolescência sempre foram atendidos. Mas agora que estava começando sua vida adulta, as regras do jogo mudaram. Uma palavra chamada responsabilidade foi adicionada ao seu vocabulário e ele não sabia como lidar com ela.

Como Peter Pan, queria parar de crescer, mas era impossível. As cobranças apareceram e começaram a avolumar-se de tal jeito que não estava preparado. Ele viu que tinha perdido tempo e que seria difícil recuperar.

– Eu não sei Presto. Definitivamente não sei o que fazer. Tudo está muito confuso para mim. Eu preciso sair de casa e entrar

para algum time rápido.

– Eric, você está tentando acelerar o tempo. Mas não pode queimar etapas. Por mais que esteja sendo procurado por vários times, nenhum vai te colocar em campo antes da hora. Ainda mais que seus pais são os responsáveis legais por você. Sem contar o seu ombro...

– Droga! Isso está acabando comigo. Eu posso votar, dirigir, mas não posso definir algo tão importante como a minha vida! – Esbravejou.

– E nem tomar bebidas alcoólicas. – Disse Presto. Eles olharam um para o outro, ficaram em silêncio durante um tempo, deram um sorriso e caíram na gargalhada.

– Claro Presto, claro que não!

Eric despediu-se do amigo e foi para a academia malhar. Foram duas horas de intenso trabalho físico. O final da tarde foi complementado com o rotineiro treino de basquete. Antes de começar o técnico chamou Eric. Conversou com ele sobre o incidente na quadra sábado passado. Após ouvir o sermão ele prometeu pela milésima vez que não se repetiria. O treinador como sempre fingiu, mas não acreditou.

O treino acabou, mas não para Eric. Ele ainda ficou na quadra por mais duas horas. Suas jogadas geniais eram resultado de muita dedicação. As gracinhas que fazia nos jogos sempre eram meticulosamente preparadas, mas o efeito que causava no público era outro, parecia que improvisava. Naquele solitário período o jogador desenhava as jogadas e repetia a exaustão os movimentos até que eles ficassem mecânicos. No momento que não precisava mais pensar para executar ele se dava por satisfeito. Então partia para a segunda parte do seu treino solo: Ficava fazendo arremessos por mais uma hora até atingir sua cota de 120 cestas convertidas. Só assim ele parava e voltava para o mundo.

Eric chegou em casa. Tentou entrar sem ser percebido, mas foi de encontro ao pai. Ele pediu para que o filho o encontrasse no escritório.

Idas ao escritório do pai não eram boas experiências. Elas sempre vinham precedidas de incidentes na escola ou no trânsito. E

ele não se lembrava de nenhum motivo recente que explicasse o convite. Ele subiu para o quarto, trocou de roupa e foi encontrar o pai. Ele estava atrás da sua mesa de trabalho. Eric entrou e sentou.

– Lembra-se da nossa conversa sobre as férias? – Indagou o pai.

– Sim, claro, como poderia me esquecer? – Respondeu Eric meio sarcástico. O pai com os olhos repreendeu o seu modo de falar. O cinismo de Eric contrastava com o tom glacial das palavras do seu progenitor.

– Eu queria lhe dizer que tivemos mudanças nos planos. Você não vai fazer o estágio nesse período. – Comunicou o pai.

Por dentro Eric comemorou. Era tudo que ele queria. Estava livre de um verão enfadonho dentro de salas com ar condicionado, cadeiras de couro e gravatas.

Quando terminou de falar, seu pai pegou um envelope em cima da mesa e o entregou a Eric.

– Você tem direito a um prêmio pela meta alcançada. Pode escolher as férias onde quiser. – Completou. Até na Lua, disse sorrindo.

Eric pegou o envelope sem entender nada. Mas quando viu o selo do remetente entendeu tudo. Sua feição era de desespero. O sinete da Universidade de Harvard estava impresso no papel. Ele abriu a correspondência e descobriu que tinha sido aceito. Iria ser o mais novo habitante de Massachusetts.

– Mas pai, eu, eu... – ele começou a gaguejar. Fora pego de surpresa. Não era o que queria. – é bom ter sido aceito em Harvard. Mas eu estou pleiteando uma vaga na Universidade da Califórnia.

Seus planos eram outros. Ele queria estar perto dos Lakers, seu objetivo de vida. Queria morar na Califórnia, onde teria sol quase o ano inteiro, praia e basquete. Seu pai queria lhe mandar para o outro lado do país, com invernos bem mais frios. A intenção clara era afastá-lo do basquete. Em Harvard não tinha um time de basquete universitário competitivo, apenas nerds com seus paletós de tweeds e gravatas com o brasão da escola. Teria sorte se seu time um dia fizesse parte do pote 16. Ele queria entrar em quadra

contra os jogadores formados nas quadras de rua, aqueles que encaravam o esporte como uma guerra. Ele queria ser um gladiador dos Lakers. Em Harvard teria que ficar praticamente por conta dos estudos. A menos que levasse Presto com ele. Ele poderia integrar a equipe de remo. – “Remo!” – Pensou.

– O sonho de todo jovem americano é poder estudar em Harvard. É a maior, a mais conceituada e a que dispõe de maiores recursos financeiros. Agora pense bem: Você, um aluno medíocre consegue uma vaga e ainda quer recusar? Onde está com a cabeça? Você deveria estar agradecido. – O pai levantou o tom de voz. A situação não era nada agradável. Eric na sua altura encolheu.

– Mas qual o problema com a Universidade da Califórnia? – Tentou argumentar.

– Nenhum. Mas eu estudei em Harvard. Seu irmão está estudando lá e você vai também para Massachusetts.

– Mas pai, eu tenho uma audiência para a Califórnia.

– Não perca seu tempo. Está decidido Eric. Você vai para morar em Cambridge.

Ele sabia que não tinha volta. Com aquele basquete universitário teria que se contentar em conseguir uma vaga nos Celtics com o qual não tinha a menor afinidade. A situação não passava pelo seu controle. Seu sonho tinha acabado naquela conversa. Mas na vida tudo pode piorar.

– E se você tiver um bom desempenho, com vinte e um anos poderá tentar uma vaga no Celtics.

Vinte e um anos! – Eric pensou no tempo que demoraria para realizar seu sonho. Pelas regras, se tivesse dezenove anos, ele teria que concluir um ano de faculdade para poder estar apto a jogar na NBA. Agora seu pai queria esticar esse tempo. Neste momento chorou pelos dois anos perdidos.

Ele saiu do escritório com a carta na mão lembrando as palavras de Presto:

– “Eric, você está tentando acelerar o tempo...”

15. SALVAÇÃO

D

iana não pensou para tomar uma atitude. Ela pegou o que sobrou da poção e virou dentro da boca de Eric. O cavaleiro estava com os lábios arroxeados. Seu corpo estava todo mole. Vendo o amigo totalmente sem vida não veio mais nada a sua cabeça. Ela colocou sua cabeça em seu colo e procurando uma posição favorável lhe deu o remédio mágico.

Os dois amigos prenderam a respiração e ficaram olhando para o corpo inerte de Eric. Ele não reagia. Presto começou a ficar agoniado. A acrobata deitou o cavaleiro no chão. Tentou tirar a parte de cima da sua armadura para apertar-lhe o peito fazendo uma massagem cardíaca.

Não foi necessário. Eric tossiu mostrando que sua hora ainda não tinha chegado. Diana e Presto sorriram aliviados. O cavaleiro estava salvo. Ele demorou um pouco para abrir os olhos. Parecia que a vida voltava a fluir lentamente pelo seu corpo, como se o sangue percorresse suas estradas arteriais novamente.

Eric sentou no chão e começou a fazer um check-in do seu corpo. Apertou os braços, mexeu as pernas. Tirou suas luvas de malha de metal e conferiu os dedos. As mãos antes cheias de escoriações não tinham nenhum sinal mais. Ele fez o mesmo procedimento com os pés. Não satisfeito começou a tirar a armadura.

d4mon3@gmail.com “Lá vai ele ficar quase nu de novo, ai meu Deus!” – Pensou Diana.

O cavaleiro atendeu as expectativas da acrobata. Para a surpresa dos dois que viram o corpo de Eric detonado por Senkar, não apresentava mais nenhum hematoma, nenhum arranhão. Só nesse momento é que seus amigos notaram que o rosto totalmente desfigurado tinha voltado ao normal. Desta vez a poção não se limitou a manter as mínimas funções vitais de Eric. Eric deu um gemido:

– Ai!!! Estou sentindo meus dentes crescerem! – Disse com a mão apertando o lado direito da boca. Os amigos riram.

Após o strip-tease funcional, ele voltou a vestir a roupa. Estava novo em folha. Pronto para a próxima aventura. Virou para os amigos e perguntou:

– Depois que eu entrei na arena, o que aconteceu?

Eric não se lembrava de nada. Nem de ter dado o primeiro golpe em Senkar, nada da transformação do morzork e muito menos ainda da bateria de ataques que sofreu e que quase o levou a morte. Presto narrou cada detalhe de forma dramática do que ocorreu dentro da arena. Tanto Diana quanto Eric ficaram horrorizados.

– Você não está exagerando Presto?

– Antes estivesse, não era para você estar vivo.

Após o relato minucioso de Presto, foi a vez de Diana contar a aventura dentro dos domínios de Largerk. Presto ficou admirado com o sangue frio da garota. Os três passaram por muitos perigos nessa viagem, mas a frustração era grande. Foi muito esforço, Eric quase perdeu a vida, Diana enfrentou obstáculos perigosos e o motivo de tanto empenho tinha se perdido, apesar do nobre motivo: A poção que cuidaria da diabetes de Bobby foi usada para salvar a vida de Eric. Eles estavam voltando sem uma gota do precioso líquido. No rosto dos três uma expressão de desânimo.

– E agora, o que vamos fazer? – Perguntou Presto. – Acho que voltar na Grande Cidade nesse momento está fora de questão.

– Concordo, todos os morzorks devem estar em alerta. E a fúria de Largerk por termos invadido seus aposentos deve ser enorme.

– Nós não, você! – Disse Eric. Diana fez um muxoxo para ele e continuou: – O mais prudente agora é encontrarmos com os outros e organizar uma incursão a Grande Cidade. Vamos precisar de reforços.

– Então não vamos perder tempo. – Eric levantou-se e foi seguido pelos amigos no gesto. Tinham que chegar do outro lado da floresta o mais rápido possível.

O grupo apertou o passo. Não sabiam como estava o estado de Bobby. Poderia ser tarde. A aflição tomou conta de Diana. A acrobata entendeu o que o Mestre dos Magos queria dizer realmente sobre alguém do grupo ter que fazer uma escolha difícil.

Ela ainda se perguntava se devia ter dado toda a poção para Eric ou se podia ter dividido a segunda metade para sobrar um pouco para Bobby. Não adiantava chorar, já tinha feito sua escolha e o cavaleiro corria à sua frente como se nada tivesse acontecido. Presto estava se distanciando. O mágico além de não ter a compleição física dos dois amigos atrapalhava-se um pouco com a sua vestimenta. Diana olhou para trás, desacelerou e pegou a sua mão. Mesmo na sua frente para não bater nas árvores, puxou um pouco o ritmo do passo da sua paquera.

Quando o final da tarde se aproximou, eles estavam quase de volta. Cansados pararam um pouco. Chegaram onde deixaram os outros caminhando. Ainda era de tarde. Faltava pelo menos uma hora para o anoitecer.

Quando saíram da floresta, a primeira imagem que tiveram foi a de Bobby brincando com Uni. Ele tinha improvisado um círculo com um galho verde de planta como se fosse um pequeno bambolê. Atirava a peça para Uni que a colhia no chifre e levava de volta para o mini-bárbaro. O unicórnio corria e o garoto jogava novamente tentando acertar o chifre.

Os três ficaram boquiabertos. Quando deixaram o local ele estava enfermo, no meio de uma crise que segundo a irmã seria muito grave. Agora como Eric depois de ter tomado toda a poção, não esboçava nenhum resquício de que esteve doente.

Sentados onde estava o avião de Trevor, Hank e Sheila assistiam Bobby. Eles estavam com a expressão serena. Sheila estava aninhada entre as pernas de Hank que lhe dava um abraço por trás. Ao ver os amigos, levantaram e caminharam em direção ao grupo. Só então Bobby notou a presença deles e fez o mesmo movimento.

– Diana, Presto! – Vocês voltaram! – Disse o garoto com um sorriso nos lábios. Ele correu e abraçou a acrobata. Ela sentiu o calor do menino e retornou o esfuziante abraço. Sheila e Hank aproximaram-se. Ele foi cumprimentar Eric enquanto ela abraçava Presto. Os cumprimentos foram trocados em seguida.

– Por onde andaram? Estávamos muito preocupados! Vocês sumiram! – Perguntou Sheila.

– As coisas não saíram do jeito que planejamos. Foram muitas emoções nestes dias. – Falou Presto.

– Aqui também tivemos muitas emoções. Boas e más. Mas agora está tudo tranquilo. – Continuou Sheila.

– Mas o que aconteceu com Bobby? – Perguntou o mágico.

Sheila arqueou as sobrancelhas e soltou um suspiro. A conversa foi interrompida pela pergunta de Hank a Eric:

– O que aconteceu?

– Se eu te contar que morri você acreditaria? – Disse o cavaleiro com um sorriso cínico no canto da boca.

– E Bobby? O que aconteceu? – Disse Diana que se juntou aos amigos, chegando perto. O pequeno bárbaro voltou a brincar com a Uni.

– Vocês não vão acreditar. Mas eu achei que ele não passaria da última noite. – Respondeu Sheila.

– Como? – Indagou Presto.

– Os sintomas da crise aumentaram demais ontem. Ele começou a tremer e ter muitos calafrios. Eu tentei fazê-lo alimentar-se durante todo o dia, mas foi em vão. Tudo que eu tentava dar o estômago dele rejeitava. Ele começou a delirar, pedia por nossos pais, às vezes chamava por mim, mesmo eu do lado dele. Eu comecei a chorar e falei para Hank que achava que ele não ia resistir. Nós dois estávamos a duas noites sem dormir, só olhando

para Bobby. Essa noite não aguentamos e caímos em sono profundo. Quando acordamos... – Sheila começou a chorar.

Hank a abraçou e disse para ter calma, que o pior tinha passado. E continuou a história no lugar da namorada.

– Quando acordamos Bobby estava bem. Ele estava sentado fora da floresta numa pedra conversando com o Mestre dos Magos. Estava alegre e feliz. Quando chegamos perto ele veio correndo e abraçou Sheila. – A namorada continuou a história.

– Ele me abraçou e disse que tinha passado a noite com os nossos pais e o Mestre dos Magos. – Sheila não aguentou e voltou a chorar só que em maior intensidade. Ela tentou continuar a falar por entre soluços.

– Ele disse que os dois chegaram juntos com o Mestre e começaram a cuidar dele. Ele só se lembrava de clarões no meio da noite e um som agudo intermitente. Quando amanheceu já estava bom. Então sem falar nada, nossos pais lhe deram um beijo e foram caminhando para dentro da floresta. O Mestre dos Magos ficou com ele até acordarmos.

– E o que o Mestre Splinter pelado falou para vocês? – Perguntou Eric.

– Ele sumiu sem que notássemos... – Disse Hank.

A noite chegou. Eles se reuniram na floresta e o trio que estava fora narrou a aventura. Eric na maior parte ficou atento para ver se havia algum detalhe novo, pois não se lembrava de muita coisa. Sheila e Hank ficaram assustados com história. Bobby não acreditava. Quando terminaram de contar Bobby afastou-se do grupo. Ficou sozinho. Sheila foi ter com o irmão.

– O que aconteceu Bobby? Por que você veio ficar isolado?

– Ah mana, me deixa.

– Não deixo não. Você é meu irmãozinho querido e tenho que tomar conta de você. O que aconteceu? Sabe que pode me falar. Tudo!

– Ah, não sei. Não sei se te falo.

Abraçando o irmão, tirou o capacete viking e passando a mão na sua cabeça, Sheila pediu:

– Fala vai...

– Eu estou confuso com essa história. Esse papo do Eric ter quase morrido para me ajudar... – Bobby deu uma parada para respirar – Você sabe que eu não gosto dele. Estou me sentindo culpado.

Sheila sabia do ódio do irmão pelo ex-namorado. Já tinham conversado sobre o assunto várias vezes e nunca chegaram a lugar nenhum. Não adiantava insistir.

– Bobby, você tem que fazer o que seu coração mandar. Ele apesar de tudo, sempre gostou de você. E pode ter certeza que ele foi nessa viagem para te ajudar. E se entrou na arena era porque sabia o quanto era preciso se arriscar.

– Mana, estou me sentindo tão mal! – O garoto abraçou a irmã bem apertado e chorou baixinho. Sheila passava a mão nos seus cabelos loiros. O garoto alternava soluços com tentativas de segurar o choro.

– Não precisa se sentir assim. Eric é uma boa pessoa.

Os dois ficaram sem falar mais nada por um bom tempo até que Bobby parasse de chorar. Ela secou as lágrimas, limpou o rosto do irmão e ele sorriu. Então voltaram para se juntar ao grupo.

Eric estava inventando uma história que caminhou em direção à luz e tinha se encontrado com Britthany Murphy de asinhas brancas. O clima pesado do relato anterior foi tomado por risadas e comentários sobre a fantasiosa e hilária narração do cavaleiro. Num clima leve, relaxado todos foram dormir.

– Eric, Eric.

O cavaleiro acordou, um pequeno braço o sacudia. Era Bobby.

– Obrigado pelo que fez por mim. – Disse o garoto agradecido.

– De nada tampinha. Agora me deixa dormir. – Falou um sonâmbulo cavaleiro.

– Bobby?

– Sim Eric?

baixo?

– Por um acaso você sentiu que tem um morcego voando

16. O ESPIÃO

O

primeiro a acordar foi Bobby. Ele demorou a pegar no sono. O conflito com Eric o remoia por dentro e enquanto não foi falar com o cavaleiro não conseguiu ficar em paz. Depois veio a história do morcego. Bobby não tinha medo, mas ficou impressionado. Quando estava deitado, ficou olhando para a copa das árvores, procurando por um espécime do mamífero alado. Minutos depois sua mente cansou da tarefa e o corpo caiu num sono profundo. Ele nem percebeu que o alvo dos seus olhos estava escondido por entre as folhas da árvore abaixo da qual se deitou.

Quando ficou de pé viu Uni fazendo festa para o Mestre dos Magos. Ele levantava a mão e a “pequena” unicórnio dava pulos tentando encostar com o chifre. Ele riu e foi brincar também.

Um a um foram se levantando e juntando ao grupo que já estava de pé. A sensação de todos era de tranquilidade e descanso. A noite tinha sido boa. A neura de que podiam ser atacados a qualquer momento passou depois das últimas aventuras. As mentes dos meninos já estavam adaptando-se por completo ao Reino.

Tirando Bobby, o Mestre dos Magos parecia que ignorava a presença dos outros. Ele continuava a brincar com a dupla inseparável. Presto preparou o já tradicional café da manhã e todos sentaram ao chão para saboreá-lo. No meio da refeição o anão resolveu juntar ao grupo. Bobby sem fome continuava a brincar com Uni.

– Bom dia meus guerreiros. – Disse no compasso calmo da sua voz.

Parte do grupo não estava satisfeita com o comportamento dele. No momento mais importante vivido por todos, ele simplesmente desapareceu.

– Você fez falta Mestre dos Magos. – Disse Hank ressentido.

– Por que arqueiro? – Perguntou ele sem mudar um tom na escala de mansidão da sua voz.

– Bobby passou muito mal. Ele teve uma crise e quase morreu. Eric enfrentou um ser que mudava de tamanho sem que ninguém avisasse.

Eric fez que ia se levantar para tirar satisfações com o mestre, mas no primeiro movimento foi impedido pelas palavras dele.

– Cavaleiro você foi muito nobre na sua atitude. Mas o que sofreu foi parte do seu aprendizado. A arrogância é parte da soberba. Quando invade o imo de uma pessoa, a deixa cega e surda para aprender com os demais. Embora sua essência não seja mortal ela pode levar a vivenciar momentos como o que passou.

Eric não sabia o que dizer. Realmente foi o que aconteceu. As palavras do Mestre lhe atingiram como um soco no estomago. Era a pura verdade. Presto tentou avisá-lo todo o tempo e ele simplesmente fechou-se para os apelos do amigo. Aquele ato impensado quase lhe custou a vida. O reino não era sua cidade natal e muito menos um lugar onde a ordem e lei imperavam. Pelo jeito, cada canto tinha seus costumes, cada lugar um líder, um rei e nem todos deviam ser civilizados. Cada um fazia suas regras como um dungeon-master. Ele teve que dar razão ao pequeno ensinador e ficou calado.

– Mestre dos Magos, Bobby falou que viu nossos pais. Como isso é possível? – Perguntou Sheila necessitando de respostas claras.

– Minha querida ladra. Aqui não é a terra de vocês. As enfermidades que tinham onde moravam não atacam aqui. Mas Bobby estava relutando em aceitar que está no Reino. Ele ainda é uma criança e não vê as coisas claramente como vocês. O que ele viveu foi uma experiência de desprendimento do seu mundo. Ele

teve que passar por algo ruim para entender que está no Reino agora.

– Mas e nossos pais? – Continuou Sheila querendo respostas.

– Ele chegou a delirar ladra? – Perguntou o Mestre.

– Sim muito.

– Eu já conversei com ele. Tudo não passou de um sonho. Além de você, as pessoas mais próximas e queridas para Bobby eram seus pais. Nos momentos de dor que teve, pensou neles. Imaginar que estavam ali do lado, cuidando dele aliviou um pouco o sofrimento. Ele teve imagens alegres, felizes e quis compartilhar com você.

Sheila deixou rolar algumas lágrimas. Ela também sentia falta dos pais.

– Obrigada pela explicação Mestre dos Magos.

O tutor dos garotos no Reino virou-se para Diana e perguntou:

– Acrobata, como foi fazer a escolha?

– Eu não tive escolha Mestre, eu não tive.

O mestre sorriu lentamente. Ele sabia da posição de Diana.

– Nós sempre temos escolha. Você fez a que seu coração mandou sem pensar nas consequências. Quando o coração fala, todo o resto tem que emudecer para que sua voz ecoe.

– Mestre dos Magos, porque só eu não consigo controlar minha arma? – Perguntou desta vez Presto.

– O que acha de você me responder? Eu não sei te dizer mágico.

A visita do mestre transformou-se em uma coletiva de imprensa. Todos tinham seus questionamentos, mas esse não era o motivo da sua presença.

– Arqueiro, eu preciso que levem Uni o mais rápido possível até o Vale dos Unicórnios.

– Mas mestre, o vale não é aqui? Nós seguimos o caminho do sol azul por três dias como você falou.

– Arqueiro, vocês atrasaram um pouco na viagem. Aqui ainda não é o vale. Ele é marcado por uma entrada que está onde

não pode ser vista. Quando Uni adentrar o vale, ele será fechado para evitar que o Vingador extermine a raça.

Hank entendeu o recado. Por algum motivo ele sabia que o caminho para casa passava pela missão de entregar Uni aos seus semelhantes.

– Procurem o que está além da visão e chegarão em breve ao vale. Mas lembrem-se, às vezes o caminho mais curto nem sempre é o mais fácil. Quando queremos queimar etapas insignificantes para nós, podemos estar destruindo junto o que importa para todos.

Ao final das suas palavras começou a caminhar para a floresta. Todos já sabiam que ele iria desaparecer. Quando ia entrar na mata Eric perguntou:

– Mestre dos Magos? Você sabe algo sobre morcegos?

O pequeno de vermelho nem se deu ao trabalho de virar-se para trás.

– O que ele quis dizer com “está onde não pode ser vista”?

– Perguntou Presto.

Tirando Bobby que tentava recuperar o tempo perdido quando ficou doente, os cinco estavam sentados tentando decifrar o mistério.

– A primeira vez que ele falou era para seguirmos o por do sol azul. – Disse Hank.

– Sim, mas nós seguimos e nada! – Completou Eric.

– Não é bem assim. Ele falou que estava a três dias de viagem e não cumprimos os três dias. Acho que nos distraímos com a chegada de Trevor. – Rebateu o arqueiro.

Todos concordaram. Depois que Trevor chegou, eles esqueceram a missão de levar Uni de volta ao seu lar.

– O que fazemos então? Esperamos novamente pelo por do sol? – Questionou novamente Eric.

– Acho que não temos alternativa, – Disse Hank – Ele é a nossa principal pista. Vamos caminhar em direção a ele e depois tentamos entender o que o mestre quis dizer com estar onde não pode ser vista.

– E o que adianta mais essa adivinhação? Ela não vai ser vista e pronto. Não chegaremos a lugar nenhum! – Eric ficava impaciente com as charadas do baixinho de vermelho.

Não adianta Eric. Mas é o que vamos fazer. – Decretou Hank.

O dia estava começando e eles teriam que esperar ali até o final da tarde. Mais uma vez iam trocar o dia pela noite. Eric foi procurar uma sombra para se deitar. Ainda estava cansado. Diana e Sheila resolveram ir até o lago para tomar banho. Presto ficou conversando com Hank. Bobby nem parecia que esteve enfermo.

– Você acha que vamos sair daqui? – Disse o mágico.

– Tem horas que não sei, Presto.

– Por que o Mestre dos Magos com todos os seus poderes não leva, ele mesmo, a Uni para o vale? – Indagou novamente.

Hank carregava algo perto de uma certeza no seu íntimo. Ele confiava no que o Mestre dos Magos falava.

– Presto, eu creio que é um teste ao qual ele está nos submetendo.

– Por que faria isso?

– Acho que temos que provar algo para ele. Que somos do bem, ou que temos algum tipo de valor. Só assim mereceremos voltar para casa.

– Às vezes o tom messiânico dele me assusta um pouco. Quando ele falou com Eric sobre a soberba, achei que estava na igreja ouvindo meu pastor pregar.

– Eu fiquei com essa mesma impressão! – Disse Hank.

– Sabe o que mais me assustou até agora? – Perguntou Presto.

– Não sei. Me fale.

– A forma como Tiamat chegou para destruir o avião de Trevor. Ele veio do nada.

– Você achou mais estranho do que o gigante que Eric enfrentou?

Presto riu nessa hora. A cena da cara de Eric no momento que Senkar se transmutou era muito engraçada. Ele ficou

preocupado, mas fez de tudo para segurar o riso. Eric não tinha notado porque só tinha olhos para o morzork.

– Você tinha que estar lá para ver a cara do Eric. Eu nunca o vi tão desesperado.

– É verdade. Eu teria pagado para assistir as porradas que ele levou.

– Eu sempre soube que um dia ele encontraria um oponente maior que ele. Mas não achei que seria tão grande.

Os dois ficaram rindo e fazendo chacota do amigo. A extrema autoconfiança de Eric incomodava até os mais próximos.

Algumas horas depois as meninas chegaram. Estavam de cabelos molhados. Elas vinham absorvidas pelo papo. Ao chegar perto dos meninos calaram-se.

– O que aconteceu? – Perguntou Presto.

– Nada, por quê? – Respondeu Sheila.

– Ficaram caladinhas... – Falou o mágico.

– O sol já está descendo, – observou Diana, não é melhor acordar o Eric e nos prepararmos para andar?

– Sim, – disse Hank, – já está na hora. Eu vou ou você vai?
– Falou olhando para Presto.

– Vai você. – Respondeu o mágico.

Eric estava meio distante deles. Deu preguiça em Hank. Ele pegou o arco e puxou a corda de energia. Ela veio bem fraquinha do jeito que queria. Diferente de Presto, seus desejos dominavam a arma. Então soltou o pequeno fecho de luz, fino como uma mecha dos seus cabelos e o raiozinho foi bater contra o escudo do cavaleiro. O barulho fez Eric acordar assustado.

– O que foi, o que foi, o que foi? – Disse sem entender o que tinha acontecido.

O grupo todo riu. A cara dele estava muito engraçada.

– Nada Eric, está quase na hora. Vamos! – O cavaleiro ainda meio sonolento pegou o escudo e se levantou. Todos ficaram assistindo onde o sol azul ia morrer. Não deu para visualizar. Ele passou pela montanha dividida pela queda d'água. Eles teriam que subi-la para poder saber qual seria o destino final. Nem valia a pena

andar a noite toda por isso. Resolveram apenas aproximar-se do lago.

– Estivemos lá hoje, – disse Diana, – é lindo.

O grupo caminhou por menos de duas horas e resolveram pernoitar. O lugar era muito aberto. Hank resolveu retomar o esquema das vigílias noturnas.

– Definitivamente aqui tem um morcego!

Essa fixação repentina de Eric no bicho já estava começando a incomodar. Só ele via o tal morcego gigante. E mesmo assim de relance.

Foi assim que ele acordou Hank para pegar o último turno do grupo. Em breve faltaria pouco para amanhecer. Hank de arco em punho começou seu turno.

– Como vamos subir a montanha? Temos que margear o lago. – Disse Eric.

– Não sei se é preciso. Ele é bem raso. A água não passa da minha cintura no lugar mais fundo. – Disse Sheila.

– Como você sabe? – Perguntou o cavaleiro.

– Eu e Diana estivemos aqui ontem. Viemos tomar banho. E fomos bem perto da cachoeira.

– Hum... a água lá embaixo parece ser bem gostosa. Mas pela altura deve cair com uma força bem grande... – observou Eric.

– Por isso que nós não chegamos muito perto. – Falou Diana.

Todo o grupo observava as laterais da montanha procurando o melhor lugar para poder subir. Eles trocavam impressões entre si. Discutiam formas de escalar e a maior preocupação era o tempo que gastariam nessa etapa e como teriam que carregar Uni.

Hank observando a ausência do cavaleiro na conversa o chamou de volta a realidade.

– Por onde você acha que devemos subir Eric?

– O cavaleiro largou o escudo e começou a entrar na água...

– Hank, eu acho que não precisamos subir... – disse ele.

O amigo estranhou o comportamento de Eric. Mais uma vez. Sua sanidade estava alternando altos e baixos naquele lugar.

– Onde você está indo Eric? – Gritou Hank enquanto o cavaleiro já passava do meio do lago.

– Para o vale das cabritinhas mancas de um chifre. – Respondeu.

– Como assim? – Perguntou o arqueiro.

– Você lembra o que o Danny de Vitto falou para a gente?

Hank não gostou da comparação do ator com o Mestre dos Magos, mas respondeu:

– Que a entrada para o vale está onde não pode ser vista!

– E o que tem atrás da cachoeira? – Quando terminou de falar o cavaleiro mergulhou. Era como se quisesse sair debaixo do véu de água sem ter que enfrentá-lo. Alguns minutos depois ele emergiu no mesmo lugar que sumira gritando:

– Achei a entradaaaaaaaa!

Eric voltou para a margem espalhando água e fazendo barulho como no dia que viram Tiamat pela primeira vez. Ele estava todo eufórico, tinha conseguido desvendar um mistério do Mestre dos Magos. Não foi tão difícil assim.

Quando chegou à margem deitou-se para descansar. Estava um pouco sem fôlego. Apesar de confortável, a armadura não era um uniforme de quadra. Seus amigos foram parabenizá-lo. A sacada dele foi genial. Realmente estava na cara de todos e não perceberam.

– Existe um grande túnel por baixo da água na cachoeira. E eu vi uma luz no final dele. Acho que ele percorre toda a base da montanha. – falou Eric.

– Não vamos ter tanto trabalho assim! – Comemorou Sheila.

Todos estavam felizes. Menos Bobby. Sentado com Uni no colo, ele abraçava o pequeno animalzinho com força como se quisesse fundir seu corpo no dela e não deixá-la ir embora nunca mais. Seus olhos estavam marejados de água. Ele tinha afeiçoado ao pequeno unicórnio de tal forma que questionava se queria ir para casa. Sheila olhou para ele e viu o drama que o irmão estava

passando. Como disse o Mestre dos Magos era apenas uma criança e às vezes não tinha discernimento entre o certo e o errado, entre o ideal e o possível. O querer e o poder.

Ela aproximou-se do irmão que apertou Uni mais ainda. Com tranquilidade ela sentou-se do lado dele. Bobby abaixou a cabeça. Sheila começou a acariciar a crina do bichinho. Sem que o irmão notasse, já estava fazendo carinho nele também. Com jeitinho abraçou a criança e disse.

– Nós já passamos por isso antes. É duro perder quem a gente ama.

– Mas eu não quero que ela vá mana! – O bárbaro falou essas palavras quase chorando.

– Eu também não quero. Mas você já se perguntou o que é melhor para ela?

– Ela poderia ir com a gente para nosso mundo... – Tentou argumentar.

– Uni é um ser mágico Bobby. Não existe magia onde vivemos. E se ela não sobreviver? Você vai aguentar carregar essa culpa para o resto da vida? – Esse último argumento era bom, mas foi dito sem pensar. Bobby não aguentou e desabou. Ele largou Uni e aninhou-se no colo da irmã. Ela tentava diminuir seu sofrimento.

– Hank...

– Sim Diana?

– Estou preocupada com um detalhe...

– Qual? – A preocupação dela o atingiu.

– Lembra o que o Mestre dos Magos falou que aconteceria quando Uni entrasse no vale? Ele seria fechado para que não corresse nenhum risco.

– Sim, claro que me lembro.

– Eu tenho duas perguntas: Primeiro o vale começa no final do túnel ou no início? Segundo: E se ficarmos presos no vale, teremos como sair?

Hank franziu a testa. Eram duas perguntas que precisavam do mestre para responder. E ele não estava por lá. As chances de respostas em ambas as questões eram de 50%.

- Não podemos nos arriscar Diana.
- Concordo Hank.
 - Devemos deixar que Uni faça o caminho sozinha. Bobby vai ter que se despedir mais cedo dela do que pensava.
 - Vai ser doloroso. Ele adora o unicórnio.
 - Eu sei. Eu sei... – Hank terminou suas palavras e andou em direção a Bobby e Sheila.

Quando Hank veio, Bobby entendeu que tinha chegado a hora. Ele mais uma vez apertou Sheila.

- Bobby. Temos que levar Uni. Você quer nos acompanhar até o outro lado da cachoeira?

Ele não queria. Ele não sabia se queria. Mas não tinha escolha.

- Sim Hank, eu quero.

Ele se levantou. Sheila fez o mesmo. Ela segurou seu rosto com as duas mãos e deu um grande sorriso. Depois ajeitou o cabelo dele arrumando o capacete. Ele devolveu o sorriso. Ela segurou na mão do irmão e foram para a margem onde Uni já esperava nos braços de Presto.

Todos entraram no lago. Eles queriam dar todo o apoio para o garoto. Era preciso. Então caminharam dentro da água de mãos dadas, formando uma corrente. Uni ia nadando ao lado. Era um momento sensível quebrado por Eric.

- Eu vi o morcego entrar na cachoeira!

Todos viraram para o cavaleiro num olhar de reprovação. Diana fez gestos para que ele ficasse calado. E apontava para Bobby.

– “É o melhor mesmo.” – pensou, – “Quase tive que morrer para que ele voltasse a falar comigo, vou ficar calado até esse chororô terminar.” – Pensou conformado.

Estavam perto da lâmina de água que pendia da montanha. Todos seguraram o fôlego e mergulharam. Um a um foram aparecendo na caverna atrás da cachoeira. Presto tirou “a” unicórnio de dentro d’água e ao ser colocada na terra firme, sacudiu o corpo como se fosse um cachorrinho.

Bobby curvou-se e abraçou Uni sabendo que seria a última vez que iria vê-la. O garoto segurou as lágrimas. A “pequena” unicórnio relinchou baixinho chorosamente. Ficaram desse jeito por um bom tempo até que Sheila falou:

– Bobby, é hora de deixá-la ir...

O irmão entendeu o recado. Fez algumas recomendações no ouvido de Uni e se levantou. Uni ficou olhando para ele como se não quisesse ir.

– Vai Uni, vai. É para o seu próprio bem!

O unicórnio entendeu o recado. Virou-se e de cabeça baixa começou a andar vagarosamente. Alguns passos depois, virou a cabeça para trás.

– Vai Uni, por favor! – Bobby caiu de joelhos ao pedir. O bárbaro estava arrasado. Uni saiu no galope para poder fugir da sua tristeza.

O momento foi comovente demais. Diana não aguentou e teve que abraçar Presto. Hank fazia o mesmo com Sheila. Eric esfregava as mãos demonstrando ansiedade e sua falta de paciência.

Bobby virou-se para trás e a irmã foi ao seu encontro. Eles se abraçaram apertadamente. Ela tirou o capacete viking do garoto e passou a mão na sua cabeça. Quando Bobby estava refeito, ouviram um relinchar muito alto como um grito de dor. Ele largou a irmã e gritou:

Uniiii!!!!

Algo errado tinha acontecido. O pequeno bichinho estava com problemas. Bobby não pensou no seu ato: Levantou o tacaie no ar e foi correndo ver o que aconteceu ao seu unicórnio de estimação.

A imprevisibilidade de Bobby fez com que todos fossem atrás intempestivamente. O túnel estava muito escuro. Hank fez uma fosforescência caminhar do seu arco até o alto para iluminar. A imagem de um ser negro segurando Uni formou-se. Estava explicado o mistério do morcego que Eric estava vendo.

A forma negra flutuava segurando o unicórnio com suas compridas garras. Seu corpo parecia a sombra de um ser humano terminando numa cauda, sem pernas. Nas costas duas asas cuidavam da tarefa de mantê-lo no ar. Ao chegarem perto, Sheila teve a impressão que podia ver através do demoníaco ser.

– Devolva Uni! – Berrava Bobby abaixo da criatura. Ele tentava pular, mas não a alcançava.

Hank preparou uma flecha. Ele mirou bem na asa direita, preocupando-se em não acertar a pequena equina. A seta foi disparada, mas apesar de acertar o alvo passou por ele como se fosse feito de gás. O projétil de luz tocou uma parede reverberando por toda caverna, criando um efeito digno de um laser num show de rock. Diana tentou usar o chicote, mas sem sucesso. Formou-se um impasse: Eles estavam bloqueando a passagem da criatura, mas não conseguiam atingi-la. Se ela tentasse passar, o chicote de Diana poderia segurar Uni.

Um barulho de água chamou a atenção dos garotos. Ao virarem para a cachoeira, a lâmina d'água estava se descortinando ao meio. Pela passagem veio trotando no ar o formoso corcel negro de patas e olhos de fogo com o seu mestre no dorso. Logo atrás do Vingador um exército de feições conhecidas saía da água e organizava-se em colunas. Criaturas com quase dois metros e meio de altura, corpo esguio vestindo uma pequena armadura de cor chumbo que deixava os braços e pernas nus. Tanto as mãos quanto os pés eram grandes, desproporcionais às formas leves dos membros. A cabeça misturava feições felinas com humanas. Todo o corpo era recoberto por um pelo curto dourado com manchas marrons. Eles carregavam compridas lanças na mão direita e um escudo na esquerda. Era o povo de Zantália.

O cavalo do Vingador trotava levemente. Quando parou, o exército passou por ele e formou fileiras à sua frente. Presto tentou fazer uma conta para ter idéia do tamanho das forças do inimigo. Eram pelo menos trezentos. Quando os últimos passaram, o Vingador levantou sua mão iniciando o ataque. Sua rajada de luz foi ricocheteada pelas paredes da caverna ao bater no escudo de Eric. Hank devolveu a ofensa. O sinistro colheu com as mãos o petardo

de luz. Aproveitando que as atenções estavam todas voltadas para o demoníaco ser, a criatura de sombra voa por cima dos garotos e carrega Uni para perto do Vingador. A volta para casa estava bem mais longe. Centenas de soldados ficaram entre eles e o unicórnio. Suas fileiras começaram a avançar lentamente. Era o prenúncio da batalha. A situação era bem diferente do encontro com os gronks. Aqueles seres estavam em número bem superior. As armas adversárias eram longas. A seu favor apenas a largura da caverna que limitava o número de ataques simultâneos que poderiam sofrer.

Bobby formava com o arqueiro, Diana e Eric uma linha de frente. Ele olhou para Hank como que pedisse permissão. Com um aceno de cabeça o arqueiro concordou e Bobby partiu correndo para cima dos soldados que avançavam. Diana e Eric foram logo atrás.

17. SEPARAÇÃO E SUPERAÇÃO

H

ank começou a disparar suas setas para diminuir os adversários que enfrentariam no corpo a corpo. Sua cobertura não foi tão eficiente quanto na batalha com os gronks. Os escudos evitaram que alguns caíssem ao contato com o dardear luminoso que tomava conta do local. As hastes de luz que batiam nos escudos ricocheteavam nas paredes da caverna criando mais um espetáculo de pirotecnia.

Os felinos vendo o bárbaro aproximar, apontaram as lanças para frente. Foi em vão. Bobby no primeiro golpe quebrou todas e acertou seus adversários ao fazer o movimento em sentido inverso com a clava. Eram as primeiras baixas da tropa do Vingador. Eric e Diana vieram logo atrás. As dimensões da caverna não favoreciam muito para quem atacava. Diferente do confronto na beira do lago, os três tiveram que permanecer num grupo compacto avançando lentamente sobre o adversário e precisando andar por cima dos corpos que produziam. A dificuldade do combate era maior para o outro lado. Apesar do tamanho do efetivo, só um pequeno número podia travar contato direto com os garotos.

O Vingador assistia a tudo impassível. Parecia que parte do seu objetivo havia sido cumprido, ele estava na posse de Uni. Hank continuava a disparar as flechas enquanto arquitetava uma maneira de reaver o unicórnio. Nesse momento ele vê Presto passando ao seu lado. O mágico tinha em suas mãos uma espada como a usada pelos gronks. Sem dizer uma palavra ele juntou-se aos outros na linha de frente.

– Hank, e a Uni? – disse Sheila ao aproximar-se do namorado.

– Eu estava pensando exatamente nela. – Ele respondeu sem se virar. Ainda continuava no ritmo frenético de despachar suas descargas elétricas no exército adversário.

– Você quer que eu tente buscá-la? – Perguntou à ruiva.

Hank olhou para o campo de batalha. Atravessar os duzentos metros nos quais ocorriam os embates sem ser notada não seria complicado, mas voltar com Uni não seria nada fácil. Apesar de pequena, “a” unicórnio não era tão leve assim. E tinha o Vingador, ele estaria ali do lado.

– Sua capa pode encobrir mais alguém? – Perguntou para a namorada.

Ela aproximou-se de Hank que parou de disparar por um instante. Colocou o capuz e abraçando-o passou a capa pelo seu corpo. A vestimenta tomou proporções maiores e o envolveu. Juntamente com o arqueiro ela sumiu. Isolados da visão de todos, Hank abraçou-a com força e lhe deu um demorado beijo na boca. Ele sentiu o corpo da ladra estremecer. Abriram os olhos e lembraram que tinham que voltar para a batalha.

Presto aproximou-se do grupo. Ele colocou o chapéu preso à alça da bolsa e segurando a espada com as duas mãos começou a desferir golpes contra o povo felino. Um calor tomou conta do seu corpo, estava irreconhecível. Chegou dando urros, desviando os golpes de lança e no golpe seguinte cortando cabeças ou rasgando ventres. Ele se posicionou ao lado de Eric que dava os tradicionais murros e golpes de escudo.

Ao lado, na outra ponta, estavam Diana e Bobby. O bárbaro mais à frente não parava de derrubar os esguios inimigos. Parecia que não havia obstáculo para a sua clava. Em contato com as lanças, estas se quebravam como palitos e nos golpes seguintes infligia danos físicos a quem estivesse na sua frente. Diana um pouco atrás de Bobby estalava o chicote ora por cima acertando as cabeças que não conseguiam se desviar do açoite, ora por baixo enrolando nas pernas e levando ao chão aqueles que se desequilibravam.

Apesar da vantagem que levavam no enfrentamento, começaram a cansar. Não tinham passado nem por trinta por cento do exército à frente e o corpo já dava sinais de fadiga. A estratégia do Vingador estava dando certo. Atrás do exército assistia calmamente seus soldados sendo destroçados enquanto os garotos iam gastando suas energias.

Sheila cobriu-se e desapareceu dos olhos de todos. Tomando cuidado foi passando por entre os corpos dos inimigos e após ver seus companheiros no embate ferrenho, procurava por brechas entre os soldados que faziam fila para encontrar o tacape de Bobby. Apesar de não poder ser vista, podia ser sentida. E o local apertado proporcionava o contato. Por algumas vezes ela esbarrou nos felinos que assustados ou sem entender viravam-se na direção dela procurando por quem os tocou. Sem pressa ela se viu do lado do Vingador. A perspectiva com que via seu inimigo impressionava. As suas asas eram muito grandes e em cima daquele corcel negro ele se mostrava imponente. Apesar da cara feroz que mostrava a fileira de dentes pontudos ladeados por dois grandes caninos, ele estava concentrado e tranquilo. Ela passou por trás do cavalo e viu Uni brigando no ar com a criatura que a carregava.

O sombrio ser alado era meio transparente. Em determinados momentos a nuvem que formava seu corpo ficava mais leve. Quando Uni tentava algum movimento mais brusco para se desvencilhar, seu corpo diáfano se densificava e oprimia o unicórnio. Sheila ficou pensando no que ia fazer para recuperá-la.

No meio da batalha Eric e Presto se olhavam quando dava. Eles já estavam preocupados com o rumo que a situação tomava. Presto já não desferia os golpes com a mesma força, o que acontecia também com o cavaleiro. Do outro lado não era diferente. A força juvenil do menino estava terminando. Ele sentia que não ia conseguir avançar. Sem combinar, instintivamente os quatro começaram a recuar.

Hank viu a manobra de retirada dos amigos. A parede de escudos que se formou atrás da frente de luta impedia que suas flechas aumentassem as baixas consideravelmente. Aquela batalha

estaria perdida. Hank olhou para trás. Foi quando notou pela primeira vez a luz que Eric tinha descrito. Não era uma única luz. Era todo um conjunto, com várias cores. Algumas piscavam. Estava longe para que formasse uma imagem que definisse o que era. De qualquer forma era o caminho que iriam tomar na fuga. Só tinham que esperar por Sheila e o unicórnio. O arqueiro começou a estudar o teto da caverna. Ele não era compacto. Várias rochas que se espremeram compunham a parte superior daquele lugar. Na sua cabeça começou a calcular o tamanho da energia que teria que disparar para provocar um desabamento. Desta forma uma parede ficaria entre seu grupo e o grande exército do Vingador.

Sheila rodeou a criatura negra. Seu pensamento era pular em cima dela e de Uni. Apesar da aparência musculosa da fumaça, algo lhe dizia que ao entrar em contato com o ser, ele iria se desfazer no ar e Uni sairia em seus braços. Sheila deu o salto, mas não foi bem sucedida. A forma esgazeante da criatura negra estava sólida e ela caiu ao seu lado alertando-o da sua presença. Ele sentiu um encontro ao seu corpo vindo do nada e ficou procurando ao seu redor qual seria o motivo. Sabedor da existência da ladra e sua capa mágica, chamou seu mestre e comunicou o fato.

O Vingador que até o momento estava estático começou a disparar suas bolas de energia contra o grupo que duelava. Eric tomou a frente para evitar o ataque. Os quatro começaram a recuar. O exército felino avançava. Aquela batalha foi definida a favor do maligno ser. Hank um pouco atrás entre cada flecha enviada procurava pensar na escolha que tinha que fazer. Ao que tudo indicava resistiriam por pouco tempo. Tinham que bater em retirada. Mas Sheila ainda estava lá. Ele olhava para Uni nas garras da criatura negra, sinal que a missão da namorada ainda não tinha sido bem sucedida.

Eric parou de atacar. A força da magia do Vingador era muito grande. Ele teve que se concentrar unicamente em segurar o escudo e usar a película mágica que emanava da sua arma para limitar o avanço das criaturas inimigas. Seus amigos lhe davam cobertura. Enfraquecidos, deixaram o exército inimigo ganhar

espaço. Não durariam muito tempo. Presto recuou um pouco mais que todos sentindo que não conseguia mais brandir sua espada.

– Diana, Bobby, vão para junto do Hank. – Gritou Eric. – Ele não tinha como se deslocar tamanha era a frequência do ataque que recebia. O Vingador tinha largado a crina do cavalo que fazia de rédea e revezando os braços no ar, girava-os e enviava suas porções de magia em direção do cavaleiro. A pressão estava grande.

Os dois amigos ouviram suas palavras e sentiram que não havia mais nada a fazer. Eric estava muito avançado e os felinos caíram sobre ele. Sem opções tiveram que ceder.

Vendo que seria capturado, Eric girou o corpo e arremessou o escudo para trás. A arma caiu aos pés de Presto e Diana. A última coisa que os dois veem é o círculo de soldados se fechando em cima do cavaleiro. Eles correram de encontro a Hank que derrubava quem tentasse persegui-los. Eric tinha sido capturado, Sheila não voltara. O arqueiro mirou nas rochas acima da sua cabeça e atirou. O vetor luminoso clareou toda a caverna e bateu contra o teto. Um grande barulho foi ouvido, e rochas começaram a descer. O desmoronamento dividiu a caverna em duas. Eric e Sheila ficaram com o exército inimigo.

18. SHEILA

E

la foi atirada para cima. Cruzou os braços no peito e fechou os olhos. Seu corpo girou fora do seu eixo e deu quatro piruetas no ar. O longo rabo de cavalo dava um espetáculo à parte. Na queda foi amortecida pelos braços dos companheiros de cheerleading. Com a magnífica manobra a apresentação foi encerrada. O público presente aplaudiu.

Já com os pés no chão, o coração da ruiva vestida com um top que fazia conjunto com a ultraminissaia estava disparado e ia diminuindo o compasso devagar. Ela agradeceu a todos e sua equipe saiu em direção à área reservada para a torcida.

A apresentação encerrava aquela temporada. O time de basquete do colégio voltou à quadra para o último tempo do campeonato estadual. Os rapazes em campo não decepcionaram e conquistaram o título. O ano tinha sido perfeito. Conseguiram conquistar com o time de basquete e de torcida os dois campeonatos mais importantes da categoria. Para a garota a comemoração era dupla: seu namorado estava em campo. Quando avisaram do final da partida ela correu para a quadra e pulou no seu colo. As pernas se cruzaram nas costas do pivô e enquanto o abraçava, beijava-o furiosamente. O encontro dos lábios dos dois foi demorado e após a incomum demonstração de amor ela falou bem baixinho no ouvido do jogador:

– Charles, eu te amo!

A escola estava em festa. O estacionamento foi todo tomado pelos alunos que aguardavam o time chegar para

homenageá-los e comemorem o grande feito. Era a primeira vez que chegaram ao título cobijado por muitos e conseguido por poucos. A festa varou a madrugada. A garota só foi chegar à sua irmandade de manhã, morta de cansaço, mas satisfeita. Entrou no quarto se jogou na cama. Dormiu vestida com o uniforme do time e a faixa de campeão do namorado.

Já era noite quando Sheila deu sinal de vida. Acordou com a cabeça doendo e a boca seca revelando a desidratação ocorrida durante o sono. Foram muitas cervejas e tequilas durante a comemoração. Ela sentiu uma pontadinha nas têmporas, mas sorriu ao lembrar-se da noite anterior.

Cambaleando foi até o banheiro e ligou o chuveiro. Enquanto a ducha esquentava, foi procurar por algum líquido para se hidratar. Pegou uma garrafa de isotônico que foi virada de uma só vez. A cabeça doeu de novo e ela riu novamente, levando à mão a boca, lembrando os excessos da noite anterior. Despiu-se da roupa e caminhou para o banho. A fumaça no banheiro informava que a água estava na temperatura ideal. Ela entrou embaixo do líquido quente.

No seu ritual primeiro ensaboava todo o corpo alvo, marcado levemente por sardas que lhe dava uma textura toda especial. As formas firmes e fartas do seu busto tinham total atenção do sabonete hidratante, bem como seu rosto e colo. Após percorrer todo o seu corpo com uma loção adstringente ela voltava a atenção para os cabelos vermelhos. Usava uma franja quase entrando nos olhos, mas os outros fios eram compridos passando um palmo do meio das costas. Passava calmamente o xampu na longa cabeleira cor de fogo. Após retirar a primeira espuma, fraquinha pelo suor impregnado do dia anterior, repetia a operação. A espuma se avolumava na cabeça e acabava espalhando-se pelo corpo. A alvura da sua pele brigava com a dos flocos de xampu. Depois de retirar o produto de limpeza, passou a pentear usando generosas doses de condicionador. Mais da metade do seu banho era gasto cuidando da linda moldura do rosto. Nesse momento ela prendia o cabelo com uma espátula e tomava outro banho eliminando os resquícios do creme capilar no seu corpo.

Sheila vestiu seu roupão e deitou-se na cama. Procurou pelo controle remoto e ficou vendo televisão enquanto enxugava a cabeleira vermelha. Ela pegou o celular sem bateria e ouviu a sinfonia de mensagens ao conectá-lo na tomada. Ela estava com fome. Vasculhou com os imensos olhos azuis o quarto procurando algo para comer. Achou a metade de um pacote de batatas, mas era insuficiente. Pegou o celular ligado à parede e discou o primeiro número de atalho:

– Oi, tudo bem? – Perguntou Sheila.

– Tudo bem linda e você? Acordou que horas? – continuou uma voz masculina do outro lado.

– Acho que não tem nem uma hora. Acabei de sair do banho.

– Hum... tá toda fresquinha? – disse a voz masculina maliciosamente.

– Fresquinha e toda nua... – devolveu a provocação num tom mais safado ainda.

– Hum... para vai...

– Quero te ver. – disse a garota.

– Mesmo?

Mesmo. Vem me buscar? Estou morrendo de fome.

– Claro que vou! – Disse o namorado.

– Estou te esperando! – Falou a ruiva antes de desligar o telefone.

Sheila ainda ficou vendo televisão por uns quinze minutos até que sua série preferida de comédia acabasse. Depois não se deu ao trabalho de arrumar para o namorado. Colocou apenas um jeans apertado e uma camiseta básica com o nome da escola. Calçou um tênis de corrida e estava pronta para o encontro. Ficou com preguiça de passar qualquer tipo de maquiagem. O telefone tocou novamente. Era o namorado. Sem atender ela desceu para encontrá-lo.

Era noite de domingo. Nas próximas semanas teriam as provas finais. Sheila não via à hora de voltar para casa. Estava morrendo de saudades dos seus pais e do irmão. A família já tinha combinado de ir para a praia. Seriam duas semanas na Flórida apenas curtindo sol. O único inconveniente era ficar esse tempo todo longe do namorado.

A noite foi bem light. Sheila e Charles ainda estavam com os corpos fatigados do dia anterior. Optaram por comer sanduiches e um imenso balde de pipoca no cinema. Quem via a garota de corpo magrinho comendo como uma condenada não acreditava. Ela devorou dois cheeseburgueres e disputou cada grão de milho estourado com o seu amor. Quando estava perto do final do filme, adormeceu no ombro de Charles.

No caminho para casa ainda pediu para o namorado comprar um cachorro-quente. O dia de descanso tinha lhe deixado faminta! Eles ficaram na porta da república beijando-se por um bom tempo até serem advertidos por uma viatura policial que fazia a ronda naquele bairro. Ela desceu do carro, despediu-se com um último beijo e foi completar suas quase vinte e quatro horas na cama

Mesmo com as provas, a segunda-feira na escola foi tomada pelos comentários da partida final. Sheila era assediada pelas amigas sedentas das fofocas sobre o final da noite. Ela desconversava, fazia mistério e soltava poucas frases. As amigas soltavam gritos de "Ahhhh" e pediam mais detalhes. A maior preocupação da ruiva naquela semana foi de marcar uma série de X sobre os números do calendário que faltavam para ir embora para casa. Quando saía da escola o dia se arrastava apesar da garota estar absorvida pelos livros



da prova do dia seguinte. Quando interrompia os estudos, vez por outra mandava uma mensagem de texto para o irmão que respondia. Quando lia as linhas da resposta, se sentia mais perto da família. Mesmo dormindo cedo, veria Charles todos os dias. Iam ficar longe por um bom tempo e queria aproveitar cada minuto que tinham livre juntos.

No sábado Charles quis visitar o parque da Universal. Não era o tipo de programa que Sheila gostava. Ela iria preferir ficar em casa, assistindo um filme no colo dele. Mas o namorado tinha falado tanto do passeio para fechar com chave de ouro a temporada que

não havia como dizer não. As companhias eram agradáveis, o parque era muito interessante e ela negociou com Charles o compromisso de assistir a atração 4D de Shrek que ela amava de paixão. E nada de montanha-russa. Não era o tipo de brinquedo que curtia. Um dia inteiro no parque significava outro dia de cama. E não foi diferente. Apesar de ser o último domingo, ela não levantou antes das quatro horas da tarde. Arriscou-se no máximo a tirar o braço debaixo do edredom para que o controle remoto da televisão funcionasse. E mesmo assim assistia com apenas um olho aberto entre os cochilos.

Ela levantou e ligou o notebook. Costumava entrar em videoconferência com a família nos domingos por algum tempo. Na semana anterior devido à ressaca das comemorações não houve a conexão. Ela estava morrendo de saudades. Mal entrou na internet e já havia um chamado de sua mãe. Ela aceitou o pedido e logo apareceu a tela com uma loira de pouco mais de quarenta e cinco anos.

– Esqueceu-se da gente hein? – Cobrou a loira.

Sheila riu, era verdade. E parte do motivo ela nem podia contar.

-Desculpa mãe! Nós ganhamos o campeonato. Eu reconheço que nem lembrei. Estávamos tão felizes! – Tentou justificar.

-Você bebeu? – Perguntou com um sorriso malicioso nos lábios.

Sheila não sabia mentir para a sua mãe. Ela mordeu os lábios e revirou os olhos para cima. Olhou para o computador e falou:

– Só um pouquinho... – riu e deitou para trás na cama.

– Só um pouquinho... sei viu filha! Até parece que não te conheço!

– Não conta para o papai tá? – Pediu a filha.

Nesse momento a mãe gira a câmera para o lado. O rosto da pessoa que não poderia saber, aparece. Sheila fica desconcertada.

– Não conta o que filha? – Perguntou.

– Ahhhh pai! Eu fico sem jeito de conversar essas coisas com o senhor! – Tentou fugir a ruiva. Ela tampava a boca tentando esconder os risos.

– Minha filha, seu pai já teve sua idade. Uma garrafinha de cerveja não mata. Só não pode abusar. A liberdade que você tem com sua mãe você pode ter comigo!

– Pode deixar pai! – Disse Sheila.

O pai fez cara de pensativo e falou:

– Menos sobre namorados. Isso você continua a conversar somente com sua mãe! – A garota soltou gargalhadas ao ouvi-lo.

– Você vem mesmo sexta? – Perguntou a mãe.

– Sim, já está tudo pronto. O Charles até já fez meu check-in.

– Quem é Charles? – Perguntou o pai.

Tentando segurar um riso, Sheila disse:

– É o gay que corta o meu cabelo.

– Quer que te pegue no aeroporto?

– Não precisa pai. É longe. E aqui o tempo está muito instável. Pode ser que o voo atrase por causa de nevoeiro. Quando chegar na rodoviária eu ligo se não conseguir pegar o horário para o qual comprei passagem.

– Você vem que horas?

– Eu passei um email para a senhora informando.

Sheila perguntou por Bobby, ele estava numa festinha de aniversário na mesma rua de casa. Não aguentou esperar a irmã acordar. E a mania de Sheila de deixar o celular quase sempre desligado deixava o irmão irritado. Talvez a única coisa que ele não gostava nela.

Eles conversaram durante vinte minutos. Esses momentos em que via os pais aliviavam a saudade. Ela rolava na cama, fazia bocas e caras para os velhos e eles correspondiam. Seus pais eram relativamente novos, compreensíveis e fizeram muito sacrifício para a filha poder estudar numa boa escola. Ela achava que tinha os melhores pais do mundo.

A conversa foi encerrada. Motivo: Ao ligar o celular a quantidade de mensagens indicava a saudade do irmão e o desespero de Charles, aflito querendo ver sua ruiva rapidamente. Ela respondeu as mensagens do irmão e riu da estratégia ineficaz do namorado. Como se tivesse pena do garoto, ligou para encerrarem o fim de semana. Ele já estava na praça em frente à casa da sua república e ordenou que ela aparecesse em cinco minutos. Ela concordou e disse:

– Amor, só vou tomar um banho e desço!

Sheila terminou de empacotar sua bagagem. Não era nada demais, apenas duas malas médias. Estava atrasada para pegar o avião, nada de anormal. Charles esperava impaciente no carro. Teriam que andar mais cinquenta quilômetros até o aeroporto. Ele precisava correr ou sua namorada perderia o voo. Ela ligou e pediu para que a ajudasse com as malas, exceções raras em que homens entravam naquela casa. Após um abraço correram em direção ao carro e partiram na disputa contra o relógio.

Para a sorte de Sheila o voo estava atrasado. Ela se despediu de Charles na área de embarque rapidamente e correu para despachar as malas. Conhecendo a namorada o rapaz já tinha feito o seu check-in. Ela caminhou tranquilamente para seu portão e ficou esperando a chamada do seu voo. Seriam quase três horas no avião e depois encararia ainda mais quatro horas de ônibus. Esse trajeto era executado pelo menos três vezes ao ano. Já havia se passado mais de três meses depois do último encontro com os pais e o irmão. A internet ajudava a diminuir essa distância, mas não era a mesma coisa. Quando entrou no avião recostou a cabeça e logo após a decolagem dormiu por toda a viagem. A saudade era tanta que sonhou com os pais. Ela estava numa mesa com eles comendo algo que não conseguiu se lembrar. Eles conversavam e riam muito. Ela acordou com o avião aterrissando e sorriu. A viagem tinha sido ótima apesar de não ter visto nada. Melhor assim, agora estava bem disposta para pegar um taxi até a rodoviária e encarar as horas restantes dentro de um ônibus.

Mal entrou no ônibus, a ruiva apagou. Ela adorava dormir. Tinha uma facilidade imensa. Seu corpo agradecia e lhe recompensava conservando sua beleza. E nem a estrada sinuosa atrapalhava. Quando acordou, o ônibus estava parado. Ela olhou no relógio e já tinha passado quase uma hora da previsão de chegada à sua cidade. Olhando para frente no corredor, viu que estavam numa grande fila de veículos. Do seu lado uma senhora com fones de ouvidos notou que a garota não sabia o que se passava e falou:

– Houve um acidente mais a frente. Parece que foi feio. A estrada está parada porque estão tentando retirar alguém das ferragens.

Mas parece que já estão terminando. O motorista disse que foi mais cedo.

Sheila se mostrou impaciente por alguns minutos e depois recostou a cabeça na sua poltrona e voltou a dormir. – “Ficar olhando para a janela não vai adiantar nada... – Pensou antes de se entregar aos braços de Morpheu, novamente.

Quando o motorista do ônibus pisou no freio com um pouco mais de força dentro da estação, o leve baque acordou Sheila. Ela esfregou os olhos embaçados e esperou que a confusão de pessoas no corredor acabasse. Só então levantou, pegou a bolsa e desceu para retirar suas malas. Estranhamente não viu seus pais nem Bobby que tinham o costume de ir esperá-la. Foi quando notou que seu celular estava desligado. Assim que colocou o aparelho para funcionar, chegaram algumas mensagens dos telefones dos seus pais. Ela tentou retornar as ligações, mas sem sucesso. O de Bobby caiu direto na caixa postal e dos pais chamavam e não atendiam. Após esperar por mais de trinta minutos, pegou um taxi. No caminho para casa, ficou pensando se havia confundido no email que passou falando dos horários de viagem. Mas quando forçava a mente, lembrava dos dados de forma correta.

O taxi parou e ela desceu. A casa estava com as luzes apagadas. Sheila estranhou. Os pais sabiam que ela chegaria. Meio desajeitada ela puxou as duas malas até a porta principal. Foi nos fundos e no lugar habitual encontrou a chave. Entrou por ali, foi até a porta da frente onde pegou sua bagagem.

– “Enfim em casa!” – Pensou. Ela observou que a mãe tinha mudado um pouco a decoração da sala. Tentou mais uma vez falar nos celulares da família. Outra tentativa infrutífera. Meio preguiçosa que estava não se deu ao trabalho de subir com suas malas para o seu quarto.

– “Quando minha mãe chegar ela me ajuda.” – E deitou no sofá da sala que dava para a rua. Ligou o fone de ouvido no celular e ficou ouvindo música enquanto esperava pela família. Ela alternava momentos de olhos fechados em que procurava repetir a letra das músicas com de profunda observação dos detalhes da casa, procurando deduzir tudo que estava diferente desde que foi embora

pela última vez. Num desses momentos em que pesquisava uma parede, luzes vermelhas e azuis começaram a se alternar iluminando as janelas. Curiosa Sheila levantou-se e foi até a porta. Quando saiu, uma viatura policial estava terminando de estacionar. O oficial desceu e caminhou em sua direção.

– Boa noite. – Disse o oficial.

– Boa noite. – Respondeu a ruiva.

– Você é Sheila O’Brien? – Perguntou.

– Sim, sou eu. – Ao responder sentiu um aperto no coração. – Aconteceu alguma coisa?

O policial desviou o olhar para baixo com a pergunta. Ele demorou um pouco para voltar a encará-la e apertou os lábios. Depois disse:

– Sua família sofreu um acidente esta tarde. Foi grave.

Seu coração disparou. As pernas bambearam. O policial teve que ampará-la. Ela começou a engasgar com as palavras.

– Acidente? Como assim? O que aconteceu? Que tipo de acidente? – Sheila começou a ficar confusa. As perguntas saíam em sequência da sua boca sem dar tempo de serem respondidas. O policial pediu calma. Ela não tinha nenhuma a oferecer.

– E Bobby? Bobby estava junto? Vocês têm notícias do meu irmão?

– As lágrimas começaram a brotar dos olhos azuis da ruiva.

– Seu irmão agora está bem. – Disse o policial.

– E os meus pais? Como estão meus pais? – perguntou apavorada.

– Sheila, acho melhor você nos acompanhar até o hospital. Seu pai faleceu no acidente.

A garota não aguentou, sentou na grama do jardim e abraçou suas pernas. Ela começou a jogar o tronco para frente e para trás sem soltar seus membros inferiores. Os policiais não falaram nada e ficaram assistindo a reação da garota. Apesar do calor do dia, começou a sentir frio. Sheila olhava para a esquerda tentando fixar os olhos em alguma coisa, segundos depois fazia o mesmo movimento para a direita. Ela largou as pernas e levou as mãos aos cabelos. Apertou as palmas contra a cabeça e depois fechando-as puxou o couro cabeludo como que se quisesse arrancá-lo.

O policial agachou a sua frente. Ela olhou para o semblante dele. Um sorriso amarelo surgiu. Ele lhe deu a mão e quando Sheila

correspondeu, levantou-a e conduziu a garota para a viatura. Ela entrou no banco de trás e deitou sua cabeça no ombro do oficial. Não conseguia processar as informações. Seu pai com quem falara mais cedo estava morto. Suas imagens começaram a aparecer na cabeça da ruiva. Ela chorava baixinho.

Quando chegou ao hospital escoltada pelos dois homens da lei, uma moça de uniforme branco e sujo já a esperava. O estetoscópio por cima do pescoço indicava que era médica.

– Sheila O’Brien? – Perguntou.

– Sim, sim. – disse a ruiva.

– Acho melhor você se sentar, eu não tenho boas notícias.

– O que aconteceu com meus pais? – Ela levantou o tom nesse momento.

– Sua família sofreu um acidente na estrada da saída norte da cidade. O carro em que estavam entrou na contramão e bateu de frente com uma carreta. – A médica deu uma parada. Os olhos de Sheila estavam aflitos para que continuasse. – Seu pai ficou preso nas ferragens por muito tempo. Ele perdeu muito sangue e chegou sem vida ao hospital.

– E minha mãe? O que aconteceu com ela?

– Ela veio muito ferida. Entrou direto na sala de cirurgia. Eu acabei de sair de lá.

– Ela está bem? – Perguntou com um fio de esperança.

– Eu sinto lhe dizer que ela não aguentou a cirurgia. Ela teve uma parada respiratória e infelizmente veio a falecer.

Sheila apertou os olhos e tentou chorar, mas não foi possível. Ela emitia apenas uma respiração ofegante, como que quisesse gritar e não conseguia. Seus músculos ficaram todos retesados. Ela tentou fechar suas mãos, mas seus dedos endureceram no meio do caminho. Seu mundo tinha sido destruído. Nesse momento lembrou-se do acidente que parou a viagem. As peças se encaixaram. Uma dor aguda foi sentida no seu peito. Se seus pais não tivessem ido buscá-la, nesse momento estariam todos juntos em casa. Ela começou a se perguntar por que foi informar no email, detalhes da sua chegada. No lugar da surpresa da família, ela poderia ter feito a surpresa. Ela teria encontrado todos com vida. A

dor lancinante percorria seus nervos. Foi quando se lembrou de Bobby e seu corpo voltou ao normal.

– E o meu irmão? O que aconteceu com ele? – Suas palavras saíram tomadas de desespero.

– Agora ele está bem. – Disse a médica. – Ele teve apenas uma pancada na cabeça, foi medicado e está no quarto dormindo. Mas seu quadro está estável.

– Eu quero ver ele, eu quero ver ele! – Começou a gritar.

– Calma, calma, – disse a médica, – nós vamos te levar no quarto do seu irmão, mas acalme-se.

– Eu quero ver meu irmão... – disse Sheila baixinho. A médica pegou sua mão. Sheila se levantou. Uma enfermeira veio e a amparou. Ela foi conduzida até o elevador e foram para o quarto de Bobby.

A cerimônia do enterro foi bem simples. Com a falta dos pais era prudente economizar todo o dinheiro possível. Faltavam dois anos ainda para Sheila completar o high school. Seus planos de continuar a estudar na Califórnia teriam que ser interrompidos. Ela ficaria na sua cidade natal. Uma tia que morava na cidade prontificou-se a obter a guarda dos dois irmãos. Bobby era muito novo. Ela não poderia ficar longe do irmão neste momento tão difícil. Eles só tinham um ao outro. Sheila não o deixaria por nada nesse mundo. Nem por Charles. Agora a ruiva tinha uma missão muito especial na vida. Ela teria que rever todas as suas metas. Pensar em traçar um futuro para Bobby. Medir seus atos e calcular todos os próximos passos. E era apenas uma menina. Uma jovem que viajou sem nenhuma preocupação para casa e agora se encontrava cercada de várias responsabilidades.

Eles não foram para casa. Seria muito dolorido ficar relembrando os lugares onde conviveram com os pais. A tia dos dois tinha preparado um quarto provisoriamente para recebê-los. Ela procurou deixá-los do jeito mais confortável possível. Naquele momento os dois só queriam ficar sozinhos. Eles subiram para o quarto e deitaram nas camas que ficavam em lados opostos. Bobby não aguentou e foi se juntar a Sheila.

Sheila juntou todas as forças para não chorar com o irmão no colo. A família era muito unida, o que fez com que a dor fosse amplificada. Ela começou a passar as mãos no cabelo do garoto, fazendo um carinho que no fundo sabia o tanto que estava precisando. O irmão queria lhe falar, mas ela pediu para que ficasse quietinho, que ela queria senti-lo o mais perto que fosse possível do seu coração. Queria sentir sua vida pulsando por todo o corpo, como se fosse dali que iria tirar as forças necessárias para fazer o novo começo para os dois.

19. TÃO PERTO E TÃO LONGE

A

fina névoa de pedra triturada começou a baixar. Os garotos ainda tossiam com a invasão de pó na garganta, mas já conseguiam enxergar. Na frente do grupo agora reduzido a quatro, estava uma parede de rocha. O plano de Hank para bloquear os soldados do Vingador deu certo. Se resolvessem limpar o caminho, eles estariam longe quando o serviço fosse completado.

Bobby estava estarelecido. Ele olhava para a parede e não sabia se gritava por Uni ou Sheila. Então virou os olhos para Hank e caminhou na sua direção.

– Você viu o que você fez? Sheila e Uni estão com o Vingador! Você é um covarde Hank!

Aquelas palavras atravessaram os ouvidos do arqueiro como alfinetes em brasas. Ele não era covarde. Naquele momento não tinha opção. No seu pensamento ele só protegeu a parte do grupo que podia se salvar. Ele não deixaria sua namorada para trás sem um bom motivo. Ele a amava e tinha batalhado tanto para estar junto dela. Bobby estava sendo injusto.

– Bobby, o que fiz foi necessário. Não havia como Sheila e Eric escaparem. Se ficássemos, todos seriam prisioneiros agora. – Tentou ponderar Hank.

– Eu prefiro ser prisioneiro perto da minha irmã do que deixá-la junto com aquela coisa monstruosa. Você foi covarde Hank!

Aquela frase ficou martelando na sua cabeça. Diana resolveu intervir. Toda a raiva do garoto era direcionada para o

arqueiro. Naquele momento o grupo não podia ficar desunido.

– Bobby, calma. Não fique assim. Nós podemos salvar Sheila e Eric. Se estivéssemos lá não iria adiantar nada. O Vingador poderia nos trancafiar numa cela e jamais voltaríamos para casa.

– Eu não quero saber de nada! – Berrou o bárbaro. Eu quero minha irmã agora!

Convencer um garoto de doze anos é um exercício pelo qual todos estavam passando desde que chegaram no Reino. Bobby era imediatista nos seus desejos e imprevisível nas suas decisões. A única pessoa que sabia como ponderar com ele, estava presa do outro lado. E ele já tinha demonstrado que só confiava em Sheila. Resfriar aquela bomba relógio com capacete de viking e uma clava poderosa na mão não seria fácil

– Bobby, nós vamos salvar a Sheila...

– A Uni também está do outro lado... Ela está sozinha e indefesa. O que vamos fazer?

O pequeno bárbaro sentou-se no chão. Ele estava perdido. Desta vez foi Diana que o aconchegou.

– Sheila era a única pessoa que eu tinha Diana. Ela era a minha família. Desde que meus pais morreram, ela cuidou de mim. O que vou fazer sem ela?

Diana entendeu o que era perder alguém querido naquele momento. Ela estudou com Sheila logo após os pais dela terem falecido. Ela viu o sofrimento de Bobby quando tudo aconteceu e sabia que seria muito difícil para o garoto viver sem a irmã. Ninguém ali achava que o pior tinha acontecido. Na cabeça de todos, eles seriam prisioneiros do Vingador nesse momento. Não interessava a criatura maligna acabar com o único fato que poderia motivar os meninos a irem direto para uma armadilha sua.

Demorou para que Bobby ouvisse a voz da razão. Ele queria a todo custo pegar seu tacape e abrir caminho nas rochas até a irmã. Mas com jeito Diana conseguiu acalmá-lo. Agora eles tinham que pensar na forma de sair dali. Ficar era perigoso. O exército do Vingador poderia estar retirando as pedras e aquela área ficou visivelmente abalada, poderia ter o risco de outro desabamento. Hank deu continuidade a sua idéia: Seguir rumo às luzes. Ele reuniu o grupo e

deu a ordem de partida. Antes de sair, começaram a ouvir sons vindos do outro lado do desmoronamento. Hank estava certo, o Vingador ordenou que desobstruíssem a passagem e viria no encalço do grupo. Eles não poderiam perder tempo.

Ao caminhar quase metade do caminho que teriam pela frente, acharam que seus olhos haviam lhe pregado uma peça. As luzes identificadas a distância começaram a ganhar traços familiares. Quatro corações bateram mais fortes. A taquicardia de todos ganhou contornos de histeria coletiva. Não podia ser verdade: Logo à frente deles no final da caverna estava a explicação para o brilho que viram desde que entraram: Uma moldura de luz mostrando o parque de diversões mais ao fundo. Eles pararam diante de um portal para casa.

Era com se estivessem chegando no parque. Em perspectiva viram a entrada, as primeiras lojas e as maiores montanhas-russas ao fundo. Na outra extremidade uma gigantesca roda-gigante. As pessoas andavam, compravam pipoca e cachorro-quente, entravam e saíam dos brinquedos com as suas expressões de felicidade efêmera. Eles sentiam que estava assistindo ao complexo de montanhas-russas numa grande tela de televisão 3D.

Hank tinha os olhos vidrados e a boca muda. Seu cérebro não tinha definido ainda uma reação. Ele virou sua cabeça para Presto que lhe sorriu. Diana largou o chicote e ajoelhou-se. Bobby estava radiante, mas não sabia o que falar.

– Não toquem, pode ser perigoso! – Disse Hank.

Chegaram bem perto, mas não tocaram com medo que desaparecessem ou que fosse uma armadilha prévia engendrada pelo demônio das sombras. O portal não tomava todo o tamanho da passagem. Eles passaram do lado e notaram que era fino como uma folha de papel. No seu verso a mesma imagem da frente. Eles poderiam entrar por qualquer lado.

De qualquer jeito eles teriam que discutir o assunto e levantar as possibilidades.

– Eu não vou embora sem salvar Sheila e Eric. – Disse o arqueiro.

Diana e Presto concordaram com a cabeça.

– Temos que salvar a Uni também! – Disse Bobby.

- Claro Bobby, você tem razão! – Temos que salvar todos.
- Em que está pensando Hank? – Perguntou Diana.
- Nós temos que sair dessa caverna. Aqui somos um alvo fácil. O exército do Vingador é grande, não consegue se deslocar rapidamente. Não creio que teremos dificuldades para encontrá-los.
- Se os seguíssemos será mais fácil para surpreender e libertar nossos amigos. – Opinou Presto.
- Era exatamente o que eu estava pensando. Mas agora temos que sair deste túnel.
- E o portal? – Perguntou Bobby.

Essa era uma questão delicada. Eles já tinham decidido não voltar para casa antes de encontrar Eric e Sheila. Se tivessem que retornar, deveriam fazer todos juntos. Mas, e se a passagem para casa se fechasse?

O momento era de angústia. Nunca estiveram tão perto de retornar. A vontade de dar um passo para o outro lado, a idéia de deixar os amigos para trás batalhava nas mentes dos garotos. Eles teriam que abrir mão da única chance concreta que possuíam. E se fosse mais um teste do mestre? Eles sabiam a resposta, mas queriam procurar alternativas que não existiam.

– Não temos escolha, infelizmente. Quando recuperarmos nossos amigos, poderemos voltar aqui e tentar ir embora. E lembrem-se do que o Mestre dos Magos falou sobre queimar etapas. Ir embora é importante para todos, inclusive Eric e Sheila.

Todos concordaram com Hank, não havia muito a fazer. Diana chegou a aproximar a mão e quase tocar, mas recuou com medo de ser levada. Para que a tentação não os vencesse, resolveram continuar a andar. E se possível sem olhar para trás. A única preocupação de Hank com o portal era o momento em que o Vingador encontrasse a passagem. O que ele faria? Simplesmente ignoraria ou arrumaria uma forma de bloquear a volta para casa? Na sua cabeça o portal estava perdido. Era melhor não pensar mais naquele atalho.

Ao passo que distanciavam da passagem de luz, a iluminação começava a ficar escassa. Hank teve que começar a puxar a corda virtual do seu arco para iluminar o caminho. O túnel não parecia ter

fim. O arqueiro calculou que já tinham andado pelo menos três horas. Resolveram parar para descansar. Presto fez seu serviço de garçom.

– Hum! Você está melhorando a cada dia Presto! Esses pães estão uma delícia! – Elogiou Diana. – Qual é o segredo?

– Eu não sei. Eu penso nesses pães e eles saem perfeitos do chapéu. Mas quando quero ajudar, pedir uma arma para enfrentar os inimigos ou outra coisa parecida ele simplesmente não me atende. Nos portões da Grande Cidade, eu desejei passar por cima dos morzorks e ele fez aquilo.

– Onde você conseguiu aquela espada? – Indagou Hank.

– Eu guardei no chapéu no dia que enfrentamos os gronks. Como depósito ele é uma mão na roda!

– Nos portões você foi genial Presto! – Diana fez mais um elogio. – O que importa é que você está pegando o jeito. Quem sabe na próxima refeição você não consegue uns cheeseburgueres?

– Eu já tentei Diana, só saiu carne queimada! – Falou Presto com um ar de frustrado.

A parada para o lanche terminou. Eles voltaram a caminhar. Foi quando encontraram o final do túnel: Ele não tinha saída.

Eric foi jogado ao chão. Ele bem que tentou reagir, mas a quantidade de gouyandes tentando imobilizá-lo era grande. Ele revidou durante um tempo, mas foi apagado com uma pancada de escudo na cabeça, depois foi amarrado. Usando seus poderes o Vingador fez uma carroça levitar para dentro do túnel. Ela foi transformada em cela e o cavaleiro foi jogado dentro.

A batalha deixou um saldo bem negativo para o exército do Vingador. Mas os gouyandes, povo que Zantália liderava antes, parecia não significar muito para o diabólico mago. Eram apenas peças que poderiam ser repostas no seu tabuleiro. E depois que subjuguou aquela parte do Reino ele tinha uma quantidade abundante de soldados dos quais podia dispor e não fariam nenhuma falta.

A quantidade de corpos era enorme. Quase metade dos soldados destacados para a tarefa de parar os guerreiros havia sucumbido. E

o saldo positivo foi apenas a prisão do cavaleiro. Ele não se importava. Era o trunfo que precisava para seu objetivo. Ele sabia que os amigos do prisioneiro buscariam uma forma de libertá-lo. E estaria pronto, preparado para reuni-los sob o seu julgo. A posse das armas do poder estava próxima.

– Mestre, o que faremos com o unicórnio? – Perguntou a criatura negra.

– Os guerreiros têm grande apreço pelo animal. Vamos mantê-lo conosco. Pode ser mais um trunfo na próxima batalha. – Pensou o mago. Depois ordenou:

– Faça os gouyandes andarem rápido na retirada das pedras. Temos que alcançar os outros guerreiros.

A criatura concordou e foi em direção aos soldados passar a ordem. Uni foi jogada na cela de Eric. Dentro o animal começou a lambear a face do cavaleiro tentando acordá-lo. Depois de babar por todo o rosto, Eric deu sinal de consciência. Abriu os olhos e viu a língua de Uni passar pelo seu nariz. Levou a mão no rosto e sentiu algo melado.

– Para Uniiii! Que nojo! – disse o cavaleiro cuspidando e limpando o rosto com a capa. Eu preferiria que fosse a Sheila!

– É mesmo?

Eric reconheceu a voz, mas não viu de onde ela vinha. Ele ficou de cócoras na gaiola, pois a mesma não dava altura. Ficou girando e procurando pela ladra.

– Estou aqui bobo! – Disse Sheila tocando de leve a mão de Eric, mas sem aparecer.

Eric disse baixinho:

– Sheila, tudo bem com você?

– Sim Eric tudo bem. Como está sua cabeça?

– Está bem, dói um pouco. Mas já estou acostumando a tomar pancadas nesse lugar.

– Eu vou acompanhar você. Quando tiver uma oportunidade eu abro a carroça para fugirmos.

– Obrigado Sheila, obrigado por ficar aqui comigo.

– E que história era aquela que preferia que eu te lambesse no lugar da Uni?

O cavaleiro ficou sem jeito. Não era para ela ouvir aquilo.

– Ahh Sheila, deixa para lá. Esquece!

Debaixo da capa, Sheila riu baixinho por ter conseguido deixar o ex-namorado sem jeito.

Hank ficou olhando para a parede de pedra. Eles estavam cercados. Não havia como voltar e provavelmente o Vingador estaria avançando naquela direção. O arqueiro puxou uma flecha, concentrou bastante energia até que ficasse bem forte e disparou. A seta bateu na parede e se dispersou. A rocha era única e forte naquele lugar. Eles teriam que pensar em outra coisa. Bobby pegou seu tacape e deu uma pancada bem forte. O teto começou a querer cair, mas a parede não foi sequer arranhada. Parecia que eles estavam presos na caverna.

– Presto, será que você consegue repetir aquela magia dos portões da Grande Cidade? – Perguntou Diana.

O mágico tirou o chapéu e coçou a cabeça. Ele não sabia como tinha realizado a proeza, e não tinha confiança que conseguiria repetir o feito. Ele apontou a boca do chapéu para a rocha e pensou no jato de luz que ocorrera na Grande Cidade. Nada aconteceu. Por várias vezes tentou repetir o gesto. Ele ficava pensando em um potente raio laser, mas o chapéu parecia ter vontade própria. Ele simplesmente não reagia. Ficou inerte nas mãos do mágico frustrado.

– Definitivamente eu não sou a pessoa mais indicada para ser o mágico do grupo. Acho que errei na hora de escolher a estátua. – Presto sentou no chão frustrado. Com raiva do chapéu, atirou-o na parede. Novamente a arma do poder ganhou vida: Ela começou a girar no seu próprio eixo e crescer. A boca do chapéu atingiu quase dois metros de diâmetro e a ponta que estava virada para a parede começou a tocá-la. Uma nuvem de pó foi tomando o lugar. O grande chapéu estava abrindo um buraco na rocha como se fosse uma perfuratriz. A rocha cedia lentamente. Enquanto seus amigos abriam sorrisos de felicidade por aparecer uma saída, Presto estava com a cara mais fechada ainda. Não saber como o chapéu reagia lhe deixava frustrado. Parecia que a arma o comandava e não o

contrário. Ele ainda morria de medo de não conseguir resolver uma situação quando mais precisassem dele.

Minutos após o início da escavação, apareceu o primeiro sinal de luz. O aviso que a perfuração estava no fim entrou pela caverna indicando que ainda era dia. Os quatro amigos tinham recuado para trás até a poeira não os alcançar mais. Por fim o som da rocha sendo comida pelo chapéu parou. Os garotos esperaram a poeira baixar e saíram de dentro daquela escuridão claustrofóbica. Presto pegou seu artefato no chão, ele já tinha voltado ao tamanho normal. O mágico o limpou com as mãos e num suspiro o pôs na cabeça.

– Um dia, um dia eu vou te entender e você vai me obedecer...

O exército dos gouyandes avançava pela caverna. A última fileira do povo felino puxava a carroça com a prisão de Eric e Uni. Sheila acompanhava invisível. Atrás caminhava no seu imponente corcel alado o Vingador com a criatura das sombras voando ao seu lado. Mesmo sacolejando e evitando os carinhos de Uni, o tédio tomava conta de Eric. A carroça era extremamente desconfortável e o bichinho não dava paz para ele tentar tirar uma soneca. Sheila tinha que ir muda para não se denunciar. O ritmo da viagem era bem lento e naquela escuridão, ele pensou que ia enfartar.

A caverna começou a se iluminar. As luzes que ele viu bem fracas quando descobriu a caverna começaram a ganhar força. Em pouco tempo um clarão ganhou o túnel. De dentro da carroça Eric não estava acreditando no que via: A passagem para seu mundo. Ele ficou excitado, muito ansioso, mas dentro daquela prisão não havia muito que fazer. Os pensamentos dentro da sua cabeça começaram a pular. – “Será que Hank e os outros passaram pelo portal?” – Pensava o cavaleiro. Tentou imaginar um jeito de fugir daquela carroça e mergulhar na passagem mágica a sua frente. Ele chamou baixinho por Sheila, ela não respondeu. Eric estava aflito.

Os soldados pararam. O vingador voando baixinho passou por ele. Nesse momento o batalhão dividiu-se em duas colunas e a sua carroça seguiu logo atrás do Vingador.

– Esse é seu mundo cavaleiro? – Perguntou a Eric. Ele não sabia o que responder. Apenas acenou que sim com a cabeça.

– Será que seus amigos foram embora e o deixou para trás? – Continuou o Vingador com as perguntas. Eric não respondeu.

– Eles não poderiam ir embora levando as armas do poder. Elas ficariam para trás. Pois bem cavaleiro, seus amigos não o abandonaram.

Eric sentiu uma sensação de alívio com culpa. Se estivesse livre provavelmente passaria pelo portal. Aquela afirmação do inimigo o incomodou.

Nesse momento o Vingador desceu do seu cavalo e se aproximou da passagem. Ele chegou bem perto como que se estivesse examinando-a. Depois deu alguns passos para trás. Ergueu as duas mãos no alto da cabeça e uma massa de energia começou a se formar. Ela tomou uma coloração amarela, foi ficando laranja e por fim de um intenso vermelho. Nesse momento o Vingador apontou suas mãos para o portal. Um fecho de luz vermelha foi na direção da passagem e o atingiu. De dentro da carroça Eric assistiu desesperado a imagem do portal se encolher na sua frente. O raio do Vingador não parava. Mais alguns segundos e o portal desapareceu dentro do fecho de luz vermelha. A ligação do Reino com seu mundo tinha ido embora para sempre.

O Vingador voltou os olhos para a carroça e sorriu. O diálogo com o cavaleiro parecia apenas uma forma de torturá-lo sem que precisasse tocá-lo. Satisfeito voltou a montar seu corcel negro.

Dentro da carroça Eric gritou um “não” com todo o ar dos seus pulmões. A malévola criatura tinha colocado fim nas suas esperanças de voltar para casa. Ele deitou na carroça de costas e ficou sentindo seu coração acelerar. As batidas não cabiam no seu peito e ele achou que ia enfartar.

O exército voltou a andar. Ele passou pelo Vingador que tomou sua posição no final. Eric soluçava dentro da carroça. A agonia tomou o lugar do tédio. Ele fechava os olhos e via tudo girar, a imagem do Vingador destruindo o portal voltava a sua cabeça. Ele batia os punhos com força junto à lateral da carroça e no seu assoalho. Uni ficou acuada num canto com medo do cavaleiro.

Mas algum tempo de caminhada e outra luz se desenhava no final. Era o buraco aberto pelo chapéu de Presto. Mais uma vez o Vingador interveio. Usando seus poderes transformou o buraco de dois metros de diâmetro numa grande abertura onde todo seu exército pôde caminhar. Da carroça Eric visualizou uma imagem conhecida: A campina com o castelo em cima da montanha ao fundo. O exército tomou a direção da construção fortificada.

Hank observava escondido entre as pedras da montanha, o exército partir levando Eric e Uni como prisioneiros. Os outros três estavam numa posição mais recuada descansando. Ele ficou para traçar a rota que deveriam seguir. Seu coração bateu mais forte quando não conseguiu localizar Sheila. Das duas opções possíveis apenas uma entrava na sua cabeça: Ela ainda estava invisível e provavelmente acompanhava o Vingador para poder ajudar Eric e Uni. A idéia de Sheila ter caído em combate nem passava na sua mente. Seu coração não permitiria tais pensamentos. No fundo ele sabia que junto das grades sua namorada caminhava sem ser notada.

– Seu coração está aflito pela ladra, arqueiro?

Hank virou para trás. Lá estava o Mestre dos Magos.

– Sim mestre, muito aflito. – Respondeu.

– Não se preocupe arqueiro. A ladra está bem. Enquanto souber usar o manto da invisibilidade nada vai afetá-la. – Hank ficou aliviado ao ouvir aquelas palavras.

– Eu não quero que nada de ruim aconteça a Sheila.

O Mestre dos Magos fitou Hank no fundo dos olhos.

– E nem aos meus outros amigos. – Completou meio sem jeito.

– Você não acha que tomou uma carga muito pesada para si? – Indagou capciosamente o mestre.

– Não entendi mestre. – Devolveu.

– Desde que chegou ao Reino você não apenas tornou-se o líder do seu grupo. Você chamou para si essa responsabilidade. E está cometendo um erro ao achar que tudo que acontecer a eles é responsabilidade sua.

– Mestre eu não queria essa responsabilidade. E não acho que procurei por ela. Mas sem querer eu vejo que eles esperam isso

de mim. Quando Sheila me olha é como se ela quisesse um porto seguro, uma palavra de esperança. E ela conta comigo para ajudar Bobby a passar por essas dificuldades. Diana e Presto esperam que eu os ajude a conter as loucuras de Eric.

– E o que o cavaleiro deve esperar de você meu jovem? – Insistiu o mestre na sua capciosidade.

Definitivamente o Mestre dos Magos sabia ler sua alma. Hank sentia isso. Ele sabia que tinha que salvar o amigo, mas a idéia dele por perto ou sozinho agora com Sheila o atormentava mais que tudo. Nesse momento ele pensou por uma fração de segundo que se Sheila estivesse com o grupo, não hesitaria em ultrapassar o portal. Hank balançou a cabeça para fazer com que a odiosa idéia pulasse fora do seu cérebro. Por mais que sofresse com o incomodo da proximidade dos dois, ele não podia abandonar o amigo.

– Mestre, eu não irei embora do Reino sem que todos meus amigos vão juntos. Incluindo Eric.

– Eu já vi reinos acabarem, guerras começarem e homens perderem a cabeça em nome do sentimento mais nobre que pudesse existir. Mas usar a nobreza desse sentimento por um motivo egoísta o torna a força mais cruel do mundo. Pessoas matam, mentem e odeiam em nome do amor.

Hank estava totalmente exposto. Ele sentia seus pensamentos desnudados perante aquela pequena criatura. A confusão de seus sentimentos vinha à tona num momento extremamente delicado. Ele começou a se questionar. Mas o mestre lhe salvou:

– Por saber que você seria incapaz de cometer tal injustiça é que permiti que guiasse seus amigos. Eles não poderiam ter um líder melhor.

Hank esperava ouvir qualquer coisa do Mestre dos Magos, menos isso. A controvérsia que reinava dentro dele poderia comprometer a sua responsabilidade. Mas parece que o pequeno guia não estava muito interessado nos sentimentos de Hank. Ele parecia seguro com as decisões do arqueiro.

– Você sabe para onde o Vingador está indo? – Perguntou o Mestre. Hank fez que não com a cabeça.

– Esse caminho leva ao castelo de Letizia. Por muito tempo ela está reclusa. O Vingador fez um acordo com Largerk para fazê-lo o mago desta parte do Reino. Por isso ele pretende tomar o castelo no alto do topo. – Hank arregalou os olhos.

– Ele vai usar o poder do pequeno unicórnio. Sua missão não pode falhar. Vocês têm que recuperá-la antes que o Vingador saiba como usar tais poderes. – Hank continuou calado tentando absorver as palavras do mestre.

– No Reino apenas Tiamat é mais poderoso que ele. O Vingador acredita que se conseguir os poderes de Uni, conseguirá enfrentá-lo de igual para igual.

Hank franziu a testa. Se apenas Tiamat poderia enfrentar o Vingador, eles não tinham chance.

– O Vingador só teme Tiamat e as Armas do Poder juntas.

– Disse o Mestre dos Magos como se pudesse ler os pensamentos do arqueiro e desfazendo sua dúvida.

– Chegue ao castelo antes do Vingador. Surpreenda o seu exército entrando por dentro das muralhas. Vocês vão ter uma enorme vantagem. – Concluiu o mestre.

– Não será você que está jogando uma responsabilidade grande em cima de mim e dos meus amigos mestre?

– Arqueiro, eu apenas fiz um pedido. As decisões que você tomou é que tornam ou não as responsabilidades maiores. As vezes as respostas são simples, estão diante dos teus olhos e por isso não as enxerga. Principalmente quando queres ver além do alcance.

– “Eu não devia ter deixado a Uni seguir sozinha no túnel.”

– Pensou Hank. – “Querer me livrar rapidamente da minha responsabilidade só fez com que essa responsabilidade crescesse.”

– Mestre dos Magos, tudo isso é um teste para podermos ir para casa? – Perguntou confuso.

– Não existem testes meu jovem. O universo trabalha reagindo de acordo com as ações impelidas. O que vocês fazem aproxima ou distancia mais do caminho de volta para casa. – Hank novamente sentiu um aperto no seu peito.

– Mestre, espero que você entenda minhas atitudes. –
Tentou justificar.

– Você é grande nas suas decisões. Não cabe a minha pessoa entendê-las ou mesmo julgá-las. Mas cabe a você pesar cada grama da sua consciência ao estabelecer o fiel da balança das suas decisões. – Vociferou calmamente no coração de Hank o pequeno anão de vermelho. – Hank levou as mãos na cabeça deixando o arco no chão. Seu guia estava pegando muito pesado.

– Existem demônios que estão dentro de nós, que tomam conta dos nossos corpos e confundem nossas cabeças arqueiro. Mas o pior momento da nossa vida é quando esses demônios começam a andar ao nosso lado. Dentro de nós conseguimos lutar contra eles como se fosse uma doença que precisamos expurgar do nosso corpo. Mas ao nosso lado ele costuma nos dar a mão quando precisamos, criando uma dependência agradável e deixando uma névoa no nosso discernimento.

Hank já não sabia o que falar, as palavras do Mestre encaixavam como peças de quebra-cabeças na sua vida ao mesmo tempo em que lhe causava uma enorme confusão. O rapaz não sabia se aplicava ao seu passado ou se teria que tomar cuidado com o que estava por vir. E o mestre parecia ler seus pensamentos.

– Nem sempre quem caminha entre os seus é um de vocês. Imagem, semelhança não podem determinar seu julgamento. Às vezes tem que se estar preparado para ser abandonado por aquele no qual confiaria sua própria vida. Pense naquele que toma decisões permitindo a si próprio e deixando os amigos de lado. –
Concluiu o Mestre.

O arqueiro fitava a pequena figura que tentava lhe abrir as portas das suas emoções. Que procurava tirar do seu íntimo, mecanismos para poder refinar suas percepções. Naquele momento tinha lhe dado tanto e tão pouco tempo para pensar. A agonia tomava conta do seu interior. Ele se mexeu, girou e sentou no chão. Deixou a cabeça entre as pernas. O mago chegou perto e colocou a mão na sua cabeça.

– Não quero lhe causar dor arqueiro. Mas quero lhe preparar para quando ela chegar. Para quando tiver que abrir mão

de alguma coisa, quando precisar escolher onde acha que não há escolha. Quando a divisão ocorrer, mas não for uma opção. Quando não puder reverter uma escolha ou quando tiver que deixar alguém que lhe é importante. Só quero que fique preparado se algum desses momentos chegar. – E terminando essas palavras virou as costas. Hank nem olhou, pois sabia que iria desaparecer.

O arqueiro olhou a estrada que o exército de gouyandes tomou. Ela era sinuosa, e quando se aproximava do castelo a subida ficava mais acentuada. Ia afinando, fazendo com que penhascos aparecessem nas suas laterais. Eles teriam que fazer um caminho alternativo. O pequeno número do seu grupo teria mais agilidade do que toda aquela tropa. Eles poderiam chegar antes ao castelo de Letizia e surpreender o Vingador.

Hank voltou ao grupo. Logo anoiteceria e seria a melhor hora para poderem adiantar a viagem sem serem vistos. Ele contou a Bobby sobre o que o Mestre dos Magos falou sobre Sheila. O garoto ficou animado. Agora era hora de voltarem a caminhar. Toda a noite.

20. RECOMEÇO

A

noite pegou o exército quando chegou ao pé da montanha. Os goyandes montaram acampamento. Foi erguida uma grande tenda branca para o Vingador. A carroça com Eric e Uni foi cercada por um círculo de fogo. Dessa forma qualquer um pensaria duas vezes antes de entrar ou sair.

Foi quando Eric ouviu o barulho vindo da entrada de sua prisão. Ele pôde visualizar o momento em que a porta abriu-se e fechou sozinha. Era Sheila. Após alguns passos aproximarem, ele sentiu um forte abraço. A garota tirou o capuz e materializou-se na frente do cavaleiro.

– Você é louca de fazer isso Sheila! Alguém pode te ver! – Censurou bem baixinho o cavaleiro.

– Calma Eric. – Disse a ruiva. – Eles acham que não tem como passar pelo fogo e a essa hora estão todos dormindo. – Ele olhou para o acampamento e constatou que era a mais pura verdade. Todos os goyandes estavam deitados, tentando recuperar as forças após o desgaste de uma batalha seguida da longa caminhada.

– E como você conseguiu passar pelo fogo? – Perguntou curioso o cavaleiro.

– Eu não passei! Primeiro roubei a chave do seu carcereiro. Depois andei a maior parte do tempo perto da carroça. Quando acenderam o fogo, eu já estava dentro do círculo. – A ruiva concluiu sorrindo maliciosamente.

Eric devolveu o sorriso. Foi como se revivessem a cumplicidade da época de namoro. Depois os dois riram juntos. Eles sentaram no chão da carroça e ficaram sussurrando os diálogos. Uni já dormia. Ela contou como viu assustada, o desfecho da batalha. Que ficou preocupada quando o povo felino cercou Eric e o subjugou. Ele brincou com a história. Ela sorriu. Por um tempo esqueceram que estavam perdidos no Reino.

– Você se lembra quando roubávamos cerveja nas lojas de conveniências? – Perguntou Eric.

Sheila fez uma cara de zangada e depois deu um leve sorriso.

– Claro que me lembro. Você é louco Eric! E se nos pegassem?

– Eu iria dizer que era para o meu pai! – Os dois riram. A falta de responsabilidade de Eric encantava Sheila. Era uma coisa espontânea, quase pueril. Claro que algumas vezes eles se metiam em alguma enrascada. Tentar se passar por outra pessoa para pegar uma reserva no restaurante ou trocar no embarque o voo para um indo a Paris e chegar na França sem passaporte eram coisas que deram muita dor de cabeça. Não havia próximo dia para Eric. Não tinha nada a ver com a seriedade e responsabilidade de Hank. O namorado ao contrário do cavaleiro tinha os pés no chão. Sabia onde queria chegar. Ele planejava e o próximo ano estava sempre preparado. Tudo dele era meticuloso.

A conversa estava gostosa, mas o sono chegou. A noite esfriou um pouco mais que o normal apesar do círculo de fogo. A ruiva cobriu-se com o capuz mágico para não ser notada. Eric abraçou-a por trás e os dois deitaram para dormir.

– Já imaginou se Hank sonha com isso? – Perguntou o cavaleiro abrindo um grande sorriso sem que ela visse.

– Ah Eric! Eu te mato se você contar. Hank é o melhor namorado que já tive, mas é muito ciumento! Nem brinca! – Falou Sheila em tom sério.

– Humm... Eu era o melhor namorado antes... – Retrucou Eric.

– Era Eric, “ERA”, é passado, esquece. – Disse Sheila exaltada para calar-se em seguida. Os dois ficaram em silêncio. Eric falara demais. Com a mudez veio o sono. Mesmo sem se falar os dois dormiram abraçados.

Diana andava a frente do grupo. Evitar o encontro com os gouyandes e tentar chegar primeiro nos domínios de Letizia significou pegar um caminho muito íngreme. Se no início eles tinham facilidade para segurar nas rochas e jogar o corpo num impulso, agora tinham que sentir cada passo que davam, não podiam se dar ao luxo de errar. Eles teriam que vencer as escarpas que protegiam o lado sul do castelo. As formações eram muito inclinadas, mas havia uma grande quantidade de reentrâncias facilitando a escalada. Os instrumentos utilizados para fixarem-se nas rochas eram apenas as mãos. A acrobata já havia escalado antes. Coube a ela definir o melhor caminho e abrir espaço para os novatos. Hank vinha logo atrás seguido por Bobby. Presto era o último. O critério usado para definir a fila era bem prático, mas muito cruel. Na frente colocaram os mais experientes, com menos chance de sofrer algum tipo de acidente. Finalizando estava o mágico o mais propenso a não atingir o topo da montanha. Seu misto de manto e túnica foi separado em duas partes e amarrado às suas pernas para não correr o risco de se emaranhar e com isso dificultar a subida. Caso caísse não levaria ninguém consigo. Assim teriam mais probabilidades de completar o percurso vertical. Diana aprendera essa regra nas poucas vezes que acompanhou o ex-namorado nas montanhas. E sem nuts, bandoleiras ou uma corda afixada na íngreme parede, a cada etapa da subida para fazer a segurança do grupo, eles não tinham alternativa.

Além de evitar olhar para baixo, Presto sentiu que o maior inimigo naquele desafio era ficar com as mãos úmidas e escorregar. Quando os braços cansavam, ele apoiava o corpo nas pernas e os colocavam lateralmente onde se exigia menos esforço. Quando aparecia uma reentrância maior ou um leve topo, aproveitavam para descansar mais relaxados, mesmo que revezando. E com todas essas dificuldades, levaram a madrugada para vencer mais da metade do percurso. Diana encontrou uma caverna onde puderam parar e dormir o sono da recuperação.

Quando acordou dentro do abraço de Eric, Sheila sorriu. Mesmo invisível ela olhou para a sombra falhada pelas grades da carroça no assoalho a sua frente. Os dois sóis que despontavam antes do azul aparecer, misturavam seus raios em cores vivas que anunciavam o bonito dia. Ela olhou para cima. Poucas nuvens, mas que pareciam dispostas por um arquiteto, mostravam que a temperatura seria bem agradável, nem muito quente, nem fria como a noite.

Ela sentiu o pesado braço do ex-namorado segurando firme na sua cintura. Ele ainda estava apagado. Dormir era uma das coisas que mais gostava de fazer. Novamente fechou os olhos e aninhou-se contra o corpo de Eric curtindo mais um pouco seu aconchego. Tinha decidido viajar essa parte da estrada dentro da carroça. Sem ser notada, não havia porque caminhar. Assim ficaria mais descansada e com a sua capa poderia entrar e sair durante a noite. Nas suas contas o exército gastaria pelo menos mais um dia e meio até atingir os portões do castelo.

Com os olhinhos fechados, a ruiva ficou imóvel até ouvir um grande bocejo. Era Eric acordando. Ele apertou sua cintura, cheirou a capa na altura do pescoço da ruiva, dando ligeiras fungadinhas como se imitasse um cachorro e disse:

– Bom dia Vermelhinha!

– Bom dia! – retornou Sheila. – Há quanto tempo eu não ouvia isso!

– Disse num sorriso que Eric não pôde ver.

– Eu sei, – disse o cavaleiro, – só eu te chamo assim.

– E só quando estávamos apenas nós dois. – Completou a Vermelhinha.

– Eu sei. – Repetiu o cavaleiro.

– Sabe que nunca contei isso para ninguém? – Observou Sheila.

– Nem eu, – disse Eric, – Esse apelido era só nosso.

– Eu adorava quando me chamava assim. – Suspirou a garota.

Eric colocou mais um pouco de força no abraço que durou toda a noite. Sheila encolheu os ombros num sinal de aprovação. Eles ficaram ali quietinhos até que a carroça começou a andar. Não teve jeito, tiveram que se sentar.

– Você vai viajar aqui dentro? – Perguntou Eric.

– Sim, sem precisar ficar correndo tentando acompanhar esses grandões.

Uni tinha acordado, mas não quis incomodar Eric. Apesar de ter uma simpatia por todos os meninos do grupo, ela não se atreveria a mexer com o sono do cavaleiro. Quando ele se levantou, ela aproximou bem arisca e fez uma festinha. Surpreendentemente Eric afagou a crina por onde saía o chifre na sua cabeça.

Um gouyande aproximou da carroça em movimento e colocou por entre as grades um saco. Eric pegou e achou no seu interior algumas frutas e um pedaço de algo que deveria ser o pão deles. Discretamente ele partiu e deu um pedaço a Sheila que fez o alimento sumir dentro da capa. Aquela deveria ser a refeição deles durante a jornada.

Sheila e Eric já tinham esquecido a discussão e o silêncio da noite anterior. O fato de não poder ver Sheila, o incomodava um pouco, mas ele tratava de falar baixinho entre os dentes para não chamar a atenção dos seus carcereiros. Estavam os dois recostados nas grades posteriores da carroça, sentados lado a lado, e o cavaleiro tinha Uni no seu colo.

A ruiva achava engraçado o jeito de Eric para se comunicar com ela. Ele olhava para frente e dava a entender que ela estava na mesma posição. Sheila tinha se virado e sentada de lado observava o garoto conversar com o vento. Durante a primeira parte da subida conversaram sobre a situação, lembraram o passado e questionaram o que poderiam encontrar pela frente. Riram, ficaram apreensivos e trocaram promessas de que conseguiriam passar por tudo e voltar a encontrar os companheiros. Sheila estava ajudando Eric a suportar a tortura psicológica pela qual passava desde que havia sido aprisionado.

Ver as chances de voltar para casa desintegrarem na sua frente foi um baque muito grande. Mas naquele momento ao lado da ex-namorada essa imagem estava guardada num lugar bem fundo na sua memória. Apesar de ser um homem grande e que teoricamente teria o dever de zelar por Sheila, sentia-se protegido com a presença dela. Os quilômetros montanha acima seriam mais confortantes.

Hank acordou naquele buraco na rocha. Seus companheiros ainda dormiam. Ele sentou e ficou pensando nas palavras do Mestre dos Magos. As frases de efeito que ele soltava giravam dentro da sua cabeça. Ele tentava concatená-las procurando um sentido no que o pequeno guia tentava lhe mostrar.

Presto acordou e foi se juntar ao arqueiro. Sentou do seu lado.

– Conseguiu dormir bem? – Perguntou o mágico. Hank acenou com a cabeça positivamente. Ele continuou diante da mudez do amigo.

– Eu também, mas tive sonhos estranhos.

– Que tipo de sonhos? – Perguntou Hank.

– Nós estávamos numa batalha e Tiamat lutava do nosso lado contra...

– O Vingador? – Interrompeu Hank.

– Essa é a parte estranha do sonho. Não era o Vingador. Ele não estava no sonho. Era uma criatura gigante, negra e vestida de fogo.

– Como é “vestida de fogo”? – Quis saber o arqueiro.

– A pele dele era negra, mas do seu corpo saíam chamas, como se estivesse manchado por elas. Era uma visão muito horrenda. – Ao terminar de falar essas palavras, Presto tremeu como se sentisse um calafrio.

– Você acha que significa algo? – Disse Hank continuando a interpelar o mágico.

– Não sei Hank, para mim é totalmente confuso. Nunca fui bom com essas coisas cognitivas. Acho que é por isso que meu chapéu não me obedece.

– Para mim seu sonho faz muito sentido Presto. – O mágico arregalou os olhos com a afirmação.

– Por que Hank?

– O Mestre dos Magos apareceu para mim ontem... – Hank fez uma pausa, demorou um pouco para voltar. – E ele me disse que a única criatura que pode enfrentar de igual para igual o Vingador seria o dragão.

– Mas como vamos promover um encontro dos dois?

Se não fosse o Eric teríamos virado churrasquinho quando chegamos! Não creio que ele esteja disposto a se tornar nosso aliado.

– Não sei. Mas apesar da voz calma, senti que ele queria dar uma ênfase nessa situação. E nem sei onde achar o dragão.

– Se te contar que no sonho eu voei nas costas dele pelo Reino até os seus domínios você acreditaria? – Desafiou o mágico.

Hank arregalou os olhos.

– E como foi esse voo? – Perguntou extremamente curioso.

– Parecia que era de verdade. E o mais interessante, eu não tinha o mínimo medo. – Presto fechou os olhos e seu rosto demonstrava que estava revivendo o sonho naquele momento. Sem abri-los continuou.

– Quando subirmos no castelo, vamos ver uma grande floresta, bem maior que aquela que atravessamos para encontrar Trevor, ela era recortada por um rio que serpenteava dando inúmeras voltas.

– Depois da floresta, a paisagem começou a ficar árida, as plantas começaram a rarear, e a imensa floresta deu lugar a uma savana. Eu podia ver algumas manadas correndo, mas sem identificar os animais. As árvores não eram muito altas nesta parte, e as copas com poucas folhas.

– Vocês voaram muito hein? – Disse Hank.

– Um pouco, ainda passamos por um lago no final da savana. Ele não era muito grande, mas no seu final existia um pântano. Dava para ver centenas de pequenos cursos de água comunicando entre si. As plantas eram de um verde escuro e vivo. No final do pântano a savana retornou e poucos quilômetros à frente a temperatura caiu e parecia Natal. Tudo estava branco. Gelado. A paisagem foi tomada totalmente por neve. Subimos a montanha mais alta e entramos na cratera de um vulcão.

– Os domínios de Tiamat?

– Sim Hank, os domínios de Tiamat.

– Parece que você voou por todo o Reino. – observou o arqueiro.

– Foi a impressão que tive. Foi uma viagem longa. E foi nos domínios de Tiamat que enfrentamos essa criatura de fogo. Agora vem o mais curioso: Eu não usava o chapéu. Mas uma varinha mágica.

– Como Harry Potter? – O arqueiro não aguentou e abriu um grande riso.

– Poxa Hank! Você está “me tirando”? – Disse o mágico chateado. – Eu estou falando sério com você, de algo que me impressionou muito. Mas foi sim. Como Harry Potter.

Os dois ficaram em silêncio por um momento como que se digerissem as palavras de Presto.

– O que você acha do Mestre dos Magos? – Perguntou Hank.

Presto tirou o chapéu, coçou a cabeça.

– Ainda não tenho uma opinião formada sobre ele. Foi a única criatura nesse mundo que não tentou nos matar. Mas quando ele está por perto parece que estamos num tabuleiro de “Dungeons and Dragons” e ele é o Mestre a ditar o que temos que fazer. Sem suas instruções não teríamos como jogar os dados nessa terra desconhecida.

– Eu nunca fui muito de jogar RPG. Mas entendo o que diz. É como se controlasse nossos passos, soubesse tudo que fazemos. Como se nossas vidas fossem peças de xadrez que ele posiciona da melhor forma que lhe convém num jogo. – Concluiu Hank.

– Sim, só que esse jogo é as nossas vidas. E não podemos brincar com isso. E nem deixar que brinquem... – A expressão de Presto era dura. Ele estava sério e olhava fixo para um ponto bem distante como se estivesse pensando. Eles apreciavam a ajuda do pequeno anão de vermelho, o tinham como guia, mas sentiam que ele os conduzia de acordo com sua conveniência. E o motivo dessa conveniência era que incomodava Presto.

– Nada me tira da cabeça que ele está nos testando para saber se merecemos voltar para casa. – Disse o arqueiro.

– Ou se vamos ser úteis aqui no Reino. – Arrematou Presto.

O que o mágico falou só teria cabimento se o pequeno mago pretendesse deixá-los para sempre naquelas terras. E Hank

não via muito embasamento nessa questão. Mas por um segundo ficou aflito. Ele realmente confiava no Mestre dos Magos. Era a única esperança que tinha para se agarrar.

Diana e Bob acordaram. Apesar de ser quase meio-dia pelo sol azul, a caverna estava relativamente escura. Eles pareciam descansados e prontos para a segunda parte da jornada. Enquanto o grupo comia, Hank foi explorar a caverna. Andou algumas dezenas de passos e achou estranha a forma dos túneis. Parecia que tinham sido construídos. Em toda sua extensão eram redondos e pareciam ter mais ou menos dois metros e meio de diâmetro. As paredes eram lisas sem nenhum tipo de reentrância e com várias comunicações entre si. Os dutos não seguiam nenhum padrão lógico. Ele caminhou por um que era apenas uma curva que começava e acabava no anterior. Após dez minutos de caminhada notou que o túnel subia.

– Eu não me conformo até hoje de ter te perdido.

– Acho que já tivemos essa conversa antes. E que o trato para continuar nossa amizade era colocar uma pedra em cima desse assunto.

– Eu sei. Mas é um exercício muito grande ter que conviver com você e Hank.

Sheila evitava ao máximo ficar sozinha com Eric. Ele sempre voltava nesse assunto. Nem mesmo na situação de perigo que viviam, ele foi capaz de cumprir o acordo. Apesar de tudo ele tinha demorado a trazer de volta essa conversa.

– Eric, eu não quero voltar a discutir isso. Eu estou bem com Hank. Ele me faz feliz. E vocês dois são amigos.

– Quando voltar para casa, eu irei embora. Vou estudar em Harvard. – Disse o cavaleiro.

Nesse momento Sheila sentiu o coração disparar. Um jorro de adrenalina tomou conta do seu corpo e não havia como deter o aumento da frequência cardíaca. O fenômeno que ocorreu com seu corpo foi tão intenso que Eric perguntou:

– O que foi?

Ela estava invisível e mesmo assim sua antiga paixão havia notado algo diferente. Ela tentou controlar a respiração. Sentiu suas mãos frias suarem. Ela não estava preparada para ouvir aquela notícia. Mesmo no Reino, mesmo sem saber se iria voltar para casa.

– O que foi por quê? – Foram as únicas palavras que conseguiu articular.

– Você ficou calada. – Observou Eric.

A ladra não tinha notado que demorou a manifestar-se sobre a informação que lhe fora passada. Preocupada em não deixar que nenhum indício denunciasse seus sentimentos, seu silêncio a traiu.

– Eu não esperava que você falasse isso. – Disse com sinceridade ao cavaleiro.

– Eu não vou aguentar mais ver você com Hank. Eu sinto sua falta, muito. Você é muito especial Vermelhinha.

Ela se derretia quando Eric falava assim. E ele sabia disso. Desde que terminou o namoro com o cavaleiro ele nunca mais tinha lhe chamado dessa forma carinhosa. Ela era reservada para os momentos mais íntimos dos dois, onde não cabia mais nada. E apesar de todas as dicas que ela deu para que Hank lhe arrumasse um apelido carinhoso, o namorado não soube atendê-la. Hank sabia como tratar bem uma namorada, ele era perfeito. Eric sabia como encantar uma mulher.

– Você vai embora por minha causa? – Ansiou Sheila.

– As chances de ficar eram bem pequenas. Mas depois de tudo que passou era o único motivo para eu desafiar meu pai. Mas o que me impedia de ir era você.

– Eric nosso tempo já passou. Eu também achei que não ia conseguir superar. Achei que voltaria atrás, mas perdemos nosso momento. Você vai sair, vai para um novo lugar, conhecer novas pessoas e tenho certeza que será um astro da NBA. Conhecerá modelos, atrizes, gente famosa. Você será um deles.

Sheila engoliu a seco para dizer as próximas palavras.

– E talvez eu serei apenas uma boa lembrança na sua vida.

Ela trincou os dentes e contraiu todos os músculos da sua face. Mesmo assim uma lágrima rolou pelas alvas maçãs do seu

rosto. Ela sentiu um toque parando a lágrima.

– Não fique assim. Eu compreendo. Mas precisava desabafar. Ainda te amo muito. – O cavaleiro proferiu essas palavras interrompendo o curso do líquido lacrimal.

– “Como Eric sabia onde estava e que estava chorando? Será que perdi o dom da invisibilidade?” – Ao pensar Sheila tocou a cabeça para conferir se seu capuz estava bem posicionado. Mas quando Eric veio e a abraçou, a ruiva não aguentou e desabou. Entre choros abafados para não se expor ela apertou o braço do cavaleiro.

– Eu só vi uma lágrima no ar...

– Por que você faz isso Eric? Por quê? Acha que não sinto falta do tempo que passamos juntos? Que não gostei de você? Você foi muito especial para mim. Mas não tem jeito. Por isso disse que não queria mais te ver.

Eric a abraçou carinhosamente. Ele viu que tinha ido longe demais. Mas não fez por querer. Apenas expôs seus sentimentos. No fundo ele sabia que ela ainda gostava um pouco dele. Que não tinha feito nada para poder perdê-la. E da mesma forma que seu pai iria obrigá-lo a ir para Harvard ele não poderia fazer nada para continuar com Sheila. Por um pequeno tempo achou que conseguiria reverter a situação. Mas Hank apareceu e deu um novo rumo à história. Seus planos se desfizeram como bolhas de sabão.

Sheila desvencilhou dos seus braços. O cavaleiro pôde entender o sentimento da ruiva na força que ela fez. Ele viu a porta da carroça abrir-se violentamente. Um gouyande veio para fechar. Ele andou até cada uma das grades da carroça na tentativa que os olhos de Sheila encontrassem os seus. Depois de fazer o percurso naquele pequeno perímetro ele cansou e se sentou. Uni veio deitar no seu colo como se quisesse confortá-lo. Até os portões do castelo de Letizia, Eric só teve Uni como companhia.

21. A ARMADILHA PERFEITA

H

Hank voltou para encontrar com o grupo. Eles se preparavam para continuar a escalada quando o arqueiro sugeriu uma alternativa.

– Existe uma série de túneis nessa caverna.

– Mas Hank, será que elas chegam à superfície? – Questionou Diana.

– O Mestre dos Magos me disse algo que não entendi na hora. “Surpreenda o Vingador entrando por dentro das muralhas”. Se escalarmos, chegaremos por fora certo?

– Sim Hank, certo. – Disse Presto animado com a possibilidade de não precisar arriscar-se nas escarpas.

– Acho que foi mais um enigma dizendo para pegarmos o caminho das cavernas.

– E se você estiver errado Hank? – Questionou mais uma vez Diana. – Nós vamos perder um bom tempo fazendo caminho de volta.

– Acho que devemos nos arriscar. Se for o que o mestre quis dizer vamos ganhar um tempo considerável.

– O que alteraria se chegássemos depois do Vingador no castelo? De todo jeito não vamos enfrentá-lo de peito aberto. – Disse Presto, apoiando a idéia do arqueiro.

– O que você acha Bobby? – Perguntou Diana tentando arrumar um aliado para continuar a escalada.

– Eu não gosto de escalar, tenho medo. Escorreguei umas duas vezes.

A acrobata olhou para Hank. Foi voto vencido.

– Qual o caminho que devemos seguir então?

Os três seguiram Hank até o interior da caverna. Entraram por alguns túneis até que o arqueiro parou.

– Essa sequência de túneis é um espiral ascendente. Se seguirmos por eles vamos chegar em poucas horas nos porões do castelo.

– Se eles chegarem até lá em cima. – Disse uma acrobata pessimista.

Não havia coro para o pedido de Diana. O grupo começou a andar. Como Hank tinha notado, todos perceberam que não foi a natureza a responsável por aqueles caminhos. A falta de lógica na quantidade de túneis e no que Presto chamou de desordenamento, fortalecia ainda mais esse argumento. O chão era muito liso e em determinados momentos, sua inclinação os obrigava a andar com as mãos na parede. Mas o espiral descrito por Hank estava bem fácil de notar. Na quarta volta já tinham noção do tanto que havia subido dentro da montanha. Diana calculou que antes do final da tarde entrariam nos domínios de Letizia.

Quando Diana achou que estavam na quinta volta, o solo começou a ficar viscoso.

– Parece que o chão está cheio de meleca. – Observou Bobby.

Presto se abaixou e tocou a substância grudenta. Ela era verde, realmente lembrava meleca, só que mais mole. Ele limpou a mão na parede.

– Bem temos companhia. Essa substância é orgânica. Animal ou vegetal não estamos sozinhos. – Concluiu o mágico.

O grupo ficou apreensivo. Tudo que eles precisavam era chegar despercebidos até a superfície. Uma batalha nos túneis além de denunciá-los não era favorável ao grupo reduzido. Não podiam se dar ao luxo de sofrer mais baixas. E eles estavam numa missão para resgatar os amigos, não serem resgatados.

Nos próximos quinze minutos a quantidade de túneis que se comunicavam com o espiral foi diminuindo. Sem que notassem, a sexta volta não tinha nenhum duto apenas o túnel principal. Foi quando depararam com algo que não esperavam: O túnel apontava

para cima. Suas paredes estavam cobertas da substância grudenta que também pingava. Era impossível subir. Eles estavam ilhados.

– Hummm... – muxoxou Diana. – Acho que chegamos onde eu temia. Como vamos fazer para subir?

Hank olhava impotente para cima. Ele conseguia ver que existia uma iluminação diferente na próxima câmara, estavam bem perto da superfície. Só não sabia como chegar até lá. Uma pequena distância de três metros os separava do objetivo traçado.

– Presto.... – Disse Hank até ser interrompido pelo mágico.

– Tem certeza que quer que eu faça isso? – Ele achava que era a pessoa menos indicada para resolver o problema. – Se Eric estivesse aqui ia me pedir para tirar um tapete mágico ou um elevador de dentro dele.

– Você tem que confiar mais em você mágico! – Disse o arqueiro. Depois repetiu as mesmas palavras mentalmente para si mesmo. Ele estava em dúvidas se era a pessoa que deveria ter sido escolhida pelo Mestre dos Magos.

Presto tirou o chapéu. Enfiou sua mão dentro do artefato e fez seu desejo. Quando a puxou de volta oito pedras negras, redondas caíram no chão.

– Está vendo? Eu sou um verdadeiro inútil. Só sirvo de garçom para vocês! – O mágico estava irritado com o seu fracasso. Apesar de toda a gosma, frustrado ele sentou no chão.

Todos olharam com pena para Presto. Realmente não podiam cobrar dele a responsabilidade pelo momento vivido. Hank chamou internamente para si esta responsabilidade.

Presto pegou uma das pedras e começou a jogá-la na sua frente para cima e pegá-la novamente. Fez o movimento umas três vezes e cansou. Resolveu deixar a pedra cair para junto das suas semelhantes. Ao bater no chão, junto das outras pedras deu um leve quique. As oito começaram a erguerem-se e depois giraram no próprio eixo. Quando ganharam a altura da cabeça de Presto pararam a trajetória ascendente.

Presto riu. Foi como se tivesse estabelecido uma conexão com elas. O controle que não tinha conseguido até então com sua arma do poder, passou a ter com as pedras. Ele estendeu o braço

na direção do octeto e esticando o dedo indicador o girou. As pedras fizeram o mesmo movimento. Ele fechou a mão e elas ficaram suspensas no ar. O mágico se levantou. E pegou uma delas. Elas eram negras, com a superfície lisa, bem polidas e do tamanho de uma laranja. Ele olhou para os amigos como se soubesse o que devia fazer. Hank coçou a cabeça, Diana e Bobby sorriram.

O mágico colocou a pedra no ar como se fosse um lugar numa estante. Com as duas mãos fez um gesto para baixo. Elas caíram no chão e se agruparam. Presto subiu nas pedras que começaram a levitar. Estava pronto o elevador que supostamente Eric pediria. O mágico desapareceu na parte superior do túnel.

– Diana, joga o chicote! – Gritou Presto do outro lado.

A acrobata entendeu o recado. Tirando sua arma da cintura, desenrolou-a e arremessou para cima. A chibata aumentou de tamanho pegando a dimensão necessária para alcançar Presto. Ela ouviu um grito de “Ai” e em seguida sentiu que a outra extremidade estava firme. O chicote foi puxado um pouco para cima ganhando um pouco mais de tamanho. – Diana ficou preocupada em ter acertado Presto.

– Podem subir. – disse o mágico com uma voz animada.

Bobby foi o primeiro. Ele ajudado por Diana e Hank, equilibrou-se e foi escalando a corda. Não teve muita dificuldade.

Ao chegar à superfície encontrou Presto brincando de controlar as pedras no ar. Ele fazia gestos com a mão direita e as pequenas rochinhas mais parecidas com a bola oito do bilhar lhe obedeciam conforme o movimento ou sua velocidade. No início as oito se deslocavam no ar como um esquadrão. Depois Presto levantou o outro braço e dividiu o grupo em dois. Eles atravessaram todo o espaço disponível na caverna e se cruzaram várias vezes como se fossem dois grupos de aviões numa exibição de acrobacias. Bobby não pode deixar de notar a expressão de felicidade nos olhos do mágico. Ele estava se encontrando.

Ao ver Bobby, lançou um time em sua direção. Ao aproximarem-se o garoto cobriu o rosto com as mãos, como se adiantasse se proteger. Com um gesto Presto mudou a trajetória das pedras atacantes para cima, desviando do amigo. O bárbaro

olhou para o mágico com cara fechada, desaprovando a brincadeira. Ele no seu "momento Eric", limitou-se a sorrir.

– Sua vez. – Disse Hank.

Diana olhou para o arqueiro e sorriu.

– Acho melhor você ir primeiro. – Disse dando um sorriso pelo canto da boca como se ele precisasse de ajuda.

– Meninas primeiro, não? – Devolveu Hank com o mesmo sorriso cínico.

– Vai por mim Hank. Eu tiro isso de letra. Sua vez, por favor. – O tom de Diana apesar de brincalhão foi imperativo.

Hank não falou nada. Suspendeu os braços com as mãos espalmadas como se concordasse e pegou o chicote. Realmente teve alguma dificuldade para começar a subir.

– Viu? – Disse Diana vitoriosa.

O arqueiro não respondeu. Limitou-se a aceitar a ajuda da acrobata e sumiu túnel acima. Diana esperou o chicote se afrouxar e habilmente fez o mesmo caminho.

Ao chegar ao fim do túnel encontrou os três amigos numa grande caverna olhando para o teto. Em segundos estava fazendo a mesma coisa. A câmara de pedra parecia ter uns quinze metros de altura. O lugar parecia um queijo suíço devido à quantidade de buracos. Todos iguais aos que encontraram no caminho: Redondos, com mais ou menos dois metros e meio e a maioria recoberto ou com vestígios da substância gosmenta. A quantidade de túneis era tão grande que quase não havia nem nas paredes nem no chão lugar para se apoiar. A maioria eram triângulos com os lados redondos feito pelas paredes dos túneis que quase se encontravam. Para se deslocarem eles teriam que se equilibrar ao passarem no fino e sinuoso caminho entre buracos. Não seria tão fácil chegar à superfície, apesar de raios de sol entrando por túneis nas partes mais altas da caverna, denunciarem que estavam bem perto.

– Bem, pelo menos aqui seria impossível um exército entrar para travar um combate. É quase impossível colocar um pequeno grupo junto. – Disse Presto.

– Estranho o lugar. Por que alguém construiria uma câmara que não pudesse haver qualquer tipo de deslocamento por ela? – Indagou Diana.

– Talvez fosse essa a intenção. Evitar que fossem surpreendidos por baixo. – Disse Hank tentando desvendar o mistério.

– Mas se quisessem evitar a entrada não seria mais fácil não construir essa galeria? – Retrucou a acrobata jogando por terra a teoria do arqueiro.

– Realmente é muito estranho...

– Hank, venha ver isso... – Era Bobby com uma voz assustada. Ele estava perto de outros buracos e olhava fixamente para o interior de um. Os outros garotos foram até o menino. Era um buraco do mesmo diâmetro, porém com apenas uns dois metros de altura. Ele era fechado e não se comunicava com outros. O que assustava Bobby era seu interior. Estava cheio de ossos.

– Acho que estamos perto de saber o propósito desse lugar. – Hank falou essas palavras com a boca fechada, comprimindo os lábios contra os dentes. A tensão tomou conta do seu corpo. Ele começou a girar lentamente para observar a caverna. Seu instinto fez com que levantasse o arco e puxasse uma flecha. A lâmina de fogo iluminou mais ainda a caverna. Foi quando ouviram o primeiro sinal que não estavam sozinhos.

Os quatro tentavam identificar de onde vinha aquele som, mas ele mudava a direção a cada momento, como se andasse por entre os túneis. Cada segundo que passava gerava mais apreensão. A substância gosmenta que antes caía passivamente de um ou outro buraco começou a sair de forma mais abundante e de uma quantidade maior de lugares. O som começou a acelerar, era um sibilado que foi ficando forte. No pensamento, Bobby comparou o som ao dos carrinhos da montanha-russa deslizando céleres pelos trilhos.

O braço de Hank estava contraído com a flecha puxada pronta para entrar em ação. Estava pronto para dispará-la a qualquer momento. Ele tentava guiar-se pelo som como se quisesse deduzir por qual duto sairia a origem daqueles barulhos agudos. Os

braços rijos seguiam os movimentos dos olhos buscando a melhor mira. Na sua cabeça ele teria apenas uma fração de segundos para decidir se devia ou não enviar seu dardo de energia.

O som aumentava mais e mais, acelerando e aproximando-se. Diana sentia que o contato seria iminente. O chicote já estava estendido, caindo por um buraco, mas pronto para ser usado a qualquer momento. A claridade de um ou dois buracos na parte de cima sempre era interrompida momentaneamente. A acrobata engoliu seco.

No auge da tensão dos quatro um jorro da gosma saiu por um buraco na metade da altura da caverna. Logo em seguida a cabeça de uma serpente apontou no mesmo orifício. Ela ficou com três ou quatro metros para fora e localizou os garotos. Fitava o grupo como se estudasse a melhor forma de envolvê-los. Tanto suas prováveis vítimas quanto o gigantesco réptil ficaram imóveis. Era como um duelo do faroeste antigo, onde cada um esperava pelo movimento do outro. O jogo de quem pisca primeiro ganhava aceleração. Nos dois lados, os músculos estavam em total estado de alerta. Talvez uma pequena piscadela fosse suficiente para iniciar o confronto.

Hank entendeu o motivo de tantos buracos. Sem pés e com aquele tamanho ela tinha uma grande facilidade para se deslocar e a menos que enfrentasse outro da sua espécie a vantagem de locomoção frente às suas presas era total. Não havia a mínima dificuldade para cercar, envolver e dominar suas vitimas. Seu grupo estava em completa desvantagem. E seu cérebro girava rapidamente pensando em como revertê-la.

A cobra mexeu levemente a cabeça. Hank não esperou um segundo movimento e soltou o longo traço flamejante.

22. HANK

A

As mãos estavam suando. Ele fazia exercícios com as mandíbulas para relaxar. Seu adversário estava falando a mais de quinze minutos. Ele tinha preparado um discurso de apenas cinco. Esse foi o combinado. Um discurso de mais ou menos cinco minutos. Não foi o que o jovem no palanque fez. Durante toda a semana treinou na frente do espelho seu discurso. Seus pais e amigos foram convidados para assistir no dia anterior. Ele estava confiante. Mas após seu rival subir e hipnotizar o público, estava com dúvidas. Durante alguns minutos parou de relembrar suas falas mentalmente para prestar atenção no que o rapaz falava ao microfone. O jeito como colocava as palavras, a emoção que transmitia, prendiam a audiência. Provavelmente se estivesse na plateia, votaria nele.

Hank encerrou seu discurso de candidato a presidente do conselho estudantil pela derradeira vez. Era sua segunda campanha de reeleição. Após dizer que teria muita saudade de tudo que tinha feito pela escola e tristeza pelo que deixou de fazer agradeceu a todos. Foi aplaudido uníssonissimamente. Ele olhou nos olhos dos seus colegas e eleitores pela última vez. A figura de uma garota desconhecida no fundo lhe chamou a atenção. Ele conhecia quase todos os alunos, tinha ido de sala em sala por três anos. Sem contar as inúmeras vezes que era abordado para fazerem reivindicações ou cumprimentá-lo pelo ótimo trabalho que fazia na escola. Mas a estranha garota era a primeira vez que via. Ou sua ótima memória lhe pregou uma peça ou então ela era nova. Por alguns segundos esqueceu-se do processo eleitoral e viajou na

figura dissonante. Era a vez de ceder o palanque para o próximo candidato.

O rapaz loiro de olhos verdes que chegavam a doer e quase um metro e noventa desceu e cumprimentou seu adversário que suava frio. As mãos dele estavam molhadas. Ele notou os dentes trincados e caso afrouxasse um pouco a mordida, começaria a ranger. Educadamente e cheio de sinceridade lhe aconselhou respirar fundo e desejou boa sorte. O rapaz iria precisar. O carisma de Hank perduraria por mais um ano a frente do conselho estudantil.

O tempo que durou o discurso do seu adversário foi suficiente para que recebesse os cumprimentos e votos de apoio à sua candidatura. Ele ainda estava tentando se desvencilhar dos que lhe cercavam quando o outro candidato desceu do palanque. Diante da eloquência de Hank, ele esqueceu o discurso duramente treinado e na prática apenas agradeceu a oportunidade de concorrer com o loiro.

Era a tarde anterior ao pleito. No outro dia ele passaria seu tempo no último corpo a corpo. Iria fazer questão de perguntar a todos que encontrasse pela frente o que achava que a escola precisava ou o que podia fazer para melhorar a vida dos alunos. Hank não pedia um voto, não falava mal dos adversários. A plataforma que defendia propunha igualdade para todos sem privilegiar nenhum grupo. As promessas eram os anseios dos alunos. Sua postura como candidato foi construída durante toda a sua vida escolar. O bom exemplo como aluno ia desde as notas mais altas da classe até a forma como se comportava. Ele teve uma passagem louvável pelo time de futebol americano do colégio quando era mais novo. Ao lado do seu melhor amigo formaram uma temida dupla de centro-direita que proporcionava tranquilidade a qualquer quaterback. Ele era uma lenda no colégio, mas mesmo assim entrava na disputa pela última vez como se fosse a primeira.

Hank estava cansado. Nos últimos dias dormiu pouco. Ele tinha que conciliar o trabalho de programador de computadores com a escola e na época das eleições trabalhava até tarde. Não podia dispor do que recebia, não podia perder nenhuma hora de

serviço. Ele caminhou até seu Taurus velho e foi para o local do seu trabalho. Sua rotina estenderia pelo menos até às onze horas da noite.

No caminho foi relembrando o novo rosto que viu. A garota era de uma beleza exótica, daquelas que só se via nos desfiles de alta costura. Não era maravilhosa, mas chamava a atenção. Enquanto discursava se perdeu algumas vezes ao admirá-la. E não foi só dele que ela roubou a atenção. Ele pôde ver vários rapazes aproximando da garota e até mesmo outras meninas quebrando discretamente o pescoço para observá-la. Absorto nos seus pensamentos, distraidamente, bateu no carro da frente. Um leve toque. O garoto desceu para ver o estrago. A mulher do carro abalroado já gritava antes que tentasse estabelecer um diálogo. Pacientemente ele a ouviu até que conseguisse voltar para seu estado normal. A polícia foi chamada e a ocorrência feita. O garoto prometeu reparar o prejuízo da mulher. Ele nem pensaria diferente. Já estava bem atrasado para chegar ao trabalho. Então teria que fazer mais horas extras para poder compensar o dinheiro que teria que destinar ao conserto do outro veículo. O seu poderia esperar mais um pouco.

Quando saiu da labuta eram mais de duas horas da manhã. Além de perder duas preciosas horas com a burocracia do acidente, resolveu ficar outras duas para começar a pagar a dívida extra. Por duas semanas seria assim. Ele dirigiu seu Taurus batido até os arredores da cidade e chegou num bairro mais afastado. Contornou algumas ruas até entrar num estacionamento de trailers. Parou o carro ao lado de um pequeno motor home. Estava em casa. Apesar de estar com fome, ele procurou silenciosamente ir para a cama tentando não acordar seu pai que dormia na cama de cima do beliche. Mas foi em vão. Assim que se aproximou o homem no alto virou e chamou pelo filho:

– Chegou tarde filho, como foi o discurso? – Perguntou o pai.

– Eu treinei diretinho, – disse Hank na sua habitual humildade, – acho que consegui impressionar meus colegas.

– Eu tenho certeza que conseguiu Hank, você já está eleito!
– o pai estava sonolento, mas não escondia seu entusiasmo.

– Calma pai, as eleições são amanhã. E só terminam quando apurar o último voto.

– Hank, Hank... Não sei se você está verdadeiramente preocupado ou se fica fazendo tipo com esse discurso politicamente correto... – terminando essas palavras o pai desejou boa noite, virou para o lado e dormiu.

Hank tirou a roupa e a dobrou meticulosamente deixando na cadeira ao lado da cama. Quando acordasse guardaria no armário conjugado que servia de suporte para a televisão de vinte polegadas. Ele ficou sentado durante alguns minutos pensando no acidente que provocara e o impacto financeiro que teria. – “Mais umas vinte horas extras e pago o prejuízo” – pensou antes de deitar. Ainda com um pouco de fome, deitou e pegou uma barra de cereal de baixo do travesseiro. Procurou morder o tablete de doce bem devagar para não acordar o pai.

Hank tirou a roupa e a dobrou meticulosamente deixando na cadeira ao lado da cama. Quando acordasse guardaria no armário conjugado que servia de suporte para a televisão de vinte polegadas. Ele ficou sentado durante alguns minutos pensando no acidente que provocara e o impacto financeiro que teria. – “Mais umas vinte horas extras e pago o prejuízo” – pensou antes de deitar. Ainda com um pouco de fome, deitou e pegou uma barra de cereal de baixo do travesseiro. Procurou



morder o tablete de doce bem devagar para não acordar o pai que teria que levantar daqui a pouco. Foram seis dentadas intercaladas com suaves mastigações e estava levemente saciado. Ficou acordado por mais duas dezenas de minutos. O estômago não era a causa, mas o rosto que provocou o acidente. Hank procurava nas suas memórias recentes onde poderia ter visto a garota. Sua mente o traía. A única imagem que tinha era a do discurso de encerramento da campanha. Ela no fundo parada, assediada e invejada. Pelos últimos minutos que ficou acordado, seus

pensamentos não verbalizaram uma única palavra. Só havia a imagem da menina.

Hank acordou no trailer com o barulho do despertador. Apesar dos quase dois anos vivendo naquele lugar ainda não tinha acostumado. A pequena cama onde seu pai dormira já estava embutida na parede. Ele fez o mesmo com a sua. Como de rotina pegou as roupas do dia anterior e separou. Uma parte pôs num pequeno cesto que no domingo levaria para lavar. A calça e a camisa foram guardadas para serem usadas novamente. Hank ainda estava com um pouco de sono. Pegou sua roupa e foi para o banheiro do camping fazer sua higiene pessoal. Não estava atrasado, mas tomou rapidamente seu café da manhã para poder chegar mais cedo na escola. Era o dia da eleição e mesmo sendo o franco favorito não queria deixar passar uma imagem arrogante com um clima de "já ganhou".

Já estava marcada uma reunião do comitê da sua campanha. Os amigos mais próximos o ajudavam. Era uma campanha simples, sem grandes gastos de publicidade, apenas o suficiente para informar. Seu adversário lotou a escola com cartazes, fez uma grande festa para anunciar a campanha e distribuía balas personalizadas pedindo o voto dos alunos. Hank limitou-se a afixar suas metas para o próximo mandato e apostou mais uma vez em ouvir seu eleitorado. A estratégia funcionou. Os prognósticos deram ampla vantagem para ele.

Apesar dessa simplicidade e do clima reinante de sua vitória ele andou por todo o campus chamando os alunos para votarem. Acompanhado dos seus "assessores", abordava os grupos de alunos pedindo o comparecimento nas urnas. Esse dia ele não foi a nenhuma aula. Até o fechamento da votação ficou naquela desgastante rotina.

Menos de duas horas após o encerramento, Hank foi confirmado para mais um ano de mandato como presidente do conselho estudantil. O rapaz loiro nem teve tempo de comemorar. Ele recebeu os cumprimentos das pessoas que encontrava no caminho até o estacionamento. Entrou no seu Ford Taurus e rumou

para o trabalho de onde só sairia por volta da meia-noite. Ah aquelas horas extras...

Era sábado e Hank acordou mais tarde. Tentou repor as horas de sono perdidas durante a semana. A desconfortável cama na parede não era o lugar mais indicado para essa tarefa. Hank preferia voltar no tempo dois anos atrás. Ele tinha sua cama numa confortável casa de dois andares num dos melhores bairros da sua cidade. Sua vida era dedicada somente à escola. Ele fazia parte do time colegial de futebol americano. Tinha uma chance de chegar ao profissional. Mas a vida do garoto mudou com a crise que assolou os Estados Unidos no final da primeira década do século XXI. Como milhares de americanos, seu pai além de perder o emprego, viu suas economias virarem pó com a quebra de algumas empresas até então consideradas sólidas. Em pouco tempo não conseguiu quitar a hipoteca e perderam a casa. A família apesar de unida se dividiu. A mãe teve que sair da cidade para trabalhar com a irmã a 500 quilômetros de onde moravam. Eles venciam essa distância pelo menos uma vez por mês para poder matar a saudade.

Todo dia seu pai repetia o mantra que era apenas uma fase. Que em breve tudo mudaria. Essa fase já durava quase três anos. Não era fácil ter que se acostumar a viver num espaço de pouco mais de quatorze metros quadrados divididos com outra pessoa, apesar de só ver o pai quando chegava a noite do trabalho e durante os fins de semana. Era no sábado que eles sentavam em frente ao notebook de Hank e planejavam como mudar os rumos da vida. Nesse momento traçavam as metas para os próximos meses e anos e mudavam o que estava dando errado. A cada fim de semana a esperança se renovava e juntos, pai e filho tinham certeza que estavam mais pertos de vender o trailer e mudar novamente para uma casa.

O filho era um orgulho para o pai. Ele entendeu os rumos que a vida deu para a família. Largou o futebol para poder trabalhar e recompor as reservas financeiras. Ver o sacrifício do filho doía no seu coração. Sempre procurou prover a família. Não tiveram grandes luxos, mas o essencial e o conforto nunca faltaram.

O garoto levantou ainda com vontade de ficar deitado e foi fazer sua higiene pessoal. Ao sair do trailer passou pelo pai que lhe deu bom dia. Ele estava assando hambúrgueres e algumas salsichas na pequena churrasqueira, o que fez Hank deduzir que era quase a hora do almoço. Ele ficou um pouco mais feliz por ter conseguido aproveitar ao máximo sua cama.

– Correu tudo bem? – Perguntou o pai enquanto lhe servia o café da manhã-almoço.

– Sim, foi bem. Ganhamos por uma larga margem. – Disse Hank ao pegar o prato das mãos do pai.

– Eu te disse que não precisava preocupar. Aposto que este ano a despedida vai ser bem tranquila. Você sempre fez um bom trabalho. – Seu velho esboçava um grande sorriso ao soltar essas palavras.

Hank deu outro sorriso concordando para deixar o pai feliz. Seus pensamentos começavam a voltar para outras coisas. Ele queria esquecer a eleição pelo menos no final de semana. Foi bem cansativo.

– Pai, vou dar umas voltas de bicicleta. O senhor quer vir junto? – Perguntou o filho.

– Acho que não. Eu trouxe um pouco de trabalho para casa. Quero ver se analiso algumas coisas. Acho que podemos largar esse trailer mais cedo que pensamos.

Hank deu novo sorriso tentando passar confiança. Mas foi falso. Ele já tinha ouvido essa frase algumas vezes e sabia que a temporada no estacionamento duraria pelo menos mais um ano. Ele levantou, agradeceu ao pai pela refeição e foi trocar de roupa. Pegou sua bicicleta e saiu sem rumo.

O mp3 sem marca fazia o Coldplay invadir seus ouvidos. Ele dava pedaladas lentas, o suficiente para não perder o equilíbrio e movendo os lábios sem emitir qualquer som ia cantando a letra da música. O exercício para esvaziar a mente deu certo. Ele formava imagens do som que ouvia para ocupar o outro lado do cérebro. Cruzou sem perceber a cidade até o parque.

Hank deixou a bicicleta deitada na grama perto da árvore na qual se recostou. Tirou um livro e uma garrafa de plástico com

água e mergulhou nas páginas do mundo de Maggie pelas ruas de Chicago. O tempo passou mais de 60 páginas sem que ele notasse. Quando parou a primeira vez, buscou a garrafa de água. Desatencioso com o livro notou do outro lado do parque a figura que embalou seu sono.

Ela estava deitada sobre uma toalha de praia na grama com os headphones no ouvido. Parecia que folheava uma revista. As pernas dobradas se cruzavam e descruzavam como se estivessem no ritmo da música que ouvia. Ela sorria e vez por outra dava uma gargalhada como se a matéria lida estivesse muito engraçada. Enquanto Hank a observava seu livro caía no esquecimento. Seus olhos estavam concentrados na pele alva da garota e nos seus cabelos cor de fogo. Não havia duzentos metros separando um do outro, mas ele ficou se perguntando se devia ou não levantar-se e tentar estabelecer um contato. Se ela estava presente ao discurso de encerramento das eleições provavelmente saberia quem ele era. A tentativa de abordagem seria mais fácil e Hank poderia usar o tema da eleição para puxar conversa. Não seria tão difícil. Mas ele tentou se levantar e se arrependeu por três vezes.

Estava indeciso. Não era algo comum, nunca teve dificuldades para abordar garotas no colégio, nem em festas. O parque poderia ser o elemento diferente, mas não um empecilho. Quando se viu decidido a se apresentar para a linda menina, levantou-se com o livro na mão. Mas um garotinho de aproximadamente nove ou dez anos chegou correndo e desconcentrou a garota abortando seu movimento. Ele voltou a sentar embaixo da árvore. Os dois rolaram na grama e a alegria estampada no rosto alvo salpicado de leves sardas aumentou. Ela brincava animadamente com o garoto que saiu correndo. A menina dobrou rapidamente a toalha, juntou suas coisas e seguiu atrás do pequeno que já lhe havia aberto uma boa dianteira.

Ele deu um suspiro de frustração. Pegou o livro e tentou esquecer a oportunidade perdida, mas talvez magoado por ser preterido pela ruiva, o livro não fez questão de prender sua atenção. Hank que antes lia concentrado, folheou algumas páginas sem conseguir

absorver o que estava escrito. Ele colocou o livro de volta na mochila junto com a garrafa de água e retomou o caminho para casa. O som do The Calling agora embalava o videoclipe imaginário da menina que mexeu com Hank. Se ele conhecia a si próprio um pouquinho que fosse, sabia que o fim de semana seria pensando nela e que enquanto não a encontrasse no colégio não sosseitaria. Na cabeça só havia uma frase: Ela era linda!

Na manhã da segunda-feira Hank foi de terno para a escola. Ele achava bacana passar essa imagem de bem-sucedido. Afinal era uma verdade. Pela terceira vez ele se paramentou para receber o comando do conselho estudantil. O que antes dele era apenas um motivo para interromper as aulas e fazer mais uma festa, passou a ser um momento solene. Na sua primeira candidatura ele bateu na tecla que escola devia ser levada a sério. Sua vitória colocou fim a um reinado dos esportistas no conselho. A ditadura dos belos corpos e das pessoas mais descoladas da escola cedeu lugar à preocupação em integrar os alunos com o corpo docente. As verbas antes destinadas exclusivamente aos ginásios foram direcionadas para laboratórios e atividades sociais que realmente integravam todos os alunos. Hank passeava nos dois grupos. Além de ser jogador e dono de um físico atlético ele alternava os horários entre o ginásio e a biblioteca. A empatia necessária para unir os dois grupos estava na sua pessoa e quando se candidatou, mesmo com a descrença das facções, procurou levar a nova mensagem que imperava até hoje. O líder conciliador que todos ansiavam sem saber, apareceu.

A cerimônia era simples, ainda mais que não havia um predecessor. O diretor da escola discursava na abertura, depois Hank fez um breve balanço do ano que ficou a frente do Conselho para depois renovar suas metas. Nada de pompa além das palmas dos alunos. Antes o que podia se chamar de cerimônia era feita no ginásio para poucos beneficiados. Agora todos participavam.

Quando começou seu discurso, diferente das outras duas vezes, Hank estava mecânico. As palavras saíam da sua boca com a mesma emoção, mas de forma automática. Sua mente emitia

comandos para que sua atenção se preocupasse unicamente em achar a garota ruiva. Criando um processo cartesiano, Hank começou a olhar para todos os rostos, fileira por fileira. O gesto foi poderoso, acabou sendo comentário entre os alunos da forma como o discurso foi dirigido a cada um deles. Mas sua intenção era varrer da forma científica e mais eficiente a plateia em busca do seu alvo. No final da última fila, como aconteceu da primeira vez em que a viu, estava a ruiva dentro de uma camiseta regata justa e no jeans apertado. Do seu lado uma figura conhecida: Eric Montgomery, seu melhor amigo e ex-companheiro de time de futebol. Hank gelou quando o viu pegando a mão da garota e entrelaçando os dedos. A forma com que Eric tocou o rosto dela e o beijou levemente confirmou o que ele não queria saber.

Ele parou o discurso. Todos acharam que tinha feito uma pausa quando na verdade havia se perdido nas palavras. Ele precisou de alguns segundos para se recompor; nem tinha idéia de onde estava no seu texto. A plateia entendeu que era hora das palmas, o que deu um fôlego maior para ele reordenar os pensamentos. No final da saudação limitou-se a agradecer e desejar um bom ano para todos. Virou-se para o lado, cumprimentou o diretor e os amigos de campanha e sua vontade era tomar o caminho de casa, mas ainda teve que enfrentar o assédio como no dia do discurso de encerramento. A única diferença é que Eric caminhava de mãos dadas com a garota ruiva. Ele fez questão de cumprimentar Hank:

– Terceiro mandato! Quem diria hein? Estou muito feliz por você, não havia outra escolha. – Eric falou essas palavras abraçando o amigo. Hank agradeceu sorrindo e com um curto obrigado.

– Deixa-te apresentar a minha futura esposa: Sheila O'Brien.

– Para Eric! Olha o que fala! – Disse a garota ruiva entre risos da piada. – Muito prazer presidente! – Ela olhou novamente para Eric e deu um tapa no ombro dele reprovando a fala de brincadeira.

– Na verdade nos conhecemos ontem à noite no shopping. O pneu do carro dela furou e eu fui dar uma mãozinha. – Disse o amigo. A garota acenou com a cabeça. – Ela ainda não acredita que fui eu mesmo que furei para que ela cedesse um pouco do seu precioso tempo para mim. – completou com mais uma de suas piadinhas.

Hank travou os dentes. Eric só ficou sabendo da existência dela depois dele. Ele teve por mais de duas horas a oportunidade de conversar com a menina e deixou passar. O amigo só precisou de um rápido momento para envolvê-la.

– Sabia que ele me venceu na sua primeira eleição? – Informou Eric. A ruiva fez uma cara de espanto.

– Você concorreu contra ele? – Perguntou e Eric fez que sim com a cabeça. Hank atônito confirmou.

– Sim, concorri. E pelo bem da escola perdi. – Disse rindo.

Eric mais uma vez abraçou Hank e Sheila despediu dando um beijo na sua face lhe desejando sorte. O contato dos lábios envolvidos por um gloss com cheiro de maçã fez sua pele gelar. Hank retesou todos os músculos. Os dois se afastaram e o recém-empossado presidente se sentiu sozinho no meio dos outros estudantes. Saiu caminhando altivo, sorrindo e retribuindo os cumprimentos, mas por dentro estava cabisbaixo.

A vitória que Hank teve três anos antes não compensou a dor de ter chegado atrasado. Na sua balança, Eric Montgomery levou a melhor. Os planos que fez nos seus sonhos para a garota se desfizeram. Ela era a namorada do melhor amigo e ele teria que conviver com a imagem dos dois juntos. A primeira vez que achou que se apaixonaria foi frustrada. E teria que reprimir esse sentimento.

Naquele momento achou o mundo injusto. Enquanto ele dava duro para estudar e se matar no trabalho para ser alguém na vida, o amigo boa-vida cuja maior preocupação era contar os dias para assumir o lugar do pai, chegara na frente.

Hank chegou do trabalho e executou a mesma rotina. Deitou-se tendo a angústia como companheira. A figura da garota ruiva beijando Eric iria lhe atormentar por muitas noites...

23. QUEM REALMENTE É LETIZIA?

O

lampejo bateu no olho direito do ofídio. A cobra sentiu o golpe. Um líquido começou a escorrer da cavidade ocular quando ela explodiu. Hank tinha cegado parcialmente o animal. A vantagem diminuía, pouco, mas diminuía.

– Vamos nos espalhar, assim nossas chances aumentam. – disse o arqueiro.

O grupo começou a olhar em volta analisando as melhores possibilidades. Enquanto isso a cobra deslizava pelo orifício na parede procurando tomar posição no chão esburacado da caverna. Quando acabou de descer, ela se enrodilhou e ficou em posição de dar o bote. O grupo se dividiu.

Diana lançou o chicote que aderiu a um dos buracos no meio alto do lado direito da caverna. Segurando a arma deu um salto e balançou até atingir a cavidade inferior subsequente. Ela estava na altura da cabeça do grande animal e fora do seu campo de visão.

Bobby e Hank de pulo em pulo foram se deslocando para laterais opostas. Hank procurava uma boa posição para desferir outro tiro no intuito de cegar completamente a besta. Bobby procurou dar a volta pelo lado direito do grande bicho. No centro parado estava Presto.

Os olhos do mágico estavam fixados na cobra. Ele sentia uma eletricidade correr por todo o corpo e se preparava para

transferi-la aos oito objetos que comandava. Erguendo o braço direito as pedras começaram a levitar num giro que formava um tubo. Ao mover o braço para frente, como um tiro de doze, os projéteis negros lançaram-se contra a cobra acertando o ventre logo abaixo da cabeça. Ouviu-se um urro como se fosse um grande gemido, acusando mais uma vez que o animal sentira o novo golpe. As pedras não infligiram um dano tão grande quanto a seta de Hank, elas bateram nas escamas quebrando-as e provocou hematomas, sem ferir a carne. Presto num gesto chamou as pedras para perto de si.

A serpente resolveu atacar. Ela desfez o bote e girou pelo lado direito da caverna descrevendo uma trajetória circular. Girou por toda a caverna como se quisesse ganhar velocidade. Quando começou a segunda volta o diâmetro do seu curso foi diminuindo. Hank e Bobby já tinham se alojado com segurança dentro de dois túneis diametralmente opostos. Presto ainda estava no meio imóvel. A cada volta o círculo formado pelo corpo do ofídio diminuía. Ele estava indo rapidamente e quando a cabeça ia tocar a cauda, fechou o caminho de tal forma que rodas concêntricas começaram a se formar. Em breve ia pegar o mágico. Diana apavorou-se, Presto estaria preso no corpo da serpente em segundos.

Quando a cobra fechou o cerco dentro do próprio corpo, Presto começou a levitar. Ele subiu numa velocidade espantosa mantendo o equilíbrio. Estava de pé com os braços dobrados e as palmas das mãos voltadas para cima. Abaixo dos seus pés, quatro das suas pedras negras faziam a base que elevava o mágico pelos ares. As pedras restantes descreviam órbitas elípticas em torno do mágico. Ele alcançou rapidamente o teto da caverna ficando fora do bote que a cobra deu ao ver que seu alvo tinha escapado do seu corpo. Ao abocanhar o ar, seu corpo desceu vencido pela gravidade e ela foi colhida novamente pela metade dos petardos negros de Presto.

Num ritmo alucinante Hank lançava flechas contra o animal rastejante. Elas batiam nas escamas duras e às vezes ricocheteavam nas paredes criando um espetáculo perigoso de luz e

sons estrondosos. A fera encontrava-se desnorteada entre os ataques dos dois guerreiros. Vendo-se em desvantagem ela mergulhou por um buraco e sumiu. Hank sorriu feliz por terem vencido mais um obstáculo. Ele fez um gesto para Bobby e Diana. Os três desceram cuidadosamente para o chão esburacado enquanto Presto aterrissava. Os quatro foram se encontrar quase no centro da caverna.

– Presto! – O que foi aquilo? – Disse a acrobata totalmente admirada ao lhe dar um apertado abraço. – Não acreditei no que vi!

O mágico retribuiu o abraço, mas ainda continuou sem jeito perto da pretendida e limitou-se a dar um sorriso sem jeito com que dissesse: – “Fiz o que pude!”.

– Quem diria, hein Presto? Estava reclamando que não conseguia domar o chapéu, mas conseguiu voar! Que manobra radical cara! – Bobby era o mais entusiasmado com a cena do mágico.

– Eu quase morri do coração quando te vi no meio da serpente. Juro que achei que tinha te perdido. – Falou Diana.

– Eu também achei que tinha ido embora naquela. Mas o que fiz foi meio sem pensar. Eu olhava o corpo da cobra fechando aquela parede escamosa em minha volta e quando vi já estava sobre ela. Foi muita loucura! – Disse totalmente animado.

– E você falando que não era um bom mágico! Você pode ser o novo mago que o mestre procura! – Concluiu Hank meio que tirando a responsabilidade das suas costas.

Presto sorriu para o amigo, desviou o olhar e seus olhos conectaram-se com os de Diana que lhe devolveu o sorriso. Ele sentiu que uma atmosfera pairava entre os dois e tomou coragem. Ainda com a eletricidade percorrendo seu corpo deu um passo em direção da acrobata. Na sua mente apenas a sequência de imagens para passar a mão pelo seu pescoço, puxá-la de encontro a si e colocar sua língua dentro daquela boca linda. Ele continuou avançando. Sem saber ao certo o que o mágico queria, Diana arqueou as sobrancelhas e abriu ainda mais o sorriso.

Foi um sibilado ensurdecador que tomou conta da câmara e a cobra surgiu do lado dos garotos. Ela saltou derrubando Presto

que se segurou com apenas uma mão em uma das crateras no chão. Como uma moto comprida dentro do globo da morte, a víbora aproveitando da velocidade do seu corpo girou pelo teto da caverna como um loop de montanha-russa e desceu para desferir mais um ataque. Bobby pulou no buraco onde tinha encontrado os ossos assim que ela passou por ele, Hank deu um salto no ar desferindo mais flechas de energia e caiu em outra cavidade. A serpente estava no rumo de Diana que impassível assistia o animal abrir a boca e aproximar-se cada vez mais.

Quando estava a menos de um metro de Diana prestes a colhê-la com os dentes, ela antecipou ao movimento da fera. Deu dois saltos em sua direção e ao segurar acima do focinho, executou uma pirueta girando sobre a grande cabeça e caindo em cima do corpo do animal. Enquanto girava 180° para ficar de frente, ela sacou o chicote e segurando nas extremidades da arma com cada mão lançou seu meio adiante. A tira de couro passou por dentro da boca da cobra que sentiu o momento que seus movimentos foram travados. Segurando o chicote transformado em rédea a acrobata começou a montar o animal como se estivesse num rodeio no intuito de subjugá-lo. A besta já não era mais dona dos seus atos. Ela serpenteava o corpo querendo se livrar daquela peã indesejada. Diana equilibrando-se habilmente conduzia a fera por onde queria. O animal tentava desesperadamente tomar o rumo de algum buraco para tirar do lombo sua domadora, mas não lhe era permitido essa alternativa. Alguns minutos de rodeio foram suficientes para cansar a víbora. Ela começou a desacelerar. Hank e Bobby já fora dos seus esconderijos ajudavam Presto a se levantar. A cobra estava quase parando. Bobby pegou seu tacape e entre pulos começou a correr em direção ao animal. No último movimento subiu numa cratera mais baixa da parede e tomando impulso pulou para a cabeça da fera. No ar passou a segurar o tacape pela parte que usava normalmente para acertar seus inimigos e ao pisar na cabeça do monstro em frente a Diana cravou o punho da clava no crânio do ofídio. O tacape praticamente foi enterrado. A paralisia das funções cerebrais foi sentida no momento em que ela deixou cair seu imenso corpanzil já sem vida. Um baque seco ecoou na

hora que bateu no chão da caverna. Bobby executara sem dó o animal peçonhento.

O perigo na caverna se foi. Diana só afrouxou o chicote após ter certeza do óbito da serpente. Ela recolheu sua arma e caiu de costas em cima do monstro. Bobby riu do jeito da acrobata. Em sequência deixou seu corpo deslizar até descer e juntar-se a Presto e Hank. Em cima do bicho, Bobby tentava retirar sem muito sucesso sua arma de dentro da cabeça da cobra.

– Me ajuda aqui gente! Por favor! – Com a cena, os três tiveram que segurar o riso. Depois de alguns minutos ele conseguiu seu intento sem precisar da ajuda de ninguém. Após pegar seu tacape todo sujo do sangue da criatura desceu.

Os quatro ficaram admirando a serpente inerte. Ela devia ter mais de quinze metros de comprimento. Era branca, com losangos amarelos claros no dorso e amarelos num tom mais escuro nas laterais. Na extremidade da cabeça haviam dois pequenos chifres acima das narinas. Na boca duas grandes presas desciam da mandíbula superior e fechavam num par menor da parte de baixo. O diâmetro do corpo cabia exatamente nas cavidades o que fez Presto suspeitar que ela cavara todos aqueles buracos. As escamas eram muito duras o que dificultou os ataques de Hank. Ela era passada. O arqueiro olhou para cima e ficou se perguntando como iriam subir.

– Antes temos que descobrir quais desses túneis tem comunicação com a superfície. – Disse Hank.

– Acho que posso tentar explorar alguns até achar o certo. O que acha? – Perguntou Presto.

– Concordo com você, precisamos sair daqui o mais rápido possível. Já imaginou se existe outra dessa aqui? E como o Mestre dos Magos falou, temos que surpreender o Vingador. Não podemos perder tempo.

Presto deu dois passos para trás, equilibrando-se para não cair em nenhum buraco. Com um gesto da mão direita reuniu seu esquadrão de pedras negras. Seis delas se juntaram formando uma base para Presto subir. As outras duas foram parar em suas mãos como se formassem um apoio onde ele parecia segurá-las. Em

poucos segundos começou a levitar e escolheu com os olhos o túnel pelo qual começaria a buscar a superfície. Ele se inclinou para frente nos seus apoios de mão e entrou no primeiro, um buraco da parte mais alta da lateral da caverna. Não se passaram dois minutos e ele apareceu andando na beirada.

– Parece que acertei de primeira. Estamos pertinho do pátio do castelo. – Disse com um sorriso confiante.

Diana jogou seu chicote para trás e arremessou novamente na direção de Presto. Ele esticou até cravar-se na parte de cima do túnel em que o mágico se encontrava. Olhou para Hank e disse sorrindo cinicamente:

– Meninos primeiro!

Hank retribuiu o sorriso e subiu. Ele ia escalando os buracos como se fizesse um rapel ao contrário. Quase no alto os braços começaram a dar sinal que iam fraquejar. Então juntou todas as suas forças; não iria dar esse gostinho para Diana. E após uma pequena pausa concluiu a subida.

Bobby se preparava para a sua vez quando Diana lhe falou:

– Quer ver um truque legal?

– Sim Diana, eu quero! – Falou o garoto entusiasmado.

– Então não vai se importar de ser o último a subir? – Perguntou novamente a acrobata.

– Não, claro que não! – Afirmou Bobby sorrindo.

Diana fez seu caminho ascendente bem rápido. Ela segurou a corda com uma mão e balançando de um lado para o outro executava um movimento de pêndulo aonde ia de uma cavidade lateral a outra em pequenos pulos. Chegou ao encontro dos dois bem mais rápido que Hank. Novamente deu seu sorriso cínico. Hank retribuiu e fez um gesto com a mão como que dissesse: -“Há deixa para lá, você venceu!” – Faltava apenas Bobby. Lá do alto, Diana gritou:

– Bobby, segure bem forte no cabo do chicote!

O menino obedeceu. Com um toque na tira de couro esticada, Diana fez o chicote voltar ao tamanho normal. Ele recolheu-se rapidamente para cima trazendo o pequeno bárbaro.

Bobby junto com Hank empurraram a grande porta do castelo que não ofereceu nenhuma resistência. Cautelosamente eles entraram no recinto. Estava escuro. Hank esticou seu arco providenciando uma flecha que iluminou seus passos. Pé ante pé, foram explorar o local.

Diana tinha subido na muralha frontal da construção. Ela tentava localizar o exército do Vingador. Não foi difícil. O grande grupo estava a algumas horas de chegar aos domínios de Letizia. Ela desceu para avisar os amigos. Quando chegou a parte de baixo encontrou Presto hipnotizado olhando para o alto da torre. Ela chamou seu nome, mas ele não se mexeu de tão concentrado que estava. Hank e Bobby voltaram do interior correndo. O garoto disse assustado:

– Vocês não vão acreditar no que encontramos!

Diana fez uma cara de curiosa. Presto limitou-se a dizer:

– Eu acredito, acho que vocês é que não vão acreditar no que vou lhes dizer...

– O que foi? – Perguntou Diana toda curiosa.

– Venha com a gente. É melhor vocês verem. – Disse novamente Bobby.

– Podem ir, e vou ficar aqui. Depois venham que preciso falar com vocês. – Disse Presto.

– Diana seguiu os meninos para dentro do castelo. Estava escuro, mas Hank providenciou iluminação. Eles atravessaram o salão principal, subiram uma escadaria e atravessaram um longo corredor. No final havia uma porta semiaberta. Entraram. Diana deparou-se com uma mulher petrificada.

Apesar da aparência feminina, ela estava vestida como um oficial militar homem. Nas características do uniforme estavam as informações da data e origem da maga. Ela tinha os cabelos presos para dentro do quepe de oficial. As calças eram relativamente folgadas e enfiadas em longas botas. Do casaco desciam duas fileiras de botões paralelas, na sua cintura um largo cinto com o coldre para uma pistola. Nos braços a marca reveladora: a braçadeira com a representação da Cruz de Ferro. Essa cruz pátea

teutônica ornava o uniforme e mesmo na pedra seu relevo sobressaía. Na gola do casaco as insígnias com a patente de capitã.

O coração de Diana disparou. Como não tinha pensado antes na origem do nome do mago tantas vezes citado pelo mestre? Ela estava numa posição imponente, diferente da outra estátua do salão onde parecia mais uma aviadora posando para uma foto. Seu rosto tinha uma expressão dura, como se estivesse tomando uma decisão importante. No salão ela esboçava um largo sorriso. Letizia era uma oficial militar do Império Alemão. Mas segundo o mago ela teria chegado ao Reino a mais de cinco séculos. Como poderia haver pouco menos de um século de distância entre a Primeira Guerra Mundial e os dias de hoje?

– Ela, ela, ela é alemã? – Gaguejou Diana sem saber se afirmava ou perguntava.

– Ao que tudo indica sim. – Disse Hank. – Mas como? Cada vez este lugar fica mais confuso.

– Os alemães criam cobras gigantescas? – Perguntou Bobby sério, mas impressionado.

– Não Bobby. Aquela cobra não pertence ao nosso mundo. Aliás, eu nem sei a que mundo pertencemos mais. – Disse Diana com a voz grave.

– Presto precisa ver isso! – Disse Hank. – Nós estamos numa fortaleza construída por alemães. É muita loucura para minha cabeça. – Vamos chamar Presto.

Hank correu seguido por Bobby. Diana ficou parada olhando para a estátua. Ela tinha uma vaga esperança de encontrar Letizia. Pelo que o Mestre dos Magos falara, tinha plena certeza que era humana. Mas uma mulher liderando um exército na segunda década do século XX era algo incompreensível. Ela tentava concatenar os pensamentos, mas não conseguia. Achou melhor seguir os meninos.

Quando saíram, encontraram Presto deitado lateralmente no chão olhando para a torre. Ele estava com uma expressão de quem tinha conseguido desvendar um segredo. Ele apoiava a cabeça com a mão e o braço flexionado. Com o outro parecia fazer medições na torre com os dedos.

– Presto você não vai acreditar de onde Letizia é! – Exclamou Bobby.

– Por um acaso ela era uma militar alemã da Primeira Guerra? – Perguntou o mágico.

Hank e Bobby ficaram de boca aberta com a indagação. Como poderia Presto apenas olhando uma torre deduzir tais coisas?

– Mas como você descobriu isso? – Perguntou Hank extremamente curioso. Nesse momento Diana juntou-se aos amigos.

– Deitem-se. – Pediu o mágico. Sem entender o grupo ficou na mesma posição de Presto. Os olhos de Diana iluminaram-se. Ela também matou a charada. Hank ficou pensativo e Bobby olhava mais para Presto que para a torre.

– Olhem a forma elíptica do topo da torre, observem as pontas que saem para os quatro lados como se fossem pontos cardeais. Agora olhe a coluna...

– O que é isso Presto? – Bobby estava impaciente, queria respostas.

– Vocês não conseguem ver a parte posterior de um Zeppelin? – Disse o mágico.

Os olhos dos meninos ao observarem o meio elipsoide na horizontal começaram a delinear a forma do dirigível alemão. As saliências formavam os lemes. A embarcação que o Mestre dos Magos disse trazer Letizia ao Reino era o poderoso balão voador do Conde Ferdinando.

A cada momento as surpresas escondidas naquele lugar levavam a mais questionamentos do que explicações. A confusão imperava nas quatro cabeças.

– E onde está o resto do zepelim? – Perguntou Bobby.

– Hum... Boa pergunta! – Disse Presto. Por que preservariam apenas uma parte do dirigível? Por que eles se deram ao trabalho de construir uma camada de tijolos em torno de um pedaço? E por que nessa posição?

As perguntas eram muitas, as dúvidas avolumavam-se. E as respostas não apareciam.

– Presto, pode ser que a outra parte do dirigível esteja dentro da fortaleza? – Sugeriu Diana.

– Vamos ter que descobrir, – disse Hank, – venham, vamos procurar um acesso à parte de baixo do castelo.

– Ainda bem que Eric não está aqui! – Falou Diana. – Ele iria pirar com essa história!

– Sim, iria, com toda certeza. – Completou Hank. E pensou: – “Como deverão estar Eric e Sheila? Será que ela foi descoberta pelo Vingador? Será que eles estão conversando?” – A preocupação tomou conta do arqueiro.

O grupo entrou novamente no castelo. Eles se separaram e cada um numa direção procurava o acesso à parte inferior da torre. Bobby foi quem achou. Com gritos começou a chamar pelos amigos. Orientados pelos berros, eles chegaram ao lado sul onde havia uma grande porta. Bobby estava todo alegre com a descoberta. Os quatro desceram a escadaria em curtos zigue-zagues. Quase cansados de tantos degraus chegaram ao final. A imagem já não os espantava muito depois de tantas surpresas no dia. A primeira parte do zepelim estava intacta, sustentada por vigas de madeira e colunas de rocha. A cabine estava perfeita. Era como que conservassem a imensa aeronave para tentar escapar um dia daquele lugar. Essa foi a dedução de Hank e também a sua idéia.

– Presto, você acha que esse zepelim ainda pode voar? – Perguntou o arqueiro.

24. RECONCILIAÇÃO

N

ão tenho a menor idéia! – Respondeu o mágico.

Os quatro garotos ficaram olhando para a imensa estrutura do zepelim. A parte abaixo do solo devia ter pelo menos uns cento e setenta metros, mais uns trinta que ficavam ao lado do castelo. Os motores e a cabine estavam perfeitamente conservados.

– Você entende alguma coisa de zepelim Presto? – Perguntou Diana.

– Pouca coisa. Já montei um daqueles kits Revell. Li um pouco sobre o Hindeburgh, mas só.

– Acha que conseguimos fazê-lo voar? – Continuou com os questionamentos a acrobata.

– Não creio que os tanques de hidrogênio estejam intactos por séculos. Além disso, por que Letizia e seus homens não foram embora ao constatar que aqui era um lugar inóspito? – Disse Presto.

– Algo me diz que... – Diana foi interrompida por Presto.

– Se você tem esperanças de entrar naquele buraco no céu usando esse trambolho, desista. Não temos posto de hidrogênio ou gás hélio aqui no Reino. E nem sei se conseguiria tirar um do meu chapéu como provavelmente Eric me pediria.

Diana deixou os ombros cair significando desânimo. A acrobata sentou no chão de pernas cruzadas e cotovelos sobre as coxas e as mãos espalmadas segurando o queixo.

– Vocês acham que o caminho para casa é voltando pela abertura no céu? – Perguntou Presto apreensivo.

– Você vê outra possibilidade concreta? – respondeu Diana com outra pergunta.

– O Mestre dos Magos pediu para levar a Uni ao Vale. E falou que nossa saída passa por essa tarefa. – Respondeu o mágico.

– Presto! – Disse Diana desanimada. – Nós nem sabemos da Uni! Ele falou para entrarmos na caverna que encontraríamos o vale e nada disso aconteceu! Agora que temos uma possibilidade de sair vamos deixar passar? – As palavras de Diana mostravam sua total impaciência com o Mestre dos Magos.

– Ele não fala as coisas claramente, concordo, – disse Presto tentando defender o anão de vermelho – Nem sempre ele é claro, mas no final sempre está certo... – Diana interrompeu:

– Com aquela conversa de guru de autoajuda é fácil! Ele vem aqui, diz meia dúzia de palavras que cabem em muitas situações e some sem comprometimento nenhum! – Falou Diana exaltada, parecia Eric. Presto abaixou a cabeça.

– Além do mais ele nos mandou para aquela armadilha. Lembra-se que ele disse para o Hank que se subíssemos por dentro surpreenderíamos o Vingador? Ele nos enviou para aquela cobra! – Diana estava exaltada e levantando seu tom a cada palavra. Ela começou a gesticular.

– O que você acha Hank? – Presto falou essas palavras buscando nos olhos do arqueiro apoio.

– Eu confio no Mestre dos Magos, mas não entendi por que ele não falou do que iríamos encontrar nas cavernas. Eu às vezes não entendo suas atitudes...

– Nem o Hank acredita mais no que ele fala Presto! Só você não vê isso! – disse Diana tristemente.

– Eu acredito no Mestre dos Magos! – Falou Bobby. – Ele nos ajudou até aqui!

– Bobby você é só uma criança. – Diana arrependeu-se um segundo após dizer essas palavras. Bobby fechou a cara e saiu correndo.

– Diana a última coisa que precisamos é nos dividir nesse momento. – Falou Hank num tom sério. – Nós precisamos trazer

Sheila e Eric de volta e só assim decidir o que vamos fazer. Acho melhor chamar Bobby. Não podemos brigar entre nós agora.

– Talvez seja muito tarde Hank... – Diana concluiu as palavras, levantou-se, virou as costas e saiu caminhando pela caverna.

Hank olhou para Presto e depois para o dirigível. Como Diana ele via na grande nave uma oportunidade de sair do Reino. Seu coração estava dividido entre ir para casa e cumprir a promessa ao Mestre dos Magos. Ele queria falar algo, mas não sabia o que. Precisava ser ajudado. Estava perdido, via seu grupo alternar bons, maus momentos. Então deixou o semblante cair quando ouviu:

– O que é mais importante para você arqueiro? Reunir os seus amigos e voltar para casa ou fazer o que seu coração manda?

As perguntas foram feitas pela voz calma do Mestre dos Magos. Diana que caminhava sem rumo virou as costas e voltou. Presto procurava saber de onde ele tinha vindo, pois só piscou os olhos e não viu o anão de vermelho se materializar na sua frente.

Eric já estava morrendo de tédio dentro da carroça. Estavam caminhando o dia todo. Em algumas horas o último sol ia baixar e eles teriam chegado ao castelo. Nem um sinal de Sheila ou de qualquer outro do seu grupo. Ele já tinha deitado de todos os jeitos. Chegou a fazer abdominais para passar o tempo. Ele fechava os olhos e imaginava-se em casa. Não dava certo, quando a carroça passava em algum buraco ou pedra, quando levantava as pálpebras, voltava ao Reino. Como último recurso, pegou Uni, colocou-a no seu colo e começou a catar carrapatos no bichinho. Nesse momento ouviu uma risada bem baixinha e abafada.

– Eu não acredito que você estava aqui esse tempo todo! – Falou raivosamente de forma falsa e divertida por entre os dentes.

– Você achou que por causa da sua inconveniência eu iria caminhar o dia inteiro? Como você é convencido Eric!

Ele riu. Realmente não havia sentido. Ele sabia o quanto Sheila era esperta. Acabou que foi o bobo na situação.

– Mas eu andei a carroça praticamente toda...

– Bobinho e acha que não vi. Teve uma hora que a Uni foi para o meu colo e ficamos rindo da sua cara!

Eric fechou a cara de brincadeira. Ficou assim por alguns segundos e depois eles começaram a rir da situação. Bem baixinho para não chamar a atenção.

– Como você é má Sheila! – Disse Eric em tom de deboche.

Sem que Eric visse, a ruiva riu por debaixo da capa. Ela adorava esse jeito do cavaleiro. Mas devido aos últimos acontecimentos não precisava externar. Guardou só para ela.

Eles ficaram alguns minutos em silêncio. Eric já havia soltado Uni. Virou para Sheila e disse:

– Me desculpa tá? Você sabe que às vezes faço coisas sem pensar. – Disse o cavaleiro sinceramente arrependido.

– Tudo bem, – disse Sheila – eu não consigo mesmo ficar com raiva de você. Nosso tempo já passou Eric, mas você é muito especial para mim.

O silêncio voltou a imperar por mais alguns minutos. Sheila lhe perguntou:

– Você acha que Hank sabe onde estamos?

– Sim tenho certeza. Eu acho que estão nos seguindo. Esperando a melhor hora para nos salvarmos.

– E quando você acha que vai ser a melhor hora? – perguntou novamente a ruiva.

– Se conheço Hank vai ser no castelo. Ele vai querer planejar tudo antes de fazer. É o seu jeito. Ele não correria o risco de tentar nos salvar e ficar encurralado nessa estrada. – Quando terminou de ouvir as palavras de Eric, Sheila olhou para o lado. A estrada estava bem estreita. Apenas alguns poucos metros de cada lado impediam a carroça de cair nos penhascos que a ladeavam.

– Você tem razão. Hank não costuma dar um passo sem prever o que vai acontecer. Mas nesse mundo não se tem muito tempo para planejar. Olha o que aconteceu na caverna...

– Você tem dúvidas que ele não ponderou muito antes de soltar aquela flecha? Pelo jeito você não conhece seu namorado a fundo. Ele não faria aquilo sem medir os prós e os contras.

– Você acha Eric? – Sheila falou surpresa. Eric mostrava conhecer muito bem o amigo.

– Claro. Eu cresci com ele. Acho que nem a mãe o conhece tanto quanto eu...

– Meu coração manda reunir meus amigos e ir embora Mestre. – Hank falou essas palavras com firmeza. Ele não tinha dúvidas.

– E por que não o faz? – Questionou o Mestre.

– Lembra-se que jogou uma grande responsabilidade nas minhas costas? – Hank alterou um pouco seu tom de voz. – Lembra-se que falou para mim que Uni e meus amigos foram capturados porque eu não quis assumir minhas tarefas? Lembra-se?

A fisionomia do mestre ficou imóvel. Ela não teve o mínimo sinal de alteração. Mas Hank não conseguiu fitá-lo por muito mais tempo e baixou a cabeça. Em seguida seus joelhos fraquejaram e dobraram. Hank caiu, largou o arco e levou as mãos à cabeça.

– Arqueiro, fui eu que joguei essas responsabilidades em você ou você as tomou? – Perguntou o pequeno ao tocar sua cabeça.

– Eu não queria nenhuma responsabilidade. Eu só queria ir embora. Por isso aceitei a missão de levar o unicórnio. – Desabafou Hank.

– E por que não recusou a missão? – Perguntou novamente o mestre.

– Você me deu escolha? – Disse novamente cobrando.

– Quando eu condicionei algo arqueiro?

Hank estava confuso. Na sua cabeça tinha que cumprir a missão que lhe foi dada. Mas não se lembrava de nenhuma pressão do Mestre para ter que aceitar. Eric tinha sido contra. Talvez ele não tivesse medido as consequências dos seus atos. Como Eric, tinha sido arrogante.

– Não mestre, não condicionou, mas... – Disse Hank de cabeça baixa.

– E o que eu te respondi quando perguntou se era um teste?

– Você disse que não havia testes. – Respondeu o arqueiro continuando de cabeça baixa.

– Então meu jovem? Por que você insiste em querer me provar algo?

– Eu não sei... – Disse Hank de joelhos e as pálpebras dos olhos tremendo. – Eu não sei mestre...

O mestre que antes apenas tocava sua cabeça de leve a abraçou. Hank estava confuso e indefeso.

– Arqueiro... tantas vezes pedi para que ouvisse seu coração. Você é uma boa pessoa, não tem que ficar buscando a aprovação nos olhos dos outros...

– O que eu faço então mestre? – Perguntou com uma voz quase chorosa.

– O que você quer fazer?

– Quero somente ir para casa...

O Mestre dos Magos ajudou Hank a se levantar. Ele olhou bem dentro dos seus olhos e esboçou um largo sorriso. O sorriso foi imitado pelo arqueiro. Agora sua expressão era de confiança.

– Então vá para casa meu jovem. – O mago maior disse as palavras que não só Hank, mas todos ali queriam ouvir. Hank sorriu e foi seguido por Presto e Diana. Bobby fechou a cara.

– E a Uni, como fica? – Perguntou o garoto.

– Bárbaro, o pequeno unicórnio precisa ser libertado das garras do Vingador, assim como seus amigos.

– E eu vou poder levá-la comigo? – aproveitou o garoto.

– Eu não posso interferir no Reino jovem, já fiz isso demais. É uma decisão que vocês vão ter que tomar.

– Mas o que ela significa para você Mestre? Afinal você pediu para que a levássemos ao vale.

– Bárbaro, o que ela significa para mim não importa. O que importa é o que ela significa para você. E na hora certa você vai saber julgar.

O coração de Bobby apertou. O mestre estava transferindo para ele a responsabilidade sobre deixar ou não Uni no Reino. Ele já tinha tido essa conversa com Sheila e não fora nada agradável. Na sua cabeça preferia ouvir a decisão vinda do guia.

– Mestre, acha que podemos sair do Reino no zepelim? – Perguntou Diana.

– O que é um zepelim? – Indagou o mago.

Diana mostrou a gigantesca estrutura para ele. Seu sorriso abriu e ele levou a mão ao queixo coçando-o. Parecia que o gesto ajudava a lembrar algo que viveu há muito tempo.

– Eu me lembro o dia em que Letizia chegou a bordo dessa embarcação. Eles tiveram o maior trabalho para puxá-la aqui para baixo.

– Por que mestre? – Perguntou Presto.

– Não sei, mas simplesmente ela não queria descer. Foi difícil contê-la. Ela parecia uma bolha de sabão que insistia em voar.

Os garotos voltaram a olhar para o zepelim. Realmente ele estava todo preso. Além das pilastras de sustentação, muitas cordas prendiam a estrutura da nave ao chão e nas paredes. Seus motores estavam todos amarrados. Qualquer ponta que se destacasse à superfície ovoide tinha uma corda atada a algum lugar.

– E por que Letizia não foi embora mestre? – Perguntou Diana.

– Acrobata, quando eles chegaram, os céus do Reino eram povoados por muitas criaturas aladas. Principalmente os dragões. Na batalha contra o Vingador muitos pereceram. A raça foi praticamente dizimada. Hoje poucas criaturas perigosas voam no Reino.

Diana fez uma cara de quem entendeu tudo.

– Me parece que ela não poderia controlar sozinha a embarcação. E pelo que conversávamos, ela não queria mais ir embora do Reino. – Relatou o mestre.

– Nós podemos ir embora pelo buraco no céu? – Perguntou Hank.

– Se um dos seus semelhantes conseguiu vencer Tiamat e voltar para casa, porque não mais alguns? – O Mestre dos Magos continuava a responder as perguntas com outras perguntas.

Diana se entusiasmou. Era tudo que ela queria ouvir. Ela voltou à cabeça para Presto que deu um pequeno sorriso entendendo o recado. Agora era hora de fazer o dirigível funcionar.

O Mestre dos Magos aproximou-se de Hank. O arqueiro se abaixou e o pequeno colocou as mãos sobre os seus ombros.

– Fiz tudo que podia para lhe ajudar meu jovem. Agora você tem o destino em suas mãos. O caminho está mais perto do que você imagina. – Hank ouviu as palavras do mestre e lhe sorriu. O mestre deu um passo para trás e girou no seu centro. E começou a andar.

– Mas não se esqueçam que visitas indesejáveis estão chegando à fortaleza.

– Han? – Disseram todos ao mesmo tempo.

– O Vingador está a poucos quilômetros daqui. E vocês separados não podem fazer frente ao Vingador. Ele precisa temer para ser vencido... – O Mestre dos Magos pronunciou novamente essas palavras no seu desagradável hábito de falar enquanto caminhava e sumia.

– O Vingador está chegando. Ele vai entrar e tomar o castelo. Como vamos fazer para detê-lo? – Perguntou Diana.

– Nós podemos enfrentá-lo de peito aberto. O seu exército deve estar cansado e não é mais tão grande depois do nosso último encontro. – Disse Hank, apertando as sobrancelhas.

– Acha que podemos conseguir? Ele não pode encontrar o zepelim. Se o destruir estamos perdidos por um bom tempo. – Preocupou Presto.

– Acho que temos uma boa chance. Mas estou pensando nas palavras do Mestre dos Magos... – Além das sobrancelhas, Hank apertava os lábios no meio dos dentes. Ele estava pensando em algo.

– Segundo o mestre, não vamos conseguir vencê-lo sem estarmos com Eric e Sheila. – Disse Presto.

– Mas só conseguiremos resgatar os dois se passarmos pelo exército dele. – Concluiu Diana.

– Ele tem que temer para ser vencido... Hank pensava nessas palavras. – O que o Vingador teme? – Perguntou.

– Pelo que vi até agora ele só teme Tiamat. Mas como trazer Tiamat até aqui? – Perguntou Bobby.

– Eu sei onde Tiamat fica. Acho que posso tentar atraí-lo para o castelo. – Disse Presto.

– E como você sabe onde ele fica Presto? – Indagou Diana.

– Eu sonhei com o caminho para seus domínios. Ele me levou... – Presto falou essas palavras abaixando o volume da sua voz. Apesar de ter contado para Hank, achava muito maluca a idéia de sair atrás de um dragão por causa de um simples sonho. Diana abriu a bonita boca e riu.

– Estou falando sério Diana. O sonho foi bem real. E aqui nesse lugar tudo é possível. – Presto falou emburrado. Diana riu novamente.

– Não estou rindo de você seu bobo. Estou rindo porque também tive o mesmo sonho! – Exclamou a acrobata.

– Jura? – Perguntou Presto surpreso.

– Juro! – Exclamou novamente a acrobata.

Presto olhou para Hank e riu.

– Eu estava no seu sonho? – Perguntou a Presto.

– Não, não estava. – Respondeu.

– Você estava no meu... Nós voamos juntos em cima do dragão. – Quando terminou de falar essas palavras Diana sorriu para Presto. O mago ficou totalmente sem jeito. Ele coçou a cabeça por cima do chapéu.

– E como vocês vão fazer para poder ir atrás de Tiamat? – Perguntou Hank.

– Nós não, eu vou, – disse Diana. – Presto é o que mais entende de zepelim aqui. Ele tem que fazer essa peça de museu funcionar.

– E como você pretende ir aos domínios do dragão? Pelo que Presto falou não é perto. – Continuou Hank.

– Eu posso ir voando. – Disse Diana.

– Como? – Quis saber Hank mais angustiado do que curioso.

– Eu duvido que o Vingador durma em cima do seu cavalo...

O Vingador chegou aos portões da fortaleza de Letizia. Ele tomou a frente do seu exército e voou por cima das muralhas. A criatura das sombras voou ao seu lado. Eles desceram no pátio e seguiram para os portões principais. O espectro negro materializou seus pés e destrancou a entrada principal. Usando seus poderes o Vingador fez a ponte levadiça descer abrindo caminho para o exército sobre o fosso.

As fileiras cuidadosamente organizadas dos gouyandes entraram. Eles foram se posicionando no lado leste ao fundo do pátio e preparando para montar o acampamento. Por último entrou a carroça trazendo Uni e Eric. Mas os portões não foram fechados. Pouco tempo depois uma horda de gronks passou pela entrada principal. Eles tomaram o lugar oposto aos gouyandes. Ao posicionarem em frente ao outro exército, palavras exaltadas e nada amistosas foram trocadas. Apesar de servirem ao mesmo senhor eram inimigos. Apenas o temor que tinham pelo Vingador os impedia de lançarem-se uns contra os outros para começar uma sangrenta batalha.

– Gronks! O que mais podemos esperar? Agora o exército foi recomposto, vai ser mais difícil surpreendê-los.

Hank disse essas palavras do alto do castelo onde ele e Diana estavam escondidos. A chegada o exército verde atrapalhou seus planos. Não contava com uma reposição de soldados.

– Eu devia ter domado aquela cobra e não ter deixado Bobby matá-la. Vai fazer uma falta bem grande. – Disse Diana ao lembrar que muitos dos esqueletos que viu nas cavidades da câmara abaixo do castelo eram dos lagartos verdes.

– O que mais falta acontecer agora? – Perguntou Hank.

Ele devia ter ficado calado. Mal acabou de fazer a pergunta outro povo começou a cruzar o portão. Ele nunca tinha visto antes aquela raça, mas era conhecida de Diana.

– Ah não! Morzorks!!!! – Exclamou em leve desespero a acrobata. Na frente do povo miúdo e careca vinha Largerk.

– Esse é o povo que quase matou Eric? – Perguntou Hank rindo.

– Sim, eles mesmos. Mas não se deixe enganar. Na hora da batalha ficam maiores e mais perigosos do que os Gronks.

Hank e Diana sentaram no chão. Eles deviam rever rapidamente o plano inicial.

– Acha que Presto consegue arrumar o zepelim a tempo? – Perguntou Diana.

– Espero que sim. Mas o que vai importar mesmo vai ser a hora que descobrirem que você roubou o cavalo do Vingador. Creio que não vai demorar muito. Ele vai lutar bastante antes de te obedecer.

– Quem estava montando em uma serpente de quinze metros tira isso de letra. Vai ser divertido. – Diana falou essas palavras sem confiar muito no que dizia.

– O que fazemos agora? – Perguntou a Hank.

– Esperamos. Não tem outra coisa a se fazer.

– Eu morro de medo daquelas pedras mágicas fazerem um estrago no dirigível...

25. OUTRO RODEIO

P

resto e Bobby estavam dentro do zepelim. Ao contrário que muitas pessoas pensam, a gigantesca aeronave não é um balão de gás com uma pequena cabine embaixo. Somente o terço do meio era cheio de hidrogênio, a substância eleita no início do século XX para fazer a grande nave flutuar pelos céus. Quase uma centena de pequenos balões eram os verdadeiros responsáveis. Quem olhava de fora um zepelim de guerra não imaginava o que havia no seu interior. Ele poderia abrigar um exército e ainda levar muitas toneladas de equipamento bélico. A dupla explorou vários compartimentos que mostravam a arma que fez uma grande falta aos alemães na primeira batalha mundial. Como estava na vertical, tinham que escalar. Havia dezenas de quartos para alojar os soldados, salas de rádio e uma grande cozinha. Finalmente eles chegaram na parte onde mais importava. A câmara de gás. Para a tristeza dos dois não havia um só balão para contar a história.

– Acho que isso coloca fim nas nossas expectativas. – Disse Presto desanimado sentando ao chão como que se estivesse imitando Diana.

– Você não acha que podemos fazer algo para conseguir que flutue? Ouvi dizer que ar quente leva muitos balões para o céu.

– Bobby procurava buscar um fio de esperança.

– Não sei Bobby, ia precisar de muito combustível para queimar. Além do mais não temos estes recursos aqui. Se começarmos a fazer uma grande fogueira, a fumaça vai se espalhar rapidamente e o Vingador chegará em dois pulos até nós.

Bobby sentou do lado de Presto desanimado. Olhou para um mágico e deu um profundo suspiro.

– Não vai tentar tirar nada do seu chapéu? – Perguntou o bárbaro.

– Depois de tudo que você viu, teria alguma esperança? – Perguntou Presto.

– Poxa Presto, eu vi você flutuando em cima dessas pedrinhas. Você as tirou do seu chapéu. Eu vi na hora que enfrentou a serpente. Por que não consegue repetir? – Disse Bobby inconformado.

– Não sei Bobby. Realmente não sei.

– Presto, o que sobra em você é falta de confiança. Você não acredita que pode fazer nada sozinho. Sempre está junto com o Eric...

As palavras do menino agrediram o mágico. Ele fora sincero. Dissera aquilo apenas com a intenção de ajudar. Presto tentou mentir para si mesmo. Na sua mente xingou Bobby e disse que aquilo era um absurdo. Ele e Eric eram apenas amigos. Grandes companheiros. E depois que Hank começou a namorar Sheila, ficaram mais próximos ainda. O que Bobby falou não era verdade.

Mas numa fração de segundos sua consciência lhe chamou a razão. Ele era outra pessoa depois que conheceu Eric. Os dois eram realmente amigos, companheiros. Mas ele tinha uma dependência do atleta. Era quase uma relação de comensalismo onde Eric decidia o que iam fazer, aonde ir e até arrumava as namoradas para o amigo. Nada demais, nada do que se envergonhar. Mas Eric não estava ali naquele momento. Ele tinha que resolver o problema do zepelim sozinho.

– “Mas como?” – Pensou o mágico. Não havia nenhuma fonte de gás que pudesse utilizar. Além do mais precisaria colocar os motores para funcionar. Não era tão simples a missão que recebera. Sua única esperança era centrar suas forças para entender o chapéu.

– Eu não sei por que ele escolhe as horas para conversar comigo...

– Ele quem Presto? – Perguntou Bobby. Presto travou os dentes e repuxou os dois cantos da boca.

– O chapéu de mágico Bobby. O chapéu. Ele parece ter vida própria. Tem horas que me obedece, tem horas que faz de conta que eu não existo, tem horas que ele pensa por si só e resolve as coisas como se eu não existisse. – Lamentou Presto.

O mágico estava com sua arma do poder na mão. Ele a apertava com força por algum tempo e depois a soltava. Esse gesto foi repetido algumas vezes. Ele realmente não sabia o que fazer.

– Presto, uma vez eu comecei a brigar demais com uma menina na escola. – Disse Bobby.

– Han? – Falou Presto sem entender o assunto.

– Essa menina era do meu grupo de ciências. A gente não se entendia. Até que um dia Sheila teve que ser chamada na escola por que eu tinha dado um tapa nela. – Continuou Bobby sem se preocupar para o que Presto estava pensando.

– Eu me lembro disso. Eric comentou comigo o fato. – Falou o mágico ainda sem entender nada.

– Pois é. Eric foi esse dia com Sheila na escola. Na saída ele me disse que eu estava fazendo tudo errado. Que eu e a garota podíamos ser bons amigos ou até um pouco mais. – Bobby riu.

– Ainda não entendi Bobby. Aonde você quer chegar? – A pergunta do mágico desta vez tinha um pequeno “quê” de irritação.

– Presto, Eric pode ser um idiota, mas ele entende as mulheres. – A cara do mágico fechou. – “O que ele queria dizer com “mulheres”?” – Nesse momento a conversa ficou toda esquisita para Presto. Ele resolveu deixar Bobby concluir. Não estava entendendo o discurso de um garoto de doze anos.

– Eric me chamou num canto e falou: “Você está fazendo tudo errado Bobby. Você tem que conversar com a menina na linguagem dela.” E me deu uns conselhos. Eu nunca mais briguei com a menina!

– Então você acha... – O rosto de Presto iluminou-se ao falar essas palavras.

– Você não está sabendo falar a linguagem do seu chapéu. Tem horas que ele consegue te entender, mas pelo jeito nem

sempre. – Concluiu o bárbaro.

Ao ver o grupo de morzorks entrar, o coração de Eric gelou. Ele não tinha muitas recordações da luta, mas as sequelas deixadas até ser curado ainda doíam na sua mente quando lembrava. Eles chegaram arrastando as caudas, com aquele jeito sonolento de andar. À frente do grupo estavam Largerk e Senkar caminhando logo atrás. Ao ver seu algoz, Eric cerrou os punhos com força e trincou os dentes até que uma câimbra irradiasse da sua boca e percorresse todo o seu corpo. A vontade que tinha era de sair da carroça e buscar a revanche. Os morzorks pararam e apenas Largerk continuou a andar até chegar perto do Vingador. Eles ficaram conversando. Enquanto isso Senkar descobriu Eric na carroça. Monotonamente foi andando em sua direção até ficar bem perto para ser ouvido.

– Você só está vivo porque é um covarde e fugiu para que eu não arrancasse sua vida. – Ao terminar essas palavras virou-se calmamente e retornou à sua posição.

Eric queria morrer. Ele nunca tinha recuado em um confronto. Seja numa quadra, num campo, num ringue ou nas lutas depois da aula aonde chegou a enfrentar quatro garotos de uma vez. Ele tinha consciência que naquela vez se não recuasse estaria morto. Mas as palavras de Senkar feriram seu coração como mil lâminas. Jamais imaginou ser chamado um dia de covarde. Como nunca tinha feito antes, Eric ficou paralisado, impassível sentindo sua dor lhe corroer por dentro. Ele tinha plena consciência que fora uma luta injusta, mas achava que isso não era motivo suficiente.

– Foi ele que você enfrentou? – Perguntou a voz invisível.

– Sim, foi ele. – Respondeu laconicamente o cavaleiro.

– Presto falou que você ficou pequenino perto dele. – disse novamente a voz de Sheila.

– Sim, fiquei. Muito pequeno. Como nunca tinha acontecido antes. – Eric tentava controlar sua imagem. Ele buscava forças para aparentar que não estava abalado.

– Você lutou contra um ser mágico sem sua arma mágica Eric. Foi desleal da parte dele. Eu vi você em combate usando

somente as mãos. Se fosse uma luta de igual para igual eu tenho certeza que teria vencido. – Sheila tentava recompor a confiança do cavaleiro. Dois anos lhe ensinaram os caminhos certos. Mas hoje parecia não estar funcionando.

– Eu sei Sheila, eu sei... – limitou-se a dizer o cavaleiro.

Ele escorregou pelo chão da carroça e virou-se para o lado contrário da voz. Já estava anoitecendo e ele fingiu dormir. A vergonha estava entranhada no seu corpo e o sono demoraria a chegar enquanto tentava esvaziar sua mente. Vendo a fragilidade do ex-namorado, Sheila não aguentou. Foi a sua vez de abraçá-lo e confortá-lo. Ao deitar-se com ele, fez com que sentisse o seu calor afugentando o frio da angústia que circulava pelo seu corpo.

Do alto do castelo, Hank e Diana observavam as três diferentes tropas prepararem-se para se recolher. Enquanto os gouyandes armaram barracas, os gronks soltaram os pesados corpos e limitaram-se a dormir no chão. Os morzorks usavam pequenas almofadas para deitar o corpo em cima. Cada tropa formou um grupo homogêneo e separado. Em pouco tempo o silêncio imperava. Apenas um bater de asas foi ouvido e os dois jovens viram o cavalo alado do Vingador buscar aconchego no alto do castelo quase do lado deles.

Eles tiveram que retesar todos os músculos e controlar a respiração. Ambos sabiam de como os sentidos dos animais eram aguçados. Se por um lado o pégaso negro tinha facilitado em muito a vida de Diana que não precisaria se esgueirar por entre as tropas até chegar perto do animal, do alto um sinal de distúrbio enviado por ele seria visto por todo o pátio.

Ao contrário do que esperavam o animal não ia descansar. Ele parecia montar guarda. Como um soldado, fazia o perímetro da parede do castelo que dava para o penhasco. Compassadamente ele ia andando vagorosamente e observando as encostas. O momento parecia ter sido combinado com os dois guerreiros.

– Acha que volta antes do amanhecer? – Perguntou Hank.

– Volto sim. – Respondeu Diana abrindo um leve sorriso ao sussurrar a resposta. – Trate de resgatar o Eric e a Uni quando o

sol estiver levantando.

– Pode deixar! – Disse o cavaleiro. – Pronta?

Diana não respondeu. Apenas pegou o chicote na cintura e o desenrolou calmamente. Só então ela se levantou e começou a correr em direção ao corcel. Estava tão rápida que seus pés tocavam muito levemente o solo a ponto de não fazer barulho. A poucos metros do seu alvo, girou o chicote no ar e o arremessou.

O pégaso simplesmente sentiu algo enrolar no seu pescoço e queimar. Ele tentou soltar um relincho, mas a pressão na sua garganta o impediu. Ele não conseguia respirar. Seu instinto o fez levantar as pernas dianteiras. Nesse momento sentiu algo pulando e agarrando seu pescoço. Ele perdeu o equilíbrio e caiu do alto do castelo em direção ao despenhadeiro.

Por reflexo abriu as asas para se salvar. Enquanto começava a estabelecer seu equilíbrio no ar, constatou que estava sendo montado. A corda que queimava seu pescoço foi sentida novamente ao passar por sua boca, fazendo com que tivesse seus movimentos limitados. Sem ser o dono das direções a tomar, o imponente animal só tinha a opção de explorar as alturas, variando velocidade e posição no intuito de se livrar do incômodo passageiro. Ele saracoteava seu corpo ondulando de forma que a montadora inoportuna perdesse o equilíbrio e vazasse pelo céu em direção ao solo.

Diana tentava segurar firme no cavalo alado. Ao caírem do castelo, sua primeira preocupação foi firmar as pernas. A tarefa foi facilitada pelas asas que davam um apoio não existente nos equinos normais. Ela dobrou os joelhos apertando as coxas contra o corpo do animal enquanto buscava apoio logo abaixo das asas. Desse jeito o pégaso poderia pular a vontade que não conseguiria derrubá-la. Depois preocupou-se em ter o controle. Seu chicote já estava firme no grande pescoço. Aproveitando do susto que o bicho tinha tomando ela lançou a parte livre da tira de couro que passou pela boca. Era questão de tempo até domar e assumir o controle total. Todas essas operações duraram alguns segundos e sem se preocupar com a aceleração da gravidade puxou a rédea improvisada e o animal subiu.

O que se viu a seguir foi uma série de acrobacias visando derrubar a corajosa acrobata. Mesmo perdendo o fôlego algumas vezes, ela se segurou para enfrentar a montanha-russa imaginária que o corcel desenhava no ar. Quando sentia que o animal subia demais, apertava seu pescoço para consumir-lhe o oxigênio e fazer com que diminuísse o ritmo. Durante a condução, ela procurava afastar-se o máximo possível do castelo para evitar chamar a atenção. O plano traçado por Hank necessitava do elemento surpresa e o plano B envolvia um combate corpo a corpo que já tinha se mostrado ineficiente.

No compasso que afastavam do castelo e Diana persistia firme no dorso alado, as reações começaram a diminuir. O animal mostrava sinais de cansaço e estabeleceu uma velocidade de cruzeiro. A acrobata pode enfim respirar com calma, mas sem relaxar. Sabia que se desse algum sinal de desatenção seu destino seria descer em queda livre. Ela puxou a rédea e tomou o rumo da grande floresta.

Abaixo podia ver o rio dando voltas por toda a vegetação. Em pouco tempo surgiu a savana. Diana assustou com o que viu a ponto de quase perder o equilíbrio e cair no vazio. Ela vislumbrou no solo o desenho do bracelete tatuado a fogo no seu braço. Os signos no solo eram enormes, feitos de pedra que contrastavam com o resto da vegetação rasteira. Ela agarrou-se firmemente no corcel reequilibrando após o susto e forçou o animal a dar uma volta descendo em direção à representação pétrea de sua tatuagem. Quando estava bem próxima ficou abobada com o tamanho: Ela elevava-se a quase 4 metros de altura do solo, reproduzindo em detalhes seu bracelete. Ao contrário da joia, a rocha era negra, lisa e sem nenhuma imperfeição. Uma pessoa poderia se perder dentro dos seus espirais. Aquela imagem impressionou Diana. Ela puxou o chicote que fazia a função de rédea e ganhou altura. Os dois espirais não saíam da sua cabeça. Distraída que ficou nem notou que já sobrevoava um lago. Apesar do contratempo, Diana já tinha pegado o jeito de conduzir a montaria do Vingador, resignada com a situação. Começaram a voar em comunhão. Após cruzar toda a extensão de água, passaram

pelo pântano e a acrobata começou a sentir o frio na sua pele. A paisagem branca surgiu e seu corpo começou a arrepiar. Um vento frio cortava as partes nuas e desprotegidas pela pequena roupa que usava. Ela contraiu todos os músculos tentando amenizar a dor causada pelo frio. Não via – a hora de sair daquele local e com a neve branca, sem grandes referências geográficas, ficava com a impressão que estavam indo mais devagar. O único parâmetro que tinha era o vulcão que mesmo a noite destacava na paisagem. Parecia ter uma iluminação própria, refletindo os milhares de cristais de gelo do seu revestimento. Diana estabeleceu a rota em direção à cratera.

Com a aproximação o cavalo alado começou a relinchar. Era como se tentasse dar um aviso a Diana. Parecia com medo. O equino arfava, balançava a cabeça como que quisesse sugerir outra rota.

Ela tinha executado a primeira parte do seu plano: chegar até os domínios de Tiamat. Agora teria que improvisar para obter a atenção do dragão e enraivecê-lo a ponto que a perseguisse até o castelo germânico.

Hank esperou o silêncio total reinar no castelo. Era hora de se esgueirar até chegar na prisão de Eric. Ele desceu do telhado e andando calmamente pela via formada entre as diferentes tropas chegou até onde o amigo dormia. Uni notou sua presença e quase o denunciou. Com um gesto do arqueiro a unicórnio ficou quieta.

– Eric, Eric. – disse Hank bem baixinho. O cavaleiro estava imóvel. Como sabia do sono pesado do amigo Hank resolveu dar um cutucão. Pegou seu arco e por entre as grades da carroça colocou-o em direção do cavaleiro. Mas achou que tinha calculado mal. Antes de ver o arco chegar até o grande braço de Eric, já sentiu seu artefato encontrar um obstáculo. Seu coração tremeu. Ele viu o cavaleiro ser balançado de leve e ouviu uma voz conhecida.

– Eric, Hank está aqui.

O arqueiro não sabia o que fazer ou falar. Mesmo invisível o ato de Sheila foi denunciado. Ela estava abraçada com Eric.

Primeiro se arrependeu de ter descoberto. Depois tentou buscar uma explicação. Olhando para Eric que ainda estava saindo do sono, viu Sheila se materializar ao lado do ex-namorado. Ele procurou não buscar seus olhos, pois sua expressão de desapontamento iria encontrá-la. Preferiu guardar o sentimento para si.

Eric abriu os olhos e sorriu ao ver Hank, mas não teve o mesmo de volta. Nesse momento o arqueiro olhou para Sheila que abaixou os olhos, envergonhada com a situação.

– Vocês estão bem? – Perguntou Hank querendo demonstrar que não foi afetado.

– Sim, tudo bem. Tirando os solavancos e a péssima comida, a viagem foi boa dentro do possível. – Respondeu Eric tranquilo sem saber do ocorrido.

– Você e Uni não podem sair ainda. Se alguém descobrir que escaparam o sinal vai ser dado e não poderemos voltar. – Disse o arqueiro.

– Voltar para onde? – Perguntou Eric.

– Para casa! – Explicou Hank laconicamente.

A esperança voltou ao rosto do cavaleiro. Ele abriu um largo sorriso e sentiu a esperança circular por seu corpo. Olhou para Sheila, mas ela desviou o rosto. Era tudo que ele queria ouvir. Voltar a fazer refeições com talheres, comer macarrão, assistir televisão, ligar do celular e principalmente entrar na quadra de basquete.

– Mas como? Se for pelo portal da caverna esqueça. O Vingador conseguiu destruí-lo.

– Não Eric, não é pelo portal. Vamos embora do mesmo jeito que Trevor foi.

Quando disse essas palavras Eric e Sheila olharam para o céu. Lá estava o imenso buraco negro por onde chegaram. De qualquer lugar do Reino ele era visível, como se fosse o centro geográfico daquele lugar.

– Presto conseguiu tirar uma espaçonave da cartola? – Riu o cavaleiro da própria piadinha. Dessa vez Hank riu de volta.

– Vai ser muito complicado para te explicar Eric. Mas vamos dizer que voltaremos num balão. – E deu outro sorriso. – Estamos preparando tudo.

– Como vou saber a hora de sair daqui?

– Sheila vai vir comigo. Ela trará seu escudo e você só vai ter que chegar até aquela torre. – Hank apontou para a torre que ficava a poucos metros de onde a carroça estava. Mesmo lutando Eric já tinha demonstrado que não teria dificuldades para vencer a distância rapidamente. – Eu dispararei uma flecha para o alto da torre. Esse será o sinal.

– Eu chego na torre e o que faço? – Disse Eric curioso.

– Somente entre na torre. – Disse Hank misterioso.

– E onde tem porta nessa torre que não vi? – Perguntou novamente.

– Você vai ver. – O arqueiro riu. Eric coçou a cabeça. Hank chamou Sheila para poder lhe acompanhar e preparar a outra parte do plano.

A ruiva saiu da cela sobre rodas e deu a mão para o arqueiro que lhe pedia já andando com seu braço esticado no ar. Hank estava silencioso. Não lhe deu um abraço nem um beijo ao revê-la. O telegrama que seus atos passaram era claro. Sua mão fazia força suficiente apenas para Eric ver os dois juntos. Sheila sentiu um aperto no coração.

– Hank, preciso lhe falar. Não aconteceu nada. Apenas o Eric...

– Agora não é hora para conversarmos sobre isso. Precisamos de silêncio para não acordar nenhum soldado. – Murmurou ríspidamente o arqueiro. Eles fizeram o caminho de volta e desceram para encontrar Presto e Bobby.

Largerk adentrou a sala onde estava a estátua de Letizia. Ao lado, sentado em uma grande cadeira de madeira entalhada como se fosse um trono, estava o Vingador. A sua direita flutuando, a criatura das trevas. O morzork ajoelhou perante a criatura de feições malignas.



– Mestre, está tudo preparado conforme vossas instruções. – Disse o morzork de cabeça baixa sem coragem de fitar os olhos do Vingador.

– Espero que desta vez você tenha seguido minhas instruções a risca. Não fiquei satisfeito de ter deixado três dos portadores escaparem tão facilmente. – Respondeu.

– Mestre, nós não esperávamos o ataque do mágico. Você disse que ele ainda não sabia como manipular a arma. Eu perdi cinquenta guerreiros transformados em cinza. – Tentou justificar Largerk.

– Se não fosse a compulsão do seu povo por divertir-se com lutas, eles deveriam ser aprisionados assim que chegassem na Grande Cidade. Mas você não agiu como um verdadeiro líder. Cedeu às tentações para se fazer popular. O que acha que te mantém no poder Largerk? Aquele seu cirquinho onde você sacrifica criaturas que não tem a mínima chance de se defender? – O Vingador estava furioso. O gosto dos morzorks pelo circo quase romano fez com que tivesse muitas perdas na última batalha.

Largerk não se atreveu a responder. Além de saber que o Vingador estava coberto de razão, ele era conhecido por não ter nenhuma piedade com quem cometia erros. O líder dos gronks presente na sala tinha assumido logo após o erro cometido pelo seu antecessor no encontro com os meninos. O Vingador pulverizou-o por tentar se justificar ao perder toda uma tropa numa batalha dada como ganha. Os garotos eram recém-chegados ao Reino e não dominavam o poder das suas armas. Agora eram perigosos e o Vingador percebeu durante o último encontro como os gouyandes sofreram com a perícia dos guerreiros.

– Mas amanhã tudo vai voltar ao normal. Eu terei as armas do poder e você poderá levar os seis para a Grande Cidade. – E afagando a estátua ao seu lado continuou: – Ou talvez ele resolva arrumar companhia para doce Letizia. Olhe do que o mal é capaz.

Essas palavras fizeram o morzork tremer. Quando terminou de falar levantou do trono e caminhou até a parede ao fundo da sala. Falando numa linguagem incompreensível para as outras criaturas presentes ele esticou os braços e levantou as mãos acima da sua cabeça. Uma luz surgiu. E levando os braços a frente, como se desenhasse com ambos o contorno simétrico de um quadrado, fez surgir o portal que estava no túnel da cachoeira. Como uma tela touchscreen, ele redimensionou a passagem, que ficou suspensa no ar.

Largerk ficou impressionado não sabia o que falar.

– Mas o que, o que é isso mestre?

O Vingador riu da ignorância do morzork. Perguntou-se mentalmente como tinha escolhido aquele serzinho para ser o líder. E mordendo os lábios inferiores começou a explicar.

– Esse é um portal falso que coloquei no túnel para capturar os portadores. Ele mostra os nossos maiores desejos, mas quem entra no portal fica preso na minha magia. Eu achei que eles iam tentar fugir por aqui, mas não contei com a estupidez do cavaleiro em ficar e tentar lutar. Talvez se ele tivesse ficado junto dos amigos, provavelmente todos estariam cativos a essa hora.

Um sorriso sinistro apareceu no rosto do morzork. Agora ele entendia as intenções do seu mestre.

– Os outros guerreiros já estão no castelo e acham que não sabemos disso. – Ao terminar de falar olhou para a criatura negra que boiava no ar. – Em breve tentarão salvar o cavaleiro e fugir para essa sala. Antes que cheguem, os exércitos escondidos no castelo tratarão de capturá-los. – Completou com um sorriso no canto da boca.

– Por isso que trouxe essa quantidade de combatentes? – Perguntou Largerk.

– Sim, foi por isso. Eu sabia que os guerreiros chegariam antes de nós aqui e observariam tudo que fizéssemos. Se eu posicionasse poucos soldados revelaria minhas intenções. Com a chegada de vários grupos eles não vão conseguir avaliar quantos são e dificilmente vão notar que as tropas reunidas no pátio são apenas a metade do que lhes esperam.

Largerk abriu ainda mais o sorriso. Só nesse momento ele entendeu a ordem para se deslocar até os antigos domínios de Letizia. Sem noção do número que iriam enfrentar e onde estariam posicionados eles cairiam na armadilha do Vingador. Em breve sua arena receberia mais contendores.

– Amanhã cedo traga o pequeno unicórnio para cá. Ele vai ser a isca do portal. Só desse jeito ele tem alguma utilidade. – Assim que terminou de dar suas ordens os três líderes saíram e o Vingador recolheu aos seus aposentos para dormir.

26. O MECÂNICO

H

ank e Sheila chegaram ao zepelim. Presto e Bobby estavam dormindo dentro do primeiro compartimento. Hank os acordou. O garoto fez a maior festa ao ver que sua irmã estava sã e salva.

– Sheila! Está tudo bem com você? O que aconteceu?

A irmã relatou todos os fatos desde que o teto da caverna se rompeu. Como tentou salvar Uni, a viagem de volta e a chegada ao castelo. Bobby estava feliz por estarem juntos novamente. Ele olhou para Hank como que pedisse desculpas. O arqueiro lhe sorriu. Então foi a vez do garoto contar a aventura da escalada e como enfrentaram a gigantesca cobra nos calabouços do castelo. Sheila ficou apavorada quando Bobby contou como matou a serpente.

E agora o que faremos? – Perguntou Sheila.

Hank olhou para Presto. Não adiantava nada seu plano de resgatar Eric funcionar se não conseguissem fazer o zepelim alçar voo.

Diana estava quase em cima do vulcão. Seu plano era entrar na cratera e começar a voar bem perto para atrair a atenção de Tiamat. Provavelmente o dragão reconheceria a montaria do Vingador e enfrentaria aquele que ousou invadir seus domínios. O portentoso corcel negro já havia se resignado. Nas poucas tentativas que fez de se livrar da acrobata sentiu o couro lhe queimar o pescoço. Para ele era inútil resistir apesar de saber o que lhe aguardava. O primeiro sol já ia raiando quando os dois fizeram o primeiro mergulho na boca do vulcão e subiram rapidamente. Não

precisaram da segunda manobra. O dragão de cinco cabeças não devia dormir. Enquanto ganhavam altitude, Diana pôde sentir o bafo quente do dragão mandando suas labaredas enquanto começava a perseguição. Agora ela teria que convencê-lo a percorrer todo o percurso até os domínios de Letizia. Ela começou a descrever giros e caminhos insensatos no céu na esperança de provocar o dragão e ele querer se vingar do intruso impertinente.

Tiamat parecia furioso. Ele atacava com todas as suas cabeças variando a maneira de infligir danos àquele que perturbou seu descanso. E Diana riu sozinha ao pensar que poderia ter atrapalhado cinco sonhos diferentes. O dragão seguia suas piruetas e soltava rugidos ensurdecedores. O cavalo do Vingador batia suas asas desesperadamente, pois sabia de confrontos anteriores que não haveria perdão se fossem vencidos. Ele obedecia ao comando de Diana com precisão. Agora os dois eram um só organismo trabalhando para sobreviver. Ao ver que Tiamat não perdoaria sua insolência, Diana tomou o rumo do castelo programando os desvios e piruetas para chegar assim que o sol raiasse, conforme combinado com Hank. As paisagens de gelo foram ficando para trás. A neve começou a transformar-se em aridez, e o frio que agredia o corpo da acrobata cedeu lugar ao calor. O segundo sol começou a despontar avisando que o imenso sol azul viria em seguida. A nova situação dobrou os ânimos da garota que mesmo sem dormir aquela noite, sentia revigorada e pronta para os desafios que viriam a seguir. Entre mergulhos e rasantes na terra, ela seguiu firme com o dragão no seu encalço, inconformado com a falta de respeito da dupla a sua frente. O pégaso continuava na luta pela sua vida. Em pouco tempo Diana avistou o castelo, não estava longe. Seu plano tinha dado certo.

Tiamat batia suas asas raivosamente, sua cabeça do meio mandava enervados sopros de fogo que obrigavam o corcel alado a rodopiar para desviar dos seus ataques. Mais curioso do que nervoso, ele queria saber quem era aquele ser idiota o suficiente para tentar sair ileso dos seus domínios. Desde que ocorreu a cisão, nenhuma outra raça ousou entrar, quanto mais voar no seu território. Mais que uma questão de honra, era uma questão de

sobrevivência tratar o intruso como exemplo. Ele visualizava o castelo de Letizia ao fundo e se perguntava qual a intenção do ser a sua frente. Levá-lo para uma armadilha seria um ato de alguém que não conhecia o Reino. Então se lembrou dos portadores das armas do poder que combatera há pouco tempo. Eles poderiam ser ingênuos o bastante para querer enfrentá-lo. Sentiu graça na possível atitude e preparou-se para o encontro.

– Presto, nós estamos em suas mãos. – Disse o arqueiro. O mágico olhou para baixo. Não sabia ainda a resposta, apesar de Bobby ter lhe mostrado um caminho.

– Hank, ainda não sei o que posso fazer. E seu eu não conseguir? Qual é a nossa alternativa? – Perguntou o mágico tentando se livrar da responsabilidade.

– Não existe plano B Presto. Nossa alternativa seria tentar escapar do castelo pelos túneis subterrâneos. E quando chegássemos às escarpas ficaríamos vulneráveis na descida. – Falou Hank num tom bem sério.

– Presto, eu tenho certeza que você consegue. Pense no que conversamos. – As entusiasmadas palavras do bárbaro não animaram o mágico. Ele olhava para o chapéu como quem olha para um livro escrito em aramaico antigo. Ele sabia do potencial, do que conseguiu fazer, mas não imaginava como ter o controle absoluto da arma. Ele estava desorientado.

– Presto! Você tem que entender que estamos em outro mundo. Aqui não dá para a gente brincar! Nossas vidas estão em jogo! – O tom das palavras de Hank estava alterado. Ele já não suportava o comportamento passivo do mágico.

Os gritos de Hank pareceram acordar Presto. Ele olhou para o arqueiro totalmente insatisfeito com a forma que ele falou. Quando começou a processar as palavras ríspidas de Hank seus olhos brilharam. Seu cérebro entendeu o recado que Bobby tentara lhe passar e que Hank esclarecera.

Nesse momento eles ouviram o rufar de asas. Diana tinha acabado de voltar com a senha para começar a segunda parte do

plano. Não havia mais tempo a perder. Hank, Sheila e Bobby tinham que subir para dar cobertura a acrobata e ainda resgatar Eric.

– Hank, pode esperar que eu aparecerei no momento combinado. Mas preciso ficar sozinho. Não posso ter pressão para colocar esse dirigível no céu. – Disse o mágico com firmeza.

– Tem certeza Presto? – Perguntou Hank.

– Nunca tive tanta certeza na vida. Podem contar que vamos embora.

Bobby abraçou Presto. Sheila fez o mesmo. Ele abriu o chapéu e tirou o escudo de Eric e a espada gronk que usara.

– Entreguem ao Eric por mim. Ele vai precisar. – Disse o mágico.

Sheila colocou a espada na cintura e passou o escudo no braço. O trio desceu da nave e se dirigiu para cima. Era hora de ir embora.

Somente quando o maior sol do Reino se levantava era que o dia começava. Nesse momento a sua luz azul tomava toda sua extensão. Era o momento que os animais largavam suas tocas e os habitantes começavam suas atividades rotineiras.

Diana chegou ao castelo junto com a manhã. Tiamat ainda estava no seu encalço. Ela direcionou o cavalo alado para baixo. Essa missão estava perto de terminar. Ela afrouxou o chicote do pescoço do animal e quando se viu livre do objeto que atrapalhava sua respiração, ele rodopiou atirando a acrobata ao ar. Liberto, ele desceu para o castelo procurando abrigo contra o dragão.

Diana caiu no vazio. Era exatamente o que queria. Deixar que Tiamat pensasse que o corcel tinha se livrado dela. Quando na sua queda aproximou-se da torre lançou mais uma vez sua arma que ao tocar o topo da construção, concedeu um ponto de apoio para a acrobata desacelerar num pendulo, caindo na parte mais alta do castelo.

No chão os primeiros soldados assistiram a ousada manobra. Eles abriram espaço para o pégaso negro aterrissar e se desesperaram na hora que Tiamat fez seu primeiro voo sobre suas cabeças. O sinal de alerta foi dado. Na segunda manobra o dragão

jorrou seu fogo, queimando quem estava no seu alcance. Os três exércitos prepararam para se defender. Os arqueiros começaram a atirar flechas para o alto tentando afastar Tiamat. Outros armavam máquinas que mandavam ao céu grandes lanças. Quando o dragão voltou para novo ataque, ele foi recebido pelas baterias anti-áreas improvisadas. A confusão se formou. Da janela do aposento, o Vingador recém-acordado, assistia a chegada da indesejada criatura. Não tinha previsto nenhum cenário onde teria que dividir suas tropas para o combate. E ele mesmo sabia que nenhum soldado morzork, gouyande ou gronk conseguiria enfrentar Tiamat. Aquela era uma tarefa para ele. Nenhum outro ser no Reino reuniria condições para combater o dragão. Mesmo sabendo que seu rival era muito poderoso e nunca tinha levado vantagem em nenhum dos seus encontros, ele chamou seu corcel na janela e subindo no animal foi para os céus enfrentar o dragão. Apesar de ter voado a noite toda e estar muito cansado o pobre cavalo alado reuniu suas últimas forças para o embate.

Presto assistiu seus colegas saírem do zepelim. Agora ele estava somente na companhia dos seus pensamentos. Resolveu descer. Do lado de fora da nave, ele deitou no chão e ficou observando a imensa estrutura. Na sua mente estava todo o mecanismo para colocar nos ares o veículo que os levariam para casa. Faltava executar. Presto ficou nessa posição por mais de meia hora. Apenas olhando para a esfinge acima da sua cabeça. Calmamente ele levantou e entrou novamente no balão. Escalou até o compartimento central e pegou seu chapéu. Ele ficou segurando e lembrando cada vez que o utilizou. Cada evento que deu certo e os que falharam. Começou a tentar estabelecer um denominador comum entre cada grupo. Pensou nas vezes que não verbalizou. O raio que destruiu os morzorks e os portões da Grande Cidade, a materialização das pedras negras.

Nesse momento olhou para as oito peças que estava ao seu lado. Ele girou o dedo e fez com que apenas uma seguisse a direção imposta pelo seu indicador. Com habilidade ele fez o projétil andar pela estrutura sem afetá-la. Parecia um jogo de Wii. Presto não

pensava, apenas agia. Com a outra mão ele levantou o grupo restante e as atirou nas mais variadas direções. Elas passavam de um lado para o outro sob o seu comando, sem encostar uma nas outras ou tocar na delicada estrutura do zepelim. O balé conduzido pelo mágico era perfeito, a soma mais pura de sincronia e sinergia. O videogame mágico começou a ser comandado apenas por seus olhos. As pupilas em conjunto indicavam a direção.

Presto pegou o chapéu e enfiou a mão o mais fundo que pode. Seu braço desapareceu. Nesse momento chamou as oito pedras para perto de si. Alinhadas à sua frente elas caíram quando piscou os olhos. Seu campo de visão voltou-se para a massa de luz que tirou de dentro do seu artefato que antes insistia em não colaborar. Ele esticou a mão direita e assistiu a bola de luz flutuar a alguns centímetros de sua palma. O mágico sorriu e colocou o chapéu de volta a cabeça.

Ele pegou o globo de energia e o fechou entre suas palmas. Quando separou suas mãos, havia um orbe em cada uma a faiscar. Com a mão direita, Presto jogou a pequena esfera cintilante para cima e fez seu indicador girar como que a controlasse. Ela foi crescendo, e seu tamanho variou de uma laranja para uma imensa bola de basquete. Depois ela triplicou de tamanho. Quando a libertou do controle do seu dedo mágico, o globo flutuou pela estrutura do zepelim.

Presto sorriu de novo. Sem pensar em como fazer, ele voltou a dividir a energia que estava na sua mão esquerda e a repetir os movimentos. A parede lateral que estava voltada para cima ficou repleta em pouco tempo das bolas flutuantes de Presto que insistia na multiplicação. Agora ele deixava a massa original flutuar na sua frente e com cada mão, puxava uma laranja de energia para cada lado duplicando a produção. Em pouco tempo ele teve que abandonar o segmento central. Aquele lugar estava lotado com bolhas encantadas que produziu com a ajuda do seu chapéu.

O mágico desceu do dirigível. As amarras que estavam prendendo-o já davam sinais de não aguentar a força que o zepelim fazia para tentar flutuar. Presto examinava o resultado do seu trabalho. Ele sorriu confiante. Tinha começado a desvendar o

segredo da sua arma do poder. Agora faltava fazer os motores funcionarem. De nada adiantariam estar nos céus se não conseguisse controlar a imensa aeronave. Ele pegou seu chapéu e tocou a estrutura externa, de olhos fechados concentrou-se. Uma fina névoa brilhante saiu da sua mão e começou a envolver o zepelim. Em minutos ele pôde ouvir a partida dos motores que estiveram estáticos por muitos séculos. O próximo som que ouviu foi dos cabos se partindo e as vigas caindo. Ele só teve tempo de entrar na cabine de comando e equilibrar-se no painel de controle, posição na qual ficaria até que o zepelim pudesse voltar para sua posição horizontal.

Diana dobrou os joelhos para amortecer a queda. Ela estava de volta ao telhado. Quando ficou de pé notou Hank, Bobby e Sheila aproximarem-se.

– Agora não tem volta. Os guardas já estão alertados. – Disse a acrobata.

– Temos que buscar Eric, Uni e esperar pelo sinal de Presto. – Falou Hank.

Nesse momento eles viram o Vingador ganhar o céu montado no exausto corcel negro. Ele descreveu um grande círculo no ar e entrou em rota de colisão com Tiamat. Como se fossem duas aeronaves disputando uma justa, traçaram uma reta para se baterem. A boca central de Tiamat jorrou fogo contra seu oponente que lhe respondeu com uma coluna de energia. As duas forças se encontraram no meio do caminho criando uma explosão. A onda gerada foi sentida por todos no solo. Os dois rivais passaram rente um do outro e fazendo a trajetória de um novo círculo, voltaram para mais um embate. Aquela sequência de combates estaria longe de terminar. O plano de Hank deu certo.

– Acha que Eric consegue passar pela horda até o zepelim, ou devemos ir buscá-lo? – Perguntou Diana.

– Protegido pelo escudo e com a espada de Presto acho que ele consegue. – Disse Hank. – O mais prudente é ficarmos aqui desviando a atenção enquanto ele se aproxima.

– E quem vai buscar a Uni? – Perguntou Bobby.

– Pode deixar Bobby. Eu levo a Uni para o zepelim. – Disse Sheila tranquilizando o irmão.

Eles sentiram mais um efeito da luta entre o Vingador e Tiamat. Agora os dois tinham subido muito alto e mergulhavam rapidamente para mais um confronto.

Sheila colocou seu capuz e sumiu na frente dos amigos. Era sua a função levar as armas para Eric e trazer Uni. Os que ficaram posicionaram-se na beirada do teto para começar a atacar o agora apavorado exército do Vingador.

Hank esticou a corda imaginária até uma flecha se formar na sua mão. Depois afrouxou mantendo a arma carregada. Fez o movimento novamente e uma segunda flecha apareceu. Ele repetiu essa sequência mais três vezes. De posse de cinco setas mirou nos soldados mais próximos do castelo e disparou. As faixas brilhantes trespassaram vários corpos que caíram abrindo um espaço entre as tropas. Bobby e Diana pularam imediatamente ocupando o lugar. O bárbaro mal tocou o chão e já partiu para cima de qualquer coisa que se movesse na sua frente. Ele girou o tacape esmagando crânios de morzorks inutilmente protegidos por capacetes. As pequenas criaturas não tinham tempo de se transmutar e eram abatidas em grupos de três, quatro ou cinco a cada golpe desferido pelo menino. Ele gritava furiosamente ampliando os limites definidos inicialmente por Hank. Diana não era diferente, usando seu chicote bem curto ela acertava gronks e gouyandes que se misturavam ao tentar chegar perto da acrobata. Novamente ela levava vantagem ao permitir a aproximação dos seus inimigos somente o suficiente para tomar uma lambada mortal. Rostos eram marcados pela tira de couro que lhes tirava a vida num chibatear. Do alto Hank dava cobertura. Ia eliminando os soldados que tentavam se aproximar pelos flancos dos amigos, deixando-lhes a vontade para avançar promovendo um grande estrago nas tropas adversárias. Suas flechas assobiavam pelo pátio da fortificação indo de encontro às tropas que ouviam o silvo mortal chegando para ceifar suas vidas.

– Hora do show! – Com essas palavras Sheila se materializou na frente de Eric que pacientemente estava sentado assistindo a tudo. Ela deu um grande sorriso e lhe entregou o escudo e a espada gronk. Eric e Sheila desceram da carroça.

– Onde está Uni? – Indagou a ruiva.

– Dentro do castelo, foi levada para os aposentos do Vingador. – Disse o cavaleiro.

– Como você sabe? – continuou perguntando.

– Bem, eles acham que sou bobo. Deve ter alguma armadilha lá. Por isso me falaram. Só que acho que o Vingador não contava com a visita de Tiamat. – Eric disse essas palavras olhando para o céu. No alto do firmamento os dois contendores alados continuavam a medir o seu poderio mágico. Um querendo subjugar o outro, mas sem sucesso até aquele momento.

– Eu vou buscar Uni. – Disse Sheila.

– De jeito nenhum que você vai sozinha. – Retrucou Eric.

– Eric, eu posso ficar invisível. Eles nem vão notar que entrei.

– Sheila é uma armadilha. Você pode entrar, mas eles estão preparados para não te deixar sair.

– O quê que você quer que eu faça então Eric? – Perguntou Sheila meio preocupada.

– Eu vou buscar Uni. – Disse o cavaleiro.

– Então vou com você. – Falou a garota.

– De forma alguma! – Respondeu Eric. – É muito perigoso. Não vou deixar você se expor.

– Você nem sabe onde fica o salão do Vingador! Eu já estive lá. – Tentou ponderar a ruiva. Com esse argumento Eric teve que ceder. Ele assentiu com a cabeça.

– Te encontro depois do portão. – Falou a garota colocando o capuz e sumindo.

Eric esticou a espada a sua frente e conferiu seu fio num olhar. Naquele momento quase todos os soldados ou olhavam para o céu tentando acertar Tiamat ou estavam procurando a vez de encontrar a fúria dos amigos. Ele aproveitou dessa momentânea vantagem e partiu para cima dos inimigos girando o presente de

Presto, cortando gargantas e pernas. Para cada golpe descendente vinha um ascendente na volta. Ele aparava com o escudo as tentativas de ataque e fazia das duas peças em suas mãos instrumentos para abrir caminho até o portão que dava entrada ao castelo. Quando girava seu corpo, alternava os movimentos e se deslocava entre os gouyandes e gronks. Quando um morzork estava ao seu alcance, a força com que desferia o golpe dobrava, impulsionada pela raiva que sentia do povo que quase o matou. Foram necessários apenas alguns minutos para que ele atravessasse o portão.

Nesse momento Sheila ficou visível aos seus olhos. Eles trocaram sorrisos. E o cavaleiro seguiu a garota pelos corredores. Alguns soldados vinham ao encontro dos dois e eram prontamente abatidos pelo cavaleiro com o presente do mágico. Finalmente chegaram ao salão onde estava a estátua de Letizia.

Sabendo que haveria armadilhas, Sheila entrou primeiro longe dos olhos de todos. Não havia um soldado, apenas Uni e a visão a princípio, aterrorizante do portal. Atrás do unicórnio estava a tela mostrando o parque de diversões. A garota ficou estarecida. Não sabia o que fazer. Sua intenção era correr até Uni, pegá-la e sair. Mas o portal a tentava. A ruiva tonta com a visão aguardou um pouco e foi resgatar o animalzinho. Quando se mostrou para Uni. Sentiu dois braços fortes lhe segurar.

Ao girar a cabeça para trás, viu uma grande criatura com quatros braços cercear seus movimentos. Ela conhecia o morzork transformado dos relatos de Presto. Apesar de ter a invisibilidade ao seu favor foi dominada. Gritou por Eric.

O cavaleiro ouviu o chamado da ex-namorada. Seu nome gritado bem alto, num tom apavorante. O que ele mais temia aconteceu: Era uma armadilha. Eric preparou-se para atravessar a porta.

De escudo e espada em riste ele entrou. O coquetel de imagens a sua frente era insólito. Senkar segurava Sheila e Uni estava acorrentada a estátua de uma mulher. Atrás desses elementos o portal que ele vira desaparecer na frente dos seus

olhos mostrava o caminho para casa. Apenas seu algoz estava impedindo. Um grande estrondo foi ouvido.

Senkar apesar de não esboçar nenhuma emoção, gostou quando viu Eric entrar. Era a sua chance de acabar o serviço que começara na arena. Impedido por Largerk e o Vingador de trucidar o garoto quando estava na carroça, ali longe dos olhos de todos poderia saciar sua vontade. Ele colocou rudemente Sheila no chão, caminhou até a parede onde pegou quatro espadas e partiu para cima do cavaleiro.

Eric esboçou um sorriso. Agora a surpresa não jogava mais contra ele. Mesmo vendo o imenso morzork caminhar em sua direção com quatro espadas em riste, ele sabia o que ia enfrentar. Confiava no poder do escudo e a espada gronk lhe foi muito útil no pátio. Calmamente, como quem vê o adversário adentrar seu garrafão com a bola achando que poderia enterrar para fazer uma bela cesta, ele esperou pelo ataque de Senkar.

Hank estava vendo Bobby e Diana abrirem um vasto caminho para a torre. Já não justificava mais ele ficar do alto atirando em qualquer coisa que não fossem seus amigos. Ele acabara de assistir Eric deixando um rastro de corpos e entrar no castelo. Não era o combinado. Aquilo atrapalharia seus planos. O arqueiro resolveu pular e juntar-se ao grupo que gladiava para chegar ao zepelim disfarçado. Ele passou a segurar seu arco com as duas mãos. A arma energizava-se e deixava desferir golpes mais potentes nos inimigos. Com o reforço de Hank, Bobby ia à frente abrindo caminho por entre crânios amassados, enquanto seus dois amigos defendiam os flancos. Eles chegaram perto da torre.

– Onde estão Eric e Sheila? – Perguntou Diana.

– Eu vi Eric entrar no castelo. – Respondeu Hank.

– Que diabos ele foi fazer lá dentro? – Perguntou novamente e se mostrando irritada. – Você não falou que o ponto de encontro era aqui?

– Claro que falei. Mas vai entender o Eric. Não tenho a menor idéia do que ele foi fazer lá dentro. – Rebateu Hank agora irritado com Diana.

– Ele estava com a Uni? – Perguntou Bobby enquanto massacrava outro gouyande.

Hank matou a charada então. Ele não vira Uni sair da carroça. E era muito provável que não a tinha visto depois que voltou ao telhado. Certamente Eric e Sheila seguiram atrás do unicórnio.

– Pelo jeito os dois foram atrás de Uni. – Comentou com os amigos.

Nesse momento o chão começou a tremer. Parecia o prenúncio de um terremoto. Todos no pátio sentiram aquele tremor martelar em seus corações. A primeira reação foi de olhar para baixo e acompanhar as pernas sentindo aquele movimento nervoso. Depois começaram a voltar os olhos para a torre. Ela começou a vibrar. Gronks, gouyandes e morzorks começaram a correr para se proteger dos pedaços da construção que desmoronava. O caos tomou conta do lugar da batalha. Os soldados corriam desordenadamente.

Hank e Diana tentavam desviar das pedras que caíam enquanto Bobby transformava seu tacape num taco de beisebol para afastar os tijolos e pedras que vinham em sua direção.

– Agora era a hora do Eric estar aqui nos protegendo com seu escudo! – disse Hank em tom de sarcasmo, rindo para Diana. A piadinha foi aprovada pela acrobata que sorriu de volta, melhorando o humor enquanto se desviava de mais um entulho que caía.

O desmoronamento fez aparecer o interior da torre. Uma superfície prateada surgiu. Ela tinha o exato formato da construção demolida e começou a se deslocar para cima. O movimento fez aparecer a parte escondida no chão que começou a se fragmentar engolindo os soldados que estavam mais próximos.

A parte dianteira do zepelim emergia do solo. A torre de pouco mais de trinta metros começou a ganhar tamanho ante os olhos estupefatos dos soldados inimigos. Em pouco tempo já passava dos cem metros. Ela crescia como se fosse o tronco de uma árvore que ganhava tamanho num filme acelerado. Quando parecia que não ia ter fim a elevação da torre prateada, suas formas

cilíndricas ganharam um apêndice anguloso. Nesse apêndice havia uma porta aberta onde um mágico vestido de verde aparecia sorrindo. Era a senha para tomarem posição.

Sem ter mais inimigos para enfrentar Diana calculou a distância da cabine de onde Presto fazia gestos convidando-os para entrar. Lançou o poderoso chicote na mão direita e com a outra laçou a cintura do pequeno bárbaro que bradava o tacape no ar mesmo sem ter mais oponentes. A elasticidade da tira de couro ao grudar na porta elevou os dois. Bobby ia dando um grito, divertindo-se como se estivesse num brinquedo perigoso do parque de diversões. Em segundos adentraram a porta da nave. Presto pegou Diana pela mão para lhe dar apoio. Faltava Hank. A acrobata gritou-lhe o nome chamando a atenção do arqueiro. Ele virou-se em direção do zepelim e segurou o arco nas extremidades. A arma foi colhida no meio pelo chicote que o puxou para a nave. Com o Vingador preocupado com Tiamat e os exércitos fora de combate restavam apenas esperar por Eric e Sheila. Não havia muito a fazer a não ser rezar para que aparecessem logo. Todo o dirigível estava fora do solo e ponta da nave começou a subir, reconduzindo-a a sua posição normal. Em breve iria se distanciar do castelo, tornando-se um alvo fácil para quem estivesse em terra, bem como para os dois contendores no céu que já tinham demonstrado não gostar que violassem seu espaço aéreo.

Bobby olhou para Hank. O arqueiro entendeu que os olhos do garoto pediam a irmã. O seu coração também. Hank começou a procurar pelos amigos em terra. A atitude de Eric estava comprometendo o plano cuidadosamente construído. Dificilmente eles teriam outra chance como aquela.

Sheila bateu a cabeça no chão ao ser jogada pelo morzork. Por alguns segundos sua visão escureceu. Quando voltou ela viu a imagem da grande criatura caminhar para o encontro de Eric com todas as mãos ocupadas por espadas. Seu coração disparou. O cavaleiro impassível se preparou para receber o ataque de Senkar que desceu as quatro espadas em sua direção ao mesmo tempo.

27. BOBBY

O

garoto de quase doze anos corria abraçado à bola de rúgbi. Os cabelos loiros com a longa franja desfiada virada de lado esvoaçavam enquanto ele tentava vencer a metade do campo improvisado no gramado do parque. Quando achou que ia conseguir passar a linha de touchdown imaginária, sentiu seu corpo desequilibrar e foi ao chão junto com seu marcador.

– Está vendo tampinha? – Não falei que não ia conseguir me vencer numa corrida de trinta jardas? – disse o rapaz dando a mão para o menino estendido no chão. Ele sorriu e esticou o braço. Logo estava de pé.

– Há Eric, não vale! Você roubou! Disse que ia me dar uma vantagem e saiu correndo em seguida. – Rindo, o garoto tentava justificar o acontecido.

O menino deu um passo para trás e arremessou a bola no seu contendor. Não deu tempo dele se desviar, a bola bateu na sua cabeça, quicou no gramado e foi esquecida. Os dois se abraçaram e saíram andando.

– Vamos embora que vou te pagar um lanche para ver se você cresce e dá conta de correr! – Disse brincando com o garoto.

Bobby riu. As tardes em companhia de Eric eram momentos de alegria. Ele simplesmente esquecia-se de tudo. O cunhado era muito divertido e desde que chegou à cidade revelou-se um companheiro. Nos momentos em que Sheila estava ausente seja no trabalho ou na escola nas tarefas extraclasse, o namorado se prontificava a cuidar do garoto. Ele fazia questão de esperá-lo sair da aula, levava para acompanhar os treinos de basquete ou jogar

vídeo-game na sua casa. Às vezes Sheila reclamava que Eric namorava com Bobby e não com ela. Com as devidas proporções o ciúme tinha fundamento.

Eram quase quatro horas da tarde. Sheila só saíria do trabalho às oito horas da noite e o dia de baby-sitter do namorado seria longo. Eles entraram no carro e pararam no primeiro McDonald's. Eric tratou de providenciar meia-dúzia de hambúrgueres acompanhados de uma montanha de batatas fritas para os dois. Eles ficaram comendo e fazendo guerra de comida no canto da lanchonete. O gerente foi por duas vezes chamar a atenção da dupla, apesar de intimidado pelo tamanho de Eric.

– São quase quatro... – Disse Eric tentando lembrar Bobby do seu compromisso.

– Haaaaá! – Exclamou o garoto desanimado. – Será que você não pode se esquecer disso hoje? – Suplicou para Eric.

– Você quer que sua irmã brigue comigo? Eu prefiro ficar por aqui com você a ter que te levar quase do outro lado da cidade. Mas você sabe como Sheila fica furiosa quando falta. Lembra da última vez? – Disse preocupado.

– Lembro! – Bobby riu ao falar. Eric trocara o compromisso por uma sessão de cinema e Sheila lhe deu um gelo durante toda a semana.

– Então vamos? – Falou levantando.

– Vamos. – Bobby ficou de pé, respondendo conformado.

Eles entraram no carro de Eric que dirigiu como louco para atravessar a cidade. Eles estavam perto do parque municipal e a área comercial ficava no diâmetro oposto. Chegaram cinco minutos adiantados. Um recorde.

– Eu vou ficar te esperando no estacionamento. – Eric pronunciou essas palavras e reclinou o banco do carro preparando-se para cochilar.

Bobby desceu. Deu um suspiro e olhou o prédio a sua frente. Ele atravessou com passos pesados o pátio onde os carros ficavam e entrou se dirigindo ao quarto andar. Sentou na sala de espera e ficou por quase dez minutos folheando revistas enquanto

aguardava a sua vez. O garoto foi chamado. Levantou-se com o mesmo ânimo que teve para entrar no prédio e adentrou a sala.

– Boa tarde Bobby, tudo bem? – Perguntou a loira vestida num tailleur verde claro, usando óculos retangulares e cabelo preso num coque. Ela deveria ter seus trinta e seis anos. Bobby sentou-se numa confortável poltrona, igual a que ela estava de frente um para o outro.

– Tudo bem. – Respondeu laconicamente.

– Como está seu dia? – Perguntou novamente a loira tentando puxar conversa.

– Nada demais. Hoje na escola dissecamos um sapo. Eu já tinha feito isso há dois anos antes de mudar para cá. Não foi novidade nenhuma para mim. Achei muito tedioso. Depois fui para o parque com o namorado da minha irmã e ficamos jogando bola até o momento de vir para cá. – Relatou o garoto.

– Pela sua cara não esta muito feliz de ter interrompido o seu futebol não é? – A loira fez mais uma tentativa de fazer a conversa fluir entre os dois.

– Você sabe que não gosto de vir aqui. Eu não me sinto bem. – Queixou Bobby.

– Até hoje tocar nesse assunto te incomoda muito pelo jeito.

– Eu não gosto de ficar lembrando. Eu sei que eu fui o culpado. Nada do que você ou minha irmã me falarem vai me fazer pensar o contrário. – Ao dizer essas palavras, Bobby colocou as duas mãos no queixo demonstrando ainda mais a sua falta de interesse no assunto.

– Bobby, o motivo que te traz aqui não é o seu passado, é o seu futuro. Eu e sua irmã preocupamos apenas como vai ser a sua vida, nós olhamos para frente e não nos interessa o que passou. – Tentou minimizar sua interlocutora.

– E nada do que vocês falarem para mim vai mudar o que vi acontecer. É fácil você dizer isso. Não foi você que perdeu seus pais. Não foi você que ficou sozinha no mundo. – Começou a gritar o garoto.

– Sheila também perdeu os pais. E você não está sozinho. Tem sua irmã. Acha que é fácil para ela falar para você seguir em frente? – Disse a terapeuta tentando refutar os argumentos do menino.

Com esse discurso começavam todas as sessões de terapia de Bobby. Desde o acidente ocorrido, Sheila decidiu mudar de cidade. Bobby foi radicalmente contra. Aconselhada pela antiga psicóloga do garoto ela achou melhor ficar longe para que as lembranças diminuíssem com o tempo afetando menos o irmão. Mas dois anos se passaram e o sentimento ainda permanecia forte.

– A sua irmã se sentia culpada também, você se lembra?

– É diferente. Ela não estava lá. Foi uma decisão da minha mãe fazer uma surpresa para ela. Eu também gostei da idéia, eu incentivei.



– E você acha que ficar com essa culpa vai trazer seus pais de volta? Acha que onde eles estão, gostam de ver o filho se martirizar por algo que não fez?

– Você não parece uma psicóloga quando toca em assuntos religiosos. – Contra-atacou Bobby.

A loira remexeu-se na poltrona. Ela tinha cometido um erro primário e o garoto já experiente nas visitas àquela sala não perdeu a oportunidade de mudar a condução da entrevista.

– Nem sempre temos que ser racionais Bobby. Às vezes temos que agarrar nas nossas crenças. – Disse a loira no intuito de sensibilizar o garoto.

– Não sei se creio em Deus. Se ele realmente existe, foi muito mau comigo. Ele tirou as pessoas que eu mais amava.

– Será que foi ele que tirou? Por que ele seria tirano a ponto de causar tristeza na vida das pessoas Bobby?

– Não sei. Mas se ele pode tudo, poderia ter salvado meus pais.

A loira suspirou. Sabia que seria um dia improdutivo. O grande objetivo da presença de Bobby no seu consultório não era fazê-lo se livrar da culpa que sentia no episódio que culminou com a morte dos pais, mas levá-lo de volta a uma vida normal. O garoto tinha se fechado, no ano da morte não conseguiu concluir os estudos, se tornou arredio. Quando voltou a estudar, as brigas na escola se tornaram constantes até que Sheila resolveu mudar para preservar o garoto.

Vendo que seria uma sessão difícil, ela tentou usar um subterfúgio poderoso, mas que levava a um assunto já esgotado.

– Como foi no parque hoje? – Perguntou mesmo sabendo o teor da resposta.

Ao começar falar da sua tarde, Bobby desarmou suas defesas. Uma das poucas coisas que fazia o garoto se desligar do passado e ter momentos de uma vida normal era a convivência com o namorado da irmã. Ele contou do jogo de futebol e a guerra de comida na lanchonete. Falou que quase foram expulsos devido à bagunça que fizeram. Depois contou do jeito irresponsável como Eric dirigira para poder chegar dentro do horário sem atrasos.

Nesse momento o garoto relaxou e a psicóloga conseguiu conduzir o resto da sessão sem ter que travar um debate religioso com o garoto.

Quando saiu do prédio, encontrou Eric dormindo no carro. Ele roncava alto, de boca aberta. Bobby não se furtou em abrir sua garrafinha de água e tentar afogar o amigo que acordou assustado e cuspiendo para todos os lados. Ele olhou para o menino que ria da própria peraltice.

– Me pegou de novo hein? Deixa você! Quando for descontar vai ser com juroos bem altos! – Disse Eric rindo.

Bobby entre gargalhadas entrou no carro. Eric passou a mão com ligeira força na sua cabeça, o suficiente para fazê-lo abaixar a testa até o painel do veículo. Ele ajeitou seu banco, girou a chave e com o ronco do motor arrancou.

– Como foi? – Perguntou ao menino mesmo sabendo qual seria a resposta.

– Eu não sei por que a Sheila insiste que eu venha aqui. Não gosto. E não acho que me ajude em alguma coisa. – Resmungou Bobby.

Eric ficou calado. Sabia da necessidade da terapia, mas não queria se indispor com o garoto. Além do mais nenhum dos dois revelou a causa real do motivo das consultas. Bobby e Sheila tinham um discurso muito igual, sem variações ou lembranças diferentes. Parecia uma história arranjada. Ele procurava não insistir para evitar um mal-estar. Mas algo lhe incomodava.

Ainda não eram seis horas da tarde. Eric estacionou o carro em frente o prédio onde Sheila e Bobby moravam. Era um conjunto de seis prédios de três andares com dois quartos cada apartamento. Apesar da casa que herdaram dos pais provesse uma renda satisfatória para pagar o aluguel e as despesas básicas, Sheila tinha que se desdobrar entre a escola e o trabalho para manter uma sobrevivência digna para ela e o irmão.

Eric subiu com o pequeno cunhado. Ele sentou na sala e foi preparar o vídeo-game enquanto Bobby colocava dois sacos de pipoca no micro-ondas. Eles teriam que esperar um bom tempo por Sheila e nada melhor que matar alguns monstros com seus avatares cheios de poderes para passar o tempo. Era difícil uma semana em que os dois não se enfrentavam virtualmente.

Quando Sheila voltou eram mais de dez horas da noite. Bobby já estava dormindo no seu quarto e Eric cochilava no sofá da sala. A garota ruiva chegou e com um beijo acordou o namorado.

– Como foi na terapia? – Perguntou a Eric.

– Ele saiu com aquele mau humor típico do dia. – Respondeu o namorado enquanto saía da posição de dormir e sentava no sofá.

Sheila sentou do seu lado e colocou a cabeça no colo dele. Automaticamente sua mão começou a revolver lentamente os fios vermelhos como fogo. Ela deu um sorriso aprovando a atitude.

– Eu queria poder ajudar Sheila, mas não sei o que falar com ele. Fico muito perdido. – Reclamou Eric.

– Amor, você já me ajuda bastante. Não acho que devia ficar se preocupando com essa fase de Bobby. – Tentou justificar a ausência de informações.

– Essa fase tem quase de dois anos Sheila. E eu vejo o Bobby alternando esses momentos de alegria e profunda tristeza. Às vezes fico perdido quando estou com ele. Isso me deixa angustiado. – Disse Eric completando sua reclamação.

Deitada Sheila viu que era difícil continuar escondendo a história de uma pessoa que tanto a ajudava. Ela se viu na obrigação moral de abrir o coração para o namorado. Procurando formas de falar, escolhendo as palavras, ela começou a gaguejar o assunto. Vendo que a namorada não ia conseguir estabelecer um fio condutor, Eric sugeriu com todo carinho que lhe era peculiar:

– Não fique procurando as palavras. Fala direto o que aconteceu.

Sheila levantou do colo do namorado.

– Eu vou repetir as palavras de Bobby no dia que fiquei sabendo. Disse para Eric.

– Sabendo o que? – Perguntou Eric piorando um pouco a situação.

Sheila respirou fundo, olhou para o teto e revirou os olhos. Depois baixou a cabeça e mirou fundo na face de Eric.

– No dia do enterro dos nossos pais, Bobby estava muito inquieto. A sua apreensão era maior que sua tristeza. Quando ficamos sozinhos à noite eu tive o seguinte diálogo com ele:

E a ruiva descreveu o relato que se segue:

–“ Sheila....

– Sim Bobby.

O garoto sentou-se na cama. A irmã fez o mesmo.

– Eu tenho uma coisa grave para te contar.

Ela arregalou os olhos.

- O que é Bobby?
 - Sabe o dia do acidente? – A irmã fez que sim com a cabeça.
 - Mamãe resolveu que faria uma surpresa para você. Ela queria te buscar no aeroporto.
 - Eu sei Bobby. Eu me culpo por isso ter acontecido. Eles morreram por minha causa. – Disse a ruiva começando a soluçar.
 - Mana não fique assim. – falou tocando o rosto da irmã. Eu estava em pé entre os dois bancos da frente do carro brincando com uma garrafa de refrigerante. Eu estava sacudindo com força.
 - E qual foi o problema Bobby?
- Bobby abraçou a irmã como força e começou a chorar.
- A garrafa explodiu, Sheila. Ela explodiu. E voou no vidro do carro. Papai não estava enxergando nada e saiu da pista....
 - O garoto apertou profundamente a irmã no abraço.
 - Fui eu que matei nossos pais mana...”

28. DECISÕES DIFÍCEIS

S

enkar depositou toda a sua força no primeiro golpe contra Eric. Numa perfeita sincronia ele desferiu quatro golpes com as espadas que encontraram o escudo do cavaleiro ao mesmo tempo. Nesse momento a confiança que o morzork tinha na sua superioridade abalou-se: Eric levantou o escudo criando uma película de poder no entorno da arma. A força da ação de Senkar provocou uma reação contrária sentida no próprio morzork. As espadas bateram e ele foi tomado por um tremor no corpo indicando que tinha encontrado um obstáculo pétreo.

Eric olhou por cima do escudo e sorriu cinicamente para o adversário hexápode. O morzork trincou os dentes em resposta ao sorriso que anunciava não existir nenhum temor, ao contrário do último combate. Instintivamente recuou, mas não o suficiente para ficar longe da espada do cavaleiro que rebateu o ataque com outro golpe. Os quatro braços dividiram-se em dois grupos, enquanto um aparava a espada de Eric os outros tentaram mais um ataque contido eficientemente pela arma do poder. Os próximos minutos foram uma sequência de golpes trocados pelos dois raivosamente. A alternância de golpes era precedida do deslocamento dos contendores pelo salão, com se fosse um balé de gestos grosseiros e fortes, mas sufocante de se ver. A dança mortal só foi encerrada quando Senkar tentou dois ataques simultâneos pela esquerda e direita. Na sua cabeça, Eric só tinha um escudo e não teria como dividir a arma, deixando um flanco livre que acertaria o cavaleiro em cheio. Na cabeça de Eric bastava dar um giro bem dado,

aparando os dois golpes com a diferença de uma fração de segundos. A energia irradiada formou uma proteção que jogou mais uma vez o morzork para trás, desta vez caindo sentado.

Novamente Eric baixou o escudo e olhou nos olhos do seu adversário. Sem sorrir, sem esboçar um único movimento dos músculos faciais ele correu e deu um salto no ar. O escudo foi levantado novamente e a espada fornecida por Presto golpeou numa curva descendente o morzork. Assustado ele só teve tempo de cruzar as espadas para se defender da manobra. Eric aproveitou que o oponente estava focado em amortecer seu golpe e o chutou na barriga antes de tocar o chão no lado direito de Senkar. O bico de metal da sua bota entrou na carne.

O gigante sentiu e dobrou-se. Nesse momento completando o movimento, Eric jogou sua perna direita para trás e executando um movimento de 180° desferiu outro golpe numa trajetória que não foi prevista pelo rival. A lâmina foi de encontro ao peito do morzork criando um rastro vermelho. O giro tomou sentido contrário e a espada em novo arco deslizou no calcanhar do morzork. Um grito foi ouvido e a criatura estremeceu. Eric parou de frente para o oponente. Finalizando a manobra de ataque, ele bateu com o escudo na cabeça abaixada. Senkar foi ao chão.

Andando cadenciadamente até a ponta da cauda do adversário, Eric largou o escudo e com as duas mãos enterrou a espada no grande rabo da criatura abatida, fixando-o no chão e limitando ainda mais seus movimentos. Senkar deu um rugido expressando a sensação enorme de dor que sentia. Eric calmamente pegou o escudo e passeou por cima do corpo caído. Ao caminhar por cima da coluna vertebral ele preparou a posição do próximo golpe. Como fez com a espada, segurou o escudo com as duas mãos, deixando a parte pontuda da arma para baixo. Ao chegar ao alcance da cabeça, pulou de joelhos nos omoplatas da criatura já vencida e descendo os braços mirou no pescoço. A lâmina em V do artefato atravessou a nuca de Senkar separando a cabeça do resto do corpo. O golpe foi tão forte que Eric cravou o escudo no chão. Os braços do morzork que tentavam esboçar alguma reação paralisaram e caíram puxados pela gravidade. Seu

corpo ficou inerte. Eric levantou e ainda em cima do perdedor deu um grito liberando todas as emoções reprimidas.

Ele virou procurando por Sheila e Uni. As duas estavam assustadas no fundo da sala junto à estátua de Letizia. Nesse momento Eric caminhou na direção da ruiva e do pequeno unicórnio.

– Você está bem? – Perguntou para Sheila.

– Um pouco zozna, mas estou bem. Temos que ir embora. Aquele barulho na hora que entramos era do zepelim quebrando a torre. – Falou Sheila com a voz trêmula.

Eric sabia que não tinham muito tempo. Ele bateu o escudo na corrente que prendia Uni e sua magia arreventou os elos. Livre o unicórnio relinchou. Eric começou a fitar o portal. Como se estivesse hipnotizado andou na direção da grande tela que em movimento mostrava o caminho para casa. O cavaleiro parou a poucos centímetros e ficou olhando o que se passava no seu mundo. De repente no canto, ele conseguiu visualizar-se de braços dados com Sheila. A dúvida tomou conta do seu ser. Nesse momento a ruiva segurou nos seus ombros por trás e pediu:

– Eric, não entre. Nossos amigos ficaram para poder nos salvar. Temos que ir embora juntos.

O cavaleiro continuava impassível. Ele olhava para o portal como um admirador da arte renascentista se prostrava diante da Mona Lisa ou do Homem Vitruviano.

– Eric! Vamos embora! – Suplicou novamente à ruiva.

Sem dizer uma palavra o cavaleiro levantou a mão. Ela foi em direção ao portal. A poucos milímetros, quando ia tocar a passagem ele conteve o gesto e sua mente tentou conectar os fatos. Ele virou para Sheila e caminhou na sua direção.

– É uma armadilha. – disse voltando a falar com a ruiva.

– Como você sabe? – Indagou curiosa.

– Esse portal é apenas um reflexo das nossas vontades, dos nossos desejos. – Respondeu metaforicamente o cavaleiro.

– Como assim? – Sheila queria explicações. Eric pensou por um momento e cedeu a vontade da ex-namorada.

– Se estamos aqui nesse mundo, como posso ter me visto de braços dados com você do outro lado? Eu sei que não é mais possível.

Terminando a explicação, passou pela ruiva e caminhou em direção à porta. Sheila ficou agoniada com a forma que Eric expôs sua teoria. Calada e entre pensamentos seguiu o cavaleiro.

Os três saíram rapidamente pelo corredor. Apesar dos planos do Vingador de interceptar quem entrasse no castelo, a chegada de Tiamat mudou a história. Sheila tocou o braço de Eric indicando que deveriam tomar o caminho para o telhado da construção evitando o portão. Quando terminaram de chegar, viram o zepelim ganhando altura. Ele já estava totalmente na posição horizontal. Na porta Bobby e Diana esperavam pelos amigos. Ao ver que se aproximavam a acrobata lançou seu chicote contra a murada do castelo. O zepelim parou de subir. Fazendo um esforço conjunto os dois diminuíram a distância que os amigos no telhado teriam que vencer.

– Sheila, vamos ter que pular! – Disse Eric passando seu escudo para a ruiva, pegando Uni no colo e desacelerando para criar um intervalo entre a sua tentativa e a de Sheila. O dirigível estava apenas a alguns metros. Juntando todas as suas forças, a ruiva saltou jogando o escudo a frente. Ela caiu na beirada da porta e foi ajudada pelo irmão. Eric repetiu o movimento lançando Uni no ar. Por pouco o unicórnio não caía fora do zepelim. Eric não achou apoio e teve que se segurar no chicote de Diana. O trio com muito custo conseguiu erguer o cavaleiro que balançava. Sem nada que o ligasse ao solo, o dirigível ganhou altura sob uma chuva de flechas e lanças.

Nos céus a batalha entre o dragão e seu maior rival estava equilibrada. Os dois entre manobras aéreas estavam conseguindo apenas anular o ataque rival. Eles tinham consciência que participavam de um jogo de xadrez, onde repetiam movimentos esperando por um erro do adversário. Todos os jogos anteriores terminaram em empate. Entre as acrobacias que executavam tentando desestabilizar o oponente, a figura do zepelim foi notada. O grande balão prateado com mais de duzentos metros subia aos

céus em direção do buraco negro. Mais um elemento foi juntado ao videogame alucinante que se desenvolvia na tela do firmamento.

Hank, Presto, Eric e Diana estavam na parte superior da aeronave. Após escalar sua estrutura por dentro, eles se posicionaram para evitar qualquer ataque ou dano ao veículo que poderia frustrar a viagem de volta para casa. Na cabine Sheila ficou responsável de traçar a rota até a saída celestial. Bobby estava junto da irmã. No seu ritmo lento, o dirigível ia ganhando altura e a atenção do Vingador aumentava proporcionalmente. Ele preparou a próxima manobra para examinar a embarcação que não via desde os tempos da chegada de Letizia. Num grande mergulho seguido de perto por Tiamat, ele pôde visualizar quatro guerreiros na parte superior da nave. O mágico estava à frente com as pedras negras circulando no entorno do seu corpo, prontas para atingir qualquer alvo marcado pelos pensamentos de Presto. Na parte posterior o arqueiro já puxara a corda de luz e tinha uma flecha mágica que foi disparada em sua direção e não o atingiu devido a uma manobra preventiva do corcel. Ao lado a acrobata estalava furiosamente um chicote que aumentava a cada chibatada de tamanho procurando o adversário no ar. No meio estava o cavaleiro de escudo em punho, estrategicamente posicionado para ir ao lado que precisasse repelir um ataque.

A trajetória da nave era clara: iam em direção à abertura negra no meio do firmamento do Reino. No seu pensamento apenas a idéia das armas do poder desaparecerem por mais alguns séculos. As únicas coisas que faltavam para que derrotasse o poderoso dragão e se tornasse o único senhor do Reino estavam ficando cada vez mais longe e ele não poderia se esquecer de Tiamat, muitas vezes mais perigoso do que os meninos. Talvez tivesse que exercitar sua paciência por mais mil anos.

Levantando a mão, enviou um poderoso orbe luminoso contra a fuselagem arredondada e arremeteu seu corcel para voltar à contenda com seu oponente alado.

Eric correu para junto de Hank e Diana e refletiu no escudo o ataque. O raio voltou acertando Tiamat em cheio. O golpe não era esperado pelo dragão que caiu no vazio. Sem conseguir se

recuperar no ar, ele bateu o pesado corpo no pátio e começou uma batalha em solo com os soldados que assistindo sua queda, arremeteram-se furiosamente contra o animal alado.

Livre por algum tempo do seu maior adversário, o Vingador voltou todas as suas energias para o zepelim. Seu cavalo voou até ficar de frente com a gigantesca estrutura voadora. O cavaleiro já estava posicionado a frente de Presto que enviou na sua direção os oito petardos negros. Com os braços esticados a frente ele desenhou um círculo de fogo e fez com que o ataque do mágico sumisse. Não se deu ao trabalho de revidar aquela agressão. Simplesmente voou para abaixo do dirigível e com uma imensa fagulha que brotava do seu dedo em riste rasgou toda a estrutura ao longo da lateral direita inferior da nave. Por baixo ela era totalmente vulnerável. E o cavaleiro de asas negras ao ver o êxito da sua operação repetiu o ataque pela esquerda.

Não fosse o tamanho do zepelim, apenas os dois ataques seriam suficientes para derrubá-lo. Os guerreiros no topo da nave assistiram a situação ficar crítica sem que nada pudessem fazer. Deslocar de um lado para o outro todo o tempo era impossível. O Vingador mudava de posição em poucos segundos, evitando as setas do arqueiro e deixando o escudo de Eric inócuo. Apesar de ser mínima a distância que os separavam do objetivo, o plano de Hank estava fracassando. Já era possível ouvir os estalos da estrutura cedendo, próxima de se desmontar no ar.

O cavaleiro corria de um lado para o outro buscando conter as agressões do Vingador. Ele tentava formar uma proteção mágica com o escudo, mas devido ao tamanho da nave era impossível. Sempre um flanco ficava desguarnecido e era por ali que os ataques ocorriam. Hank não conseguia visualizá-lo e disparava suas flechas a esmo, rezando para que alguma acertasse o vilão quando este finalizasse a trajetória, mas seria por sorte. Ele só era visível quando já tinha infligido algum dano com sua pirotecnia sobrenatural e completava mais uma rota para preparar novo ataque.

– Acho que não vamos conseguir sair dessa. – Disse Presto ao resto do grupo reunido no meio do topo do zepelim.

– Não sei como ele está aguentando ainda. – Murmurou Diana, triste comentando sobre o dirigível.

– Acho melhor voltarmos para a cabine e ficarmos todos juntos. Ao chegarmos perto do solo podemos tentar escapar. – Falou Hank consciente que aquela batalha estava perdida.

Ao ver que os quatro guerreiros estavam recuando, o Vingador estabeleceu um curso para destruir a única parte intacta do dirigível. Pronto para atingir o dorso da embarcação, fez o corcel bater as asas, imprimindo a velocidade necessária para o derradeiro ataque. Dentro da sua fúria calculada sabia que não seria necessária outra investida. O corcel alado obedeceu com tamanho entusiasmo como se quisesse vingar-se dos momentos que passou sob o julgo da acrobata. Nesse momento os meninos desciam pela escotilha que os levariam até a cabine. Restavam apenas o arqueiro e Eric. Ao ver a chegada iminente do Vingador, o cavaleiro voltou-se para Hank e falou:

– Cuida da Sheila com muito carinho, por favor.

– Eric? O que? O que você vai fazer? – Perguntou o arqueiro atônito.

– O destino de todos é mais importante que o destino de apenas um. Lembra-se? Então entregou o escudo para o amigo que já estava descendo na escotilha e virando-se começou a correr com todas as suas forças para a proa do zepelim. Sem desacelerar chegou até onde seus pés tinham apoio e deu um grande salto no ar...

Uma sombra cresceu sobre o Vingador montado em seu cavalo. Ele que tinha os olhos focados no bico da aeronave assustou ao ver a figura do cavaleiro indo ao seu encontro. Foi durante uma fração de segundos na qual ele não pôde exibir nenhuma reação. O corpo de Eric juntou-se ao seu e sentiu os musculosos braços lhe envolvendo. Suas asas estavam presas no abraço. Sem equilíbrio ele afundou em direção ao chão tendo o cavaleiro como companhia. Os dois giravam em parafuso, ganhando velocidade a cada segundo que se passava.

Da cabine Sheila assistiu o ex-namorado passar na sua frente lutando contra o Vingador no ar. Ela segurava o timão que tremia

em suas mãos. Ao ver a cena, o tremor estendeu por todo o seu corpo. Ela começou a soluçar e vencida por suas emoções gritou a plenos pulmões o nome do ex-namorado. Então soltou o comando da nave e caiu no chão chorando compulsivamente. Bobby mesmo vendo o desespero da irmã, pegou o controle para estabilizar a nave mantendo a direção para o buraco negro. Ele olhou para o lado e viu a ruiva recostada com as mãos tampando o rosto enquanto chorava alto. Ficou com pena dela. Relembrou o passado. Pensou se tinha razão em tudo que aconteceu e se precisava ser tão radical como foi. Dentro de si chorou. E do fundo do coração perdoou Eric.

Hank foi o último a entrar na cabine, mas a tempo de ouvir o doloroso grito da namorada. A face de Eric ao dizer suas últimas palavras materializou-se na sua mente. Seu coração apertou. Ele caminhou para a porta aberta por onde Presto e Diana observavam a queda livre do amigo grudado ao poderoso inimigo. O cavaleiro fez o sacrifício pelo grupo. Eles se uniram para suportar as consequências da chegada àquele misterioso local. Ele não precisava fazer esse esforço. Mas fez.

O arqueiro foi consolar a namorada. Ela era só lágrimas. Hank sentou ao seu lado passando o braço e puxando-a para o seu peito. Ele sentiu que sua face estava molhada quando ela lhe tocou. Agora soluçava e repetia compassadamente, bem baixinho o nome de Eric numa sequência que machucava o coração do namorado. Apesar do sacrifício, Hank sentiu uma pontada de ciúme que sabia ser totalmente injustificada. Mas ele era humano. Ainda tentou se convencer do ato daquele que sempre foi seu amigo. Que estava sendo cruel e mesquinho. Mas o contato com a namorada embaçava seus pensamentos.

Bobby parecia um autômato no controle. Diana chorava abraçada a Presto. A porta foi fechada, pois a dor de ver o amigo caindo ficou insuportável. Apenas os soluços eram ouvidos. A emoção era grande demais para ser expressa em palavras. Dos seis amigos que chegaram juntos àquela terra estranha e cheia de perigos, um não retornaria.

Presto só pensava na quantidade de vezes que Eric havia lhe salvado a vida. Não só salvado, mas lhe dado um motivo para vê-la com outros olhos. Ele escreveu no seu dicionário as palavras confiança, alegria e felicidade. Não imaginava como caminharia sem seus conselhos fora do Reino.

Diana abraçada ao mágico via como tinha sido injusta no pré-julgamento que fizera do cavaleiro. As atitudes egoístas, sua prepotência, a habilidade que tinha de diminuir as pessoas com poucas palavras não se justificavam. Talvez ele fosse apenas autêntico. Talvez quisesse ser apenas engraçado. Uma pessoa sem hipocrisia, que falava apenas o que pensava. Transparente. Ela também se sentiu culpada e procurou não se lembrar dos atritos que teve com Eric no pouco tempo em que conviveram. Era preferível lembrar apenas das coisas boas. Das piadas sem alvo, das jogadas de efeito na quadra e principalmente do amor que depositou nos amigos ao abrir mão da vida para que se salvassem.

Em poucos segundos eles atravessariam o mesmo portal por onde Trevor desapareceu. A tristeza pela perda de Eric foi aos poucos tomada por leves sorrisos que renovavam a esperança de voltar para casa. Os cinco guerreiros na valente luta para sobreviver ao Reino tinham passado no teste do Mestre dos Magos. Hank vendo que a namorada estava mais calma, ajudou-a a se levantar. Foram para perto de Bobby e a garota pousou as mãos em seus ombros. Presto abraçou Diana pela cintura e correspondido no gesto foram para frente juntar-se ao grupo. Eles começaram a penetrar na escuridão já conhecida, provavelmente rumo ao salão das estátuas. Quando de repente ouviram um relincho. Todos se voltaram para o fundo da cabine. Bobby largou o timão prontamente seguro por Hank e gritou:

– Uniiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!!!!!!!

No fundo da cabine a pequena unicórnio estava encolhida, nauseada pelo seu primeiro voo e morrendo de medo do lugar onde chegavam. A expressão de felicidade do pequeno bárbaro não era compartilhada pelos outros que demonstravam muito mais uma dúvida. Bobby virou-se para os amigos e disse:

– Posso ficar com ela?

Faltavam algumas dezenas de pequenas nuvens para chegarem à passagem no céu. Mas também faltava uma pequena distância para que o Vingador rasgasse toda a parte superior do dirigível libertando os balões mágicos que Presto criou para dar sustentação ao zepelim. Hank estava descendo na escotilha e a agonia de saber que não iriam vencer os últimos metros que os levariam para casa comprimia o coração de Eric. Ele sabia que não resistiriam à queda da parte mais alta do Reino. Havia passado por isso quando chegou, mas desta vez não existia nenhuma nuvem de poeira mágica ou um lago para amortecer a chegada ao solo. Ele olhou para o Vingador e mentalmente desenhou a decisão que iria tomar. Era sua vez de descer, mas apenas virou para Hank e falou:

– Cuida da Sheila com muito carinho, por favor.

O cavaleiro entregou o escudo para o amigo. Ele não teria mais nenhuma serventia. E Eric precisava dos dois braços para executar as manobras previamente planejadas na sua cabeça. Começou a correr, procurando calcular o exato momento em que devia saltar para colher o ser maligno no ar. As passadas eram um pouco menos rápidas no início, mas na segunda metade ele acelerou. Lembrou-se dos treinamentos onde precisava soltar toda a adrenalina necessária para superar seus limites e quando os pulmões já não podiam mais obedecer ao cérebro ele pulou no vazio. Seus olhos estavam totalmente focados na criatura de um chifre e vestes rubras e negras. Eric abriu os braços preparando para segurar o Vingador. Um baque seco informou que seu intento fora bem sucedido. Por uma fração de segundos ele sentiu um apoio e voltou novamente a cair. Seus membros apertavam com a maior força possível o corpo que tentava inutilmente se desvencilhar da sua companhia. Ele se concentrou em não dar a mínima chance para o opositor e travou pernas e braços como se

estivesse num tatame de jiu-jítsu. Não havia mais o que fazer além de apertar o desesperado Vingador. Nesse momento, desviou seus olhos para o céu e assistiu o zepelim que carregava seus amigos ultrapassar o portal negro. A sua missão estava cumprida.

– “Hank, Presto, Diana, Tampinha... Sheila... vão com Deus...”

Esse foi o derradeiro pensamento de Eric ao contemplar a última parte do dirigível sumir no céu. Com um sorriso sincero ele fechou os olhos e aguardou pelo seu destino.

POST SCRIPTUM

– Você acha que o laser para o míssil vai estar preparado para o teste de amanhã?

– Sim, não tenho dúvidas. Na verdade ele já está pronto. Eu só quero fazer mais alguns testes. Amanhã cedo você pode voar. Talvez hoje ainda.

– E o sistema de radar substituto? Como está?

– É só você não inventar de voar sozinho ou na retaguarda. O substituto está funcionando com algumas restrições. Só tome esse cuidado se sair em alguma missão. A afinação completa do Sea Eagle só vai estar pronta daqui a alguns dias...

Saiba mais sobre o livro Caverna do Dragão – O Reino

Entre para as comunidades, participe, compartilhe, deixe sua opinião!

Site Oficial

www.cavernadodragao.com.br

<http://www.skoob.com.br/livro/231809-caverna-do-dragao>

Facebook do Autor

<http://www.facebook.com/D4mon3?fref=ts>

Fanpage do Livro

<http://www.facebook.com/pages/Caverna-do-Drag%C3%A3o/134400759984233?ref=ts&fref=ts>

Grupo de Discussão no Facebook

<http://www.facebook.com/groups/259415070749674/?ref=ts&fref=ts>

Table of Contents

Copyright

Agradecimentos

PREFÁCIO

1. PRÓLOGO

2. A CAVERNA DO DRAGÃO

3. DENTRO DA CAVERNA DO DRAGÃO

4. O REINO

5. A CISÃO

6. DIANA

7. OS GRONKS

8. MUDANÇA DE ARES

9. Mr. TREVOR

10. LINHA DO TEMPO

11. PRESTO

12. A MEDICINA NO REINO

13. O GLADIADOR

14. ERIC

15. SALVAÇÃO

16. O ESPIÃO

17. SEPARAÇÃO E SUPERAÇÃO

18. SHEILA

19. TÃO PERTO E TÃO LONGE

20. RECOMEÇO

21. A ARMADILHA PERFEITA

22. HANK

23. QUEM REALMENTE É LETIZIA?

24. RECONCILIAÇÃO

25. OUTRO RODEIO

26. O MECÂNICO

27. BOBBY

28. DECISÕES DIFÍCEIS

POST SCRIPTUM